



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
LABORATÓRIO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM
JORNALISMO

BRUNA RAQUEL LA SERRA

Moda (e) Linguagem: a roupa discursiva

CAMPINAS

2024

BRUNA RAQUEL LA SERRA

Moda (e) Linguagem: a roupa discursiva

Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem e Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestra em Divulgação Científica e Cultural, na área de Divulgação Científica e Cultural.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Aurélio Barbai

Este exemplar corresponde à versão final da Dissertação defendida pela aluna Bruna Raquel La Serra e orientada pelo Prof. Dr. Marcos Aurélio Barbai.

CAMPINAS

2024

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Ana Lúcia Siqueira Silva - CRB 8/7956

L334m La Serra, Bruna Raquel, 1987-
Moda (e) linguagem : a roupa discursiva / Bruna Raquel La Serra. –
Campinas, SP : [s.n.], 2024.

Orientador: Marcos Aurélio Barbai.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP),
Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Análise de Discurso. 2. Vestuário - Aspectos simbólicos. 3. Moda. 4.
Linguagem. 5. Subjetividade. I. Barbai, Marcos Aurélio, 1976-. II. Universidade
Estadual de Campinas (UNICAMP). Instituto de Estudos da Linguagem. III.
Título.

Informações Complementares

Título em outro idioma: Fashion and language : the discursive clothing

Palavras-chave em inglês:

Discourse analysis

Clothing and dress - Symbolic aspects

Fashion

Language

Subjectivity

Área de concentração: Divulgação Científica e Cultural

Titulação: Mestra em Divulgação Científica e Cultural

Banca examinadora:

Marcos Aurélio Barbai [Orientador]

Lauro José Siqueira Baldini

Lucília Maria Abrahão e Souza

Data de defesa: 27-06-2024

Programa de Pós-Graduação: Divulgação Científica e Cultural

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0009-0004-6134-9801>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/7449513109553840>



BANCA EXAMINADORA

Marcos Aurélio Barbai

Lauro José Siqueira Baldini

Lucília Maria Abrahão e Souza

**IEL/UNICAMP
2024**

**Ata da defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora,
consta no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na
Secretaria de Pós Graduação do IEL.**

*A mágica da roupa está no fato de que ela nos recebe:
recebe nosso cheiro, nosso suor; até mesmo nossa forma.
E quando nossos pais, nossos amigos, nossos amantes morrem,
as roupas ficam ali, em seus armários, retendo seus gestos,
ao mesmo tempo confortantes e aterradores –
os vivos sendo tocados pelos mortos.*

Peter Stallybrass

*Vendo aquele casaco vivo com ela de novo, ou me transfigurando
para a figura de mãe, então eu tava me sentindo Vó Ju, ou eu tava
sentindo, no meio daquelas fibras, a essência da minha mãe. Nem,
assim, por aroma, que ainda tinha o perfume dela, não sei, mas... Vá,
que tenha um pocado de células dela ainda naquela roupa, e que me
abraçaram, me acolheram, aquilo foi fantástico, aquela primeira
experimentação foi fantástica.*

Entrevistada 5

*Ele nos mostrou a jaqueta de couro e fiquei meio deslumbrada:
ali estava ela, a coisa real. Toquei no couro e na mesma hora senti
uma vertigem. Às vezes isso me acontece quando fico frente a frente
com objetos autênticos- é como um déjà-vu, mas em vez da sensação
de que aquilo já aconteceu, sou invadida pela consciência de que está
acontecendo pela primeira vez.*

Miranda July

*Na verdade, as roupas acabam sendo mais donas da gente... eu
lembro quando meu pai morreu que minha vó falou uma coisa muito
interessante... ela falou “que absurdo as roupas durarem mais que as
pessoas” ... e é isso, as roupas vão sobreviver a nós...*

Entrevistada 10

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a todos que me leram e àqueles que ainda lerão pois, como aprendi com a Análise de Discurso, só existe autor quando existe leitor, portanto, obrigada por me permitirem essa transformação!

Ao Marcos Barbai pelas inúmeras inspirações desde que o vi lecionando pela primeira vez, pela poesia de suas aulas, pela potência de seu pensamento. Por ter me acolhido em sua generosidade, por compreender e me apoiar durante as fases mais difíceis que a vida me apresentou. Por acreditar na minha ideia e em minha capacidade de transcrevê-la. Por bordar comigo esta memória tão significativa.

Mãe e Pai, pela oportunidade de viver, pela nossa caminhada juntos e também distantes. Vocês serão sempre um orgulho para mim. Espero um dia estar à altura de merecer todo amor que me foi oferecido.

À Dani Raizer e Regina Deichman, terapeutas queridas que me acompanharam e me ajudaram incansavelmente a manter a sanidade mesmo quando parecia impossível.

Ao Jorge Abrão pelo incentivo, por me encorajar a voltar para o mundo acadêmico. Sem você eu não estaria aqui. A tantos amigos queridos que torceram e que me deram ânimo e encorajamento nos dias difíceis: Laura Pinheiro Borges, Giovana Caversan, Daniela Moras, Felipe Guines, Edmar Nunes de Almeida, Mateus Ibrahim, Lilian Bianca Alves, Bruna Limoli e Rafael Noris. Obrigada ao meu padrasto Benedito Cruz, que pacientemente me leu e orientou com seus conhecimentos acadêmicos.

À Unicamp, Labjor e Labeurb por me acolherem com tanto carinho, por permitirem meu acesso à educação superior, por propiciarem à roupa, bem como à Moda, um lugar de fala dentro de uma instituição pública tão importante para o nosso país. A todos os professores e funcionários que participaram deste processo.

Aos colegas de mestrado que permitiram que esse caminho se tornasse extremamente divertido e menos solitário: Érica Mariosa, Camila Brunelli, Paulo Muzio, Rosana Cristina Gimaël, Jesuane Salvador, Armando Martinelli e tantos outros queridos que pude conhecer no Labjor.

Ao Fábio Piantoni pelo acolhimento, escuta carinhosa, pelas aulas de Análise de Discurso que generosamente me ofereceu, por me ler, me interpretar, me aconselhar. Amizade que transcende a vivência acadêmica.

Aos meus queridos entrevistados, pois sem eles essa pesquisa não teria sido possível. Pela generosidade de me doarem seu tempo, suas lembranças, suas palavras. Foi maravilhoso

poder conhecer um pouco de vocês, seus trabalhos, roupas e biografias através de seus discursos.

Aos meus coelhos e gatinho por seus gracejos que me energizavam a cada instante enquanto este trabalho era escrito. Vocês são minha pulsão de vida mais sincera.

RESUMO

A presente pesquisa busca compreender o funcionamento discursivo da roupa, na vida e no corpo dos sujeitos sob a perspectiva da Análise de Discurso (AD), tendo como principais pensadores Michel Pêcheux e Eni Orlandi. Utilizando essa base teórico-metodológica, analisa-se como a roupa –objeto da pesquisa - produz e reproduz sentidos enquanto objeto simbólico e como ela pode ser entendida em sua formulação e textualidade. Para responder a essas questões, as análises apoiam-se nos conceitos: condições de produção, contradição, formulação, subjetividade, polissemia, paráfrase, metáfora, interdiscurso, memória, sujeito, formações imaginárias e discursivas. A partir dos conceitos da AD as questões postas permitiram a costura de dispositivos analíticos que resultaram em gestos de leitura acerca da "roupa discursiva", "margens do vestir", “relação visível x invisível para cobertura do corpo nu”, “corpo como texto”, “cristalização do discurso de Moda”, “sistema do vestuário”, “sujeito que veste a si e sujeito que veste o outro” e “formas materiais de subjetivação por meio do vestir”. Também compõem o corpus bibliográfico, verbetes de dicionário e um conjunto de entrevistas realizadas com trabalhadores de diversos setores, escolhidos de modo a privilegiar a multiplicidade profissional que a Moda engendra e a dar voz à multiplicidade de discursos. Além disso, é importante que haja uma abertura maior no universo acadêmico para o estudo da roupa como linguagem e da sua relação com uma rede de sentidos, simbologias e afetos atrelados ao corpo, à pele e à biografia dos sujeitos. No campo da Moda, a marca cria e faz crer, há sistemas que possibilitam sua materialidade. No campo da linguagem, a roupa torna-se peça/coisa que fala e silencia, para que o que deve estar invisível assim se perpetue, a fim de dar imagem e sentido ao sujeito que se veste e reveste o outro.

Palavras-chave: Análise de Discurso. Roupa. Moda. Linguagem. Subjetividade.

ABSTRACT

Employing the theoretical and methodological lens of Discourse Analysis (DA), this thesis delves into the discursive functioning of clothing and its role in the life and body of subjects. With a focus on the frameworks established by Michel Pêcheux and Eni Orlandi, the central object of investigation – clothing – is analyzed in its formulation and textuality as a symbolic object that actively produces and reproduces meaning. For that, the following key concepts are considered: conditions of production, contradiction, formulation, subjectivity, polysemy, paraphrase, metaphor, interdiscourse, memory, subject, imaginary and discursive formations. By drawing on them, the study integrates analytical tools concerning discursive clothing, margins of dressing, visible/invisible relationship in the act of covering the naked body, body as text, crystallization of fashion discourse, clothing system, subjects who dress themselves and other ones, and material forms of subjectivation through dressing. The bibliographic corpus also includes dictionary entries alongside a series of interviews conducted with personnel from varied fashion sectors, highlighting the multiplicity of discourses at play. Furthermore, the research underscores the need for greater openness in academia towards the study of clothing as a form of symbolic communication and its intricate relationship with a network of meanings, including those pertaining to the body, embodiment, and biographical experiences of subjects. The present work points out that the materiality of fashion is revealed through processes, in which brands create narratives and cultivate belief systems. Within the domain of language, clothing emerges as an entity with the capacity to both communicate and silence, perpetuating the invisible while simultaneously serving to construct image and meaning for the subject engaged in the act of dressing oneself and others.

Keywords: Discourse Analysis. Clothing. Fashion. Language. Subjectivity.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO – O Croqui.....	11
CAPÍTULO 1: Moda, palavra: o tecido da língua.....	18
1.1 Organizando o ateliê: da função ao funcionamento.....	20
1.2 Pano pra manga: palavras em perspectiva.....	38
1.3 Corpo do texto: roupa discursiva.....	43
CAPÍTULO 2: Moda, linguagem: o que há entre nós.....	51
2.1 O que há entre nós: fios emaranhados	52
2.2 Riscando o molde: o papel da história.....	61
2.3 A corte e O corte: piques e furos na interpretação.....	65
Considerações Finais: Moda, coisa interessante.....	72
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	81
ANEXOS.....	86
ANEXO 1- Protocolo de Pesquisa.....	87
ANEXO 2- Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa.....	90
ANEXO 3- Entrevistas.....	91

APRESENTAÇÃO: O croqui

*“...nossa, nem queria ir na escola porque queria tá lá,
no meio da roupa. Era eu...”*
(Entrevistado 1)

De acordo com o Dicionário da Moda (2007), Croqui é o termo que designa um desenho rápido, feito à mão, objetivando mostrar um modelo de roupa ou o essencial de um traje. O Dicionário de Termos Artísticos acrescenta uma descrição essencial para o objetivo nesta seção: “esboço desenhado livremente e quase sempre de memória” (1998, p. 79). O croqui já é a concretização da *forma* material da linguagem, o planejamento de um processo a ser executado. A concepção que vai para o papel atrelando formas, cores, padronagens, texturas, movimentos e às vezes corpos que os sustentam. Corpos suporte, humanos, andróginos, criaturas, manequins tudo é possível para carregar a representação visual de um conceito. Esta apresentação assemelha-se ao croqui.

A relação com a materialidade das roupas e dos adornos vestíveis¹ faz-se presente na realidade concreta dos sujeitos. Por vestível entende-se, para efeito de análise, aquilo que o corpo suporta em si, desde a epiderme (tatuagens, piercings) até suplantá-lo com tecidos, camadas, acessórios (sapatos, óculos, lenços, bolsas, gravatas, abotoaduras, brincos, colares, pulseiras, anéis, tiaras, chapéus, toucas, xales e etc.) ou mesmo próteses (intencionais ou não). O corpo não é o limite e sim a tela em branco, o papel onde o croqui toma forma e onde são aplicados adornos variados por motivações diversas. Ao pensar num corpo que não é limite, pode-se pensar na contradição entre o vestível e o investível. Assim como (in) vestível pode ter seu prefixo apontando para uma negação e privação, aquilo que não se veste e não pode ser vestido, entende-se que in (vestível) significa também movimento de se adentrar, movimento para dentro, vestir internamente. Haveria então um investível? Um adorno vestível que volta para dentro e que, ao ser vestido, se assimila ao que há em nosso íntimo? Na soma do prefixo mais o adjetivo temos investível, aquilo que não pode ser vestido (estaria na ordem do imaginário?), mas temos também aquele que pode receber investimento (cobrir-se ou recebimento de recursos). Investível seria a aposta material (adornos vestíveis) que fazemos naquilo que não podemos alcançar totalmente dentro de nós?

¹ Por uma questão de organização e escolha discursiva, optou-se na maioria das vezes pela palavra roupa ao longo das análises e questionamentos desta pesquisa. Ela pode ser entendida (trocada) por todos os adornos vestíveis sem comprometer o teor das análises e questionamentos.

Nesta pesquisa, buscou-se uma outra forma de compreensão da roupa (adornos vestíveis): através do discurso. Unindo sujeito, história e língua, adentramos o terreno da significação. Algumas perguntas de Eni Orlandi em “Cidade dos Sentidos” (2004) são aqui reformuladas de acordo com o objeto em questão: **Como significa uma roupa?** Que forma significante é constituída na articulação que faz funcionarem os sujeitos e os sentidos com as roupas em um espaço determinado pelo próprio corpo? Como tais sentidos se constituem, se formulam e transitam?

Assim como a cidade, a roupa não é uma entidade abstrata, ela tem dimensões e formas visíveis, sendo perceptível em primeira instância (Orlandi, 2004, p. 11). Pensando com Orlandi, a roupa introduz a representação sensível de suas formas: tocamos, vemos, compramos, organizamos, vendemos, presentamos, herdamos, garimpamos, vestimos. Tudo isso de forma perceptível, interagindo com sua materialidade. “Entramos e saímos dela” como se fosse um lugar, uma geografia ambulante que nos acompanha, na qual nosso corpo é o próprio território em questão.

Com o deslizamento da análise de Orlandi (2004), conceitua-se, portanto, que o corpo dos sujeitos e o corpo das roupas (materialidade em espera, preenchida de incompletude) formam apenas um quando se unem, estando o corpo do sujeito atado ao corpo da roupa são destinos que não se separam um do outro.

Uma roupa pode sim ficar sem uso, sem incorporação, mas um corpo não existe como corpo social sem a roupa, ele depende dela para sua circulação regulada por normas primárias de pudor e decência que derivam para outras questões, sejam elas históricas, culturais, materiais, econômicas... nenhum corpo pode ser pensado sem a roupa como pano de fundo, ou melhor, pano de fora. Tudo que diz respeito a espaços, interações, sociedade, sujeito e vida está cruzado pela determinação da obrigatoriedade da roupa. Investimos na roupa para sermos vestidos de sentidos que investimos imaginariamente enquanto os demais também investem em nós e em nossos significados.

Todos os dias nos dirigimos até nosso armário e, antes que possamos adentrar o mundo público, precisamos fazer escolhas para cobrir nosso mundo íntimo, nosso corpo nu. Dentro do guarda-roupa há um mini cosmos que representa, numa menor proporção, um pequeno sistema da moda.

Acessórios, blusas, calças, saias, vestidos, sapatos, casacos, jaquetas, roupa íntima e tantas outras unidades de peças que compõe o vestir. Ou seja, vestir “enquanto sistema é composto por todas as unidades mínimas e pela ordem de possibilidades combinatórias, o

processo é o conjunto de elementos selecionados entre essas ofertas, os quais são organizados conforme a idealização daquele que escolhe. São correlações diferentes que os articulam: enquanto sistema implica relações de exclusão (ou...ou...), o processo destaca relações de adição (e...e...). Uma vez processados, os elementos do sistema vestimentar vão constituir aquilo que convencionamos chamar de aparência” (Garcia; Miranda, 2005, p. 18). E para gerenciá-la utilizamos esses conjuntos que produzirão sentidos para nós e para os outros, nos permitindo interagir em ambientes que conterão outros corpos nus vestidos.

Muitos fatores são determinantes para a seleção desses itens: valores, gostos pessoais, crenças, tendências, fantasias, ideologias cristalizadas... que mediam nossas escolhas sem que os sujeitos se deem conta de imediato. Materialidades que entrarão - ou não - no nosso vocabulário vestível e que carregaremos como mensagens não-verbais por onde formos. Carol Garcia traz a metáfora do caracol que carrega sua casa nas costas (2005, p. 19). Diferente dele, nós não podemos carregar todos os nossos bens de uma só vez, mas podemos portar outros objetos, como uma joia por exemplo, que será capaz de comunicar uma rede de filiações de sentidos em nossa interação com o mundo, enviando mensagens previstas ou não, antecipáveis ou não. “A função de possuir é criar e manter o sentido de autodefinição: ter, fazer e ser estão integralmente relacionados. Pessoas expressam o seu eu no consumo e veem as posses, por conseguinte, como parte ou extensão de seu eu” (2005, p. 20).

Quando, em diferentes momentos, abrimos o guarda-roupa, olhamos vitrines, deslizamos entre cabides de lojas ou garimpamos em brechós, estamos nos confrontando com o universo das possibilidades. O infinito para caber num vão existencial ainda mais infinito. “O discurso é sempre incompleto, assim como são incompletos os sujeitos e os sentidos” (Orlandi, 2001, p. 92). Assim como escolhemos palavras para construir nossos discursos, escolhemos roupas para discursar com nosso vestir - consciente ou inconscientemente. “Há muitos modos de significar e a matéria significante tem plasticidade, é plural. A relação do homem com os sentidos se exerce em diferentes materialidades, em processos de significação diversos” (Orlandi, 2002, p. 31) e um deles é a roupa.

Assumir a posição autor² e apresentar discursivamente esta pesquisa, é bastante desafiador. Há “o que pode e deve ser dito” num espaço como esse e há o impossível de se

² Em Discurso e Leitura, Eni Orlandi nos faz pensar sobre a questão de autoria e sobre as diferentes posições que um sujeito pode ocupar no interior de um mesmo texto. A nossa relação com o que dizemos, a nossa relação com o texto que produzimos pode ser tão complexa a ponto de estarmos inscritos no texto que produzimos: “... o autor é a função que o eu assume enquanto produtor de linguagem” (2012, p. 103). Há um apagamento do sujeito para que se construa uma identidade nova: a de autor. Papel social possível graças à ilusão necessária do sujeito ser a

dizer. Como falar de uma ordem tão afetiva e simbólica que a língua parece não dar conta? No fio deste discurso cabe o desfilar de memórias vividas e vestidas.

Esta pesquisa se ancora no fato de que moda é linguagem e, portanto, poderosa fonte de tessituras humanas. Considerando a Análise de Discurso (AD) como filiação teórica e metodológica, busca-se compreender a relação entre este campo de conhecimento e a Moda. Reflete-se sobre as roupas e adereços do vestir a partir de uma prática discursiva, investigando o processo de significação envolvido no ato de vestir e as simbolizações que daí derivam. A partir das intersecções da roupa com o gesto, o corpo e a memória, analisa-se a relação sujeito-corpo-roupa, levando em conta o aspecto íntimo desta materialidade.

Inscriver esta pesquisa no campo da Análise de Discurso, implica apostar no dispositivo dessa teoria. Para a AD, o objeto de análise é o discurso, constituído num local específico que denominamos “texto”, conceito fundamental para o desenvolvimento desta análise. Na utilização deste método, consideramos que a textualização não é um local em que os sentidos estão estabelecidos, prontos para serem acessados e pesquisados. Há uma opacidade constitutiva da linguagem, portanto, é preciso que o pesquisador/analista parta de um material bruto (*arquivo e corpus*) para empreender seu gesto analítico. É na relação com os sentidos e no confronto com a dimensão sócio-histórica, política e ideológica (que também nos afetam enquanto sujeitos-pesquisadores) que se delimita o objeto de análise. Trabalhar a discursividade requer dois tipos de dispositivos: o teórico e o analítico. O dispositivo teórico é o conjunto de conceitos existentes na AD e na área de intersecção escolhida, a Moda. Já a construção do dispositivo analítico, determinado pelo teórico, baseou-se em um conjunto de dez entrevistas, as quais foram realizadas com profissionais do setor da moda e transcritas no anexo desta dissertação. É importante frisar que o protocolo de pesquisa de realização das entrevistas (CAAE 13862719.1.0000.8142) foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas da Unicamp e aprovado sob parecer de número 3.464.406.

As entrevistas foram divididas da seguinte maneira:

fonte daquilo que diz. “Tomar a palavra é um ato social com todas as suas implicações: conflitos, reconhecimentos, relações de poder, constituição de identidades etc.” (2012, p. 22)

Entrevistado	Nome ³	Ocupação
01	S1	Modelista
02	S2	Costureira
03	S3	gerente de grandes e-commerces brasileiros e ex-vendedora da Chanel
04	S4	publicitária e digital influencer no Youtube
05	S5	Engenheira química e presidente do Comitê Vestuário da ABNT e professora universitária
06	S6	vendedora do Torra Torra após 12 anos de Renner
07	S7	supervisor de varejo responsável por 9 lojas da TVZ após 12 anos de visual merchandising
08	S8	professor e historiador de Moda
09	S9	Consultora de Estilo e digital influencer
10	S10	publicitária, blogueira

Como as determinações das condições de produção do *corpus*, o sujeito do dizer foi atrelado à sua ocupação, seu fazer específico dentro da Moda e a partir disso colocados a falar da roupa. No ato do dizer, o sujeito está envolto em diversas linhas do ser que formam uma malha heterogênea de si mesmo. É o sujeito da moda, da roupa. É o ser humano que veste a si para ocupar o espaço (geográfico e de si mesmo, fora e dentro). É o profissional que se ocupa das suas habilidades braçais e estilísticas com o objetivo de vestir o Outro e, assim, obter também sua subsistência material. Compondo o *corpus* temos dois profissionais que trabalham com a matéria em si, o tecido, o molde, os cortes, sendo eles uma costureira e um modelista. Três profissionais que se ocupam do momento da venda do produto: uma vendedora, um *visual merchandiser* e uma gerente de e-commerce. Para pensar sobre essa roupa e adornos vestíveis enquanto conceitos, temos dois professores universitários (um historiador de moda e a presidente do Comitê de vestuário brasileiro) que trazem consigo o peso do saber institucionalizado. Por fim, duas *digital influencers* que se colocam a pensar sobre essas roupas circulantes e teorizam para o grande público, dividindo com ele suas ideias e opiniões pessoais. Saberes que se aproximam e se distanciam, que trazem riquezas múltiplas de detalhes, e se apresentam como material importante para esta pesquisa.

³ Nomeados por S1, S2, S3 e assim por diante. O ‘S’ representa a palavra sujeito que faz referência, como Eni Orlandi pontua em *Discurso e Leitura* (2012), o que Pêcheux chama de “forma-sujeito, ou seja, o sujeito afetado pela ideologia”. (Orlandi, 2012, p. 70).

O trabalho de análise está sobretudo na descrição do dizer dos entrevistados que vestem, consomem e vivem a moda. O objeto material de análise é a Moda. Num primeiro momento, a atenção estará voltada aos sujeitos que dizem dela, e por este motivo se optou pela escolha de indivíduos que tivessem uma maior relação com o “tema”, de modo que fossem além da relação de vestir a si próprio. O caminho de compreensão deste discurso está justamente no cruzamento de subjetivações que contornam e estabelecem o sujeito, assim como seu dizer atrelado ao conjunto de significantes trazidos pela Moda. E é neste cruzamento apresentado pelo eu que veste a si e ao outro que aqui se procura compreender o que é Moda.

Dessa maneira, o dispositivo analítico foi se construindo a cada análise, marcando especificidades, conceitos mobilizados, perguntas elaboradas e formações discursivas selecionadas a partir dos relatos. O objeto de observação escolhido é a roupa (englobando todos os adornos vestíveis), visando compreendê-la em sua dimensão significativa, tomando-a como materialidade simbólica fundamental na existência humana. A importância de execução desta pesquisa justifica-se pelas possibilidades que a proposta apresenta de identificar e cartografar as motivações que fazem com que roupas ganhem dimensões particulares e que novos sentidos sejam “impressos” na materialidade. Sua relevância se pauta na promoção de uma compreensão de como a indústria da moda pode exercer influência na circulação dos discursos na produção e confecção dos corpos. As reflexões derivadas dessa pesquisa poderão ser utilizadas para o aprofundamento do conhecimento no campo da Moda e da Análise do Discurso, além de se tratar de uma intersecção de áreas ainda pouco explorada.

O trabalho é estruturado em dois capítulos alinhavados em tópicos, além da Apresentação e das Considerações Finais. Os títulos escolhidos pretendem acompanhar, através dos tópicos, o movimento que permeia o surgimento de uma roupa, do croqui à circulação efetiva da roupa, passando pelas fases de planejamento, organização do ateliê, escolha do tecido, fios, molde, corte, costura, o avesso até chegar ao guarda-roupa e depois ao corpo, à pele, à passarela e/ou ao que resta de nós, ou melhor, sobrevive a nós. O primeiro capítulo é dedicado à Palavra e explora as relações e associações entre elas. Para empreender a primeira série de análises, fez-se necessário observar os verbetes dos dicionários unidos a recortes dos discursos retirados das entrevistas e ao *corpus* bibliográfico.

O segundo capítulo dedica-se à Linguagem e pretende esmiuçar as questões do vestir junto ao homem que, como um ser simbólico, é um sujeito que se constitui na e pela linguagem, em processos que são sociais, culturais e históricos. Fadado a significar, nesta pesquisa sustenta-se que tudo o que este sujeito vê, ouve e experimenta (guarda, compra ou usa) deve fazer sentido.

Afinal, o que há entre nós? A linguagem, seguida da obrigatoriedade do vestir. Neste capítulo, caminharemos através da opacidade do discurso historicista, o qual tenta cravar o momento exato do surgimento da Moda num discurso estabilizado como consenso. Ainda olhando para a História da Moda, analisa-se o momento da jurisdição sobre o vestir, instaurando as Leis Suntuárias como um importante exemplo de interdição. Nas Considerações Finais surgem os desafios da pesquisa, a impossibilidade de fechá-la e sua relevância. Utiliza-se também o conceito de silêncio sob a ótica de Eni Orlandi, observando a ambiguidade das roupas: confluência de sentidos e incompletude. Afinal, sabemos o que é roupa?

Capítulo 1: Moda, palavra: o tecido da língua.

*“Então, ROUPA na verdade quando fala de roupa é o
que vivi a minha vida toda...”*
(Entrevistado 1)

Neste capítulo, para costurar o aspecto linguístico, sócio-histórico e ideológico do vestuário, será preciso, antes de tecer as análises, apresentar alguns conceitos. O primeiro dos conceitos vem sustentado por Orlandi (2002) que posiciona o espaço científico conquistado pela Análise de Discurso (AD). Segundo a pesquisadora, a AD deve ser compreendida como “uma disciplina que se constitui ‘no meio de’” (Orlandi, 2002, p.21). Continua, “Diferentemente do intervalo, a ideia de entremeio refere a espaços habitados simultaneamente, estabelecidos por relações contraditórias entre teorias” (*Ibid*).

Posição na qual, sobrepondo teorias e atravessando saberes, é possível uma concepção materialista sobre o que é (ou quem é) o sujeito. Ainda para Orlandi (2002)

O sujeito não é origem de si e a situação não é a situação empírica mas lingüístico-histórica que, em conjunto, nesse modo de considerá-los, permitem trazer para a análise não apenas a forma abstrata ou a forma empírica mas o que tenho desenvolvido como forma material (a partir de L. Hjelmslev, 1968), em consonância com as contribuições do Materialismo Histórico (e a teoria da Ideologia), da Psicanálise (e a noção de Inconsciente, ou, na Análise de Discurso, o de-centramento do sujeito) e da Lingüística (deslocando a noção de fala para discurso com reflexos sobre a própria noção de língua, que se altera). (*Ibid*, p.22)

Neste percurso, veremos o efeito do que chamamos memória do dizer no atravessamento da *forma material* e conseqüentemente, na própria concepção de sujeito. Através do conceito de interdiscurso que é mais que o já dito, é o saber: que fala antes, depois e independentemente. Tais conceitos operarão em vocábulos escolhidos na presente análise, desnudando alguns sentidos pré-construídos que emanam de algumas palavras utilizadas pelo campo da Moda.

As análises se iniciam a partir dos sentidos de termos recorrentes da própria formação discursiva aqui enquadrada, a Moda (e roupa). A Moda é o centro das questões aqui apresentadas, uma vez que pode "fabricar"⁴ discursos e interpelar o sujeito na sua concepção de ser que se

⁴Basta pensar o uso do termo moda em materialidades como: indústria da moda, fazer moda, estar na moda, está fora ou dentro da moda, caiu de moda, etc.

veste e se reveste. É possível ir mais além, ao propor pensar o atravessamento de moda, no discurso do trabalho, especificamente do sujeito que pratica a própria subsistência. Interpelação na prática do fazer sujeito, pelo fazer do objeto roupa, algo simbólico fundado nos ideais já cristalizados⁵ e que ainda circulam a respeito de uma *forma material* que significa.

Para Pêcheux (2014), *forma material* incontornável da prática uma vez que “a prática não pode ser a prática de um sujeito: não há, para sermos exatos, prática de um sujeito, há apenas os sujeitos de diferentes práticas” (p. 202). Tais relações desembocam ainda na forma-sujeito do discurso quanto a apropriação dos conhecimentos científicos e da política moldada pela luta de classes, dentro de relações não simétricas que mantêm articulação essencial com o pré-construído:

Sabemos que toda toda prática discursiva está inscrita no complexo contraditório-desigual-sobredeterminado das formações discursivas que caracteriza a instância ideológica em condições históricas dadas. Essas formações discursivas mantêm entre si relações de determinação assimétricas (pelos “efeitos de pré-construído” e “efeitos transversos” ou articulações” [...], de modo que elas são o lugar de um trabalho de reconfiguração que constitui, segundo o caso, um trabalho de recobrimento-reprodução-reinscrição ou um trabalho politicamente e/ ou cientificamente produtivo (Pêcheux, 2014, p.197)

Cabe ainda retomar um segundo conceito muito caro às futuras análises, o interdiscurso e sua ligação ao que se nomeia pré-construído. Novamente Orlandi (2006) orienta e estabelece os pilares dos dispositivos teóricos. Segundo a pesquisadora, o interdiscurso é o que determina a formação discursiva. “E o próprio da formação discursiva é dissimular a transparência do sentido, a objetividade material contraditória que a determina” (Orlandi, 2006, p.18).

O interdiscurso é irrepresentável. Ele é constituído de todo dizer já-dito. Ele é o saber, sua realidade enquanto sistema de evidências e de significações percebidas, experimentadas. E é pelo funcionamento do interdiscurso que o sujeito não pode reconhecer sua subordinação-assujeitamento ao Outro, pois, pelo efeito de transparência, esse assujeitamento se apresenta sob a forma da autonomia. O Outro aí é o interdiscurso. Se assim é para o sujeito também para o sentido as coisas não são diferentes. Para que uma palavra tenha sentido é preciso que ela já faça sentido (efeito do já dito, do interdiscurso, do Outro). A isso é que chamamos de historicidade na

⁵ Pensa-se aqui a cristalização como Orlandi (1984), os processos de cristalização são dados também por instituições, das quais, tomam a linguagem como um produto e mantém o dizível no espaço do que já está instituído. "Pensando-se o problema da institucionalização, pode-se conceber a história dos sentidos cristalizados enquanto história do jogo de poder na/pela linguagem" (p. 21)

análise de discurso. Chamamos de efeito de pré-construído, a impressão do sentido lá que deriva do já-dito, do interdiscurso e que faz com que ao dizer já haja um efeito de já dito sustentando todo o dizer. (*Ibid*, p.18, *grifo nosso*)

No capítulo primeiro também são apresentados os primeiros recortes das entrevistas realizadas para constituir o dispositivo teórico de análise. Observando a opacidade existente em palavras como MODA e ROUPA, bem como a institucionalização dos dicionários, são colocados em perspectiva trechos dos discursos dos entrevistados, introduzindo a discussão clássica do campo da Moda sobre o funcionalismo das roupas. Sob um novo olhar, da AD, desloca-se a noção de função para a de funcionamento, explicando o que tal mudança de ótica proporciona. Tarefa que será empreendida na primeira parte do capítulo, “a organização do ateliê”, que segue na segunda seção “pano pra manga”, colocando outras palavras em perspectiva e contando com as análises para entender os constructos em que estão envolvidas. Na terceira parte, “corpo do texto”, a reflexão é sobre a roupa como peça de linguagem, discutindo a textualidade que os adornos vestíveis podem conter, pensando uma roupa discursiva.

1.1 Organizando o ateliê: da função ao funcionamento

Moda, indumentária, vestimenta, traje, roupa ou adorno? Apesar de compartilharem semelhanças, produzirem uma série de sentidos e apresentarem-se costurados entre si, os conceitos de Moda, assim como todas as palavras, podem carregar sentidos diversos. Entende-se como postulado na Análise de Discurso que “os sentidos sempre podem ser outros” (Orlandi, 1996, p. 78), é importante lembrar que “o sentido não existe em si mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas” (Orlandi, 2015, p. 40), ou seja, as palavras são passíveis de mudar de sentido de acordo com as condições e os sujeitos que as empregam.

Com AD, trabalha-se na opacidade, na possibilidade de deslizamentos, tendo o equívoco como fato estruturante, aquilo que marca a historicidade inscrita na língua. A língua para a Análise de Discurso é condição de possibilidade, da ordem da indefinição, da multiplicidade. Segundo Orlandi (2015, p. 90), há uma proximidade e um trânsito entre campos do conhecimento que abordam a enunciação, pragmática, argumentação, discurso, “o que eles têm em comum é que os fatos de linguagem por eles tratados referem a linguagem ao seu exterior” (2015, p. 90). Todo discurso se estabelece na relação com um discurso anterior e aponta para outros. É preciso

que fique claro que a AD “não trata os “dados” como meras ilustrações. Trata de “fatos” da linguagem com sua memória, sua espessura semântica, sua materialidade linguístico-discursiva” (2015, p. 61).

Pela filiação teórica da AD, sabemos que a tomada de uma palavra pela outra, nada mais é que a transferência, substituição, formação de sinônimos, tecido relacional da **metáfora**. Citando o grande fundador da Análise de Discurso, Michel Pêcheux, Orlandi alerta que “toda descrição ‘está exposta ao equívoco da língua: todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro’” (Pêcheux, 1983, p. 53 *apud* Orlandi, 2015, p. 13).

Uma vez que a Análise de Discurso nos ensina que os sentidos podem ser múltiplos, cabe então investigar as memórias contidas na prática dessas palavras escolhidas nesta pesquisa, como tentativa de compreender o que podem vir a ser esses sentidos, como atuam e por quê. Para a AD, o sentido não reside nas palavras em si (em sua literalidade) e sim nas condições que ligam um dizer à sua exterioridade, englobando sujeito, contexto imediato de enunciação, contexto sócio-histórico e ideologia (Orlandi, 2015, p. 28-29).

Segundo Orlandi (2001), o processo de produção do discurso pode ser organizado e dividido em 3 momentos: a constituição, a formulação e a circulação (p. 9). Dentre esses, escolheu-se enfatizar nesta pesquisa a **formulação** para construir o trajeto discursivo para pensar a moda. A autora diz que “formular é dar corpo aos sentidos” (p. 9), com essa pesquisa ousa-se dizer que será dado corpo e roupa a eles. Nesta passagem, Orlandi está falando sobre a vida da linguagem, sobre o que faz de nós, seres simbólicos, e de nosso corpo um corpo “atado ao corpo dos sentidos”.

O corpo do discurso, ou seja, sua manifestação, materialização e formulação, pode ser tanto de natureza verbal (da ordem da fala e escrita) como não-verbal (um gesto, filme, pintura, monumento, música, imagem, roupa...). Isso nos mostra que o discurso pode se manifestar em diferentes formas materiais, constitutivas, que se complementam e não são separáveis dicotomicamente em termos de análise. As roupas falam por sua relação ideológica em condições socialmente determinadas tendo como última instância determinações econômicas, simbólicas, políticas. Ela fala pelo e no sujeito que a veste e se coloca como “vestidor do outro”. A Moda funciona como organizadora deste discurso ao mesmo tempo que também produz efeitos de sentido.

E para que se produzam os efeitos de sentido é preciso que o discurso se teça em sua forma material produzindo, então, regularidades e/ou diferenças, atualizações/estabilizações, continuidades/descontinuidades. Essa materialização discursiva permite analisá-lo em sua

espessura, plasticidade, multiplicidade de texturas e de suportes, o que leva diretamente às roupas. Vale lembrar também que é no momento da formulação que se materializa o gesto interpretativo. O sujeito é constituído por gestos de interpretação, ou seja, “**fazendo significar, ele significa**” (Orlandi, 1996, p. 22), sujeitos e sentidos se constituindo ao mesmo tempo.

Já que é na formulação “que a linguagem ganha vida, que a memória se atualiza, que os sentidos se decidem, que o sujeito se mostra (e se esconde)” (Orlandi, 2001, p. 9), isso permite fazer algumas observações. Não seria igualmente pela roupa que muitos sentidos se decidem sobre nós (seja na imagem que construímos ou no julgamento que recebemos)? Não seria na materialidade da roupa o lugar onde nos mostramos e/ou nos escondemos? Corpo e roupa, materialidades significantes, discursividades inscritas em condições de produção específicas. Ao significar na/pela linguagem, dois corpos (dos sujeitos e dos sentidos) se atam, nesta pesquisa, aos adornos vestíveis, ganhando uma roupagem que será ouvida e analisada através dos dizeres do *corpus* estabelecido.

Isso se fez possível pelo material de análise elaborado, composto por uma série de entrevistas⁶ realizadas com profissionais da área de moda. No total, foram 10 entrevistados, ligados por sua área de atuação, escolhidos de modo a privilegiar a diversidade profissional que a Moda engendra, buscando dar voz à essa multiplicidade de discursos. Do modelista à influenciadora digital, passando pela costureira até a relações públicas e *events manager* de marcas conceituadas como Chanel e Swarovski, o conjunto de entrevistados é formado por uma engenheira química de têxteis, uma vendedora de loja popular do centro agitado da cidade de Campinas, um supervisor de varejo responsável pelo setor de visual merchandising, um professor universitário e historiador de moda, uma consultora de estilo e uma publicitária que também é blogueira. Essa foi a passarela escolhida para observarmos um desfile discursivo de uma coleção de pontos de vista, memórias, já-ditos e esquecimentos que permeiam os dizeres.

Partindo de um roteiro pré-estabelecido, o objetivo foi construir questões variadas que permitissem uma abertura à elaboração de respostas amplas, dando margem para os sujeitos significarem em suas respostas, revelando a força do interdiscurso em seus dizeres, bem como das construções imaginárias. Nesta perspectiva, o interdiscurso e a memória são definidos como aquilo que fala antes, o já-dito, o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos, ou seja, uma memória que não é tomada no sentido de lembrança, mas, sim, em uma concepção discursiva. Aceitamos, portanto, que no discurso há duas dimensões: o contexto imediato e o contexto sócio-histórico-ideológico que é prévio, anônimo e aparentemente

⁶ As entrevistas foram realizadas entre março e dezembro de 2019, presencialmente e online. Para maiores detalhes consultar ANEXOS no final do trabalho.

esquecido. É fundamental a compreensão de que “o dizer não é propriedade particular” e que “as palavras não são só nossas” (Orlandi, 2015, p. 30). Sujeito e situação mesclam-se no conceito de condições de produção, mostrando-nos que um dizer é determinado por outros dizeres. É, portanto, nessa atualização da memória que a formulação “empresta contorno material ao dizer”, possibilitando a textualização, ou seja, a disposição do discurso em texto.

É importante ressaltar que não se está investigando os sentidos enquanto conteúdo, não interessa o que determinada roupa ou moda significa, mas, sim, como ela funciona, que sentidos mobiliza. Uma vez que o sentido já está posto, interessa o que determina a materialização deste sentido, dentro de condições de produção específicas. Não há acesso a um sentido oculto e misterioso por trás de um texto. É exatamente ao reconhecer essa impossibilidade que o analista de discurso constrói sua pesquisa, na opacidade de ditos, no jogo com os não-ditos, na intervenção do político, ideológico, inscritos na história. Reconhecendo essa exterioridade constitutiva, observa-se a textualização dos discursos, relacionando estrutura e acontecimento.

Se procurarmos pelo número de ocorrências de duas palavras, utilizando como base somente as falas dos entrevistados, temos como resultado 99 ocorrências para Moda contra 396 de roupa. Quais sentidos esse uso das palavras nos apontam? Costa (2014) traz as pistas para construirmos uma linha de análise, trazendo a afirmação de Orlandi de que “toda denominação circunscreve o sentido do nomeado”, complementando que “o processo de denominação se inscreve na política da palavra e está ligado a outro processo, o de produção de silêncio” (p.40), o que nos lembra da relação da política do silêncio e da palavra e sua relação na produção dos sentidos.

Para atestar a multiplicidade de sentidos que pode derivar de um único termo, pode-se citar a Enciclopédia de D’Alembert e Diderot, referência nos séculos XVII e XVIII na França, que dedicou nada menos que 3.036 verbetes para a palavra roupa (Roche, 2007, p. 438). Como dar conta de um universo de dispersão⁷ tão grande como é a interpretação dos sujeitos sobre o mundo, os conceitos e as palavras? Em geral, o primeiro movimento é o de recorrer ao dicionário como um objeto de consulta que traz a ilusão da legitimidade. Local de consulta que traz ao consulente o ar de um saber de especialista, status de obra de referência, tal como Orlandi descreve: “A sedimentação de processos de significação se faz historicamente, produzindo a institucionalização do sentido dominante. Dessa institucionalização decorre a legitimidade e o

⁷ A ideia de sistema de dispersão vem de Foucault que, em *Arqueologia do Saber* (2002), se refere às inúmeras possibilidades discursivas, sabendo-as da ordem do acontecimento. Isso significa que seria necessário criar regras que fossem capazes de individualizar um discurso para poder descrevê-lo em toda a sua singularidade, diferenciando-o dos demais.

sentido legitimado fixa-se então como centro: o sentido oficial, literal.” (2012, p. 27). No entanto, pelo viés da Análise de Discurso, considera-se a opacidade dessas definições postas, tomando-as como um discurso, e, assim, compreendendo a impossibilidade de um local de consulta à língua que seja neutro, completo e transparente.

Partindo deste lugar que desnuda este objeto/instrumento, mostrando-o como lugar em que há espaço para falhas e equívocos, esta pesquisa se sustenta na análise histórica e discursiva de dicionários e enciclopédias feita por José Horta Nunes (2006), considerando a relação dos dicionários com a sociedade e a história, tomando-os como um objeto discursivo inserido num espaço tempo-específico. Desse modo, entendemos que até mesmo o dicionário, ainda que pare uma aura de evidência dos sentidos, “se reproduz, se transforma, se renova e se atualiza” (Nunes, 2006, p. 11).

Para este breve estudo, serão apresentados 5 diferentes dicionários e suas definições para os verbetes roupa e moda. Os dicionários selecionados são: Michaelis, Aulete, Houaiss, Wikipédia (todos digitais) e Dicionário da Moda. Vale ressaltar que será realizado “um batimento entre a descrição das sistematicidades linguísticas presentes nos verbetes e a interpretação delas na articulação com as condições históricas de produção de discursos” (*Ibid*, p.12), lembrando que a lexicografia tem história, feita por sujeitos, transpassados por ideologia, nuances essas que se refletem a cada verbete e versão aqui analisada.

Segundo Nunes (2006), o analista de discurso realiza uma leitura ao dicionário e não uma “consulta” habitual, o que significa utilizar o método próprio da AD para observar e compreender o modo como a lexicografia “produz sentidos em certas conjunturas, levando em conta a materialidade discursiva” (*Ibid*, p.15). Em Análise de Discurso podemos estabelecer que os sentidos nunca são neutros, “puros”, dados em si mesmos, eles sempre estarão administrados e em “relação a” uma exterioridade, uma opacidade, uma rede de significações. O real da língua, o suposto saber, a pureza das definições do léxico são uma ilusão, são da ordem do inatingível. Assim, questionando a transparência dos sentidos e buscando saber como determinado verbete se relaciona com a sociedade e a história, selecionamos as seguintes definições para “Moda”:

Referentes de Moda

Michaelis

sf

1 **Maneira** ou **estilo** de agir ou de se vestir.

2 **Sistema** de usos ou **hábitos coletivos** que caracterizam o **vestuário**, os calçados, os acessórios etc., num determinado momento.

3 Conjunto de tendências **ditadas** pelos profissionais do mundo da moda.

4 Arte e técnica da indústria ou do comércio do **vestuário**.

5 **Estilo** próprio ou maneira típica de agir; **maneira**, modo.

6 Interesse excessivo ou fixação em algo; mania.

7 **ESTAT** Valor que surge mais de uma vez numa distribuição de frequência.

8 **MÚS V modinha**.

Aulete

sf.

1. **Maneira, estilo** de viver, **vestir**, comportar-se, escrever etc. predominante numa determinada época ou lugar (gíria fora de moda); VOGA

2. Restr. Arte e técnica do **vestuário** (moda feminina).

3. A indústria e/ou o comércio dessa arte: Gostaria de trabalhar com moda.

4. **Modo, maneira**: Preparou a massa à moda italiana.

Houaiss

substantivo feminino

1 **maneira**, gênero, **estilo** prevalente (de vestuário, conduta etc.) <m. masculina> <entre os adolescentes, é m. ter um diário>

1.1 conjunto de opiniões, gostos e apreciações críticas, assim como **modos de agir, viver e sentir coletivos**, aceitos por determinado grupo humano num dado momento **histórico** <m. efêmeras>

1.2 freq. conjunto de **usos coletivos** que caracterizam o **vestuário** de determinado grupo humano num dado momento <o vermelho está na m.> <a minissaia está saindo de m.> 1.2.1 abs. a alteração de formas, o uso de novos tecidos, cores, novas matérias-primas etc. sugeridos para a **indumentária** humana por costureiros e figurinistas de renome <a m. outono-inverno>

1.2.2 conjunto das principais **tendências** ditadas pelos profissionais que trabalham no ramo da moda 2 p. met. (da acp. 1.2) a indústria ou o comércio da **roupa** <ela trabalha com m.>

3 história, desenvolvimento e produção da **roupa** <a m. da Mesopotâmia aos nossos dias> 4 a crítica da moda (ACP. 1.2.1) <os maiores especialistas em m. est

Wikipédia⁸

⁸ A validade científica dos dizeres estabelecidos por esta ordem digital reside no fato da Análise do Discurso não estabelecer graus de legitimidade do dizer. A AD compreende que discursos científicos e autorizados academicamente são uma manobra ideológica para se apagar o próprio funcionamento da ideologia. Os discursos estão em dispersão, sua forma de materializar deve ser compreendida sob a ótica das condições de produção. Na sociedade contemporânea, na qual o digital ganha cada vez mais voz, a inclusão deste recorte procura incluir este espaço discursivo no conjunto que compõe a própria dispersão do dito sobre moda.

Moda, comportamento de uma dada **época histórica**. É um sinônimo de "**costume**". A palavra provém do termo latino *modus*,[1] através do francês *mode*. Em sentido estrito, porém, "moda" costuma se referir especificamente aos diversos estilos de **vestuário** que prevalecem numa dada sociedade numa dada **época histórica**. [2]

Para criar **estilo**, os figurinistas utilizam-se de cinco elementos básicos: a cor, a silhueta, o caimento, a textura e a harmonia.

A moda é abordada como um **fenômeno sociocultural** que expressa os valores da sociedade - usos, hábitos e costumes - em um determinado momento. Já o estilismo e o design são elementos integrantes do conceito moda, cada qual com os seus papéis bem definidos.

A moda é um **sistema** que acompanha o **vestuário** e o tempo, que integra o simples uso das **roupas** no dia a dia a um contexto maior, político, social, sociológico. Pode-se ver a moda naquilo que se escolhe de manhã para **vestir**, no **look** de um punk, de um esquetista e de um pop star, nas passarelas. A cada dia que passa, o mundo da moda vem se superando e surpreendendo as pessoas, com cores vivas, tendências novas, cortes inusitados e inovadores. A moda proporciona, **aos que a seguem**, uma inspiração sempre inovadora e ousada.

Convém ressaltar que, deixando de lado a **tendência etnocêntrica**, a qual ainda hoje é preponderante, devemos ter clareza de que a moda, enquanto **fenômeno**, só se tornou "universal" em meados do século XIX, com o advento da crinolina. Até então, cada povo possuía sua própria maneira de se vestir e ornamentar, de maneira que conviviam diversas manifestações e estilos numa mesma época.

Mesmo hoje no tempo em que vivemos, na fase da globalização, não se pode esquecer que o mundo muçulmano se constitui num universo à parte, onde a burca e o chador ainda são amplamente utilizados, e que populações inteiras, como a maior parte da Índia e as comunidades indígenas, bosquímanas e aborígenes australianas, por exemplo, estão apartadas da dita moda mundial.⁹

Dicionário da Moda

A moda reflete a **maneira** passageira de se **vestir** e se comportar em determinada época. **Cíclica**, é também sinônimo de um conjunto de fatores que envolvem beleza, interesses, consumismo, vaidade, dinheiro, poder, preconceitos, distinções e frustrações. Corresponde também ao **desejo** constante da renovação visual e, em seu início, sempre foi ligada à aristocracia e às elites. (...).

⁹ Acesso em: 24 de fevereiro de 2021. Disponível em <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Moda>>

Olhar para a linguagem de forma discursiva é saber que são fluidos os limites entre o mesmo e o diferente, entre o já-dito e o “a se dizer” e que é exatamente nessa tensão que a linguagem se estrutura para que o sujeito que é interpelado a dizer se mova. A essas duas forças denomina-se: **paráfrase e polissemia**. A primeira representa as “diferentes formulações de um dizer sedimentado”, um “retorno aos mesmos espaços do dizer”, onde em tudo que é dito há algo que se mantém. Na **paráfrase**, estamos no domínio do estabilizado, da repetição, do que podemos chamar de memória do dizer. Já a **segunda** força operante no jogo linguístico é do domínio do múltiplo, do deslocamento, disruptivo, terreno do equívoco, testemunha de que a língua é sujeita a falhas e transformações. É nesse movimento constante entre uma força e outra, que atesta o confronto entre o simbólico e o político, que se revela a condição primordial da existência dos sujeitos e dos sentidos.

Observando-se a definição nos dicionários, é possível notar sentidos cristalizados para a moda: maneira, sistema, hábitos. Orlandi chama a atenção para o processo de manutenção do dizer na paráfrase. O processo parafrástico “é o que permite a produção do mesmo sentido sob várias de suas formas (matriz de linguagem)” (2012, p. 25). O que vem sustentar certa ordem, imposição de sentido. Isso é possível notar com os referentes estilo, maneira, vestuário que, ainda que diferentes, são palavras postas como sinônimos. Aqui, produz-se o efeito metafórico que para Pêcheux e Orlandi é o deslize de um para outro. Já pelo processo polissêmico, que “é o responsável pelo fato de que são sempre possíveis sentidos diferentes, múltiplos (fonte da linguagem)” (2012, p. 25), pode-se analisar outras duas palavras contidas neste grupo que destoam nitidamente, sendo elas: “estilo” e “modinha”.

Em “estilo”, pratica-se aquilo que é desejável, que buscamos alcançar, como se operasse ali uma moda superior, a que tem estilo, de tal modo que, em sua forma adjetiva, a palavra ganha um caráter elogioso. Já em “modinha”, ainda que posta em pé de igualdade pelo dicionário, pratica-se uma inversão. “Modinha” é uma palavra pejorativa, é diminutiva, é algo passageiro, algo de ordem menor. Aqui, localiza-se a contradição e o político na língua. Vale lembrar que é o político que tece a moda.

A seguir, um novo exercício analítico com os referentes de roupa:

Referentes de Roupa

Michaelis

sf

1 Designação **genérica** das **peças do vestuário; traje**.

2 POR EXT **Qualquer pano** próprio para vestes, coberturas ou adornos.

3 Conjunto de **peças** de uso doméstico, feitas de tecido, como lençol, toalha de mesa, toalha de banho etc.: Comprou roupas de cama e de banho brancas para o seu enxoval.

Aulete

sf.

1. Vest. Qualquer **peça** (ou conjunto de peças) com a qual se cobre o corpo **para protegê-lo, ocultá-lo e/ou enfeitá-lo; TRAJE**

2. Vest. Cada uma ou conjunto das **peças** que compõe o **vestuário** de uma pessoa, de um país, de uma época, de uma estação etc. (roupa íntima; roupa japonesa; roupa medieval; roupa de inverno);

INDUMENTÁRIA

Houaiss

substantivo feminino

1 vest **peça** ou conjunto de peças de **vestir; traje** <veio de r. branca> <r. usada pela polícia civil>

2 p. met. **tecido** de que é feita essa peça

3 p.ext. **qualquer** tecido que **sirva para adorno, cobertura** etc.

4 p. met. **qualquer** peça de tecido de uso doméstico <r. de cama, de banho>

5 fig. **revestimento que oculta a verdade**; barreira <corrija as monografias sem a r. do protecionismo>

6 p.ext. conceito (bom ou mau); **fama** <perdeu a causa em juízo mas conservou a r. de honesto>

Wikipédia

Roupa, também chamada de **vestuário** ou **indumentária**, é **qualquer objeto** usado para **cobrir partes do corpo**. Roupas são **usadas por vários motivos**. Roupas são usadas por questões sociais, culturais, ou por necessidade. Outros **objetos** que são carregados ao invés de serem vestidos sobre certas partes do corpo são chamadas de acessórios, como por exemplo, sombrinhas, bolsas e mochilas.

O uso de roupas é considerado na maior parte do mundo como **parte do bom senso e da ética humana**, guiado por valores sociais, sendo considerada indispensável pela maioria das pessoas, especialmente em lugares públicos.[1] Os materiais utilizados para a confecção das roupas podem ser naturais, tais como algodão, seda ou couro, ou sintéticas, tais como acrílico, por exemplo.¹⁰

¹⁰ Acesso em: 24 de fevereiro de 2021. Disponível em <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Roupa>>

Dicionário da Moda

Não possui este verbete

Observando agora as definições para roupa, pode-se notar a mesma tensão constitutiva entre o mesmo e o diferente nas palavras, a ambiguidade da linguagem, a briga entre o garantido e o vir-a-ser. Pelo processo parafrástico, encontramos traje, indumentária, peça do vestuário como sentidos fixados, positivos e nobres dentro do campo da moda. Nos deslizamentos ocorridos, vê-se um deslocamento desse sedimentado para uma abertura de significações que, assim como no vocábulo “moda”, traz um teor pejorativo. Em relação a isso, olhamos para as definições “qualquer pano”, “qualquer peça”, “qualquer tecido”. Ainda que todos dividam o “qualquer”, “pano”, “peça” e “tecido” são palavras diferentes. Entre as três existe, ainda no campo da moda, um rebaixamento de pano, palavra que seria menor que tecido. Nesse sentido, elas se diferenciam, abrindo-se à polissemia. Semelhantes e desiguais, tudo isso evidenciado no confronto simbólico das definições dos dois verbetes.

É interessante notar o quanto a definição de moda aponta para traços de ordem comportamentais e de ordem coletiva, enquanto roupa nos direciona para uma materialidade íntima, com implicações e funções. Note que roupa só aparece com um sentido de coletividade na definição da Wikipédia, com enfoque em sua obrigatoriedade e sobre a regulação dos corpos, como sendo “parte do bom senso e da ética humana” usá-las. As formulações do verbete procuram gerar um apagamento da subjetividade, para fins de garantia da própria legitimidade do dizer. Os enunciados são formulados na direção daquilo que é entendido como materialidade linguística, nessa perspectiva, pode-se observar que Moda é um substantivo feminino (*sf*) para Michaelis, Aulete e Houaiss. Nesta trilogia, o substantivo designa, por meio de enumeração, primordialmente, maneira e estilo de viver de um conjunto social. Ao tomar este caminho, os dizeres apagam a relação direta entre o eu que veste o corpo para se significar, formulando apenas o que retoma o social. Questões neste ponto podem ser formuladas: maneira e estilo de viver são escolhidos ou impostos? Caso seja uma escolha, como ela se dá? Ou ainda: se já estão postos e determinados a um conjunto social, como se dá a “maneira” ou o “estilo” de viver, uma vez que quem presume viver é o sujeito?

Outra pergunta que se faz importante no contexto desta pesquisa é a que inicia a série de entrevistas realizadas para a construção do dispositivo teórico/analítico. A palavra ROUPA aparece como um tópico inicial, levando a discursos importantes para este debate. Essa questão traz costurada em si a suposição de que quando ouvimos/lemos/pensamos a palavra Moda, imediatamente somos levados a associá-la à roupa e adereços vestíveis, ou seja, pensar a moda

sob o ponto de vista material implica dispor, num primeiro momento, “moda” e “roupa” como sinônimos. Por outro lado, quando pensamos especificamente em “roupa”, não fazemos necessariamente a mesma relação. Há um deslizamento de sentidos que nos leva para outros lugares que aqui serão analisados. Nos verbetes, vemos novamente o funcionamento do apagamento da subjetividade para garantias da objetividade. Roupas também é uma substância com gênero, postulados de ordem linguística. Na trilogia dos dicionários, como foi apresentado, roupa é uma peça¹¹ *qualquer* feita para vestir o corpo ou objetos, “revestimento” ocultador de algo ou alguma coisa. No entanto, ao fazer a mesma questão aos sujeitos do dizer, abre-se a porta para compreensão de outras relações, além da objetividade de definição.

Ao analisar os sentidos de roupa e moda nos dicionários, nota-se que tais palavras ajudam a entender como uma sociedade organiza os sentidos. Tece-se aqui o mesmo exercício de observação e análise no *corpus* de pesquisa. O que um sujeito pode dizer de roupa?

PESQUISADORA: O que te vem à mente quando você escuta a palavra ROUPA?

Recorte [1]

S5: Ahn, **proteção**. Vem também... Memórias de roupas que me encantaram durante a vida... É... Roupas que eu gostava de ver nas outras pessoas, que eu gostava de ver em mim. Mil coisas assim... como uma... uma pele protetora, que você tem a opção de escolher, né? A pele que você escolhe.

Recorte [2]

S8: **Cobrir o corpo, proteção**, adorno, beleza... são coisas que de certa forma estão relacionadas à roupa. Porque eu que estudo história, a gente tem algumas relações de diferença... roupa, roupa de moda, indumentária... então tem algumas pequenas diferenças sob o ponto de vista de análise histórica. Mas quando você fala roupa... imediatamente vem cobrir o corpo, se é por uma dessas características, né? Aí é outra história...

Recorte [3]

S9: A primeira coisa quando fala a palavra roupa é... **me proteger**. Eu acho que a primeira coisa é vestir, **me proteger**, me aquecer assim... que é a principal, né?... motivo da gente vestir a roupa, né? Eu acho que a palavra roupa é isso mesmo que ela me lembra, algo prático, vestir e me sentir protegida, sabe? Eu acho que é isso...

¹¹ No tópico 3 deste primeiro capítulo a questão de peça será discutida e teorizada um pouco mais.

Recorte [4]

S10: A palavra roupa sempre me lembra um pouco casa, **refúgio**...

Nos recortes apresentados acima é interessante observar a rede de sentidos construída e como o sentido de **roupa** se formula. Vemos operar toda a atualização de um saber sobre **proteção, cobrir os corpos, refúgio**. É possível notar, pelo emprego desses vocábulos, a historicidade da roupa: cobrir a nudez; proteger os corpos. No primeiro significado do dicionário online Aulete, vemos roupa como qualquer peça que cobre o corpo “**para protegê-lo, ocultá-lo e/ou enfeitá-lo**”. No Houaiss, “qualquer tecido que **sirva para adorno, cobertura**”, seguido da interessante definição: “**revestimento que oculta a verdade**”. Essas inferências levam a questionar: afinal, precisamos nos proteger do quê? Refugiar-nos do quê? Se a roupa é proteção, qual seria o perigo? Qual a verdade que precisa ser ocultada? A nudez? A sexualidade? Seria a roupa a castração simbólica da nossa verdade íntima/intimidade?

Nos discursos acadêmicos de moda tradicionais, é recorrente pensar as roupas em termos de funcionalidade. Muitos pesquisadores se dedicaram a estudos minuciosos na tentativa de responder quais seriam os motivos que levaram o ser humano a cobrir-se, o que criou muitas vezes embates teóricos. Há um discurso histórico disputado que busca identificar o momento em que o homem decide se cobrir e quais seriam as razões para tal feito. De modo geral: “os antropólogos e os historiadores nos dizem que as roupas têm três funções principais, que correspondem às necessidades da **decoração, da proteção e do pudor**” (Flugel, 2008). Esta pesquisa acredita que uma quarta função mereça ser destacada: a de **significar**. Sabendo que a entrada no simbólico é irremediável (Orlandi, 2015), estamos comprometidos com os sentidos pré-existentes de tudo o que nos constitui: o que falamos, o que vestimos, nada está descolado de seu aspecto político, social e histórico.

E como a moda significa na intersecção entre identidades, sujeitos, atualizações do dizer e o elemento revestido de sentido que é a roupa? Antes do aprofundamento das questões que a História valida como oficial em relação ao funcionamento dos dizeres em torno do ato de se vestir, cabe a tentativa de descrição dos enunciados basilares da pesquisa, tendo a formulação na ótica principal.

Ao reconstruir a cena enunciativa, são trazidas à tona as relações que permitiram a materialização do dizer. Uma pesquisadora do campo da moda indagando um sujeito que, por sua vez, é transpassado por determinações além do ato de se vestir. Roupa, para o entrevistado, é também fruto do seu labor e nele está calcada a relação de fazer moda, de fazer peças de

vestuários. Consequentemente, esta relação é multilateral. Vêm à tona também o saber histórico, o saber estético e os discursos que atravessam o sujeito até torná-lo o sujeito-que-veste-o-outro.¹² Tanto o sujeito-que-veste-a-si¹³ como o sujeito-que-veste-o-outro serão retomados.

O sujeito põe-se a falar, mas de que lugar ele fala em meio a tantos fios de identidades cruzados? O que repete atualizando o discurso histórico e o que escapa às determinações econômicas que revestem toda sua prática laboral e de linguagem?

O sujeito expõe em diversos momentos os diferentes lugares, revelando, assim, contornos móveis da representação de si. Primeiramente, o sujeito se põe no lugar daquele que tem um corpo a ser protegido por meio de uma cobertura. Roupas é “proteção”, proteção *para* cobrir o corpo. Gesto descrito acima. Porém, é possível ir além. No recorte [1], há outro lugar posto, o sujeito que observa, que vê a roupa no outro. Movimento de sentido preso à memória, o sujeito põe-se a falar de si e do outro em um tempo passado, sentido apreendido pelo pretérito imperfeito do verbo: “gostava”. Há um gozo/gosto no gesto passado de observar a roupa, gesto recorrente e contínuo que trouxe como efeito o encantamento das “memórias de roupas que me encantaram durante a vida”. Sujeito do gozo que se permite se encantar, ser seduzido pelo outro, a ponto de deixar ser possuído pelo prazer: “Roupas que eu gostava de ver nas outras pessoas, que eu gostava de ver em mim”. Há ainda indícios de um sujeito que presume ter o controle das próprias escolhas, do próprio corpo, da própria pele, materializado em “a pele que você próprio escolhe”.

O recorte [2] apresenta movimentos semelhantes. O sujeito do corpo a ser coberto e que sente a necessidade de proteção, um sujeito que compreende os aspectos de encantamento (“adorno, beleza”). No entanto, há um terceiro contorno que evidencia um outro sujeito, desta vez o do saber presente em “porque eu estudo história”. Um sujeito tomado pela noção de autoridade que reveste o próprio dizer. O recorte [3] vem ao encontro do [1] e [2], com exceção à materialização do sujeito do saber. No entanto, revela que as relações do sujeito com o sentido estabelecido pelas roupas e consigo/por si mesmo, estão no “algo prático”, na prática. O que remonta a Pêcheux, que entende a ideologia como prática.

¹² A nomenclatura forjada para esta pesquisa busca estabelecer a relação de sobreposição entre as diversas formas-sujeito que a descrição dos enunciados permite observar. Na respectiva nomeação, é apresentado um recorte da identificação do sujeito quanto ao cruzamento do fazer laboral com o funcionamento simbólico dos elementos constitutivos do discurso sobre moda.

¹³ Gesto semelhante de nomeação é realizado para este termo. O processo de identificação é a própria membrana significativa que permite o recorte. O deslocamento aqui sugerido convoca a memória constitutiva do próprio dizer, relação entre passado, dizer, repetição e atualização do discurso mediante as ilusões que o sujeito fabrica sobre si.

Na prática de dizer, o sujeito fala pluralmente da sua ilusão de inteireza. É o que se veste, é o que observa o vestir, é o que goza com o movimento simbólico do vestuário, é o que tem o domínio do saber, é o que pratica a roupa. No entanto, há outro movimento quase imperceptível, o sujeito que hesita, poroso, expressando também a própria porosidade do saber que presume possuir e dos sentidos que presume dominar. Roupa é nomeada pelos três recortes iniciais como “coisa”. Em “Mil coisas” [1], “são coisas” [2] e “A primeira *coisa* quando fala a palavra roupa é... me proteger. Eu acho que a primeira *coisa* é vestir” estão presentes a dificuldade/impossibilidade de nomear/conceituar roupa.

Ao nomear/conceituar roupa como coisa, de onde fala o sujeito? O que esta nomeação/formulação sugere para a regionalização *daquele que diz*? Roupa é coisa. Mas que tipo de coisa? Que corpo ela irá proteger? É a coisa que cobre, que encanta, que adorna e embeleza? De onde fala este sujeito que veste a coisa, que vive a coisa e pratica a coisa? Como resposta, somente a hesitação “**Ahn**”; não só o espaço “Mas quando você fala roupa... imediatamente” preenchido por advérbio que marca o *tão repentino*, assim como a repetição do famoso repetidor de retomadas para comunicação e aprovação, “né”, “né”, “né”?

Ao se desdobrar nas múltiplas imagens de sujeito, há hesitação, falha, repetição de retomadas. Ao se deslocar entre a memória do dizer, ao mergulhar no infinito do interdiscurso, o sujeito falha diante daquilo que significa como dizer material/simbólico e prática de atuação laboral. O sujeito existe, ele é múltiplo, reclamado e obrigado a dizer, reside nas fissuras da malha material e simbólica da linguagem. Aqui ele entrará em embate, dirá do corpo, dos sentidos que compõem o corpo e daquilo que o reveste. Neste espaço ela preencherá com a *coisa*. Aqui ele entrará em embate com os sentidos “escolhidos” para representar o corpo, analisará o outro, gozará com o outro por meio daquilo que põe em si, aqui é espaço de vida e prática que faz memória ao mesmo tempo que é feita por ela.

Rasgo, furo, fissura, falha. No corpo da malha, cada fissura é única. Fissura que poderá ser preenchida por outras determinações além das dominantes; por memórias, por conexões, por costuras unicamente cosidas pela linguagem. Não é ao acaso a metáfora que regionaliza campos discursivos além da repetição acadêmica e das determinações econômicas. A metáfora desloca os sentidos que ainda existem no embate simbólico e os preenche de força. “A palavra roupa sempre me lembra um pouco casa, **refúgio**...” (Recorte [04]).

E o que prevalece para o preenchimento do rasgo entre as formas-sujeito é a repetição em forma de atualização *no dizer e para dizer*. No entanto, a metáfora que opera nesse dizer se

manifesta no preenchimento do espaço deixado pela *coisa* que serve como refúgio para o sujeito. Essa metáfora revela as fissuras e os mecanismos do embate ideológico e das formações discursivas.

Em “Moda e Comunicação”, obra bastante referenciada nos estudos de intersecção das áreas que dão título à obra, Barnard (2003) faz um levantamento de críticas dirigidas à Moda e, entre elas, surgem enunciados que dizem respeito às funções das roupas, reduzindo-as: “uma vez atendidas as exigências relativas à proteção e a decência, tudo o que a moda pode fazer é decorar e embelezar o corpo” (p. 39). O autor rebate esta afirmativa, trazendo a percepção de que enunciados desta natureza estão pressupondo duas coisas: primeiramente, que a proteção e a decência seriam a verdadeira função da roupa e, em segundo lugar, que seriam a mesma coisa. Pressupostos que, na visão de Barnard, estariam incorretos, uma vez que foi constatado que mesmo habitantes dos locais mais inóspitos do globo usavam pouquíssimas roupas, desbancando, assim, a ideia de proteção e evidenciando que cada cultura tem uma ideia diferente do que seria pudor, assim como do que seria ornamentação e embelezamento.

Sob o aspecto da **proteção**, o discurso histórico recorre a seus registros para mostrar que no período paleolítico da pré-história o homem teria passado por diversas descobertas e adaptações, sendo uma das principais a habilidade de cobrir o corpo. Segundo a documentação histórica, esta técnica passa a ser aprimorada cada vez mais, conforme eram percebidas necessidades de durabilidade e de obtenção de um material mais maleável para moldar o corpo. Os métodos de conservação da pele dos animais com a função de cobrir o corpo passam por vários estágios desde a mastigação para amolecer o tecido (tarefa das mulheres) ao uso de óleo de animais marinhos e, finalmente, com sucesso, o ácido tânico extraído de árvores como o salgueiro e o carvalho. Essa camada atada ao corpo teria desempenhado a função de protegê-lo das intempéries, mas apesar dessas conquistas de conservação, o homem ainda teria sentido a necessidade da forma. Esta necessidade nos leva à suposta função da **decoração**. Para isso, o homem utilizou agulhas de mão confeccionadas a partir de ossos de mamute e de rena, além de presas de leão marinho. Encontrados em cavernas, onde foram depositados há 40 mil anos, esses artefatos propiciavam a costura das partes através da resistência de tendões de animais fazendo o papel da linha que utilizamos hoje.

Já no período neolítico, os estudos históricos de moda pontuam a descoberta de uma grande tecnologia: o tear. Acredita-se que a técnica nasceu a partir de dois galhos de árvore e da observação da técnica da cestaria. O homem percebeu que uma parte sobrepunha à outra até formar um todo harmônico. Desta forma, vivendo já em seu período pastoril e em pequenas

comunidades, animais passam a ser tosquiados e não mais abatidos para o vestir, onde a lã era fiada e tecida. Neste mesmo período, os têxteis vegetais foram encontrados - tais como o linho, o cânhamo e o algodão - e também passaram pelo processo da tecelagem. Apesar de toda esta técnica, podemos perceber desde o início a necessidade da beleza. A partir de barro cozido (argila) eram feitos diversos objetos caseiros – vasos, ânforas, jarros - e também eram produzidas espécies de carimbos com desenhos. Estes eram mergulhados em tinta e transferidos para a base têxtil a fim de proporcionar uma decoração estética para a roupa. Essas tintas advinham de hena, açafrão, alizarina, entre outros pigmentos que proporcionaram o que podemos datar como início da estamparia. Este momento enalteceria ainda mais o argumento da funcionalidade da ornamentação.

Darwin via a proteção como necessidade humana, mas essa ligação contra as inclemências do tempo (Wilson, 1985) não é uma coisa tão inata como se supunha. Este discurso é ancorado e aceito por trazer com ele o status de cientificidade darwiniana que subsidiou a força de um consenso. A autora Wilson (1985) des-superficializa esses sentidos, dizendo que isso era nada menos que evidência da estupidez de um pensamento que colocava a alteridade como selvageria, uma vez que os habitantes dessas áreas de gelo mostravam a neve derretendo sobre suas peles sem aparente incômodo, renegando o conforto e aconchego dos trajes. Barnard (2003) salienta ainda que "não é somente entre sociedades e culturas diferentes que a resposta à necessidade de proteção contra o tempo irá variar: a variação pode ser encontrada no interior da mesma cultura".

Sob a ótica da proteção pode-se ainda pensar as roupas "como necessidade física de abrigo" contra frio e calor, inimigos humanos ou animais. Aprofundando, poderíamos listar também os perigos psicológicos (p. 81). Essas ameaças incluem "uma série de expedientes mágicos e espirituais que podem ser repelidos com o auxílio de amuletos e outros adornos mágicos". Há, assim, uma outra categoria de proteção propiciada pela vestimenta: "a proteção contra a hostilidade do mundo como um todo ou como uma garantia contra a falta de amor" (p. 82).

A função do pudor será discutida com mais detalhes no capítulo 2, sobre as Leis Suntuárias, período em que o discurso sobre o pudor foi amplamente explorado, embasando críticas que advogavam contra certas roupas. Colocar isso como razão primordial do uso desta materialidade soa bastante equivocado. Contra o pecado utilizou-se até o discurso bíblico contido na Gênese. Nele, antes da queda do paraíso, Adão e Eva estariam nus e não sentiriam vergonha, mas, depois da desobediência, "os olhos de ambos se abriram e eles souberam que estavam nus, e juntaram folhas de figueira e fizeram para si uns aventais". Foi sob os parâmetros da Gênese

que muitos europeus e missionários julgaram as novas civilizações por não usarem roupas, buscando também uma conversão discursiva pela vestimenta.

O entrevistado 5 desta pesquisa também comenta esta questão sob o ponto de vista de sua profissão, a de historiador. No trecho, há a predominância do sujeito do saber:

Recorte [5]

S8: é muito complexo, isso dá uma enciclopédia, né? (...) enfim, depende do ponto de vista... se é moda, se não é moda, se é indumentária, se é sob o ponto de vista teológico, se é sob o ponto de vista científico... eu sempre parto daquele princípio né: do ponto de vista teológico o ser humano cobriu o corpo pelo pudor. Então tá lá no livro do gênesis: abriram os olhos e viram que estavam nus e sentiram vergonha e teceram para si aventais com folha de figueira. Capítulo 3, né? Sob o ponto de vista científico descarta a possibilidade de pudor, sob o ponto de vista ou do adorno ou da proteção... então eu sempre parto desse princípio, né?

Ampliando a visão, o próprio conceito de vergonha e nudez são relativos e variáveis na humanidade. Sobre isso, Barnard (2003) cita o conto de que o Barão de von Nordenskiöld, em uma expedição amazônica, queria adquirir os aparatos labiais de uma "botocuda". Apesar de sua nudez imperturbável, quando ela cede às trocas e entrega seus adornos se vê confusa e desnuda e corre para dentro da floresta. Outra história semelhante recuperada pelo autor diz respeito às mulheres Masai, cujos órgãos genitais eram praticamente descobertos pelo minúsculo traje sem causar comoção, mas que se elas fossem vistas sem seus brincos de latão, até mesmo por seus maridos, seria como estarem expostas à vergonha (p. 23).

Sobre a vergonha, podemos ainda listar itens de nossa sociedade como maquiagem (para esconder “imperfeições”, por exemplo), desodorante e perfume (pensando no ocultamento de odores inatos), roupas para disfarçar partes do corpo que não estejam de acordo com o ditame de beleza em voga. “Culturas diferentes darão significados diferentes às diversas coisas que fazem para se enfeitar. O que uma cultura chamará de **decoração**, por exemplo, outra chamará de mutilação” (p. 39). E não seriam afinal, todas essas coisas, uma só? Coberturas operando no funcionamento daquele corpo social e cultural?

Certamente que as artes decorativas corporais, tais como as tatuagens, as escarificações, as modificações cranianas e as pinturas corporais também devem ser tomadas em consideração... (e) também nos foi mostrado que não é significativo (nem correto) distinguir de forma acentuada as decorações corporais e os adornos de um lado, e o vestuário que envolve o corpo, por outro (p. 39).

Elizabeth Wilson (1985) nos lembra que “todos os argumentos funcionalistas (...) deixam escapar os aspectos finalistas e criativos da moda” (p. 83). Amparada sob a ótica da Análise de Discurso, esta pesquisa frisa que não é a função que interessa e sim o **funcionamento**. Em Pêcheux, temos o deslocamento da noção de função para a de funcionamento sendo considerada condição essencial para a constituição de qualquer ciência que trate do signo (Orlandi, 2012, p. 30).

Podemos pensar que as roupas podem preencher um variado número de funções, entre elas sociais, estéticas e psicológicas. Nessa perspectiva,

Não poderia ser o caso de a própria proteção ser por si só uma forma de comunicação? É possível que a modéstia e a atração sejam formas adicionais pelas quais as culturas comunicam seus valores e crenças, e não, como argumentam alguns, funções primárias da moda e do vestuário (Barnard, 2003, p. 18).

Mesmo considerando que seja superficial uma análise voltada apenas para a funcionalidade da roupa, busca-se, aqui, analisar essa memória do dizer, desvendando a opacidade que há neste consenso. Nesse sentido, “concluir que esses ditos são clichês é banal. Mais interessante é procurar compreender como se produzem esses sentidos que se dão por evidentes e definidos” (Orlandi, 2008, p. 21).

Retomando os recortes [1], [2], [3] e [4], pode-se observar que os sujeitos estão em seus enunciados reproduzindo essas cristalizações em torno das funções da roupa, como se aquilo que ela exerce (proteção, cobertura, refúgio) se tornasse um sinônimo para descrevê-la. Reduzi-la a três necessidades de decoração, proteção e pudor enquanto discurso vigente do campo da Moda é criar a ilusão de uma transparência questionável, é fechar a pluralidade do sujeito a uma formação discursiva e torná-lo unicamente um sujeito-que-veste-a-si meio à repetição.

Observar as circunstâncias de uma enunciação é buscar compreender a confluência de sentidos presentes nos dizeres onde operam, simultaneamente, o eixo da memória e o eixo da atualidade, da constituição e da formulação, do dito e do que está por se dizer. Para além do contexto imediato, há um contexto histórico e social que faz das palavras - assim como dos sujeitos - um lugar de significação historicamente constituído: “no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação” (Orlandi, 2015, p. 19).

A partir dos conceitos e princípios próprios da AD, ideologia e sujeito mostram-se noções primordiais para compreender os sentidos produzidos em uma enunciação. O indivíduo é interpelado em sujeito pela **ideologia** para que se produza o dizer. Nesta perspectiva, ideologia se mostra função da relação indissociável entre linguagem e mundo e os efeitos imaginários de um sobre o outro. Tomamos o sentido como uma relação entre sujeito e **história**, entendendo que não há discurso sem sujeito e nem sujeito sem ideologia. E, ainda, que não há realidade sem ideologia (p. 46). Dessa forma, vemos que sujeito, língua e história se relacionam necessariamente, tendo como efeito ideologia e produzindo sentido.

Até este momento, o objetivo principal desta primeira parte do capítulo, foi evidenciar as nuances interdiscursivas presentes nas respostas à primeira pergunta da série de entrevistas, bem como as correlações possíveis delas junto aos sentidos institucionalizados nos dicionários de determinados verbetes apresentados. O desejo foi tocar no solo da memória, das associações, das construções que tais palavras poderiam suscitar, sacudir o pó das palavras. As palavras sacudiram não só o pó que embaça as contradições, como também colocaram para funcionar formas-sujeito múltiplas, revelando regionalizações ideológicas que acionam posições *daquele que diz*. Dizem: o ser humano, o profissional, o possuidor do saber, o que gosta/goza com os movimentos simbólicos oriundos de uma memória de um outro que se vestiu.

Tocando em cada um dos sujeitos interpretantes (pesquisadora, os dicionários e os entrevistados), podemos ver sendo desnudados vestígios de já-ditos e também a variância (presente na dispersão dos sentidos e dos sujeitos) que pode brotar das palavras, especialmente em um termo tão corriqueiro como este, “roupa”, utilizado em nosso próprio corpo no cotidiano.

1.2 Pano pra manga: palavras em perspectiva

Avançando na multiplicidade de vocábulos que surgem nas definições de dicionário e nas entrevistas, pretende-se aqui retomar a questão iniciada no tópico anterior sobre a multiplicidade de palavras que surgem sobre o dizer moda, muitas vezes colocando algumas palavras como sinônimos.

Antes de traçar o percurso do dito que se cristalizou, cabe ressaltar, como falado anteriormente, que roupa é “coisa”, mil coisas. Moda, segundo a materialidade discursiva presente nas entrevistas, é feita de coisa. Coisa que veste e traz estilo, coisa vazia que se preenche para e pelo consumo. Coisa que estabelece condutas, dita práticas, modo operante e operacional.

Coisa que tece identidades, mexe com sentidos, acolhe o corpo, ao mesmo tempo que pode interdita-lo. Coisa que abriga um vazio que reclama preenchimento, coisa que também já está preenchida de dizer. Dizeres históricos, de saber, de modulação do sujeito e também da materialidade simbólica. Antes de apresentar o percurso histórico que deu corpo ao sentido de *Moda*, a reflexão sobre o embate do vazio na nomeação *coisa* e do seu preenchimento sugere neste espaço o local da falha. Será que a própria nomeação de coisa é a falha ou seria uma manobra ideológica para o encobrimento das falhas no interior das malhas discursivas? Há muito pano pra manga nesta discussão.

É possível encontrar no corpus bibliográfico utilizado, inúmeras associações históricas unindo Moda a Modo. No latim, “*modus*” fazia referência à medida agrária (Pollini, 2007, p. 17), o que mais tarde passou a significar também maneira de se conduzir, ou seja, medida de conduta e um jeito específico de adornar-se. No século XV (período definitivo para a História da Moda, como veremos a seguir), a palavra *Mode* começou a ser utilizada em francês (além de *manière*) no sentido de “ao modo” e “à maneira”, trazendo um sentido de prática, habilidade particular, jeito que se articula na denominação de “modo individual de fazer, ou uso passageiro que regula a forma dos objetos materiais (...) Mais genericamente, maneira de ser, modo de viver e de se vestir” (Cidreira, 2005, p. 30). O termo começa a ser utilizado para se referir à maneira coletiva de trajar, devido, principalmente, às tentativas de driblar as leis suntuárias, como veremos no item 2.3.

Neste primeiro gesto de compreensão já é possível notar o funcionamento da ideologia na interpelação do sujeito. Ideologia é entendida como prática, o sujeito do vestir é aquele que - por meio da prática de cobrir seu corpo com “coisas” - agirá em *seu* “modo individual de se fazer”. E é já na escolha do objeto que virá vesti-lo que se vê operando o interdiscurso e, em consequência, a ideologia. Como visto, o primeiro espaço daquele que virá se vestir com roupa é a casa, um refúgio próprio, marcado por memórias pessoais. No entanto, cabe ressaltar que a produção desta memória é, como já foi estabelecido, opaca, desconstruída e também definida por determinações históricas. Ao sair deste primeiro espaço memorável (a casa), o sujeito que se veste, na ilusão de sua emancipação, busca por outros lugares para preenchimento do seu vazio e os encontra na prática discursiva de uma regionalização ideológica entendida como moda.

Participando deste jogo linguístico, há a aparição na língua francesa de *façon* (modo) que, na dificuldade de ser pronunciada, foi emprestada à língua inglesa numa corruptela que formou a palavra *fashion* para nomear o que conhecemos por moda. Em ‘*fashion*’, encontram-se possibilidades de relações interessantes no latim, como *factio* e *facere*, onde *factio* traz a ideia de ato em curso (‘fazendo ou fabricando’), enquanto *facere* remete ao verbo ‘fazer/fabricar’. Como

observa Barnard, é curioso perceber que o sentido original de *fashion* referia-se, anteriormente, à atividade, fabrico, coisas que as pessoas produziam domesticamente para uso próprio (Barnard, 2003, p. 24). Da Revolução Industrial até os dias atuais, a distância entre o fazer e o usar/vestir se acentuou cada vez mais, com sujeitos alienados do processo de produção das coisas que consomem, processo bastante abordado pelo marxismo. Assim, parte desse efeito de sentido que operava como um fazer próprio foi se perdendo¹⁴ com a implementação do capitalismo.

Não se pode deixar de mencionar que *facere* é também a raiz da palavra fetiche, conceito bastante explorado para pensar os itens da indumentária como objetos dotados de poderes mágicos/transcendentes, fetichizados, resgatando os estudos antropológicos e a perspectiva da teoria marxista sobre as relações sociais estarem se encaminhando muito mais para uma relação entre coisas, ou seja, assumindo uma forma fantástica. Em inglês, existe ainda a palavra *faction* trazendo um sentido político de facção.

Outro desdobramento linguístico possível é que *fashion* pode ser utilizado como substantivo ou verbo¹⁵. Como substantivo, há ‘uma forma ou um fazer específico’, maneira ou conduta, remetendo à língua francesa. Como verbo, o seu uso é atrelado à atividade e produção de algo. Neste sentido, assim como *fashion*, Barnard chama atenção para o fato das terminologias *adornment* (adorno), *style* (estilo), *dress* (vestimenta) e *clothing* (indumentária) também possuírem essa dupla função na língua inglesa, operando como verbos ou substantivos, descrevendo uma atividade ou os itens utilizados nela. Este fenômeno também ocorre em nossa língua como o caso da palavra *vestido* como o passado do verbo vestir ou o item de vestuário. Sobre essas migrações de sentido, ainda é pertinente a menção à *look*. Trazido do inglês para nossa língua, transformou-se em sinônimo substantivado para aspecto, aparência, estilo, visual. A palavra se refere ao conjunto de peças utilizadas numa única composição vestível, junção de roupas, adornos e acessórios que tem como produto a unidade, o *look*. O uso de *look* na língua original atua como verbo para o ato de ver, olhar, parecer e para as ações de procurar, checar e/ou averiguar. Provavelmente é dessa conexão mais simbólica de órgão dos sentidos que temos a ocorrência deste vocábulo sendo atrelado ao aspecto visual, para além da percepção orgânica dos olhos, revelando-se como algo que se estende para uma aparência (o que é "visto pelo órgão

¹⁴ Este sentido pode ser recuperado em partes nas atividades denominadas como customização e *upcycling* bastante em voga na atualidade. Por *upcycling* entendemos o processo de reciclar uma peça, sem desintegrá-la, ressignificando-a. O termo também é recuperado e se entrelaça ao capitalismo nos setores produtivos do segmento, conforme aparece nas entrevistas: S1 “Então eu tava trabalhando por conta própria, então agora eu fui pro Paraguai que eu tô cuidando de boutique lá que é a Dash Brasil eeeee eles vão fazer uns desfiles agora esse final de ano e eu vou ficar 30 dias lá pra fazer o desfile que vai ter, que é o FFW. O que é o FFW? É o Fronteira Fashion Weekend, é só um final de semana...”.

¹⁵ Era utilizado no sentido de *make*, ou seja, *fashioning something*.

visual"). Nessa associação, é interessante perceber que em português "o look completo" também já foi chamado de visual ou "*visu*" (numa abreviação que pode trazer impresso um sentido de ironia), seguindo a mesma lógica da língua inglesa.

Recupera-se do *corpus* a palavra **vestimenta**, muitas vezes utilizada como sinônimo de vestuário, operando num sentido mais genérico: qualquer objeto ou roupa que pode ser usado para cobrir o corpo. Empresta-se aqui a noção de Castilho (2004) para situar **vestuário** como um “conjunto de **trajes** e acessórios ornamentais que plasticamente revestem e se articulam ao corpo humano” (Castilho, 2004, p. 42). Seguindo a ordem associativa, compreende-se por **traje** algo muito próximo de costume, no sentido de tradição, hábito, algo num valor de permanência, trazendo consigo a noção de estilo como algo para distinguir um povo, classe ou período.

Para **costume** vale abrir parênteses: a palavra pode ser a tradução de traje na língua inglesa, mas também pode deslizar metaforicamente para outro sentido: o de fantasia.¹⁶ Em português, encontra-se para costume a ideia de hábito, prática regular e também modo de pensar e agir, o que nos leva direto de volta à *modus/mode/moda*, mostrando os avessos dessa costura labiríntica. Segundo Gilda de Mello e Souza, autora do clássico *Espírito das Roupas*, “costumes são tipos de comportamento social relativamente mais pertinentes e, posto que mudem, acarretam uma participação menos ativa e consciente do indivíduo” (Souza, 1987, p. 20). A autora recupera em Gabriel Tarde que “costumes cultuam o passado, ligando-se assim à tradição” enquanto a “moda cultua o presente, adotando sempre a novidade” (p. 20) como poderá ser visto no próximo tópico. Para Elizabeth Wilson, “a moda é o traje, na qual a característica fundamental é a mudança rápida e constante de estilos. A moda, num certo sentido, é mudança, e nas sociedades ocidentais modernas não existe roupa fora de moda, a moda estabelece os termos de todos os comportamentos em relação ao modo de vestir” (Wilson, 1985, p.14).

Vê-se em Wilson e em Souza um sentido específico para traje que traz consigo o deslizamento de **estilo**. Para conceituar estilo de forma breve, sem entrar num território disciplinar específico, pode-se recorrer ao sentido dicionarizado. Nele, encontramos mais uma vez a palavra modo - vista na etimologia de moda - aparecendo aqui como modo característico - maneira ou conjunto de características - de expressão de uma época, grupo, classe, profissão ou atividade social. No latim *stilus*, a palavra nomeava um instrumento que funcionava como uma caneta, com haste pontiaguda, espécie de estilete, usado para escrever em tábuas enceradas. Curiosamente, por relacionar-se diretamente à escrita, o *stilus* passou a designar a forma que alguém usava para

¹⁶ Pensar em fantasia nos leva a uma série de correlações e sentidos outros que também são pertinentes à roupa e a esta pesquisa, trazendo um fantasiar psicanalítico, a sedução, temas que retomaremos mais adiante.

se expressar pela escrita, desdobrando-se com o tempo para a expressão pessoal através das roupas.

Finalmente, chega-se aqui à noção de indumentária que recupera o sentido de **indumento**: revestimento da epiderme (de um vegetal) assim como escamas, pelo e glândulas. Assim, através dessa ideia de recobrimento, criou-se associação direta ao ato de vestir, trazendo **indumentária** como aquilo que alguém usa para vestir e cobrir, relacionando-se a estilo e traje no sentido de conjunto de peças utilizado em determinada época, região ou povo. Em inglês, para pensar indumentária, podemos trazer o vocábulo *clothing*, que é encontrado também na forma substantiva *cloth*, pano ou roupa, ligando tais verbetes a adorno e decoração.

Pretende-se aqui chamar a atenção para o vocábulo “fato” ser uma outra palavra que desliza de maneiras bastante interessantes para este trabalho. Sinônimo no português (Portugal) para **traje**, cujo significado institucionalizado foi descrito anteriormente, pode-se observar que “fato” é também uma palavra carregada de sentidos para a Análise de Discurso, algo que é possível ver funcionando, principalmente, através do conceito de “fato de linguagem”.

“Já poderia iniciar dizendo que a Análise de Discurso que pratico levou a sério a afirmação de Saussure de que a língua é fato social” (Orlandi, 2011, p. 22). Os estudos linguísticos de F. de Saussure provocaram uma verdadeira revolução no campo da Linguística. Suas ideias levaram à criação da dicotomia entre língua e fala, apresentando como fato da língua (*langue*) aquilo que apontava para o lado social, enquanto o ato de fala (*parole*) como pertencente à esfera individual.

Apesar da inegável importância dos estudos de Saussure, vale reforçar que a língua trabalhada pela Análise de Discurso é diferente daquela da Linguística que ele trabalhava. Acreditava-se na possibilidade de existência de uma transparência e autonomia, enquanto a língua do analista de discurso é da ordem material, sistema sujeito a falhas, tendo a ideologia como constitutiva do sujeito e da produção dos sentidos. A língua é apenas relativamente autônoma, uma vez que sujeito e situação também estão postos neste cenário.

A Análise de Discurso faz um deslocamento frente à essa divisão língua/fala, reunindo língua e discurso, ligando “a língua e a exterioridade, a língua e a ideologia, a ideologia e o inconsciente” ao compreender que o campo do dizer está muito além dessa suposta autonomia que coloca a fala e o sujeito como fonte original e absoluta. A AD, ciência fronteiriça, de entremeio, empreendeu dessa maneira um importante desmanche teórico do estabilizado saussuriano retirando a dicotomia língua/fala e instaurando a relação língua/discurso e assim redefinindo o próprio conceito de língua para a Linguística. Pensar em termos de discurso é pensar no funcionamento do texto, referindo-o à exterioridade que não é só o “lá fora”, mas sobretudo uma exterioridade constitutiva. Sujeito não é origem e situação não é empírica. É da forma

material linguístico-histórica, fazendo intervir o interdiscurso como um saber da ordem discursiva (memória), que atingimos o princípio de que a materialidade da língua é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua, numa relação entre estrutura e acontecimento. “Esta relação entre a língua – como sistema intrinsecamente passível de jogo (jogo em e jogo sobre) – e a discursividade – como inscrição de efeitos lingüísticos materiais na história” (p. 24).

Essa escuta construída pelo analista de discurso sai, então, dos dualismos (saussurianos e outros), não reduzindo o simbólico e muito menos sendo surdo ao significante. É da sociedade, do mundo, do estabilizado, sedimentado, da construção de já-ditos através dos tempos, espaços e posições que se constitui nosso dizer.

Até este momento do tópico 2, o objetivo principal foi iniciar a associação entre palavras recorrentes no campo teórico da moda, trazendo-as do corpus bibliográfico, das entrevistas e dos dicionários e observando o deslize de um sentido em outro. Mais adiante, será trazido o enfoque sobre o processo de construção desses dizeres, explicitando quais são os efeitos do já-dito naquilo que dizemos. No próximo tópico, aparecerá a questão do texto e sua importância para pensar sobre as roupas e adornos vestíveis.

1.3 Corpo do texto: roupa discursiva

A análise do discurso parece ser a ferramenta perfeita - da imperfeita ferramenta que é a linguagem, para fazer menção a Paul Henry (2013) - para analisar o vestir. Cada seleção de elementos e adereços constrói diferentes enunciados e formas de enunciação – identidade - que vão provocar efeitos de sentido diversos. Os looks montados na soma das peças do vestuário não são apenas mensagens a serem decodificadas, são efeitos de sentidos, produzidos em condições determinadas e que, de alguma forma, estão presentes no modo como usamos as roupas, dizemos algo com elas e deixamos vestígios. O funcionamento da Moda põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela história, memória e suas roupas, num complexo processo de constituição desses sujeitos e na produção desses sentidos.

“O discurso é sempre incompleto, assim como são incompletos os sujeitos e os sentidos” (Orlandi, 2001, p. 92). Assim como escolhemos palavras para construir nossos discursos, escolhemos roupas para discursar com nosso vestir - consciente ou inconscientemente. “Há muitos modos de significar e a matéria significante tem plasticidade, é plural. A relação do

homem com os sentidos se exerce em diferentes materialidades, em processos de significação diversos” (Orlandi, 2002, p. 31) e um deles, sem dúvidas, é a roupa.

Retomando a discussão que foi esboçada no tópico 1 sobre roupas serem uma peça, peça *qualquer*, outra possibilidade teórica se abre. O seguinte questionamento: seriam cada uma das roupas (e adornos vestíveis) uma peça de linguagem? Em seu artigo Texto e Discurso, Orlandi inicia dizendo que “texto é uma peça de linguagem, uma peça que representa uma unidade significativa” (2012, p.111). E não teríamos nós o hábito de chamar cada um desses adornos vestíveis de peça? Se é reiterado ao longo desta pesquisa que Moda é Linguagem, roupa, então, torna-se texto, uma peça de Linguagem.

“A vocação da linguagem é ser texto. Basta termos um ou dois elementos e “tentamos” inferir deles sua textualidade, seu sentido; procuramos construir um texto com eles, procuramos neles uma formulação” (2001, p. 17). Se de um lado é estabelecido que o texto é restrição, por outro, pelo viés da textualidade, existe a possibilidade de formulação em suas diferentes materialidades. O texto é uma unidade que se impõe sobre suas partes, num continuum da discursividade (p. 13). Deste modo,

A análise de discurso é a disciplina que vem ocupar o lugar dessa necessidade teórica trabalhando opacidade do texto e vendo nessa opacidade a presença do político, do simbólico, do ideológico. Lugar em que se reconhece a impossibilidade de um acesso direto ao sentido e que tem como característica considerar a interpretação como objeto de reflexão (Orlandi, 2001, p. 21).

Os sujeitos não conseguem alcançar a maneira como os sentidos já fazem parte da memória, pois os sentidos já estão lá antes que se faça sentido e, assim, acessamos apenas a instância da formulação no processo interpretativo. Pensar o texto dessa maneira é criar condições que permitam observar a ideologia e, portanto, o funcionamento do discurso. É compreender o texto não mais como preexistente, e, sim, apreendê-lo em sua forma material, parte do processo pelo qual acessamos a discursividade.

A Análise do Discurso tem como unidade complexa de significação o texto. O objeto teórico é o discurso e o objeto empírico (analítico) o texto. Para Eni Orlandi (2001), a noção de texto pode ser aplicada tanto ao verbal (escrito ou oral) como ao não-verbal, uma vez que um texto é muito mais do que uma frase longa ou uma soma de frases. A autora traz a noção de que texto é uma totalidade com qualidade particular e natureza específica.

Há uma materialidade específica nesta pesquisa, a roupa, tomada em sua dimensão ampla que envolve todos os ornamentos e acessórios que a moda coloca à disposição dos sujeitos. A

discursividade da moda textualiza nos diferentes artefatos vestíveis que analisamos e que nesta pesquisa se fazem presentes também na bibliografia estudada, documentos e entrevistas.

O texto é um momento fundamental da significação para o sujeito que, ao dizer (assim como ao se vestir) de um modo e não de outro, define a maneira como um sentido faz sentido, não só para ele mesmo como para os outros, para a sociedade na história em que vive.

Somos sujeitos capazes de dizer ao mundo, de compreendê-lo e, principalmente, de nos dizer, ou seja, de textualizar. Em *Discurso e Texto*, Eni Orlandi (2001) comenta que, na AD,

“quando pensamos o texto pensamos: em sua materialidade (com sua forma, suas marcas e seus vestígios); como historicidade significante e significada (e não como documento ou ilustração); como parte da relação mais complexa e não coincidente entre memória /discurso/texto; como unidade de análise” (p. 12).

Ao utilizar a base teórica da Análise de Discurso para compreender como o objeto simbólico desta pesquisa produz sentidos, a roupa passa, então, a ser tratada como unidade de análise, ou seja, como texto. “A compreensão procura a explicitação dos processos de significação presentes no texto e permite que se possam “escutar” outros sentidos que ali estão, compreendendo como eles se constituem” (*Ibid.*). Um texto pode progredir para diversas direções, relacionando-se com outros textos e com tudo aquilo que ele não é, tendo como constitutivo também o espaço simbólico entre enunciados. Deste modo, “embora o texto se apresente ao analista como unidade imaginária, enquanto manifestação material concreta do discurso ela se oferece como um excelente observatório do funcionamento do simbólico” (*Ibid.*).

Partindo do pressuposto de que roupa é texto, busca-se o conhecimento a partir do próprio texto, compreendendo sua materialidade simbólica própria e significativa, sua espessura semântica e, portanto, a roupa é tomada em sua vertente discursiva. Assim, ela pode ser compreendida “enquanto manifestação material concreta do discurso”, forma como ela se oferece num “excelente observatório do funcionamento do simbólico”. Só assim se faz possível entender como uma roupa está investida de significância para e por sujeitos, explicitando como ela organiza os gestos de interpretação que relacionam sentido e sujeito, produzindo novas práticas de leitura possíveis. Assim, nomeia-se aqui o que será tratado como **roupa discursiva**.

Como na linguagem, a Moda está materializada na ideologia e a ideologia se manifesta nas roupas. Sabendo que ‘não há discurso sem sujeito, nem sujeito sem ideologia’ e nem uma forma do sujeito existir que não seja vestindo-se, as roupas só podem fazer sentido para os homens na medida em que os indivíduos são interpelados em sujeitos pela ideologia. “Tratar da questão da ideologia, ao pensar o texto dessa maneira, é criar condições teóricas, metodológicas, para podermos observá-la. E observá-la é observar o funcionamento do discurso” (Orlandi, p. 13). É

nesta conjuntura que se faz possível pensar no texto em sua forma material “como parte de um processo pelo qual se tem acesso indireto a discursividade” (*Ibid.*).

Sujeitos e sentidos estão sempre em movimento, significando de muitas e variadas formas. Uma delas é através da vestimenta: “falamos a mesma língua, mas falamos diferente” (Orlandi, p. 24), vestimos as mesmas roupas, mas vestimos diferente (uns dos outros). Aparentemente, as roupas são sempre as mesmas, mas ao mesmo tempo são sempre outras. Em AD, fala-se das margens do dizer, termo que é emprestado aqui para vesti-lo como: **as margens do vestir**. O que usamos numa dada circunstância também é usado em outros lugares, assim como o que não é usado e o que poderia ser usado, produzindo dizeres múltiplos.

Com a costura dessas áreas, o grande ganho é a possibilidade de problematizar as maneiras de ler a Moda, levando os sujeitos sociais que se vestem, que produzem as roupas, que trabalham com moda e que leem automaticamente os sujeitos em seu cotidiano a se colocarem questões nas diferentes manifestações do vestir. Para Orlandi, o discurso é um processo contínuo e o texto é uma unidade que se impõe sobre suas partes, ou seja, não se esgota em uma situação particular. Assim como “outras coisas foram ditas antes e outras coisas serão ditas depois”, roupas também foram usadas antes e serão usadas depois” de nós e de nossos corpos. Tanto no sentido metafórico como literal. “Movimento dos sentidos, errância dos sujeitos, lugares provisórios de conjunção e dispersão, de unidade e de diversidade, de indistinção, de incerteza, de trajetos, de ancoragem e de vestígios: isto é discurso” (Orlandi, 2015, p.8) e, portanto, território da roupa discursiva. O que se constituiria como o ritual da palavra, traveste-se no ritual do vestir. Mesmo o das roupas que não se vestem, nem nunca voltarão a ser vestidas.

Penso a roupa e os adornos vestíveis através do discurso, trazendo toda a especificidade dessa reflexão frente a outros estudos acadêmicos de Moda. É na contradição entre unidade e diversidade, inscrita no objeto da Língua (mostrando que há na verdade AS Línguas), que espelho a contradição constitutiva do sujeito na relação com a roupa e sua identidade. O único e o diverso operam tanto em sua formatação visual quanto na Linguagem. Por isso, mostra-se tão fértil a aliança deste campo de conhecimento com a Moda. Não se trata aqui de anexar a AD à Moda, criando um erro teórico irreversível, e, sim, de compreender que o objeto de análise desta pesquisa é o discurso, seja o discurso da moda, das roupas, dos sujeitos que a vestem, mas sempre o discurso. Para que haja investigação de sentidos, é preciso haver sentidos e para que eles existam “é preciso que a língua se inscreva na história. A discursividade é justamente definida por este fato, por essa inscrição” (Orlandi, 2004, p. 18). Quando se pensa discursivamente a roupa, depara-se com os mesmos limites estritos da linguagem, que coloca a relação entre **o mesmo e o**

diferente. Daí, considera-se aqui que todo o funcionamento da Moda e do vestir se assenta também na tensão entre processos de paráfrase e polissemia, condição de existência dos sujeitos e sentidos.

Os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo vestir há sempre algo que se mantém, que podemos chamar de vestível. Trata-se da dimensão da memória, do que já está estabelecido. A paráfrase representa o retorno aos mesmos modos de vestir. Produzem-se diferentes formulações de um mesmo vestir sedimentado. Ao passo que, na polissemia, o que temos é deslocamento, ruptura de processos de significação. Anseia-se aqui problematizar as maneiras de vestir, levar o sujeito que se veste de maneira automática a se colocar questões sobre o que veste e consome nas diferentes manifestações da moda. Perceber que não podemos não estar sujeitos à moda e, assim como na língua, à sua opacidade.

Diante de qualquer fato, ou de qualquer objeto simbólico, somos instados e provocados a interpretar. Assim, dado que a roupa é um objeto simbólico comunicante, ao nos vestirmos, interpretamos; ao nos relacionarmos com seres vestidos, interpretamos. Toda vez que nos vestimos, ao aproximarmos a roupa de nossa intimidade, de nossos corpos, produzimos uma revolução na rede de filiação dos sentidos. É como se nos vestíssemos com roupas já vestidas, não apenas no sentido literal do uso, mas no sentido simbólico.

A AD coloca a interpretação em questão, buscando compreender como os objetos simbólicos carregam sentidos, analisando esses gestos de interpretação, atos no domínio simbólico que intervêm no real do sentido. A roupa, enquanto objeto simbólico, está investida de significância para sujeitos e por sujeitos. Faz-se necessário ir além das superfícies das evidências de uma roupa, para além do domínio das aparências. Em uma mesma roupa usada de formas diferentes, por corpos diferentes, podemos ler diferente. As memórias do sujeito e as circunstâncias do vestir mostram que os sentidos não estão só nas roupas, mas na relação delas com a exterioridade, nas condições em que são produzidas e usadas, indo muito além e independentemente das intenções dos sujeitos.

Assim, existiriam duas forças que trabalham continuamente o vestir, de tal modo que toda roupa discursiva se encontra no imbricamento de tal tensão: entre o mesmo e o diferente, o Eu e o Outro. E é nesse jogo entre paráfrase e polissemia, entre o já vestido e o a se vestir que os sujeitos, as roupas e os sentidos se movimentam, fazem seus percursos e significam.

Como pontua Eni Orlandi (2012), leitura pode ser compreendida, em termos gerais, como atribuição de sentidos. Fazemos isso tanto quando nos vestimos, lendo as possibilidades de roupas e suas combinações, como quando vemos os outros vestidos, julgando-os, avaliando-os,

observando-os, lendo-os. Qualquer exemplar de linguagem, independentemente de ser de natureza verbal ou não-verbal, oferece a possibilidade de leitura. Para análise de discurso, leitura possui um outro sentido atribuído para além das noções de alfabetização ou construção de aparato teórico e metodológico de aproximação de um texto. Para a AD, trata-se de interpretação e compreensão.

Sobre as interpretações e julgamentos da moda vistos no primeiro capítulo, cabe ser trazida uma problematização de Orlandi (2012): o que faz um texto ser legível? Assim como se fala, no senso comum, que um texto bem escrito é legível, pode-se pensar de maneira semelhante sobre roupas. Uma combinação bem-feita de peças, adereços e aparatos mesclados ao tipo de corpo, à ocasião, idade, época e a outras convenções seria o que elevaria uma pessoa ao status de bem-vestida. Mas cabe trazer as questões de Discurso e Leitura para este universo: ‘bem vestida para quem?’, ‘correta (legível) para quem?’. Orlandi (2012, p.10) afirma que “a leitura, portanto, não é uma questão de tudo ou nada, é uma questão de natureza, de condições, de modos de relação, de trabalho, de produção de sentidos, em uma palavra: de historicidade”. Diante disto, é preciso não ceder à análise redutora que seria dizer “é usável/bonito/correto”. Quando? como? para quem? onde? em que situação? em que época? Perguntas que revelam a natureza histórica, social, linguística, ideológica de um vestir.

Há um leitor virtual inscrito no texto, constituído no próprio ato de combinação de elementos num look, por isso, seria totalmente inútil dizer “me visto só para mim e não penso em nada”. No ato de autoria, quando nos vestimos há um jogo secreto sendo jogado sem nos darmos conta: as formações imaginárias. Nosso texto se dirige sempre a alguém, este leitor imaginário que pressupomos, sendo um cúmplice ou adversário, não importa. Quando lemos um look, somos os leitores reais, encontrando um texto que já possuía um leitor constituído de forma imaginária. Este jogo de confronto entre leitor real e leitor virtual nos diz que não estamos nos relacionando apenas com o texto, mas com outro sujeito (imaginado).

O mais interessante dessa discussão para a moda é nos retirar da objetividade do mundo das roupas, que as fixa apenas na mediação, ato que além de absolutizá-la, nos faz perder sua camada mais importante: da significância (encontrada em sua historicidade). Esta historicidade é encontrada no texto (roupa), mas existe, para além dele, na ação de leitura e em sua produção. Assim sendo, entende-se que “a leitura é o momento crítico da produção da unidade textual, da sua realidade significativa” (Ibid, p. 11).

Na relação leitor-autor, mediada pelo texto, há modos de leituras possíveis, propostos e pressupostos e que vão depender da forma de relação dos leitores com o texto. Sujeitos e sentidos são elementos de um mesmo processo, o da significação, que fazem cair por terra ideias como a

de um sujeito onipotente que se veste na posição de quem controla as intenções e o percurso de significação do texto (roupa), a ilusão de transparência da roupa que fala apenas por si, com apenas uma significação e a existência de um leitor onisciente, capaz de uma compreensão tal que forneceria a ele acesso a todos os sentidos em jogo.

É na relação da posição histórica e socialmente determinada que o simbólico e o imaginário, o linguístico e o ideológico se somam, formando as condições de produção da leitura, na relação tensa entre paráfrase e polissemia. Para os analistas de discurso, o ato de leitura considera não apenas o que está dito, mas aquilo que não está dito e que, ainda assim, significa em sua incompletude constitutiva. Há várias naturezas para o não-dito como “o que não está dito mas que, de certa forma, sustenta o que está dito; o que está suposto para que se entenda o que está dito; aquilo a que o que está dito se opõe; outras maneiras de se dizer o que se disse e que significa com nuances distintas etc.” (*Ibid*, p.13).

Um texto não o é sozinho, seus sentidos não estão necessariamente ali, na materialidade daquela roupa que vemos e vestimos, pois um texto se relaciona com outros, outras roupas possíveis, existentes ou imaginadas. Um texto diz e, sobretudo, diz sobre o que não diz, mas poderia dizer, uma roupa fala e se relaciona com os discursos de outros textos, de outras roupas. Seria o equivalente a pensar numa intertextualidade da roupa, cujos sentidos passam pela sua relação com outras. O mais incrível é que isso pode acontecer num próprio look, num mesmo sujeito. A combinação desta unidade de texto com a variância possível pode resultar num sentido outro, por exemplo: se eu visto uma camiseta branca básica com um jeans, há um tipo de dizer; se eu troco a unidade calça por uma saia de tule bordada, um outro sentido se descortina ali mesmo, em meu corpo, no momento em que me visto e isso impacta não só na autoria como na leitura. Desta forma, a autoria na moda pode ser vista como um processo próprio de leitura que desemboca numa abertura a leituras outras, minhas e de outros, em mim e em outros corpos.

Voltando às posições sujeito, o que faz com que alguém saiba ler a moda, tornando-se autoridade como profissional, é saber o que a roupa diz e o que ela não diz, mas a constitui significativamente, é saber aquilo que não necessariamente está visível, mas ainda assim a constitui. E o peso da palavra ou da análise deste leitor é determinado por uma relação de forças, entre quem fala e quem lê, posicionados em determinados lugares sociais como interlocutores, dançando este balé que é o processo de significação. O que significa que os sentidos de uma roupa, assim como do texto, estão determinados pela posição que ocupa o sujeito que veste (e assim fala) e seu leitor. Portanto, é indispensável pensar na relação da roupa discursiva com outras formações discursivas possíveis, imaginárias e as formações ideológicas.

Uma formação discursiva (o look) se relaciona a outras e é isto que possibilita a existência de diferentes leituras. Só deste lugar se poderia dizer que uma leitura de um look compreendeu mais ou menos e que aquele autor usou aquilo como deveria ou não. Uma roupa pode significar tudo. Nessa multiplicidade de sentidos atribuíveis, há a chancela da determinação histórica que delimita quais sentidos serão lidos e quais não serão. Ninguém se veste só porque quer, do jeito que quer e para qualquer um ou ninguém. No ato de formulação de um look e da sua compreensão (leitura) há algo de natureza outra, um sentido regulado.

As palavras mudam de sentido ao passarem de uma formação discursiva para a outra, assim como roupas se ressignificam a cada look e/ou a cada corpo. Em análise de discurso, além das intenções, contam as convenções, o dizer em sua relação com a ideologia, pois “o sujeito que produz linguagem está reproduzido nela, acreditando ser a fonte exclusiva de seu discurso quando, na realidade, retoma sentidos pré-existentes. A isso chamamos “ilusão discursiva do sujeito”” (Orlandi, 2012 p. 24).

Nesta pesquisa, ancorados em Orlandi (2015, p. 13-14), o objetivo é compreender como os sujeitos significam a si mesmos e aos outros, como o corpo vestido significa e para quem. O conceito de comunicação é aqui colocado em pausa e, em seu lugar, adota-se o conceito de discurso, pois acreditamos que a linguagem serve para comunicar e não comunicar, então extrapola a noção de comunicação em si.

Retomando Benveniste, Orlandi (2001) afirma que “a unidade não preexiste ao emprego”, o que, aplicando ao nosso terreno em questão, nos leva a pensar que a unidade roupa não preexiste ao seu uso. Ela existe enquanto materialidade, mas se refaz em termos de sentido enquanto é usada, enquanto circula. A roupa é produto e a cada uso a mensagem vai se reelaborando.

Capítulo 2: Moda, linguagem: o que há entre nós

“Eu acho que vestir é uma espécie de brincar de boneca, quando eu me visto eu brinco de boneca comigo, assim... eu gosto dessa possibilidade de me mudar, eu vou morrer gostando de mudar de roupa, entendeu? Risos!”
(Entrevistado 10)

Quando nos relacionamos com o vestuário e seus adereços, em nós e nos outros¹⁷, estamos nos conectando inevitavelmente com a memória e com a história, pois, como dito anteriormente, é no funcionamento da linguagem que está a relação entre sujeitos e sentidos, memória e história. É preciso que se compreenda que, assim como estamos comprometidos com a Linguagem, não há como fugir da Moda, já que é no ponto nodal entre sujeitos, sentidos e roupas (vestidas por sujeitos determinados a significar) que este trabalho se inscreve. Ao contrário do que se pensa, não há neutralidade nem no uso mais automático e cotidiano das roupas, quanto mais nas relações de sentido entre o corpo, o eu e a prática de cobrir ambos.

Além da impossibilidade de fuga, devido à sua não neutralidade, certos funcionamentos comprometem ainda mais a relação do indivíduo com aquilo que irá vestir. Os recortes deste capítulo mostrarão, por meio dos dizeres dos entrevistados, que o sujeito do dizer, ao ter que se vestir, terá como determinante na relação pele e tecido mais que “escolhas” e desejos, terá a memória em pleno funcionamento marcando esta relação. A memória consolida a materialidade simbólica e histórica do vestuário, antes mesmo do sujeito se fazer vestir por ela. Memória que determinará a relação espaço, cotidiano e “peças” a serem usadas. Outro movimento também se dá neste espaço entre sujeito, memória e vestuário: a imagem que o sujeito fará de si ao vestir determinada materialidade já revestida de sentido. A não neutralidade reside na combinação de determinantes históricos e discursivos antes do sujeito sequer escolher (e lidar com os efeitos de sua escolha). A linguagem, assim como a Moda, reveste toda a relação do eu com o não eu, do corpo aos objetos sociais para o corpo, do espaço às relações que determinam como e *o que* o corpo deve dizer.

No funcionamento da linguagem, certos sentidos são fixados, enquanto outros não. O responsável pela sedimentação é o próprio processo histórico que institucionaliza um sentido dominante, conferindo legitimidade e a ideia de um sentido oficial e oficializado. Na relação

¹⁷ Relembrando as nomenclaturas “sujeito que veste a si” e “sujeito que veste o outro”.

moda e linguagem, consequentemente, há a cristalização dos sentidos que tecem a materialidade das vestimentas, como também há um jogo de poder no interior da/na linguagem que ora manuseia via repetição o oficial da moda, ora institucionaliza a ruptura. Jogo também não isento da ação da ideologia.

Na de-superficialização produzida pela análise do discurso, refuta-se a ideia de um sentido central, único, nuclear e hierarquicamente mais importante que outros, considerando que há uma dominância em certas condições de produção, mas que nem por isso a relação deste sentido com outros será desfeita, já que todos os sentidos são possíveis e “não há um centro e suas margens, há só margens” (Orlandi, 2012, p. 26). E aqui, nesta pesquisa, há as margens do vestir.

Neste capítulo, investiga-se o papel da história nos discursos de moda, colocando a história em cheque, problematizando o excesso de historicismo na narrativa da história da moda. Além disso, um momento específico será analisado com especial atenção pelo viés do conceito de interdição: as Leis Suntuárias.

2.1 Entre nós: fios emaranhados

Recorte [6]

S4: (...) o que me move, literalmente eu sou movida, parece uma coisa **fútil**, mas é de verdade é uma coisa que inspira meu dia pensar em roupa pensar em cor, pensar em combinação, olhar as outras pessoas, elogiar as outras pessoas, eu amo reparar e falar assim “cara hoje você colocou vermelho olha que incrível”.

Quando o sujeito do dizer se posiciona a respeito da Moda, pontuando-a como fútil¹⁸ ou supérflua, o que ocorre é que o sujeito interpretante - que também se veste para poder existir na sociedade - está caindo numa armadilha já conhecida no campo da linguagem. Na ilusão, o sujeito-que-veste-a-si pressupõe que está no controle e que há escolhas, como, por exemplo, escapar ou se opor à Moda. A ilusão ocorre, conforme Pêcheux, porque o sujeito não consegue encarar sua subordinação e seu assujeitamento ao Outro, uma vez que

próprio de toda formação discursiva é dissimular, na transparência do sentido que nela se forma, a objetividade material contraditória do interdiscurso, que determina essa formação discursiva como tal, objetividade material essa que reside de que “algo fala”

¹⁸ Vale aqui lembrarmos do uso de Modinha no diminutivo no referente Moda no primeiro capítulo. E os sentidos que podem se abrir por esse uso.

(ça parle) sempre “antes, em outro lugar e independentemente”, isto é, sob a dominação do complexo das formações ideológicas (Pêcheux, 2014, p. 149).

Não somos conscientes de todos os sentidos daquilo que vestimos, compramos e consumimos. Uma Moda transparente (à parte do social, histórico e ideológico) é impossível. Todas as roupas que usamos, garimpamos e herdamos já fizeram parte das engrenagens do Sistema da Moda em algum momento. Ao posicionar-se de tal maneira, o sujeito supõe que exista um lugar onde seja possível não estar sujeito à Moda, mas a notícia para ele é que não há um vestir puro e simples, que fuja de sentidos pré-estabelecidos.

Como ressalta Wilson (1985), até as pessoas decididamente fora de moda vestem roupas e, ainda que se posicionem manifestamente contra o que está na moda, “estar fora de moda não é fugir a todo esse discurso... Até o vestuário mais desleixado pode de um momento para outro ser aceito e transformar perversamente numa moda apaixonada” (p. 9). Julgar-se diferente da moda vigente é ser menos diferente do que se pensa, toda maneira de se vestir é determinada pela Moda de algum lugar, de alguma época, algum estilo, alguma marca. Você pode estar fisicamente ou cronologicamente na contramão do que é considerado atual, mas completamente fora da moda é impossível. “As roupas não são superficiais, elas são o que faz de nós o que pensamos ser” (Millner, 2013, p. 22) e, ainda, “o problema de se ver o vestuário como a superfície que representa ou deixa de representar o cerne interior do verdadeiro ser é que tendemos a considerar superficiais as pessoas que levam roupa a sério”. (p. 23).

O movimento de sentidos que desemboca na fraude que a Moda significaria para alguns fez com que Malcolm Barnard (2003) elaborasse alguns argumentos retóricos buscando rebater esses já-ditos. A justificativa mais óbvia, segundo ele, seria:

dizer que a moda parece ser necessária ou inevitável, dada a organização social e econômica da maior parte do mundo. (...) a moda é um produto de uma sociedade com mais de uma classe no seu interior, e onde o movimento ascendente entre as classes é tão possível quanto desejável. Parece então que, logo que uma sociedade desse tipo exista, tão logo haja uma moderna sociedade capitalista, existe moda. (p. 16).

Outro movimento frequente, que opera silenciosamente, é a hierarquização de assuntos por importância. Isso movimenta um sentido que coloca a moda na posição de assunto menos importante frente a outros supostos grandes assuntos que mereceriam mais atenção. Como o autor argumenta, o corte de roupa não é trivial da mesma forma que a justiça social não o é,

no sentido que todos são ou podem ser tratados como fenômenos culturais (...) formas pelas quais um grupo é capaz de identificar-se e constituir-se (...) expressar suas esperanças, medos, crenças sobre o mundo e as coisas nele existentes. Como um grupo

responde à questão de milhões de famintos é tanto uma resposta cultural quanto o modo pelo qual ele responde ao corte da roupa e a importância relativa que ele dá a essas classes (*Ibid*).

Vestir o corpo é uma dessas formas de encontrar a identidade no mundo, buscando afirmação não apenas para o outro, mas para si mesmo. Identificação e alteridade, semelhança e diferença, cópia e distinção, mimetismo e metamorfose, são as engrenagens dicotômicas da moda e os mecanismos de defesa do homem. Se o corpo, com seus orifícios abertos, é em si mesmo perigosamente ambíguo, então a roupa, que é uma extensão do corpo, mas que não é exatamente uma parte dele, não só liga esse corpo ao mundo social como também o separa ainda mais nitidamente dele. Como afirma Wilson, “isto transforma o vestuário num território difícil porque nos obriga a reconhecer que o corpo humano é mais do que uma entidade biológica. Ele é um organismo de cultura, até mesmo um artefato cultural, e as suas próprias fronteiras não estão bem definidas” (1985, p. 13) e os limites pouco claros podem perturbar a nossa espécie, pois “os sistemas simbólicos e os rituais foram criados em muitas culturas diferentes de modo a reforçarem as fronteiras, já que elas salvaguardam a pureza” (*Ibid.*).

Para esta pesquisa, o papel simbólico, comunicativo e estético da vestimenta e seus adornos agirá em três esferas. A primeira é entendida como uma barreira entre o mundo público e o mundo privado. O corpo nu que vive por baixo dessas camadas construídas dialoga intimamente com elas, dando-se conta de sua vulnerabilidade e se protegendo através desse limite, “barreira que tentamos constantemente quebrar como uma fronteira que ousamos atravessar” (*Ibid*, p. 19). Estas roupas são “simultaneamente defesa e ataque, escudo e espada” (*Ibid.*).

A segunda esfera, por sua vez, é amparada pela definição de fronteira já colocada por Malcolm Barnard. O corpo nu que vive, veste-se com camadas pré-construídas e emaranhadas ao interdiscurso. O corpo nu dialoga interna e intimamente, porém, com suas “escolhas” para não estar mais nu, define *aquilo* ou *aquele que* estará entre aquilo que *nunca* diz e aquilo que *sempre* dirá. Espaço fronteiro e conflitivo, pois dá formas à própria forma do sujeito-que-veste-a-si, como a forma do sujeito-que-se-mostra-a-si. Conflito que também é gerado pela contradição do encontro com o próprio eu e o outro.

Por fim, o papel simbólico, comunicativo e estético da vestimenta também inclui uma outra esfera, além de agir como barreira e fronteira, pode agir como ponte, ou seja, interligação. O vestuário é a ponte entre o eu e o não eu, pois ele fala daquilo que está externo para aquilo que está interno, assim como age no papel de porta-voz, falando *daquilo* e *o que* que são internos,

para *aquilo* que é externo. Uma ponte que se constrói na e depois da barreira, entre a fronteira, ligando mundos. Os dizeres abaixo evidenciam os funcionamentos descritos acima.

Recorte [7]

S7: porque... é **aquilo** que eu disse, não só roupas... falando basicamente sobre roupas que acho que é o objetivo... Cara, **elas falam o que eu sou**. Então **quando eu tô num lugar** e não abro a minha boca eu já tô me comunicando, com o meu look, com meu cabelo, com meu corpo, como ele se mexe e como tudo isso se apresenta **numa unidade só que sou eu**, né?

O Recorte [7] dá uma amostra das esferas de ação e atuação da “roupa” como material simbólico para constituição da forma-sujeito eu-que-veste-a-si. O sujeito falante se encontra no espaço da forma-sujeito eu-que-veste-a-si, definindo limites no “*é aquilo que eu disse*”. A materialidade “roupa” será dita, *é o objetivo*. Contudo, ao invés de uma definição conceitual e definidora, para o sujeito-que-veste-a-si, primeiramente, roupa “é”. Roupa existe no tempo e espaço, no entanto, inicialmente é tida como “aquilo”.

Não somente um “aquilo” material e simbolicamente projetado no campo social, o movimento do dizer aponta para um outro dizer que é, no entanto, marcado internamente pelo “eu” e pelo “disse”. O “eu” se põe a falar sobre *aquilo* que reveste a nudez do corpo, e preenche este espaço vazio deixado pelo “aquilo” com “não só roupas”. “Aquilo” entendido como *algo* e aquilo como *algo* dito pelo *eu*. É um gesto de recorte, um funcionamento duplo, cujo *eu* determina as barreiras do próprio eu, daquilo que é fora de si. As relações impostas por ditames e leis estabelecidas pela materialidade simbólica da vestimenta agem sobre este espaço, fato observável em “quando eu tô num lugar”.

O sujeito, ao estar *em um lugar*, *um* marcando a indefinição, recortado pela ilusão de um único *eu* - “numa unidade só que sou eu” - sabe que já estará se comunicando. “*Eu já tô me comunicando*” é a lei ao estar no espaço social, este espaço que servirá de escuta do corpo encontra já o primeiro jeito de “agarrar” alguém, pelo ouvir. O espaço ouvirá *eu corpo que fala*, ainda mais, ouvirá *ela*. Ela é a *coisa e coisas* que dizem, elas dizem sobre o *EU* e o *SOU*, pois “elas dizem o que eu sou”. Eu sou *o que*, algo interno que precisa dizer e diz ao externo, limite fronteiro entre o silêncio e o dito. Roupa se põe na *fronteira* entre o eu e o espaço reclamado no campo discursivo, fronteira entre o *eu/aquilo/lugar*, que, contudo, ao se colocar já se põe falando: fala ao externo

aquilo que é recortado feito barragem que contorna o eu interno. Fala do seu lugar fronteiro e fala do *eu*.

Recorte [8]

S2: É... **a roupa fala** né?! Querendo ou não ela fala antes da gente... não importa o lugar que a gente chega, a nossa aparência tá em primeiro lugar... independente se a pessoa te conhece ou não... De repente **onde você vai...** o que **você** vai... dependendo do que **você** vai fazer... a sua **roupa chega primeiro**.

Aqui, o sujeito-que-veste-a-si afirma novamente que a roupa “fala”, e mais fala “em primeiro lugar”, “não importa o lugar” no qual “você vai”. No Recorte [7], a roupa *é aquilo* que simbolicamente significa ao revestir o corpo. Porém, em [8], há um alargamento desta definição. O verbo trazido à cena é o *fazer*, “dependo do que você vai fazer” a roupa chega antes e antecipa a ação da prática do *eu*. O sujeito-que-veste-a-si desprende-se do si e enuncia *você*, uma posição que marca um distanciamento, ao mesmo tempo que evidencia um gesto de leitura interior, marca um gesto de leitura sobre a ação da moda no ser, um outro que é identificado no exterior e determinado pela moda.

Recorte [9]

S6: Assim, tem muito preconceito, às vezes a pessoa não se veste conforme o adequado... mas o que acontece? Ela tem um pré-julgamento. Isso é errado... porque às vezes eu posso tá do jeito que eu tô com uma camiseta e... um tênis básico, mas eu sou tipo assim, pô daora, né? Mas aí a pessoa já tem aquele pré-julgamento... ah, poxa **olha o jeito que ela vem**, sabe? Tem sim...

O Recorte [9] corrobora para as leituras anteriores. No gesto de leitura trazido pelo sujeito-que-veste-a-si, há a forte presença do outro: “a pessoa”. *Você* ou *a pessoa* está à mercê de conceitos a serem empregados sobre e por *ela*, passada por julgamento “pré” - estabelecido, marcada por um olhar analítico sobre o gesto de vir e habitar determinado espaço. “Olha o jeito que ela vem” traz em si dois gestos, duas práticas, duas ações, o *olhar* e o *vir*, ou melhor, um olhar *daquele que vê* em relação a como *ela* que *vem*. É possível identificar também que *ela*, *a pessoa*, *você*, além de passar por julgamentos, torna-se também *aquela* que julgará: “ela tem um pré-julgamento”.

O gesto de transposição do *eu* para o *você/ela* também é marcado por uma forte contradição. O eu reaparece no dizer para marcar seu lugar de não julgador, porém, acaba por julgar a si próprio ao buscar uma confirmação da forma do sujeito-que-veste-a-si, a conjunção

opositiva “*mas*” marca a abertura do caminho contrário empreendido pelo sujeito “mas eu sou tipo assim, pô daora, né?” O “o eu tipo assim” remonta ao lado interno das barreiras simbólicas construídas na interlocução entre o *eu* e o *estar* com uma “camiseta” ou “um tênis básico”, “né?” reclamará do espaço de escuta, do espaço do olhar sobre si, uma confirmação da versão criada pelo *eu* para seu estado vestido. As fronteiras entre o eu e este espaço de vestir-se é vigiado e tem como limite o adequado e o inadequado que em sua primazia já fala “a pessoa não se veste conforme o adequado”.

Recorte [10]

S2: Se **eu vou** num ambiente desse [oficina mecânica], **eu vou vestida** para me respeitar, não que eu use um decote, uma coisa assim... Mas já observando esses lugares você já vai no lugar... você já observou: quando você num lugar desses uma mulher que tá com a roupa agarrada e decotada como que ela é tratada, entendeu? E eu quero que seja tratada e me respeite porque eu não sou... não que seja uma mulher burra, uma mulher vulgar, uma mulher que não tenha conhecimento... uma mulher que esteja **vestida assim**... mas eu acho que você pode ter respeito, eu quero que respeite, eu luto por isso todos os dias...

Novamente, vê-se que a ação de *ir* a um espaço está em jogo. O dito “eu vou” remonta ao “vou vestida”, no entanto, com uma finalidade: “para me respeitar”. A barreira do *eu* é imposta em *me* a fim de construir muros à ordem de respeito. Respeito que exige um limite, o limite no nó dado entre o eu e outro, entre o como “ela é tratada” e como o “eu que quero respeito”. As esferas da barreira e dos limites são postas, sem deixar de fora do dizer a ponte que fala de mulher/pessoa: “burra”, “vulgar” e “que não tenha conhecimento”. Por fim, um dito que revela o “vestido assim”. Vestido *assim* que diz do inadequado e do adequado, do respeito e do não respeito.

Nas formulações acima, é possível observar a linguagem em funcionamento e interpelando o sujeito a dizer, como afirma Orlandi: a “linguagem passa a ser considerada no momento de sua existência como tal, ou seja, como discurso” (1984, p.10). O nó que pretendemos desatar a seguir também consiste em encontrar as tramas discursivas que tecem a moda à linguagem, ou vice e versa. O sujeito diz de um si que se veste, do outro que julga o vestir daquele que se veste e da forma como o sujeito-que-veste-a-si se utiliza para se fechar em um eu, barrado por olhares e impondo suas fronteiras. Também diz dos funcionamentos discursivos que põem em prática a contradição do sujeito que se desloca para a terceira pessoa, sugerindo estar ileso aos próprios funcionamentos em que se coloca.

Nas formulações acima, também é observável outro processo linguístico: o da repetição. Pela repetição das palavras, há todo um jogo de visibilidade do corpo do sujeito, e paradoxalmente, uma invisibilidade do *eu*. É através das roupas: a roupa aqui pode falar, pode comunicar a respeito do sujeito-que-veste-a-si e dos sentidos investidos na materialidade que torna a roupa uma peça com significância e locutora. O sujeito-que-veste-a-si ouve a roupa e, mais, torna-se seu interlocutor. O sujeito-que-veste-a-si fala da roupa, porém também fala sobre si e dos funcionamentos do imaginário.

A roupa constitui todo um circuito imaginário de funcionamento. Vemos trechos como “a roupa chega primeiro”, “olha o jeito que ela vem” e “já observando esses lugares você já vai no lugar”, temos aqui um importante mecanismo operando: a antecipação. Se nos reportamos às formações imaginárias, momento “em que o sujeito tem a capacidade de experimentar, ou melhor, de colocar-se no lugar em que o seu interlocutor “ouve” suas palavras” (Orlandi, 1999, p. 39), podemos ver como a roupa produz **relações de força**. “Segundo essa noção, podemos dizer que o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz” (*Ibid.*). Essas relações são sustentadas no poder de diferentes lugares, posições sociais, papéis que interpretamos e que “se fazem valer na “comunicação”” (p. 40), adquirindo pesos diferentes.

Tanto as relações de força como a antecipação repousam como mecanismos que fazem valer o conceito de formações imaginárias, indispensável para pensarmos o movimento de sentidos da Moda, já que a roupa é um referente poderoso para se pensar a posição e o lugar do sujeito.

Assim não são os sujeitos físicos nem os seus lugares empíricos como tal, isto é, como estão inscritos na sociedade, e que poderiam ser sociologicamente descritos, que funcionam no discurso, mas suas imagens que resultam de projeções. (*Ibid.*).

Nos trechos “**elas falam o que sou**” e “**a roupa fala**”, é possível notar que há um deslocamento imaginário para a roupa de uma força quase animalesca, como se ela tivesse autonomia para falar. Pode-se dizer que ocorre a transferência para a roupa de uma faculdade humana. Quando se volta ao capítulo primeiro onde são abordadas as funções, é curioso pensar que as roupas são o que permitem os seres humanos cobrirem-se e, assim, revelarem-se para a sociedade. Se ela é o que nos permite humanos, nós a vemos como outros humanos, mais que humanos, seres autônomos de significação. Lembrando que somos seres de linguagem, a roupa fala porque algo ali fala “antes, depois e independentemente” (Pêcheux, 2014, p. 149).

Nesta pesquisa, busca-se compreender a roupa não só como estrutura vestível, mas como um acontecimento na vida dos sujeitos significantes, afetados pela história e em sua relação com o simbólico. Para encontrar os fios *de* nós entre linguagem e moda, nesta seção, busca-se

descrever o papel do simbólico na identificação de um eu. A moda funciona, sim, como tópico para circulação do dizer, no entanto, faz funcionar todo um percurso simbólico para a separação e recorte de um eu. A barreira protege *o que* está dentro do que está fora, deixando rastros imaginários das projeções daquilo que estaria do lado de lá. Outro movimento significativo está presente, a barreira também fala do seu medo de proteção. Pela necessidade material do eu habitar com sua barreira outros espaços, preserva sua fronteira, deixando passar *aquilo* que é aceitável *àquele-que-se-veste* no lugar que o veste. O sujeito-que-se-veste-a-si possui a ilusão de ser único e de ter domínio dos sentidos que já estão impostos nas roupas que veste o corpo, assim como está iludido ao não se dar conta de que se torna um interlocutor da moda ou *daquilo* que fala sobre o outro. Passa a ser a própria voz da ideologia que quer passar invisível.

O grande ponto de virada da Análise de Discurso como um novo campo de conhecimento foi compreender a língua fazendo sentido enquanto trabalho simbólico. Ao levar em conta o homem na sua história, este campo do saber considera os processos e as condições de produção da linguagem, como já esboçado anteriormente. Sendo um ser simbólico, o homem enquanto sujeito é, antes de tudo, um sujeito que se constitui na e pela linguagem, em processos que são sociais, culturais e históricos, ou seja, tudo que vê, ouve e experimenta (guarda, compra ou usa) deve fazer sentido.

O homem está condenado a significar. Com ou sem palavras, diante do mundo, há uma injunção à interpretação: tudo tem de fazer sentido (qualquer que ele seja). O homem está irremediavelmente constituído por sua relação com o simbólico. (ORLANDI, 2002, p. 31).

Interessa-se nesta pesquisa pela Moda e pela Linguagem, não como conjuntos abstratos de regras de um bem dizer ou das normas de adequação do vestir, fechados em si mesmos, mas como demonstrações de que há muitas maneiras de se significar. Moda significa em um movimento duplo que se dá, no entanto, dentro dos funcionamentos da linguagem. O primeiro, o sujeito que é atravessado por ela, ela o escuta, ela o atravessa, ela fala por ele, o que descrevemos como movimento interno dentro de uma materialidade simbólica. O segundo, ainda perpetuado pela linguagem, ela fala em uma exterioridade do sujeito. Processos históricos, sedimentados e validados pelo dizer articulado politicamente precedem o sujeito e habitam os fios do sentido. A moda fala de sua história, da história de suas peças, das peças que fizeram história e também fala do sujeito. Por fim, mas sem esgotar os processos simbólicos deste nó, cada ato de vestir falará da intersecção do sujeito com o simbólico, do simbólico com a materialidade física e significativa da roupa, da roupa aos processos históricos que a fizeram significar. A moda fala da materialidade, do político, do ideológico e de uma prática sempre atualizada pelo imaginário do

ato de vestir. A moda é tecido do simbólico, prática de sentidos na sociedade e prática com o corpo.

Assim, transpondo para o universo analítico desta pesquisa, o que gera interesse é a relação estabelecida pela Moda com os sujeitos que a vestem e as situações em que se produzem esse vestir. Na posição de analista de discurso, a pesquisadora se posiciona frente à dimensão política e simbólica dessa materialidade, olhando para a relação roupa-eu-corpo-discurso, ou seja, tomando como fundamento de reflexão de que Moda é Linguagem, pois ambas são compreendidas em seu funcionamento. Este é o pressuposto, o ponto de partida para desenvolver esta pesquisa, ao realizar as entrevistas e empreender as análises. É nessa dimensão que se inscreve o objeto de estudo. A moda é linguagem, porque há a ordem do discurso em seu funcionamento. Porque há significação entre o sujeito e a materialidade simbólica que a moda estabelece em sua constituição. Porque está inscrita e inscreve o dizer, tece a história ao mesmo tempo que é conservada por ela.

“Mal nasceu e a criança é envolvida em roupas muito volumosas, como se nós quiséssemos lhe restituir assim o abrigo confortável que ela acabou de perder ao deixar a matriz” (FLUGEL, 2008, p.1). Mesmo antes, ainda no útero, estamos vestidos da placenta, que nos envolve e nos conecta às emoções da mãe, bem como à sua alimentação, aos seus pensamentos e sensações, portanto, trata-se de roupa de altíssima tecnologia.

Antes da maternidade, a mala, o enxoval. Já no quarto, como de costume, os enfeites, lembrancinhas e camadas de tecidos exibem as cores escolhidas, geralmente para designar o gênero biológico do bebê, revelando o contexto simbólico de determinada cor em determinada época. Azul de menino, rosa de menina? A história da moda nos prova que antes dessa cristalização, os sentidos atribuídos eram exatamente ao contrário. Muda-se a época, as atribuições às cores, a forma de parir, de receber as visitas ao bebê, mas há fatos com que lidamos inevitavelmente como história da humanidade: nascemos nus e, no primeiro fôlego da pulsão de vida, nossa comunicação é a voz no choro e, depois, as vestes. Como seres fadados à linguagem que já nascem envoltos de dizeres, também somos fadados ao vestir. Ainda que nasçamos despídos e incapazes de nos comunicar pelos códigos de uma língua-mãe formal, não temos como fugir de certos rituais. A fala é adquirida junto ainda dos primeiros passinhos, da naninha, dos primeiros calçados. Desde a barriga já temos nome próprio e ouvimos a família se comunicando com aquele ser que sequer viram. Ouvimos diariamente, ao longo de supostos nove meses, os dizeres que acontecem fora da nossa grande casa vestida, nossa mãe.

Vestir a nudez faz parte de nosso universo semanticamente normal. Inscrevemos com tecidos a nossa forma sujeito histórica na consistência de fios que vestem e que enunciam bordas possíveis. Na falta do invólucro mãe/placenta, logo nossa nudez é corrigida e remediada junto à nossa chegada. A primeira roupa é na verdade o primeiro (in)vestimento¹⁹ contra a ausência. A incompletude é constitutiva da linguagem e dos nossos corpos, ela não tem como “suturar o possível, não tem como não conviver com a falta, não tem como não trabalhar (com) o silêncio” (ORLANDI, 1996, p. 12) pois ela é estrutura e acontecimento.

No próximo tópico pretende-se trazer a discussão do surgimento da Moda, bem como a sedução da novidade que ela passa a criar.

2.2 Riscando o molde: o papel da história

O papel da história como um lugar de acontecimentos lineares, como a única versão possível dos fatos, é questionável, principalmente quando se adentra no território do discurso, que busca desfazer ilusões geradas pelo funcionamento da ideologia nos dizeres. A História tem sim grande importância para a AD, mais especificamente o materialismo histórico do Marxismo que, ao lado da Linguística e da Psicanálise, forma um verdadeiro tripé epistemológico responsável por enormes rupturas com o pensamento dominante do século XIX. Tais áreas foram as condições de produção ideais que proporcionaram o terreno de fundação desta disciplina de entremeio. A respeito da intersecção de tais áreas, Eni Orlandi coloca Michel Pêcheux como herdeiro “não subserviente” e comenta sobre sua postura:

Sempre disposto a organizar situações teóricas em que nos confrontamos com mistura de práticas que transportam cada uma sua marca – ‘a poeira dos arquivos os dias dos quadros negros e o suor dos divãs’- sempre esteve atento para o fato de que, embora o encontro (entre historiadores linguistas e psicanalistas) seja possível, nada nos pode autorizar a considerar, em um certo nível de generalidade, que falamos da ‘mesma coisa’. (Orlandi, 2005, p. 11-12)

O que existem são versões dos fatos, “efeitos discursivos que derivam de uma materialidade específica” (*Ibid*), e buscar pelo real propósito dessas materialidades exige deslocamentos de fronteiras entre disciplinas que acabam por comprometer a verdade dos fatos.

Sabemos que “a nossa compreensão da moda e do modo de vestir do passado, como do passado de uma maneira geral, é filtrada por nossas próprias preocupações e ideologias” (Wilson,

¹⁹ A palavra (in) vestível e vestível foi brevemente elucidada no início da pesquisa em Croqui.

1985, p. 34) e é exatamente para essa opacidade que busco trazer luz nesta pesquisa. Observo a roupa e a moda sob o viés da historicidade, diferente do historicista, compreendendo que a história nada mais é que um discurso dos acontecimentos e, portanto, não-linear, não homogênea, feita de enunciados administrados e regidos. Uma vez que historiadores são sujeitos, eles falam de suas posições determinadas, de acordo com seus interesses e dispersões. A história se relaciona com os sentidos (múltiplos) e não com uma ordem temporal única e evolutiva, o que significa dizer que ela é da ordem da interpretação. Sobre isso, Paul Henry traz afirmações valiosas em seu artigo “A história não existe?”:

(...) é ilusório colocar para a história uma questão de origem e esperar dela a explicação do que existe. Ao contrário, não há “fato” ou “evento” histórico que não faça sentido, que não peça interpretação, que não reclame que lhe achemos causas e conseqüências. É nisso que consiste para nós a história, nesse fazer sentido, mesmo que possamos divergir sobre esse sentido em cada caso. Isto vale para a nossa história pessoal, assim como para a outra, a grande História. (Henry, 2003, p. 51-52)

Há divergências entre autores sobre qual seria o momento exato em que se pode pontuar o aparecimento da moda, discursos que não concordam dentro de uma mesma disciplina, confirmando as proposições discutidas acima sobre a não unicidade da História. Valendo-se aqui de uma intersecção com o título do livro da nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie²⁰, destaca-se o que se pode chamar de “o perigo de uma história única”.

A convenção opera em classificar a Moda como tal a partir do momento em que ocorrem drásticas mudanças na dinâmica dos sujeitos ao se relacionarem com a materialidade das roupas, originando uma repetição e uma temporalidade próprias, nunca registrada pela história na relação do homem com tais artefatos. Sob a forma de consenso, encontra-se na maior parte dos discursos da área a localização do surgimento da Moda num espaço/tempo que data por volta do fim do século XIV e início do XV, quando o que se denominou Novo Mundo começou a se consolidar para os homens ocidentais.

Importante lembrar que esta versão da História da Moda que narra este sistema de cópia/distinção particulares restringe-se neste momento ao Ocidente. Mais uma prova de que a história não é imparcial e muito menos única. No Oriente, as engrenagens da mudança no vestuário aconteceram num *timing* bem diferente, apresentando outras formas de se relacionar com a cultura material, promovendo sentidos outros para o vestir. O discurso da História da Moda, que legitima o momento do surgimento da Moda, produz seu marco numa História da Moda do Ocidente. Muda a geografia, mudam os dizeres, os sentidos e também o vestir e o consumir.

²⁰ ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

O discurso histórico que provém dos registros advindos dos séculos XV e XVI narram o surgimento de um novo comportamento para embasar suas afirmações, amparando-se numa nova forma de se relacionar com as roupas e de consumir: a vergonha de usar roupas ultrapassadas. Nunca, na história do Ocidente, os indivíduos haviam colocado de lado seus trajes, antes a utilização era perene até que a materialidade das roupas estivesse completamente gasta. Podemos dizer que neste momento mudavam os sentidos do vestir e, aqueles que tinham possibilidades, começaram a colocar as roupas de lado só por elas já não estarem na moda. Enquanto isso, nas classes mais humildes, apesar de existir o desejo de seguir esses modismos, “por necessidade continuaram a vestir roupas que há muito tinham deixado de estar na moda entre os ricos. Este efeito de discrepância entre as classes só acabou completamente depois da Segunda Guerra” (Pollini, 2017, p. 34).

RECORTE [11]

S2: É... não, porque significa muita coisa... igual a gente... falando assim as rotulações que a gente fala: o que que é a vestimenta por tantos séculos e séculos e ela definia as pessoas... e hoje tudo... nós tentamos independente de gênero ou não... (...)

Neste trecho, vê-se a entrevistada refletindo sobre as rotulações da moda e, ao retomar seus conhecimentos acerca da história, ela afirma o peso disso em nossa memória até os dias de hoje, atuando também em sua história pessoal: “**por tantos séculos e séculos**” e “**ela definia as pessoas**”. Por isso, a sedução da novidade que a moda oferecia para as classes sociais. É interessante notar alguns discursos registrados na época (XVI/XVII) pelos observadores dos costumes acerca dos setores mais humildes da sociedade. Sabe-se que muitos trabalhadores, vendedores de rua e artesãos, por regra, ainda precisavam se vestir de maneira ligada à sua profissão a fim de que fossem identificados como leiteiras, padeiros, moleiros, cozinheiros e etc. Mas, pouco a pouco, esses profissionais iam incorporando alguns modismos à suas formas de vestir, mesmo que tal “luxo” de usar o que se quer ainda fosse muito esporádico.

Há um trecho em especial de um observador que conta como alguns trabalhadores agrícolas, mesmo trabalhando debaixo de um sol abrasador, podiam ser vistos com “suas cabeleiras estilosas” (Wilson, 1985, p. 37). Esta era a moda da época, sofisticada exatamente para tentar restringir seus usos fora do ambiente aristocrático. Adornos elaboradíssimos, feitos para discursar silenciosamente sobre aqueles que não precisavam “fazer nada” além de se diferenciar. Sob esta ótica, destaca-se, no discurso do observador, o espanto diante dos trabalhadores braçais

com perucas, já que, em sua visão, tais adornos seriam incoerentes com aquele tipo de trabalho, tanto do ponto de vista prático como do ponto de vista hierárquico.

Todo o cotidiano estava determinado pela relação entre o corpo, a vestimenta e o nível social, e cada vez mais as vestimentas dos ricos traziam a seguinte mensagem subentendida: eu não preciso exercer trabalho nenhum. A complexidade destas vestimentas impossibilitava (e anunciava essa impossibilidade) da realização de trabalhos físicos e também tornava necessário um número cada vez maior de assistentes para vestir, pentear e maquiar. (Wilson, 1985, p. 21)

O desejo de um novo pertencimento dentro desta sociedade teria sido o fator determinante para o crescimento de um desejo de legitimação e, sendo assim, nada mais eficaz do que usar a estética para tal, recorrendo ao conhecido jogo da humanidade: parecer para ser. Tal como a lógica do conselho americano contemporâneo “*fake it until you make it*” (aplicada, neste caso, séculos antes), ou, então, para ser mais fiel ao período, Descartes pode ser retomado para a criação da seguinte paráfrase “visto, logo existo”, o que não deixa de ser uma verdade para o burguês da época que, utilizando-se da aparência, finalmente passava a sentir que existia dentro daquela sociedade, pertencimento propiciado não só pela questão financeira, mas, principalmente, pela questão estética.

É evidente que o modo de vestir significa posição social deixa transparecer o inconsciente de ambos o indivíduo e o grupo para além de uma dimensão moral, podemos explorá-la enquanto fenômeno cultural como meio estético de expressão de ideias, desejos e crenças que circulam na sociedade (*Ibid*, p. 20-21).

Barnard (2003) recupera um importante apontamento de Braudel, quase óbvio, mas não dispensável: “se o mundo inteiro fosse pobre, a moda da mesma forma, não existiria” (Barnard, 2003, p. 31). Nesse sentido, “o desenvolvimento da burguesia foi crucial para o desenvolvimento da moda, apesar de, pelo menos até a Revolução Francesa, a maneira de vestir continuar sendo assunto da corte e a posição social continuar a ditar os estilos da moda” (*Ibid*). Sabe-se que “os caprichos da moda afetavam apenas um pequeno número de pessoas. Não se pode dizer verdadeiramente que a moda tenha sido onipotente antes de 1700” (Wilson, 1985, p. 29), por isso, há algumas discordâncias teóricas sobre seu real momento de gênese.

A vivência das pessoas nesta época se torna mais próxima através do convívio efervescente nas áreas urbanas, o que acaba desenvolvendo uma “excitabilidade nervosa” (Souza, 1987, p. 21) que estimulava o desejo de competir e o hábito de imitar. Para Wilson (*Ibid*), “a moda junta êxito, beleza e a cidade”, numa combinação entre o novo e o diferente, uma experiência de alteridade jamais experimentada antes, num momento de virada crucial nos comportamentos vestíveis da humanidade ocidental.

No próximo tópico, pretende-se aprofundar a discussão de história e historicidade, ilustrando também a sedução da moda e analisando um movimento de interdição através de um momento específico denominado Leis Suntuárias.

2.3 A corte e O corte: piques e furos na interpretação

Como demonstrado nos tópicos anteriores, existe um efeito de discurso histórico que rege e administra as interpretações, produzindo através da ideologia um efeito de evidência de sentidos que fixa a época do surgimento da Moda entre os séculos XIV/XV, momento em que emergia, junto das transformações estéticas que produziam um verdadeiro abalo nas redes de significações, um movimento de sentidos bastante interessante para ser observado sob a ótica da AD: a interdição. A forma histórica que a moda vai assumir neste momento significará imposição e condenação.

À medida que crescia o mimetismo, reforçava-se o espetáculo da vida da corte, a suntuosidade exibida das aparências e o narcisismo provocante e teatralizado. Acompanhando essas transformações, o discurso conservador crescia na mesma proporção que a moda, reforçando os ditames de decência civil. Até mesmo a modéstia salesiana se sentiu no direito de opinar sobre as roupas dos sujeitos. Um exemplo de incômodo registrado foi o surgido por conta dos penteados, que se tornavam cada vez mais complexos, horrorizando as autoridades religiosas da época. O surgimento do polêmico modo de usar dois cones na extremidade da cabeça fez com que sentidos advindos de discursos ideológicos, ainda frescos na memória medieval, acessassem metáforas dos chifres bestiais, o que fez com que o discurso religioso não resistisse a comparar as mulheres com o diabo. O incômodo chegava a tal ponto que o bispo de Paris oferecia indulgências para quem se prontificasse a insultar as mulheres com este penteado (Roche, 2007, p. 22).

Sobre as indignações que se levantavam, vale mencionar que não só as mulheres foram alvo de críticas, ainda que tenham sido sempre as mais vigiadas pelas normas do pudor patriarcal. Curiosamente, rumores sobre as meias de pernas separadas, novidade usada no guarda-roupa masculino, também geraram desconforto pelo escândalo das braguilhas acentuadas que evidenciavam a genitália. O modelo foi posteriormente acolchoado numa peça chamada *codpiece*, na tentativa de impor um pouco de pudor àquela imagem lasciva. No entanto, a moda da coquilha talvez tenha sido uma das mais exibicionistas de todos os tempos, com os genitais demarcados aparecendo debaixo do curto gibão (*Ibid*, p. 22).

Este é um “maravilhoso exemplo de como, já em seu início, a moda tinha o poder de sacudir os costumes e tradições” (*Ibid*, p. 21). A moda e a indumentária sempre trouxeram um “caráter ambivalente”, como menciona Barnard (2003), status positivo e negativo dependendo da posição em que se encontrava seu inquisidor ou admirador. O tempo, local, classe social, idade, país e cenário da enunciação fazem toda a diferença na hora de alguém se posicionar a respeito de qualquer assunto, tomar a palavra e ainda ser ouvido e obedecido. Há muitas relações em jogo. Sobre esses abalos interpretativos, Eni Orlandi nos lembra de uma passagem de Pêcheux em *Semântica e Discurso* (1988) bastante relevante:

todo discurso, ou melhor, todo enunciado é suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo; todo enunciado é suscetível de deslocar de seu espaço par derivar para um outro, se não há interdição explícita da interpretação. Esta possibilidade é essencial para que o enunciado continue a significar” (Orlandi, 1996, p. 112-113).

Mas, para que sejam abordados os movimentos de censura, é preciso antes entender o que exatamente significa, sob o viés da AD, o que se chama aqui de interpretação. “Lugar em que o sujeito trabalha seus pontos de subjetivação” (Orlandi, 2001, p. 110), diante desta definição, entende-se que não há sentido sem interpretação, uma vez que esta joga em dois níveis: a do analista e do sujeito de linguagem. A AD interroga a interpretação, reconhecendo que é impossível termos acesso direto aos sentidos. Vemos na falta o lugar do possível da linguagem, aquilo que denominamos como abertura do simbólico.

A ideologia neste campo de conhecimento é deslocada de sua significação usual, sociológica, ganhando na AD uma formulação discursiva distinta, adquirindo um “estatuto teórico e metodológico” (Orlandi, 2004, p. 20). Sabe-se que a incompletude é característica do processo de significação, mostrando-se como lugar do possível, tendo a interpretação como função. A isto denomina-se abertura do simbólico, conceito primordial para esta pesquisa. A partir dessas considerações, deve-se esclarecer que não é porque os sentidos estão abertos que estão livres, pelo contrário, são sempre regidos e administrados pelos sujeitos e suas diferentes posições ideológicas colocadas em jogo no processo de produção dos discursos.

Se, de um lado, há imprevisibilidade na relação do sujeito com o sentido, da linguagem com o mundo, toda formação social, no entanto, tem formas de controle da interpretação, que são historicamente determinadas: há modos de se interpretar, não é todo mundo que pode interpretar de acordo com sua vontade, há especialistas, há um corpo social a quem se delegam poderes de interpretar (logo de "atribuir" sentidos), tais como o juiz, o professor, o advogado, o padre, etc. (Orlandi, 2015, p. 10)

Assim como palavras mudam de sentido a partir daqueles que as empregam, assim também ocorre com as roupas. “Elas "tiram" seu sentido dessas posições, isto é, em relação às

formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem” (*Ibid*, p. 40). A noção de Formação Discursiva permite compreender esse processo, sendo definida “como aquilo que numa formação ideológica dada - ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada - determina **o que pode e deve ser dito**” (*Ibid*, p. 41).

São esses sentidos determinados ideologicamente que operavam no desejo dos privilegiados se distinguirem dos meros mortais, fazendo com que as roupas se transformassem em “verdadeiras armas na batalha das aparências” (Roche, 2007, p. 32). A ruptura na forma do vestir, com a força da imitação e da mobilidade social, fez com que aquela sociedade se tornasse, nas palavras de Daniel Roche, “menos legível”, com a complexificação da hierarquia de valores. Os sinais estéticos pautados nas convenções anteriores, nas quais imagem e status estavam alinhados, não ajudavam mais a leitura das posições sociais, o que ameaçava o poder hierárquico.

A competição indumentária fez crescer o desejo de censura. Para controlar a “festa do corpo” era preciso legislar sobre ele, propondo-se a restringir por meios legais **o que podia e devia ser vestido**. Vê-se aqui o conceito de formação discursiva operando exatamente como na linguagem, determinando as condições de acordo com as posições assumidas em determinada formação ideológica. Através das chamadas Leis Suntuárias, aqueles que detinham o direito à interpretação, impunham e proibiam determinados estilos, modelos e até cores de roupas, procurando regular os hábitos de consumo. Essas leis também tinham propósitos de ordem econômica, visando proteger os cofres nacionais através dos gastos abusivos com o luxo que surgiam neste momento. O jogo de renovação permanente da imagem material fazia com que novos tecidos e padronagens fossem criados e adquiridos, contando com a criatividade dos fabricantes e a agilidade dos comerciantes.

Ao mesmo tempo em que a sociedade ansiava por novidades estéticas e materiais, ela também se mostrava crítica e até mesmo hostil àqueles que ousassem desafiar as normas e convenções. Esses dois perfis possíveis colocam a moda num duplo jogo de aceitação e negação, no qual há de um lado o desejo, o respeito e até o erotismo (fetiche) vinculado aos adornos, à uma ideia de glamour e admiração, enquanto no outro extremo temos o preconceito, posicionando num patamar “intelectualmente discutível” (Barnard, 2003, p. 16) o fazer de Moda e seus adeptos, além das classificações já mencionadas de arte menor, ilusória, trivial, banal, pecaminosa e até perigosa. Sobre isso, pode-se trazer Foucault (1999) comentando a relação entre interdição, desejo e poder. Valendo-se da psicanálise, o autor diz que o discurso não seria apenas aquilo que manifesta ou oculta o desejo, mas também aquilo que é objeto do desejo. Isso fica bem claro nesses dois trechos da entrevistada:

RECORTE [12]

S10: (...) Então eu acho que eu tinha aquele **desejo** por aquilo que tava inalcançável que eram as grifes né?

RECORTE [13]

S10: É, teve uma coisa legal que foi... eu tenho uma loucura muito grande, tem uma peça de roupa que eu gosto muito que é o trench coat e... que foi inventado pela Burberry, que é uma marca inglesa, ele foi feito na verdade... ele é o casaco de trincheira, ele foi feito pra guerra, pra 2ª guerra eu acho... e aí a Burberry é uma marca que criou o trench coat, então eu tenho uma relação meio de fetiche com esse trench coat da Burberry...

Um ponto importante para os estudos de Moda fica bastante claro nesse movimento: a força do real e do imaginário na história das aparências.

A moda é, no final de contas uma forma de arte visual, uma criação de imagens, com o eu visível enquanto meio de expressão. Como qualquer outro empreendimento estético, a moda pode ser considerada uma ideologia, sendo a sua função resolver formalmente a um nível imaginário as contradições sociais que são insolúveis (WILSON, 1985, p. 21).

Nessa perspectiva, a moda

não nega as emoções, apenas as desloca para o reino da estética. Ela pode ser uma forma de intelectualizar visualmente tudo o que toca os desejos individuais e as aspirações sociais. Ela é em certo sentido inerentemente suscetível de ironia e paradoxo (*Ibid*).

Segundo Elizabeth Wilson (*Ibid*, p.22), a moda imita a si própria:

Ao elevar o efêmero ao estatuto de culto, ela troça, em última instância, das muitas pretensões morais da cultura dominante que por sua vez a denunciam em razão da sua frivolidade superficial, não obstante sentirem secretamente a forma como ela afeta toda a questão moral. A moda é levada à letra e é simultaneamente posta de lado como constituindo um assunto trivial, numa tentativa de neutralizar a picada de sua verdadeira seriedade, a sua forma sub-reptícia de desmascarar a hipocrisia.

Com o propósito de restringir essa extravagância, regulando a balança comercial e garantindo os privilégios dos valores hierárquicos e morais, fortaleciam-se essas leis. Surgiram 18 decretos estatuídos entre 1485 e 1660. O preâmbulo de um desses tratados condenatórios do luxo era bem explícito em sua proibição sobre roupas, deliberando descaradamente que todos não-nobres, ou seja, plebeus, perdiam o direito “de assumirem o título de nobreza, seja no estilo ou nos trajes” (Roche, 2007, p. 62). Isso prevenia que pessoas comuns pudessem imitar a aparência da aristocracia, permitindo que a nobreza freasse a competição e o consumismo dos menos favorecidos. Vale ressaltar que esta não foi a primeira legislação criada para conter a desordem e a usurpação dos valores estéticos. Outros locais e períodos históricos como Roma e

Grécia antigas, Japão, China, o mundo islâmico e até as vestes das cortesãs foram alvo de controle dos exegetas. “Elas eram usadas para erguer uma barreira, para eliminar a pressão dos imitadores e seguidores, os quais era preciso manter distância, e que estavam sempre atrás de algum detalhe na escolha de uma cor, no modo de dar um nó numa fita ou numa gravata” (*Ibid.*).

A roupa estava no centro dos debates, principalmente após o século XVII com a reforma católica e protestante. Sobre isso, há inclusive uma contradição discursiva. Se por um lado existia um horror à perversidade do esbanjamento e um temor da desordem, havia simultaneamente um pensamento religioso que se enuncia considerando a roupa “o corpo do corpo” (*Ibid*, p. 21), de modo que a “negligência no vestir” era vista como sinal de “negligência para com Deus, ou de insuficiente respeito por Ele”. O corpo, templo vivo do Espírito Santo, deveria demonstrar sua saúde moral através do asseamento e dos cuidados ao cobri-lo e adorná-lo na medida certa (medida naturalmente ditada por quem detinha o poder de enunciá-la). “O fantasioso continuava sendo condenado, mas o razoável tornou-se civil” (*Ibid*).

É a possibilidade de metáfora, deriva, deslizamentos de sentidos, de um enunciado tornar-se outro, diferente de si mesmo, que torna possível existirem os sentidos e a interpretação. É exatamente neste lugar, onde a língua é passível de jogo e afetada pelo equívoco, inscrita na história, que vemos os limites movediços da dispersão e da incompletude, da repetição e da diferença. É na exterioridade que a AD trabalha junto às condições de produção e a noção de situação.

O cristianismo trazia um novo sentimento de culpa em relação ao corpo e a cultura judaico-cristã ocultava a sexualidade com um sentimento de pecado. Mas o que é mais interessante é que a contradição do Renascimento permitia a existência de uma cultura intensamente religiosa e ao mesmo tempo focada em aspectos de sucesso mundano, criando a coexistência da mundanidade e o ascetismo, que expressavam a culpabilidade sexual e a subvertiam (Wilson, 1985, p. 35).

Sobre o peso da interpretação e do julgamento advindo do peso de instituições como as religiões, em especial o cristianismo, pode-se analisar a fala da entrevistada e a forma como se sente ainda hoje (memória e ideologia) ao visitar a missa, reforçados pela sequência de palavras **“doidona, vagabunda, que não trabalha”**:

RECORTE [14]

S2: Eu também vivi... ainda mais numa igreja domingo de manhã... que são pessoas de mais idade, eu entrava parecia que... não sei explicar... não é que eu era loucona, mas tipo parecia quem que é essa daí? Deve ser uma doidona, vagabunda, que não trabalha... é dependente...

O aconselhamento acerca da moderação no trajar e da sensatez das boas maneiras reforça o discurso de submissão aos costumes e à condição social predeterminada, reconciliando “a tendência conservadora de uma sociedade desigual e cristã com uma preocupação pelas aparências, aceitável sem excesso no homem honesto” (*Ibid*, p. 68).

É no jogo da “presença de uma ausência necessária” (Orlandi, 2015, p. 24) que a historicidade aparece tendo como produto “o mesmo” (memória discursiva), daí compreende-se que pensar em história é referir-se ao trabalho da ideologia sobre as práticas dos sujeitos. Língua e história se ligam no equívoco, materialmente determinado, num sítio de sentidos que deslizam, lugar onde se define o trabalho ideológico, e, portanto, o trabalho da interpretação. O dispositivo ideológico de interpretação do sujeito vem carregado de memória.

A moda era, portanto, antes de tudo, um ponto de equilíbrio entre o coletivo e o individual (...). À medida que floresceram as distinções indumentárias, a fantasia de alguns e o conformismo de outros desencadearam ação defensiva de parte de instituições (a Igreja) ou grupos (a burguesia) que haviam ficado para trás (Roche, 2007, p. 61).

Como muito bem pontua Roche, “a longevidade de uma prática parece constantemente ligada aos obstáculos que encontra e que se opõem ao sucesso de sua difusão”, ou seja, quanto maior o desejo de controle, maior o prazer em desobedecer às leis. O policiamento do vestir como nova forma de expressão afetava a todos na forma de leis, mas também excitava: entre a corte e a cidade, homem e Deus, o rei e os súditos, a riqueza e a desigualdade... uma relação teatral e barroca se firmava revelando a teia irracional e sedutora das tramas da moda. Mais do que as leis da moral existiam “as leis universais do coração humano”, ávido pela mudança e novidade. As pessoas obviamente buscavam saídas para contornar a lei, originando novos “*modus*” ou “*modes*” (Garcia; Miranda, 2005, p. 13) num dizer que não se restringe às palavras.

Constantemente em mudança, a moda só produz conformismo, tal como o ultrage do desconhecido se molda às boas maneiras da boa educação sem falhas. Vestir à moda implica uma pessoa destacar-se simultaneamente fundir-se na multidão, reivindicar o exclusivo e seguir o rebanho (Wilson, 1985, p.17).

Este cenário culminaria nas duas grandes Revoluções da Europa, outros períodos marcantes para a Moda. “Mais do que o estilo das roupas, o que mudou foi a relação de toda uma sociedade com a moda” (Pollini, 2007, p. 36). Após a Revolução Francesa, finalmente desaparecem as leis suntuárias e, junto delas, os privilégios da nobreza. Uma era de uso exclusivo

de roupas foi encerrada. Os movimentos da Alta Costura²¹ e *Prêt-à-porter*²² viriam na sequência histórica balançar o mercado e mudar as noções de exclusividade e acesso. Mas, pensando em legislação, pode-se decretar que o início da liberdade nos usos das roupas e adornos ocorreu 9 meses após a decapitação dos reis Luís XVI e Maria Antonieta. O decreto de 29 de outubro de 1793 é claro: “Nenhuma pessoa, de qualquer sexo, poderá obrigar nenhum cidadão a vestir-se de uma maneira determinada, sob a pena de ser considerada e tratada como suspeita e perseguida como perturbadora da ordem pública” (Wilson, 1985).

Apesar do documento datar do século XVIII, sabemos que infelizmente esta afirmação habita muito mais a ordem da utopia do que a da realidade.

Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa. Tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusiva do sujeito que fala: temos aí o jogo de três tipos de interdições que se cruzam, se reforçam ou se compensam, formando uma grade complexa que não cessa de se modificar. (Foucault, 1999, p. 9)

Através do movimento de análise empreendido neste capítulo, transitou-se pelas relações entre palavras, pelos levantamentos do dispositivo de leitura que evocou delicadas relações da história com os discursos e chegou-se ao conceito de interdição, observando a censura e a moda com um olhar posicionado nos dispositivos teóricos da Análise de Discurso. Vale deixar aqui a provocação ao leitor: estaríamos nós condenados à essa significação e prática de sentido?

²¹ Surgiu em Paris em meados do século XIX através do grande costureiro Charles Frederic Worth, que impôs à Moda um novo sistema, atribuindo à roupa um novo valor: a exclusividade e a assinatura, tal qual uma obra de arte. Até hoje a alta costura preserva a legitimidade da roupa feita à mão.

²² Sistema da moda consolidado com a queda da Alta Costura nos anos 60 do século XX; em função do segmento jovem, o estilista Yves Saint Laurent cria em um espaço elegante onde vendia suas criações prontas, mas não em grande escala, diferentemente da Alta Costura, que concebia com exclusividade um vestido. O “pronto para vestir” estava pronto como o próprio nome diz, mas com exclusividade por não serem fabricados em grande escala e com grade de tamanhos como a moda racional dos americanos havia criado durante a II Guerra Mundial.

Considerações Finais: Moda, coisa interessante.

É que as roupas têm uma coisa interessante: elas precisam ser usadas pra serem conservadas, se você guardar elas apodrecem... os sapatos também são assim... As roupas... você pode gastá-las de tanto usar, mas elas apodrecem se você não usar... é interessante esse paradoxo, né?

(Entrevistado 10)

Sim, roupas têm muita *coisa interessante*. A começar pela relação que mantém entre a própria materialidade vestível com a materialidade simbólica. Os chamados adornos vestíveis (peças, coisa, acessórios, roupa) discursivizam o que se é mostrado, como também revelam o que é visto. O dito sobre o que se põe no corpo, vale lembrar, já está sempre aí, repetindo o cristalizado, oficializado e instituído, isso ocorre tanto na prática acadêmica científica, quanto do dizer cotidiano de quem se veste e de quem vestirá o outro.

Além do *paradoxo*, usar para conservar, está a metáfora do *se você guardar elas apodrecem*. Efeito condicional que traz referências diretas ao uso, ao corpo, ao envelhecimento, à perda de identidade, ao valor, à vida, à *metáfora* (Pêcheux, 1983). Além do dito cristalizado, buscou-se compreender já no Capítulo 01 as relações de subjetividade estabelecidas *na prática cindida* do sujeito que se veste e incorpora o ser social e o sujeito que irá vestir o outro. A formulação, portanto, torna-se o recorte de análise. Práticas do “eu” para o outro, tendo na ponta da relação, todo o jogo imaginário que de jeito nenhum deixa de fora o discurso de *moda*.

Ainda no primeiro capítulo, conceitos foram trazidos a fim de demonstrar a formulação do dito/sentido dentro de gestos interpretativos que concebem o sujeito, uma vez que se na Análise de Discurso, compreende-se que o sujeito se dá no próprio gesto de interpretação (Orlandi, 1996), pois ao se fazer significar, ele se significa. Nesta pesquisa, seu *significar* é atravessado pelo *corpo discursivo* que tece o discurso - seja de forma verbal ou não verbal, seja dentro ou fora do jogo que ressalta regularidades e diferenças, atualizações e estabilizações, continuidade e descontinuidades.

Por meio da descrição do funcionamento discursivo, a roupa pode ser vista como *coisa* que protege, que cobre, ainda mais, espaço para refúgio. A roupa significa e no corpo costura a coerência que cobrirá o nu. Uma vez que revestida de significância, dentro de formações

discursivas (aqui o da Moda), transpassadas pelo ideológico e pela História, a coisa que decora, protege, cobre e abriga, torna-se *fashion*, imprime o *look*, dá a aparência, costura a *vestimenta*, compõe o *traje*, fabrica o *costume* e funda o *estilo*.

Contudo, há *margens* para este *vestir*. Seja por múltiplos dizeres não ditos que ficam na “periferia” do gesto de interpretação, seja por impor limites ao que pode e deve ser usado, consequentemente, dito. Há toda uma relação de forças que mantém a tensão entre o mesmo e o diferente, entre o que pode e o que não pode, entre o que fica entre as margens e o que extrapola suas fronteiras. Mais uma vez, relações de força regidas por um complexo dominante instituído ideologicamente. Ideologia que na prática se revela na *forma material* (Orlandi, 2002) por uma *forma-sujeito* (Pêcheux, 2014), não imune à contradição, às formações imaginárias, condições de produção que “condicionam” o dizer do sujeito. Sujeito que na prática replicará o próprio condicionamento ao expor o que deve e não deve ser feito (in-vestido) com a *roupa*.

Há uma segunda condição em jogo no dito do sujeito do trecho acima. *Você pode gastá-las de tanto usar*. Há o poder de vestir, de pôr sobre o corpo a materialidade física e simbólica, porém, que interditará o *não uso*, a impossibilidade da não prática de sua existência. Jogo contraditório que revela a obrigação social ao *você*, ao pronome que abriga em si o *tu* e a indefinição da terceira pessoa: *aquela, aquela*. Roupas são para ser gastas, pelo uso e para o uso. Uso que na prática revelará o outro lado da margem, o *invisível*, ou seja, a nudez.

O que se carrega no corpo nu e o que o torna vestido? A roupa impõe o esconderijo a ele, tanto na forma de decoração como na de proteção. O corpo nu é a tela para a pintura, o pergaminho para o texto, a folha para o croqui. Contudo, o corpo nu, assim como aquilo que o irá cobrir, sempre terá a camada que dará a textura ao sentido, ambos se significam nas linhas entrelaçadas da memória.

O visível, na sua materialidade vestível, põe em evidência a roupa que por sua vez será (e sempre foi) transpassada pelo histórico (atual Capitalismo). É o Capitalismo que dá as fibras da Moda, já a linguagem, em sua estrutura, tece o fio discursivo. Aí os dizeres da indústria da moda, do mercado, da oferta, do valor. Já então, podemos refazer a pergunta: o que se carrega no corpo vestido? Neste trabalho, uma possível resposta - a evidência que o corpo é o centro do sentido e do sentir que lhe cobre, cobertura indispensável ao sujeito deste tempo presente. Sentir discursivo e material, determinado ideologicamente no jogo dessimétrico da determinação dos sentidos para subjetivação da coisa que veste e da coisa vestida.

As roupas são *interessantes*, até *paradoxais*, uma vez que mantém relações diretas com as contradições de sua própria existência e simbolização. E, ao retrazar as análises do Capítulo

02, as roupas tornam-se o *interesse* em questão, uma vez que elas *falam pelo sujeito*, seja para serem *conservadas* ou fugirem do que as *apodrecem*.

Discursos se cruzam, o que permite entender que o sentido se manifesta para o sujeito logo na prática da ação de se vestir e nas “decisões” efetuadas pelo cálculo diário: o que pôr, o que tirar, como gastar, o que renovar, do que lembrar, como se atualizar. Relações plurais em efetuação, contudo, sendo o sentido plural, a leitura deve ser conduzida para a compreensão de que, ao se vestir, o corpo é tomado como texto e é a roupa quem fala, mesmo que pelas palavras do sujeito.

O sujeito do discurso incorpora a materialidade física (o vestível) já sempre revestida de linguagem e sentido. E é pelo dizer de si e do texto que reveste o corpo, dito de si para outro, que se revelam as condições, as contradições e as metáforas. É pelo dizer também que ele ocupa o “espaço” objetivado por *elas*, as roupas em suas memórias. Enquanto assim o faz, dá evidência dos espaços a serem ocupados e dos objetos que o revestem. O que na costura se revela - repetição do cristalizado, rupturas e subjetividade.

O sistema que diz e dita a respeito da incorporação do vestível no tocante às materialidades física e simbólica, *o sistema que acompanha o vestuário que integra o simples uso das roupas no dia a dia*, é a moda. Pela roupa, os sentidos incorporam o sujeito, o toma em sua subjetividade já atravessada pelo sistema que integra o uso enquanto prática de vida diária. Sistema (moda) produz a materialidade e reproduz o discurso também material, contudo feito de linguagem. O discurso da moda faz significar o sujeito para que ele tenha a ilusão de estar se significando na maneira de escolher se fazer vestir/existir.

Durante as análises, pode-se perceber que na materialidade do objeto concreto vestível, há o que se mostra enquanto símbolo e o que se esconde, ambos constituídos pelo dizer de *moda*. Corpo e roupa, materialidades discursivas inscritas em condições de produção de sua época em meio a um sistema que em sua concepção e prática, tem a finalidade de propor comportamentos ao sujeito e fazer dele, o objeto de sua fabricação.

MODA: maneira e estilo que promovem a ação (prática); sistemas de promoção dos usos (prática) dentre hábitos coletivos que definem vestuário; tendência do agir praticada pelo sujeito-que-veste-o-outro; ditadora do vestir; arte do fazer; técnica da indústria - fabrica o indivíduo, ao mesmo tempo que atua na coletividade por meio de cadeias produtivas do vestuário.

Acima, o que está cristalizado acerca do que é moda. Seu conceito está atrelado a algo que deve e pode promover a prática do sujeito e para ele. Abriga em si, em sua legitimidade dada pelo campo do saber, a responsabilidade, o compromisso e o privilégio de sempre fazer (peças,

sentidos, sujeito), mas jamais desvencilhada da técnica, da indústria, da prática, do discurso e da ideologia.

Diz o sujeito: *elas* [roupas] *precisam ser usadas; você pode gastá-las de tanto usar*. O sujeito repete em seu dizer o sistema de promoção de *usos*. Salienta a necessidade *da coisa, precisam*, e evidenciam o imaginário de sua finalidade *gastá-las de tanto usar*. Porém, algo extrapola a repetição.

Maneiras e estilo de viver (in-vestido) se fundamentam na contradição do determinável e do “escolhível”. Há sempre o aí dito, o interdiscurso, contudo há também a falha, deslocamentos na subjetivação da coisa que irá significar *aquela(a)* que recobre o corpo. A maneira e o estilo de vestir (e viver vestido) são postos, porém entre espaços nunca estabilizados.

As roupas apodrecem fala de seu uso e de sua organicidade. Fala da prática de uso, mas também fala do *paradoxo*, do além do repetível. O que é plausível de apodrecer? Algo que tem ou já teve vida. Uma fruta apodrece, uma pedra não. Árvores apodrecem, um portão de ferro enferruja. O sujeito, reconhece a contradição, tornando a *coisa interessante*, apodrecer é consequência direta ao *se você guardar*. É no escuro, no esquecimento, na inutilidade que *apodrecer* diz. Apodrecer é a metáfora do *não uso*. O não uso é o fator da decomposição em contraposição ao uso que dá a vida. Para que algo não apodreça, é necessário que haja vida, ou então, cuidados exigidos após a partida dela.

A polissemia está posta, uma vez que o sujeito desloca sentidos na formulação *apodrecem*. Há o atravessamento do discurso natural/científico, entretanto, algo diz além. Algo dito da relação de cuidado (uso), da afeição para *conservação* e repulsa do *apodrecer*.

Há nos dizeres dos entrevistados algo que diz além do cristalizado a respeito do que é dito no campo da Moda. As retomadas a seguir, darão costura às diferentes concepções de *roupa/vestuário* que extrapolam as regularidades e estabilizações presentes no discurso de *moda*.

Recorte [1]

S5: Ahn, proteção [...] Memórias de roupas que me encantaram durante a vida [...]. Mil coisas assim [...] uma pele protetora, que você tem a opção de escolher, né? A pele que você escolhe.

Recorte [2]

S8: Cobrir o corpo, proteção, adorno, beleza... são coisas que de certa forma estão relacionadas à roupa.

Recorte [3]

S9: [...] me proteger. Eu acho que a primeira coisa é vestir, me proteger, me aquecer [...] algo prático.

Recorte [4]

S10: A palavra roupa sempre me lembra um pouco casa, refúgio...

Recorte [5]

S8: do ponto de vista teológico o ser humano cobriu o corpo pelo pudor. Então tá lá no livro do gênesis: abriram os olhos e viram que estavam nus e sentiram vergonha e teceram para si aventais com folha de figueira.

Recorte [6]

S4: “cara hoje você colocou vermelho olha que incrível”

Recorte [7]

S7: Então quando eu tô num lugar e não abro a minha boca eu já tô me comunicando, com o meu look [...] apresenta numa unidade só que sou eu, né?

Recorte [8]

S2: É... a roupa fala né?! Querendo ou não ela fala antes da gente [...]a sua roupa chega primeiro.

Recorte [9]

S6: posso tá do jeito que eu tô com uma camiseta e... um tênis básico, mas eu sou tipo assim, pô daora, né?

Recorte [10]

S2: E eu quero que seja tratada e me respeite porque eu não sou... não que seja uma mulher burra.

Recorte [11]

S2: É... não, porque significa muita coisa [...] é a vestimenta por tantos séculos e séculos e ela definia as pessoas.

Recorte [12]

S10: (...) Então eu acho que eu tinha aquele desejo por aquilo que tava inalcançável que eram as grifes né?

Recorte [13]

S10: Burberry é uma marca que criou o trench coat, então eu tenho uma relação meio de fetiche com esse trench coat da Burberry...

Recorte [14]

S2: ainda mais numa igreja domingo de manhã [...] Deve ser uma doidona, vagabunda, que não trabalha... é dependente...

Dentre *as mil coisas* a significar roupa e moda, estão: *proteção; encantamento; pele selecionável; beleza; o aquecer do corpo e da forma-sujeito; casa e refúgio*. Discursos que remontam o campo dos afetos, da segurança, do mitológico, do eu consciente de si, da estética e da sobrevivência.

Também nos recortes, por meio dos deslocamentos, da noção da metáfora (uma palavra pela outra), são possíveis regionalizar quatro formas *discursivas/materiais* que interpelam o sujeito quanto ao seu modo de *ser*, de *tratar*, de *comunicar* e *desejar*. Formas de definição, de tratamento, de comunicação e do desejo.

Formas de definição do eu em meio ao uso/prática de se vestir com roupa: *you colocou vermelho olha que incrível; tô com uma camiseta e... um tênis básico, mas eu sou tipo assim, pô daora, né?; ela (vestimenta) definia as pessoas; apresenta (o look) numa unidade só que sou eu, né?*

Forma também atravessada pelo discurso religioso bíblico cristão, que estabelece pelo uso de vestimentas, a cobertura das vergonhas, da nudez, ou seja, o estabelecimento do *pudor* ao sujeito - forma *daquilo que pode e deve ser dito e visto*, como também *daquilo que deve se tornar invisível* (ou silenciado); *então tá lá no livro do gênese: abriram os olhos e viram que estavam nus e sentiram vergonha e teceram para si aventais*.

Na derivação da forma acima apresentada, tida próxima à própria concepção do sujeito e dos objetos que o interpelam, estão formas imaginárias tomadas pelo sujeito da imagem dos referentes de tratamento e de comunicação. *Mais respeito*, pede a *mulher burra* que não quer ser vista na nudez de sua metáfora. Ela é *doidona, vagabunda, que não trabalha*, diz a mulher a si,

ao confrontar o sistema da moda atravessado pelos ideais religiosos, *ainda mais numa igreja de domingo de manhã*.

Então quando eu tô num lugar e não abro a minha boca eu já tô me comunicando, com o meu look, é o que o sujeito diz do que a roupa/moda fala, forma de comunicar! É... a roupa fala né?! Querendo ou não ela fala antes da gente [...] a sua roupa chega primeiro. Comunicação que diz da maneira na qual o sujeito fala sem mesmo ter aberto a boca. A roupa tece sentidos mesmo antes das palavras. *Paradoxo* do silêncio que diz, ou, do dizível que silencia? *Interessante*.

Diz o Wikipedia em sua “inocente”, mas contraditória definição de moda - *sistema que acompanha o vestuário que integra o simples uso das roupas no dia a dia*. De sistema, a moda tem pelo menos dois, os que permitem os meios de produção materiais, assim como o que materializa o dizer, a linguagem. Mas de simples, não tem nada. O uso que a moda faz do discurso ao fazer sentido entre roupas, está submetido ao complexo contraditório descrito por Pêcheux em *Semântica e Discurso*.

Por fim, a moda toma o espaço tão buscado, o de se fazer desejar. Seja pelo discurso estético que tece, seja pelo valor dado a grande metáfora criada pelo sistema capitalista, o valor, a marca, a indústria, o objeto de desejo, o fetiche de mercadoria (e para esta pesquisa, o do simbólico valorado pelo discurso do bom, do bonito e do caro). *Então eu acho que eu tinha aquele desejo por aquilo que tava inalcançável que eram as grifes né?; Burberry é uma marca que criou o trench coat, então eu tenho uma relação meio de fetiche com esse trench coat da Burberry*.

A esta altura das análises, pode-se chegar ao seguinte questionamento que define o teor deste trabalho: *o que fora descrito e interpretado produz para a investigação do campo da Moda e dos estudos da linguagem?*

No campo da Moda, *a marca cria* e faz crer, há sistemas que possibilitam sua materialidade. No campo da linguagem, a roupa torna-se peça/coisa que fala e silencia, para o que deve estar invisível assim se perpetue a fim de dar imagem e sentido ao sujeito que se veste e reveste o outro.

Palavras, dicionários, conceitos, termos técnicos, embates ideológicos, historicismo versus historicidade, entrevistas, recortes, roupas, tecidos, tramas, corpo, afeto, saudade, memória, lembrança, silêncio, perda, luto, morte, ausência, continuidade. Problemáticas que foram alinhavadas nesta pesquisa para que ela chegasse até aqui. Optou-se por sustentar as investigações nesses lugares, caminhos que trazem até este momento de conjunturas pessoais e mundiais extremas. Muita coisa mudou, menos a certeza de que este trabalho é inédito, pois é feito com o coração, ora descompassado, ora aceleradíssimo, mas nunca ausente.

Na jornada de investigação teórica e analítica, apresentou-se a palavra no primeiro capítulo e a linguagem no segundo, estabelecendo-se uma outra forma de compreender a roupa: através do discurso. Unindo sujeito, história e língua, adentrando no terreno da significação.

Existe um diálogo silencioso nas tramas de uma roupa que passa diretamente pelos nossos sentidos físicos e suas capacidades sinestésicas. Visão, tato, audição e olfato nos estimulam e despertam uma significação particular. Há vestígios de história e eles latejam para serem reinterpretados. É o jogo da presença-ausente do corpo que a usou e permanece impresso ainda na roupa despida, onde o sentido silenciado pode, a qualquer momento, irromper. A roupa pode parecer em silêncio, mas isto não significa que ela não é capaz de trazer resíduos de memória, discursos impregnados, a roupa pode não falar, mas vale lembrar que, como diz Eni Orlandi em *As formas do silêncio*, “o fora da linguagem não é o nada, mas ainda sentido. (2002, p. 13).

O sentido, assim, não estaria alocado num lugar específico, mas se produzindo através das relações dos sujeitos e dos sentidos já dados. Numa construção mútua dos sentidos, onde a posição e os lugares dos sujeitos constituem sentidos diferentes.

Seja qual for as condições de produção de uma roupa, penhorada, descartada, herdada, emprestada, comprada de 2ª mão, um legado com carga sentimental desejada ou não, pode-se intuir sobre seu processo de significação intrínseco. Partindo do pressuposto que as roupas estão em silêncio e que, por isso, calam sentidos que irão ecoar nos sujeitos que vão usá-las, percebe-se que o silêncio é a possibilidade de vir a ser do outro e no outro.

Sem o corpo, a roupa parece esboçar uma ambiguidade: a confluência de sentidos impregnados em sua materialidade e, ao mesmo tempo, a incompletude da peça sem o corpo que se desfaz quando é assimilada por um novo corpo. A dicotomia da presença e ausência que desvela possíveis sentidos em migração (de um sujeito para outro). Através do estudo da Análise do Discurso, faz-se possível desnudar essas questões sobre os sentidos da roupa em seu estado de latência.

De todos os feitos, chega-se aqui à pergunta que redefine os objetivos, afinal, sabemos mesmo o que é a roupa? Pergunta esta que pode parecer ingênua. Os dicionários, no primeiro capítulo, já tentavam responder a essa questão, jogando com a ilusão de transparência: a justaposição de tecidos para cobrir um corpo. Nesta altura, pesquisadores de moda ou não, sabe-se intuitivamente que é muito mais do que isso. Mas sabemos o que ela é de fato? Não há só uma resposta, lembrando que os sentidos são múltiplos e interpretações nada óbvias. E é sabendo dessa impossibilidade de aprisionar a roupa a um só significado, a um só corpo, a uma só resposta que esta pesquisa se motiva em continuar desnudando sentidos que possam surgir... ali na próxima

vitrine, no próximo garimpo de brechó, na próxima arara, na próxima metragem de tecido encomendado, na próxima herança pós-morte.

Embora a roupa/corpo unidos pelo verbo vestir sejam o lugar mais aparente da observação desta pesquisa, ela não se reduz só a essa questão material e relacional. Existem sentidos latentes que vão muito além, tocando sociedade, história, cultura, ideologia, inconsciente. Domínios em que “nos servimos da linguagem para navegar, atando materialmente o sujeito à história e à língua” (Orlandi, 2004, p. 14).

Assim como Daniel Miller (2013) comenta, em *Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material*, que seu livro pode ser concebido como um relato provisório, esta pesquisa também pode ser concebida "não como palavra final" (p. 10). Mesmo porque sabemos que, para a AD, isso não existe. Cada ilusão de final é apenas o começo para uma nova interpretação. Em cada desejo de sitiar a significação com um ponto final, sabemos que o que acontece é na verdade a abertura de um sítio de significação muito maior e não domesticável.

Eni Orlandi (2011) comenta, em sua apresentação dos Cadernos Linguísticos n. 42, que ouviu certa vez em uma conferência

que os cientistas se relacionam afetivamente com seus objetos. Uns são apaixonados por eles e os abrem para diferentes experiências, outros querem solucionar, resolver as questões e fechar o objeto no círculo do já sabido, porque não o suportam. Se as relações com nossos objetos de conhecimento são atravessadas de emoções, somos, no mínimo ambíguos, com nosso amor e nosso ódio pelos nossos objetos. Mas tendemos para um ou outro lado. Não penso em fechar meu objeto no já sabido. Sou dos que, preferentemente, amam, são fascinados pela linguagem, e por isso a exponho, e me exponho, a seus efeitos. Não penso em “solucionar” mas em compreender a linguagem, aprimorando o modo como a interrogo. (Orlandi, 2011, p. 5).

Neste ponto, portanto, suas palavras são tomadas de empréstimo para este encerramento “que, como todo discurso, fica incompleto, sem início absoluto nem ponto final definitivo” (*Ibid*, 2015, p.9). A metodologia da Análise de Discurso e o viés da linguagem sussurram que é preciso continuar refletindo sobre essas questões, pois não há finitude nos sentidos, restando apenas margens que os estabelecem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACHARD, P. et al. (Org.) **Papel da memória**. Tradução e introdução de José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 2020.
- ANDRADE, Raquel Rabelo; BEZERRA, Fabrício Maesta; DA CRUZ LANDIM, Paula. Cadeia Produtiva da Moda: panorama e descrição. *Projética*, v.6, n.3, p.87-104, 2016.
- BARNARD, Malcolm. **Moda e Comunicação**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- BARTHES, Roland. **Sistema da moda**. São Paulo: Ed. Nacional, 1979.
- BARTHES, R. **Fragmentos de um discurso amoroso**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2015.
- CALANCA, Daniela. **História social da moda**. São Paulo: Editora Senac, 2008.
- CALDAS, Dario. **Observatório de sinais: teoria e prática da pesquisa de tendências**. Rio de Janeiro, Senac, 2004.
- CASTILHO, Kathia. GALVÃO, Daniela. **A moda do corpo, o corpo da moda**. São Paulo: Editora Esfera, 2002.
- _____. **Moda e linguagem**. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2004
- _____. MESQUITA, Cristiane. **Corpo, moda e ética: pistas para uma reflexão de valores**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011.
- CONEIN, Bernard(org.) [et al.] **Materialidades discursivas**. Campinas: Editora da Unicamp, 2016.
- COURTINE, Jean-Jacques. **Decifrar o corpo: pensar com Foucault**. Petrópolis: RJ, Vozes, 2013.
- COX, Barbara... [et al.]. **Última Moda. Uma História Ilustrada do Belo e do Bizarro**. São Paulo: Publifolha, 2013.
- CIDREIRA, R. P. **Os Sentidos da Moda**. São Paulo: Annablume, 2005.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do corpo**. Petrópolis: Vozes, v. 3, 2008.

COSTA, Greciely Cristina da. **Sentidos de milícia: entre a lei e o crime**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

DE MIRANDA, Ana Paula. **Consumo de Moda: a relação pessoa-objeto**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2017.

FERREIRA, Nadiá Paulo. **A teoria do amor na psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

FLÜGEL, John Carl. **A Psicologia das Roupas**. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1966.

_____. Sobre o valor afetivo das roupas. *Psyche*, v. 12, n. 22, p. 13-26, 2008.

GARCIA, Carol. MIRANDA, Ana Paula. **Moda é Comunicação**. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2005.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 6.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

HENRY, Paul. A história não existe? In: ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). **Gestos de leitura: da história no discurso**. 2.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003, p. 29-55.

KURY, Lorelai; HARGREAVES, Lourdes; VALENÇA, Máslova Teixeira. **Ritos do corpo**. Rio de Janeiro: Ed Senac Nacional, 2000.

MIRANDA, July. **O escolhido foi você**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

LANDOWISKI, Eric. **Presenças do Outro**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

LAVER, James. **A Roupas e a Moda: uma história concisa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade**. Campinas: SP, Papirus, 2003.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

LONGO, Leila. **Linguagem e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

MARCONDES, Luiz Fernando. **Dicionário de Termos Artísticos**. Rio de Janeiro: Pinakothke, 1998.

MESQUITA, Cristiane. **Moda contemporânea: quatro ou cinco conexões possíveis**. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2004.

MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

MORACE, Francesco. **Consumo Autoral. As gerações como empresas criativas**. São Paulo: Estação das Letras e Cores Editora, 2009.

MOTTA, Eduardo. **O lugar maldito da Aparência**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2013.

NUNES, J. H. **Dicionários no Brasil: Análise e história do século XVI ao XIX**. 1. ed. Campinas: Pontes Editores, 2006.

NOVAES, Joana de Vilhena; DE VILHENA, Junia. **O corpo que nos possui: corporeidade e suas conexões**. Curitiba: Appris, 2018.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Segmentar ou Recortar**. In: Série Estudos 10. Uberaba: FIU, 1984.

_____. **Interpretação; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. **Discurso e Texto: formação e circulação dos sentidos**. Campinas: SP, Editora Pontes, 2001.

_____. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas: SP, Editora da Unicamp, 2002.

_____. **Cidade dos sentidos**. Campinas: SP, Pontes, 2004.

_____. Michel Pêcheux e a Análise de Discurso (Michel Pêcheux et l'Analyse de Discours). Estudos da Língua(gem), [S. l.], v. 1, n. 1, p. 9-13, 2005.

_____. ; LAGAZZI-RODRIGUES, S. (Orgs.). **Discurso e textualidade**. Campinas: SP, Pontes, 2006.

_____. **Terra à vista - Discurso do confronto: Velho e Novo Mundo.** Campinas: SP, Editora da Unicamp, 2008.

_____. A análise de discurso e seus entre-meios: notas a sua história no Brasil. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas, SP, v. 42, p. 21–40, 2011.

_____. **Discurso e Leitura.** São Paulo: Cortez Editora, 2012.

_____. **Texto e Discurso.** Porto Alegre: Organon, v. 9, n. 23, 2012.

_____. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos.** Campinas: SP, Pontes, 12ª edição, 2015.

_____. **Discurso em Análise: sujeito, sentido, ideologia.** Campinas: SP, Pontes, 2017.

_____. **Eu, Tu, Ele - Discurso e Real da História.** Campinas: SP, Pontes Editores, 2a edição 2017.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: Uma Crítica à Afirmação do Óbvio.** Campinas, SP. Editora da UNICAMP, 2014.

POLLINI, Denise. **Breve História da Moda.** São Paulo: Editora Claridade, 2007.

RECH, Sandra Regina. Estrutura da cadeia produtiva da moda. *ModaPalavra e-periódico*, v. 1, n. 1, 2008.

QUEIROZ, Renato da Silva. **O corpo brasileiro: estudos de estética e beleza.** São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2000.

ROBIN, Régine. **A memória saturada.** Tradução: Cristiane Dias e Grecielly Costa. Campinas: SP, Editora da Unicamp, 2016.

ROCHE, Daniel. **A cultura das aparências: uma história da indumentária (séculos XVII-XVIII).** Trad.: Assef Kfourir. São Paulo: Editora Senac, 2007.

SABINO, Marco. **Dicionário da Moda.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

SOLER, Colette. **O Em-Corpo do Sujeito. Seminário 2001-2002.** Salvador: Ágalma, 2019.

STARACE, Giovanni. **Os objetos e a vida: reflexões sobre as posses, as emoções e a memória.** São Paulo: Martins Fontes, 2015.

SOUZA, Gilda de Mello e. **O Espírito das Roupas: A Moda no Século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx: roupas, memória, dor**. Organização e tradução: Tomaz Tadeu. - 5. ed. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

SUDJIC, Deyan. **A linguagem das coisas**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2010.

THELM, Neyde; BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha; LESSA, Fábio de Souza. **Olhares do Corpo**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

TREPTOW, Doris. **Inventando moda: planejamento de coleção**. Brusque: D. Treptow, 2013.

VIEIRA, Marcus André. **A paixão**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

VILLAÇA, Nízia. **Em pauta: corpo, globalização e novas tecnologias**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

_____. **A edição do corpo: tecnociência, artes e moda**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2016.

XIMENES, M.A.; CRUZ, B.A. Os “ismos” do Renascimento: Mercantilismo, Metalismo, Antropocentrismo e a consolidação do surgimento da Moda. In: PÂNTANO FILHO, R.; AMARAL, E. (org.), **O Renascimento em uma perspectiva interdisciplinar**. Curitiba: Editora Prismas, 2018.

WILSON, Elizabeth. **Enfeitada de Sonhos**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1985.

ANEXOS

ANEXO 1 - Protocolo de Pesquisa

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Memórias vestidas: um estudo sobre o silêncio das roupas e afetividade
Bruna Raquel La Serra

Número do CAAE: 13862719.1.0000.8142

Você está sendo convidado a participar como voluntário de uma pesquisa. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, visa assegurar seus direitos como participante e é elaborado em duas vias, uma que deverá ficar com você e outra com o pesquisador.

Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou mesmo depois de assiná-lo, você poderá esclarecê-las com o pesquisador. Se preferir, pode levar este Termo para casa e consultar seus familiares ou outras pessoas antes de decidir participar. Não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo se você não aceitar participar ou retirar sua autorização em qualquer momento.

Justificativa e objetivos:

O objetivo deste questionário é identificar as relações que os participantes têm com suas roupas e as memórias relativas a elas. Os dados (com exemplos identificados ou não, a depender de sua vontade e autorização) poderão constar em produções acadêmicas e serão usados para a pesquisa de Mestrado em Divulgação Científica e Cultural do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) e Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), desenvolvida por mim, sob a orientação do Prof. Dr. Marcos Aurélio Barbai.

Procedimentos:

Participando do estudo você está sendo convidado a participar de uma entrevista de perguntas abertas sobre sua relação com o vestuário.

Observações:

- O prazo previsto para condução das entrevistas é de, em média, uma hora.
- Caso você autorize, a entrevista será gravada em áudio em um dispositivo móvel. A pesquisadora irá transcrever o áudio da entrevista para posterior análise.
- Caso não queira ter a entrevista gravada em áudio, a pesquisadora irá apenas tomar nota das informações que julgar necessárias em um papel.
- O áudio da entrevista não será publicado em nenhum meio, ficando sob posse da pesquisadora pelo período de cinco anos após a conclusão do estudo. Após esse período, o arquivo será deletado.
- Ainda, caso tenha autorizado a gravação da entrevista, também ficará a seu critério se autorizará a publicação da transcrição da entrevista na dissertação da pesquisadora

Desconfortos e riscos:

Você não será, em nenhuma hipótese, penalizado caso desista de participar desta pesquisa. Não há riscos previsíveis.

Benefícios:

Não há previsão de benefícios diretos aos participantes. Entretanto, a sua participação na pesquisa poderá ser utilizada para o aprofundamento do conhecimento na relação entre o campo da Moda e da Análise do Discurso.

Acompanhamento e assistência:

A qualquer momento, antes, durante ou até o término da pesquisa, os participantes poderão entrar em contato com os pesquisadores para esclarecimentos e assistência sobre qualquer aspecto da pesquisa em danos decorrentes da pesquisa.

Sigilo e privacidade:

Você tem a garantia de que sua identidade será mantida em sigilo e nenhuma informação será dada a outras pessoas que não façam parte da equipe de pesquisadores. Na divulgação dos resultados desse estudo, seu nome não será citado.

Ressarcimento e Indenização:

Não haverá ressarcimento de despesas, pois a participação de voluntários se dá por meio da gravação de uma conversa na residência ou local de trabalho do participante, não impondo qualquer tipo de despesa. Você terá a garantia ao direito à indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa quando comprovados nos termos da legislação vigente.

Contato:

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com os pesquisadores:
Pesquisadora responsável: Bruna Raquel La Serra, Aluna de Pós-Graduação, Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. Rua Seis de Agosto, 50 - 3º piso - CEP: 13083-873, telefone (19) 99152-1974, e-mail brulaserra@gmail.com.

Pesquisador orientador da pesquisa: Marcos Aurélio Barbai, Endereço: Rua Seis de Agosto, 50 - 3º piso, prédio da Reitoria V, Cidade Universitária Zeferino Vaz - Barão Geraldo, Campinas. Telefone: (19) 3521-7900

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

O papel do CEP é avaliar e acompanhar os aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), tem por objetivo desenvolver a regulamentação sobre proteção dos seres humanos envolvidos nas pesquisas. Desempenha um papel coordenador da rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEPs) das instituições, além de assumir a função de órgão consultor na área de ética em pesquisas.

Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação e sobre questões éticas do estudo, você poderá entrar em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP-CHS) da UNICAMP das 08h30 às 11h30 e das 13h00 às 17h00 na Rua Bertrand Russell, 801, Bloco C, 2º piso, sala 05, CEP 13083-865, Campinas – SP; telefone (19) 3521-8936 ou (19) 3521-7187; e-mail: cep-chs@reitoria.unicamp.br.

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

O papel do CEP é avaliar e acompanhar os aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), tem por objetivo desenvolver a regulamentação sobre proteção dos seres humanos envolvidos nas pesquisas. Desempenha um papel coordenador da rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEPs) das instituições, além de assumir a função de órgão consultor na área de ética em pesquisas

Consentimento livre e esclarecido:

Após ter recebido esclarecimentos sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, aceito participar e declaro estar recebendo uma via original deste documento assinada pelo pesquisador e por mim, tendo todas as folhas por nós rubricadas:

[] Permito que a entrevista seja gravada em áudio pela pesquisadora para posterior análise e compreendo que o áudio não será reproduzido em nenhum meio.

[] Autorizo a indexação da transcrição da entrevista (gravada em áudio) no projeto final da pesquisadora em questão.

Nome do (a) participante: _____

Contato telefônico: _____

e-mail (opcional): _____

Data: ____/____/____

(Assinatura do participante ou nome e assinatura do seu RESPONSÁVEL LEGAL)

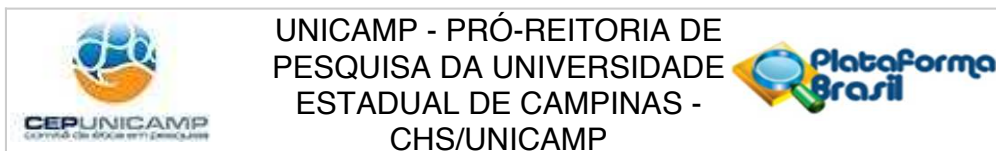
Responsabilidade do Pesquisador:

Asseguro ter cumprido as exigências da resolução 510/2016 CNS/MS e complementares na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguro, também, ter explicado e fornecido uma via deste documento ao participante. Informo que o estudo foi aprovado pelo CEP perante o qual o projeto foi apresentado. Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo participante.

_____ Data: ____/____/____.

(Assinatura do pesquisador)

ANEXO 2 – Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Memórias vestidas: um estudo sobre o silêncio das roupas e afetividade

Pesquisador: Bruna Raquel La Serra

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 13862719.1.0000.8142

Instituição Proponente: Instituto de Estudos da Linguagem

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.464.406

Apresentação do Projeto:

O presente trabalho tem como objetivo analisar a roupa como linguagem, tomando a vestimenta como objeto de estudo e analisando suas interseções com o gesto, o corpo e a memória e, a partir disso, analisando os indícios e pistas que revelam linguagens afetivas.

Pretende-se identificar as relações que os participantes tem com suas roupas e as memórias relativas a elas. Assim, compreendendo a dimensão subjetiva da relação sujeito-moda, pensando na dimensão afetiva que pode se construir com a roupa e como uma mesma peça do vestuário de alguém pode ser dotada de diferentes sentidos. Aqui se pretende analisar como esses fatores influenciam a memória e podem ser ressignificados individualmente e coletivamente.

Trata-se de um estudo de caso de natureza qualitativa, descritiva e exploratória que utilizara a metodologia da análise de conteúdo. O estudo utilizara dados extraídos das transcrições das entrevistas que serão aplicadas aos participantes selecionados.

Metodologia Proposta:

A coleta dos dados que irão compor o corpus da pesquisa será feita por meio de entrevistas qualitativas com os participantes, em que serão abordadas questões que evidenciem a relação sujeito-roupa. Além do questionário elencado no Anexo, poderão ser realizadas outras perguntas a depender. Essa entrevista será gravada em áudio e transcrita para análise. O áudio da entrevista não será publicado em nenhum meio, ficando sob posse da pesquisadora pelo período de cinco

Endereço: Av. Bertrand Russell, 801, 2º Piso, Bloco C, Sala 5, Campinas-SP, Brasil.

Bairro: Cidade Universitária "Zeferino Vaz"

CEP: 13.083-865

UF: SP

Município: CAMPINAS

Telefone: (19)3521-6836

E-mail: cepchs@unicamp.br

ANEXO 3 - ENTREVISTAS

ENTREVISTA – 01

Data de realização: 03/10/19

Profissão: modelista

Local: na sala da faculdade FATEC

PESQUISADORA: Vamos lá. Eu tenho um roteirinho só pra me guiar...

S1: Certo.

PESQUISADORA: Mas você vai ver que é muito mais tranquilo... Às vezes a gente fica tenso, né? Ai meu deus, eu vou ser entrevistado...

S1: NÉ? Que que será que vai acontecer? Risos!

PESQUISADORA: Então, olha, a primeira coisa que eu quero saber: qual a primeira coisa que vem na sua cabeça, na sua mente, quando você escuta a palavra ROUPA? Quais são os pensamentos que a palavra roupa traz para você?

S1: Relacionado à memória? Roupa?

PESQUISADORA: Não precisa enveredar para memória, para nada disso... pode, vai fazendo livremente. Você não precisa adaptar suas respostas para minha pesquisa. Você pode ir falando...

S1: Sim, sim...

Então, ROUPA na verdade quando fala de roupa é o que vivi a minha vida toda. Eu sempre trabalhei com isso, né?! Então, é, ela fez parte da minha vida, então roupa me remete a confecção, a trabalho... a minha vida gira em torno de roupa. Então, isso é ... quando fala em roupa, é... automaticamente é minha vida praticamente.

PESQUISADORA: Faz parte da sua história, então?

S1: Sim, sim, sim.

PESQUISADORA: Legal... E tem nessa história aí de roupa com você alguma roupa especial no seu guarda-roupa que você acha que conta a sua história ou que te representa?

Silêncio...

S1: Não, não sei se tem. Creio que não tem nenhuma peça que eu tenha assim me apegado tanto... Porque como passaram várias roupas pela minha vida, então assim não teve momentos, cada uma foi um momento específico. Então a gente sempre tava sempre reciclando.

PESQUISADORA: Uhum.

S1:Então não tem nenhuma peça que fala assim: ‘nossa aquela peça guardei porque foi importante em certa fase da minha vida’... Então eu não tenho isso.

PESQUISADORA: E nem uma primeira que você costurou, ou algo assim relacionado ao seu trabalho?

S1:Ahhhh, tá! Teve uma peça sim. Teve uma peça muito especial que foi pra irmã do Doni (marido). Foi o meu primeiro vestido que eu costurei. Um vestido simples, mas assim, foi uma satisfação tão grande, mas tão grande! Uma realização, eu falei: nossa fui eu que fiz a modelagem, fui eu que cortei, eu que costurei... E ela recebeu aquilo com tanto amor. E era um tecido muito simples, então aquele... eu... a gente via que a costura estava muito bem feita, tava tudo, né? Perfeito... mas eu sabia que aquilo não ia durar muito tempo... Foi uma pena, uma das peças que mais gosto. Falar nisso até tenho que procurar com ela se tá por ali aquele vestido... uma peça que eu posso guardar... né?

PESQUISADORA É, faz parte!

S1:Ô, com certeza!

PESQUISADORA: Conta a história do seu ofício, né? Do seu trabalho.

S1:Sim, sim. Verdade, tem essa peça...

PESQUISADORA: Mas então você não costuma, por exemplo, guardar peças especiais, nem que você costura, coisa assim...

S1:Não, não tenho, não tenho... Tem umas peças especiais que a gente vai guardando porque é peça piloto, que eu falo ‘mais pra frente vou usar’. Mas tudo relacionado a trabalho, não à... às... a algo afetivo, entendeu? Coisa afetiva...

PESQUISADORA: Entendi, não...

S1:Especificamente...

PESQUISADORA: Coisa mais prática mesmo?

S1:É, isso...Acho que por trabalhar tanto tempo com isso, a coisa fica um pouco que mecânica, né?

PESQUISADORA: Uhum...

S1:E a gente vai só passando...

PESQUISADORA: Mas a relação sua com o que você veste também fica mecânico? O que que você acha?

S1:Não, eu acho que não. Eu acho que a gente coloca... coloca amor nisso, né? A gente se dedica, coloca amor no que a gente tá vestindo, escolhendo a roupa... pra cada situação... então, éeee... é só o fato do guardar, em si que a gente não... que eu não tenho.

PESQUISADORA: ..que você não tem. Mas, você lembra? Por exemplo...

S1:Leeeembro.

PESQUISADORA: talvez na lembrança?

S1:Simmmmmmmmmmm.

Silêncio.

PESQUISADORA: Se você tivesse que se lembrar de uma roupa especial, algo que tivesse... que teve muita importância na sua história de vida, você consegue lembrar de uma roupa, por exemplo?

S1:Eu consigo! Éeeee... e tudo assim, roupas que eu fiz pra pessoas que são próximas a mim. O vestido do casamento do meu irmão, a minha irmã foi madrinha. E esse vestido fui eu fiz e o Donizete que é a paixão da minha vida, meu irmão, meu amigo, meu tudo... e ele foi comigo em todas as etapas, então assim é, é... aquele vestido trouxe histórias por que era um... foram momentos difíceis, mas eu precisava fazer aquilo e eu tinha que correr atrás de costureira, trazer de, de... tecido pra poder bordar porque era sob medida e eu nunca trabalhei sob medida. Então esse vestido me marcou muito... Eeee depois... É engraçado porque assim... foi feito aqui em Americana, o casamento era na Bahia, então não tinha muita chance de erro. Aí eu falei assim, minha irmã: “Nayara você... se prepara pra uma segunda opção porque eu não sei como é que vai ser...”

PESQUISADORA: Aham! Risos!

S1:Né? Suas medidas... você mandou suas medidas e agora só que eu não sei como vai chegar aí. Eeeeeee... eu peguei esse vestido, na época eu fui pra Bahia de ônibus, porque eu tinha muita coisa pra levar e não dava pra levar de avião, e eu coloquei dentro de uma fronha de travesseiro... pra proteger!

PESQUISADORA: Maravilhoso!

S1:É. E aí levava aquele vestido... nem dormia pra não amarrotar, pra não estragar, e pra não perder essa viagem.

PESQUISADORA: Uma preciosidade!

S1:Nooooossa, aquilo foi! E assim, os bicos dele foi tudo recortado na mão, que eu fui ver recortando depois a costureira foi me explicando como aplicar no tule, então foi um processo desgastante mas muito curioso, muito...

PESQUISADORA: E como foi ver no altar? Deu certo?

S1:Deu, deu muito certo, tenho até foto, depois eu te mostro. E ficou muito bom, assim é... teve que ajustar um pouquinho nas costas, mas tinha uma costureira lá de loja de noiva e ela fez um ajuste que ficou perfeito... Então foi muito gratificante, foi um vestido que marcou muito a minha vida, verdade! Foi o casamento do meu irmão... isso fazem... 3 anos.

PESQUISADORA: Que lindo! Quero ver foto.

S1:É, vou te mostrar depois.

PESQUISADORA: E essa questão, eu percebo que a questão da roupa pra você como tá muito vinculada ao trabalho, as suas memórias estão todas relacionadas às coisas que você costurou, né?

S1:Exatamente. Coisas que eu fiz, não coisas que tipo é, eu ganhei e fui pra tal evento, eu comprei pra tal evento...

PESQUISADORA: Você não tem essa coisa de planejar os seus looks, suas roupas?

S1:Não, não.

PESQUISADORA: Tá. E que que você acha ... a forma como as pessoas se vestem, ela afeta sua opinião sobre elas?

INTERRUPÇÃO.

PESQUISADORA: Vamos voltar. Então a gente tava falando sobre a roupa tá muito vinculada...

S1:Uhum, isso.

PESQUISADORA: ...com a forma do seu trabalho e você não planeja tanto a questão como você se veste, não é uma coisa tão importante... parece que a sua roupa não é... não é que não é tão importante...

S1: Eu acho que... eu eu sou prático, às vezes. Eu até planejo, tipo... Ah... é prum evento... deixa eu ver o que que eu vou colocar. Eu vou fazer uma pesquisa de algum tipo de roupa que vai cair bem em mim... Alguma coisa mais ou menos assim. Mas nada que me prenda taanto a isso... eu acho queeee... tipo... eu vou... vai... pego e faço. Então assim.

PESQUISADORA: E você costura pra você também?

Não, hoje não. Eu acho mais prático eu comprar ou então... de repente, tem amigos que costuram muito bem, a gente faz uma parceria... eu corto, a pessoa monta, entendeu?

PESQUISADORA: Que legal!

S1: A gente tem esse tipo de parceria...

PESQUISADORA: É difícil fazer roupa pra si mesmo?

S1: Aaaah, eu acho... eu acho que não, não é. Mas assim, sentar pra costurar é aquela coisa... A costura. Eu acho que a gente fica muito tempo ali se dedicando à costura. Então assim: até o ponto da modelagem, tudo bem. Modeelo, corto... mas na hora de montar jogo na mão da costureira que sabe fazer com aquele capricho, então eu falo: então sei que fica muito bem feita, entendeu? Então não demanda tanto de mim pra isso. E aí eu cuido de outras coisas no processo criativo.

PESQUISADORA: Você sempre costurou? Sempre modelou?

Não, sempre cortei.

PESQUISADORA: Sempre cortou...

Éeee. Sempre cortei roupas eeee... comecei a modelar. Mas costura, foi só em fase de faculdade, fase de curso. Minhas peças piloto do curso de modelagem eu montava. Então assim... não pra produção, não pra roupas pra mim mesmo...

PESQUISADORA: Entendi.

S1: E é gostoso.

PESQUISADORA: De onde vem essa paixão pela roupa?

S1: Porque assim na verdade quando eu vim a Americana, que nossa família é toda da Bahia é... tinha um político que chamava... tinha não: tem! Ele chama Gil e ele tinha uma confecção de roupa infantil... que era pagãozinho, mijãozinho e nós tínhamos 7, 8 anos e nós fomos trabalhar com ele. Saía da escola depois do almoço a gente ia pra lá. Desvirar os mijãozinho que vinha da costureira, dobrar, embalar e colocar estampinha. Então foi aí... Com 7 anos, nossa nem queria ir na escola porque queria tá lá no meio da roupa. Era eu...

PESQUISADORA: Você gostava de fazer aquilo, não era só por necessidade?

S1: Gostava. Naaaao. Na verdade não era nem necessidade, era mania de de assim, tava todo mundo trabalhando em casa e aí o Gil falou assim: 'ah, os meninos estão fazendo o que? Pede pra eles virem me ajudar que eu dou um dinheiro pra eles.' Então assim teve o incentivo financeiro, mas teve o lado gostoso de você estar no meio das roupas, da produção... então foi muito legal e isso foi em meados de 90. Iiisso, eu tinha 10 anos. Eu tava com 9 a 10 anos.

PESQUISADORA: Que legal! Você e seus irmãos então?

S1: Não, meus irmãos não porque eles eram.... Eu sou o mais velho da minha família. Era eu e minhas duas tias porque assim é sabe aquela coisa a mãe fica grávida, a filha fica no mesmo período. Então foi assim, minha tia tem... eu tenho 38, tenho 39 fiz agora. A minha tia tem 38 e a outra tem 39 que é minha idade depois faz os 40 anos. Era tudo pertinho. Então como eu vim pra morar na casa da minha vó, a gente ficou muito ligado. Então a gente ia os 3 trabalhar nessa confecção.

PESQUISADORA: E elas seguiram também ou não?

S1: Não, aí uma trabalhou um bom tempo em confecção e foi pro ramo da enfermagem. Aí hoje é enfermeira padrão e a outra hoje leciona...

PESQUISADORA: Uhm Que legal!

S1: Então só eu que me mantive nessa linha aí...

PESQUISADORA: Mas antes disso você já tinha imaginado que você ia talvez trabalhar com roupa, com tecido? É um uma coisa que sempre te acompanhou ou não?

S1: Na verdade assim... trabalhar com roupa... Porque a minha mãe ela sempre fez as nossas roupas. Fez assim... éeee não de sentar e costurar. Ela escolhia o tecido, levava na costureira e falava eu quero isso, isso e isso. A gente é de família evangélica.... aí o que acontece.... Onde a gente apresentava as nossas roupas? Era na igreja!

PESQUISADORA: Aham!

S1: Então toda semana a gente tinha que ter uma novidade apresentar. E era uma coisa meio que disputa, então... Tinha a minha mãe, a minha irmã eeee o meu irmão. Porque meu pai na Época... hoje meu pai é pastor, mas na época ele não era evangélico. Então assim... nossa, éee passava a semana programando a roupa da família toda pro domingo!

PESQUISADORA: Aaaah, que legaaaal!

S1: Que era domingo do culto e a gente tinha que ta apresentável, não podia ta repetindo tanta a roupa. Aí, então, tinha isso...

PESQUISADORA: É daí que vem essa história!

S1: Éeeeeee, é daí! Aí tinha uma costureira que chamava Dona Dulcinha éee... e a gente... ela falava assim: 'Gleidson, leva lá tal tecido que eu comprei, eu já conversei com Dona Dulcinha...' eu, eu... fico VERSANDO ela, sinto até o cheiro da casa dela!

PESQUISADORA: Ai que delícia...

S1:...de tanto... éeeeeee de tanto que a gente ia e... e puxa as memórias...

PESQUISADORA: E como é o cheiro da casa dela?

S1: Aaaai, é uma casa... uma casa meio abafada por causa da quantidade de tecido, risos!

PESQUISADORA: Risos!

S1: E ela fumava no quintal, a fumaça entrava, virava um tropé... mas ela costurava muito bem! E aí, menina, a gente pegava... era uma satisfação! Aí tinha a prova, né, no meio da semana, a gente tinha que provar a roupa antes de colocar os botões, de de fazer acabamento para ver se tá tudo certinho... então era um processo gostoso... e ela tava ali com aquele jeito dela, com aqueles óculos e cigarrão na mão e tava costurando, botando alfinete pra lá e pra cá... no final das contas saia aquela peça maravilhosa que dava gosto de se ver!

PESQUISADORA: Ai que lindo!

S1: Ela tinha uma costura que você não sabia qual era o direito e qual era o avesso de tão bem feito que ela fazia... E era disputada na cidade, porque era uma cidade pequena então acho que daí que vem toda essa paixão e essa vida com roupa...

PESQUISADORA: Com certeza! Nossa, era o desfile na verdade! Domingo era o desfile de vocês!

S1: Ééeee, sim, sim! E tinha que tá apresentável, né?! E assim, era uma coisa engraçada... como são as coisas, né?! E era onde... o evento da cidade era o culto na igreja porque quem não ia para a igreja, tinha na praça da cidade que você ia tomar um sorvete, alguma coisa...

PESQUISADORA: Mas A igreja era o momento solene, né?

S1: Ééeee...

PESQUISADORA: E todo mundo reparava na roupa do outro?

S1: Reparaaava, porque assim a pessoa cria esse... tava assim... quando chegava tava a igreja toda sentada. Chegava alguém parecia noiva! 'Ai, irmã Jessica ta chegando, irmão Railton ta chegando!' Então as pessoas queriam ver como você tava vestido, néee? Aí na hora que terminava o culto, porque tinha cantina do lado de fora, então as pessoas iam conversar, iam elogiar a roupa um do outro... era uma coisa meia, né? Meia que louco! Mas na época era assim que funcionava!

PESQUISADORA: Aaaah, interessante!

S1: E acho que até hoje tem um pouco disso...

PESQUISADORA: Você acha que isso te acompanha de continuar, ou não? Você perdeu essa coisa de querer... de usar a sua roupa, seu visual pra impressionar? Porque você se tornou prático, né? Com relação ao seu visual...

S1: Éeee, mas eu acho que tem ainda essa necessidade, né? Acho que... a vida... impõe isso na gente... a gente tem que tá bem vestido, tem que tá apresentável.... Então tem essa cobrança. E principalmente pra gente que trabalha com a área de Moda, né? Então... teeem...

PESQUISADORA: Essa coisa da aprovação, né?

S1: Tem, tem, tem... tem sim! Tem essa coisa de aprovar... por mais prático que a gente seja, a gente tem que ser um prático meio que inteligente pra tentá encaixar as coisas ali... porque tem uma cobrança...

PESQUISADORA: Então a maneira como os outros se vestem, desde essa época aí da igreja até hoje... você acha que influencia sua opinião sobre uma pessoa? Se a pessoa se veste bem, se a pessoal se veste mal... ou hoje não, você não liga tanto pra isso?

S1: ...Ooooolha... a gente analisa, mas não, não é uma análise, análise crítica. Acho que é uma coisa mais... meio que profissional.

PESQUISADORA: Uhum

S1: Não é uma coisa mais assim: ‘nossa, fulano não se veste bem...fulano...’ porque as pessoas de repente não tá vestida tão bem mas tá tão confortável naquilo ali que a pessoa né? Passa uma segurança tão grande que fala: ‘Nossa que bom que ela consegue carregar esse look, né?’

PESQUISADORA: Aham!

S1: Então tem muito disso, então assim, é... hoje tem... tem a crítica sim, mas não é aquela coisa tão éee... pejorativa, eu diria assim? É, então não é aquela crítica de fulano ta mal vestido, deveria ser assim, assim, assado... Não! É uma coisa mais... Igual assim é... eu fui para Bahia e tenho... os meus cunhados, são pessoas muito INFLUENCIADAS da cidade... em Feira de Santana. E fomos a um churrasco na casa dele e aí ele soube que eu trabalho com Moda e taltaltalt, eu achei aquilo o cúmulo do cúmulo... e era num condomínio, pessoal muito rico, pessoal muito cheio de dinheiro... fiquei meio perdido ali, maas tava com meu cunhado, né? O irmão dele é poderoso lá tal... E Gleidson pra lá, Gleidson pra cá... de repente um casal de amigo deles e a esposa dooo... do cunhado... do irmão do meu cunhado depois chegou no cantinho falou assim: ‘Gleidson, essa mulher tem tanto dinheiro, ela anda com mais de R\$ 100.000 em jóias... mas olha como ela é cafona! Dá umas dicas de moda...’ Eu falei, eu fiquei tão desconcertado porque assim é... e como uma pessoa dessa faz um comentário da amiga que convivia tanto tempo e criou uma expectativa tão grande eu mudar uma atitude da pessoa se vestir, que eu falei assim: ‘Nossa, éee’ (sussurra: o nome dela é Débora? É...) É tão indelicado isso de repente a pessoa tá tão a vontade, tá tão confortável com essa roupa que acho que não tem o porque a gente ficar, né? Ficar cutucando, dando dica... Ela ficou meio sem graça, mas é uma situação meio que assim... então tem todas as críticas tipo a roupa ideal, para o momento ideal, mas não aquela coisa deeee... de crítica... de... igual aconteceu nesse evento que eu fiquei constrangido, né?

PESQUISADORA: As pessoas veem a gente com essa responsabilidade também de opinar, né? Tem muito disso...

S1: Sim, sim, tem! E assim, a gente pode até opinar desde que a pessoa dê... espaço pra gente...

PESQUISADORA: Abertura...

S1: Exatamente, foi o que comentei, se de repente ela chegasse ‘ai Gleidson, eu vou ter tal evento, o que que você acha que eu posso vestir? A gente pode começar a discutir, pode pesquisar...’

PESQUISADORA: Claro!

S1: Agora eu chegar e falar assim: ‘nossa você não poderia ter vindo com outra roupa?’ ‘Isso aqui não fica legal de você tá...’ então... é uma coisa meio que assim... e os baianos são muito vaidosos. Eles são, eles tem uma cobrança muito grande em relação a isso...

PESQUISADORA: Ah, é?

S1: É, então assim é a cultura de moda lá é muito forte, a gente acha que não, mas é muito forte lá...

PESQUISADORA: Que bacana!

S1: E eles cobram, cobram postura... cobram é, éee... são muito atualizados, eu fiquei passado! Eu to indo agora em Novembro de novo de volta ficar com meus pais lá.

PESQUISADORA: Você vai todo ano? Como você faz?

S1: Eu quase todos os anos eu ia, mas esse ano... eu fiquei dois anos sem ir da outra vez por causa do trabalho, mas ano passado eu fui e esse ano eu to indo de novo, vou passar um periodozinho lá de novo...

PESQUISADORA: Até como exercício você repara na forma como as pessoas se vestem lá?

S1: Sim, sim...

PESQUISADORA: É diferente daqui?

S1: É diferente, é diferente... até que não é tão diferente daqui, na verdade assim eu acho que eles acabam sendo mais bitolados a moda do que nós...

PESQUISADORA: Entendi.

S1: Acho que nós, a gente é mais despretensioso na moda... Eles não, eles são mais assim... é é... são mais metódicos em relação à moda, uma coisa mais mais ou menos assim...

PESQUISADORA: Com a imagem?

S1: Com a imagem, é é... tem umas coisas... assim que...

PESQUISADORA: Interessante, né?

S1: É, é...

PESQUISADORA: Muda muito de um lugar pra outro...

S1: Muda! É um mercado meio que... meio que diferente.

PESQUISADORA: Bom, com relação ao seu estilo, né? Que toda vez a gente acaba caindo mais no trabalho, mas gostei porque a gente lembrou aí da casa da costureira, da questão, né? Da igreja... A roupa tem uma importância muito grande para você, então?

S1: Tem, tem... fez parte da minha vida toda e tem memórias muito boas né?... que eu passei com a roupa... teve algumas tragediazinhas, mas nada demais... uns dos belos dias... vou contar rapidinho esse caso...

PESQUISADORA: Ai, conta por favor!

S1: Eu vim do... eu fui nessa tal de Dulcinha pegar umas roupas, que minha mãe... que tinha ficado pronta. E eu não sei... eu tava com a camisa que ela tinha costurado, falei: 'aí vou até usando...' olha, olha a tragédia! Vou até usando a camisa porque ficou tão boa... a costureira falou: 'menino a tua mãe vai te matar'! E eu fui com essa roupa na costureira, atravessei a cidade toda com a sacolinha de roupa, só que no meio do caminho, eu estava na calçada e eu não sei de

onde saiu uma moto, e a moto... assim, gente... parece que foi, foi uma coisa de louco! Não me jogou no chão, não fez nada... simplesmente o guidão da moto pegou na camisa e abriu a camisa... todos os botões caíram e o motoqueiro foi embora... eu falei: ‘gente, mas de onde saiu?’ Foi uma coisa assim, meio que... eu falei de onde saiu essa moto? E voltei correndo pra costureira pra ela poder pregar os botões... Risos!

PESQUISADORA: Risos! Meu Deus! Mas que coisa inusitada....

S1: Éeee, e assim não ficou, marca no corpo, não ficou nada! Simplesmente, passou, pegou... eu falei Jesus... eu fui contar pra minha mãe depois, né? Eu falei: ‘ai mainha, eu tava com camisa’... (porque a gente chama de mainha, né?)

PESQUISADORA: Aham.

S1: Eu tava vindo com a camisa e a moto me pegou... “Mas não aconteceu nada, menino?” Aquela coisa de mãe, né? E nada! E bem inusitado, foi uma das... isso daí eu nunca vou esquecer na minha vida! E foi numa das idas à Dona Dulcinha pegar roupa pro final de semana...

PESQUISADORA: Olha só!

S1: Dona Dulcinha tá lá até hoje... ta mais velhinha...

PESQUISADORA: Você ainda vê a Dona Dulcinha?

S1: Vejo, vejo...

PESQUISADORA: Faz roupa com ela ainda ou não?

S1: Não, hoje ela colocou as filhas pra ir fazendo... acho que ela não dá mais conta de fazer.

PESQUISADORA: Eu imagino! Muito tempo, né?

S1: Muito muito!

PESQUISADORA: E você pensa em fazer isso por muito tempo, pra sempre, como que é?

S1: Acho que pra sempre né? Acho que a nossa vida quando a gente é... é pra sempre! porque eu já tentei fazer outras coisas, fui pra publicidade, é... rodei, rodei, rodei e caí no mundo da moda.. Falei: ai, foi quando resolvi fazer faculdade! Teve uns imprevistos, mas tive que meter a cara. Mas eu fugi da moda por um tempo... Tentei outras coisas antes. Tentei radiologia médica...

PESQUISADORA: Olha!

S1: É eu fiz técnico em radiologia médica, e nada aí caiu no São Lucas para fazer raio X de fraturado, eu desmaiava... não dava certo! Risos!

PESQUISADORA: Ai, meu deus!

S1: É... chegou um soldado lá que tinha fraturado a perna não sei como... menina, aí eu dei conta? Não, falei não dá certo não...

PESQUISADORA: E porque você acha que você tentou fugir da Moda?

S1: Eu não sei porque eu achava... sabe quando chega um período que você fala: 'eu to tão nisso, to tão nisso que num mundo de tantas possibilidades, vamos tentar uma coisa nova para ver, né?' Mas a gente não se adapta assim mais, acho que nossa vida roda, roda e o mundo da moda é tão amplo, tem tantas coisas pra se fazer, né? Como a publicidade, jornalismo tem... tem um monte de coisa então a gente num, num sai mais.

PESQUISADORA: Eu entendo!

S1: A gente não tem pra onde correr...

PESQUISADORA: Super entendo! E essas roupas da Dona Dulcinha, da sua história... você não tem nenhuma guardada? Tipo você nunca se preocupou em guardar as roupas?

S1: Minha mãe tem.

PESQUISADORA: Ela tem?

S1: É como eu sempre fui muito desprendido, um dia eu to aqui outro dia to na Bahia, então assim... meu guarda roupa tem que ser uma coisa prática, então memórias eu quase não carrego, fica sempre na minha mãe... Então com a minha mãe a gente ainda tem roupas da época da Dona Dulcinha...

PESQUISADORA: Entendi.

S1: É, tem até que pesquisar porque é bom guardar, né? De repente até um quadrinho, né?

PESQUISADORA: É então, tem gente que tem essas coisas de querer guardar umas peças de roupa...

S1: Sim, é legal isso e a gente que trabalha com moda, é importante ter uma peça que nos remeta ao nosso passado. E isso é uma peça interessante, acho que tem uma camisa ou alguma coisa do tipo. Shortzinho, aquele shorts de linho que fazia na época... minha mãe guarda essas coisas, minha mãe é de memória afetiva pra essas coisas... então ela tem!

PESQUISADORA: Entendi. Que demais! E se você pudesse talvez trazer então uma roupa que talvez nem esteja guardada na sua mãe que você não se lembra... Mas se você tivesse que trazer uma roupa pro presente, pra pôr no seu quadrinho, que você falou... qual seria essa roupa? Seria sua ou seria também alguma que você fez pra alguém?

S1: Ai não... seria minha... seria uma camisa manga longa que... que a Dona Dulcinha por sinal costurou. E ela era listrada e eu achava um luxo na época porque era um listrado muito bonito, então é uma das peças que eu traria ...

PESQUISADORA: Ela tá viva na sua cabeça? É uma imagem...

S1: É, tá!

PESQUISADORA: Você viveu coisas boas com ela ou era só por ela te marcar por causa da estampa?

S1: Por marcar e é porque minha vida foi na igreja, então era a escola dominical e o culto à noite, então ela foi um dos momentos... e eu cantava na Igreja... então assim que ela fez eu fui e cantei, tal, então a peça que me marcou...

PESQUISADORA: Que lindo! Adorei.

S1: Verdade!

PESQUISADORA: Existe alguma coisa, alguma roupa, algum objeto assim de estilo que você não usa ou que você não usaria de jeito nenhum? Algo que você tem aquele ranço assim, ou não?

S1: Eu acho que não tem... não tem nada específico que eu não usaria assim... Eu acho que dependendo da época e da fase... tem muita peça que a gente vê nas vitrines e que a gente mesmo cria pra seguir a tendência mas que não dá pra usar, né? Você sabe que tem muita coisa... mas assim de imediato não tem nada que eu não poderia usar. Acho que sim, uma coisinha, uma bermu... tipo bermuda cargo eu não sou muito fã...

PESQUISADORA: E tá voltando... Risos!

S1: É e tá voltando... As calças cargo estão voltando.

PESQUISADORA: Anos 90...

S1: É. A cargo, num, acho que eu não...

PESQUISADORA: Mas é uma questão por você não achar que te veste bem ou você não acha bonito?

S1: É eu não acho interessante, eu não acho uma peça tão interessante. Só por isso. Verdade tá voltando, até nos filminho... É até interessante...

PESQUISADORA: Esse estilo street...

S1: É.

PESQUISADORA: Tem algo que você não costuraria, não faria, ou não faz, não gosta de cortar... Na verdade eu não sei se to me referindo direito porque a sua parte é da modelagem e do corte... eu falo costura, né?

S1: É, não mas tudo tudo... eu entendi o que você quis dizer... Não porque assim cada peça que a gente corta e modela é um desafio novo e por mais brega, por pior que a peça seja é... o fazer, o desenvolver é um aprendizado então a gente acaba ficando, acaba fazendo... então não tem uma exceção... então a gente faria de tudo no caso, quem trabalha com isso, a gente acaba fazendo. Agora se eu for produzir uma coleção minha tem peças que não, que jamais colocaria, entende?

PESQUISADORA: Tipo?

S1: Deixa eu ver o que... Não sei se... é que hoje ta usando aquela calça que usava antes... não era pantacourt que a gente chamava ela, era uma pula brejo, não sei...

PESQUISADORA: A Capri?

S1: Isso, seria a Capri... a feminina fica muito bem, você colocando os acessórios certos... Mas a masculina que teve uma época que usou, que os homens estavam usando, era uma coisa muito ridícula! Eu não consigo imaginar... nem imaginar alguém que eu conheça usando aquilo ali. E era capri, os homens usavam capri, né?

PESQUISADORA: Aham

S1: Usavam sim, verdade...

PESQUISADORA: Pode ser que ainda volte a usar....

S1: É...

PESQUISADORA: Mas na sua coleção não vai ter....

S1: É, não, não... na minha não teria, ela não... Risos! Por mais atual que ela esteja, é uma peça que eu não colocaria...

PESQUISADORA: Isso é legal, porque então você não é tão vinculado a essa questão de tendência, né? Você é muito mais do que você acredita, do seu gosto...

S1: Sim, sim éeee...de repente, eu só vendo aquilo que eu poderia comprar, entendeu? Eu sou uma coisa mais ou menos assim... eu só vou vender aquilo que eu consigo comprar, que eu gostaria de comprar. Então a gente oferece o melhor.

PESQUISADORA: E pensando aí na questão do processo, né, do corte... você escolheu essa parte ou ela também foi uma parte que...

S1: Foi acontecendo... e tudo na confecção do Gil que eu comecei aos 7 anos de idade... Aí a gente...comecei só dobrando roupa, estampando... que aquele estampa de transfer que a quente, que era ferro, né? O calor...

PESQUISADORA: Ai, que perigo! Vocês pequenos!

S1: Éeeee... Nãaaao, a gente já tinha 13 anos, e estampava, éee, botava o ferro quente e tirava o desenho tava lá... A gente achava lindo os pagãozinho... pagãozinho e mijãozinho... Eeeee... aí aos poucos eu fui... comecei a FESTAR com a encarregada da confecção... só que ela deixava as coisas festadas, deixava os riscos bonitinho e saía... e aí ficava lá, eu falava: 'ah, acho que eu vou tentar cortar, será que eu consigo?' Então foi mais ousadia o corte, né? Falei então eu já...

PESQUISADORA: Era proibido!

S1: Éeeee... eu não podia por ser criança praticamente, né?

PESQUISADORA: E você cortava?

S1: Eu cortava e eu cortei...

PESQUISADORA: Desobedecia... risos!

S1: Desobedecia! Éeeee fui muito ousado pra isso, deveria ser pra outras coisas que de repente leva a gente até mais longe... Foi nesse episódio que aconteceu essa ousadia... E aí eu virei através disso... Ela falava: ‘ai, quando você perder seus dedinhos depois não venha reclamar’... Risos! Éeeee, eu torcia pra que ela saía e deixava mais corte infestado.

PESQUISADORA: E aí você começou a cortar sempre?

S1: Comecei a cortar sempre, só que só roupa infantil, aí quando foi cortar moda de verdade foi quando eu fui trabalhar na Fallati... que é aquela que o pessoal fala...

INTERRUPÇÃO

PESQUISADORA: E você lembra da primeira vez como foi a sensação de cortar escondido a primeira roupa?

S1: Ai, eu... foi... o coração daquele jeito, né? Ligava a máquina, olhava pros lados, falei: ‘ai, eu vou cortar!’ E o medo, uma insegurança, mas assim, né? Que como eu tinha observado ela cortar, falei: ‘deve ser isso aqui..’. A máquina de 8 polegadas, uma máquina muito pesada, né? Então não tinha aquelas habilidades de fazer a curva com a máquina, e... as entradas tinham que ter o limite... você não podia dar o pique maior porque passasse a costura, se não comesse aquele pique a peça ia desmanchar... então tinha todos os processos que não tinha malícia na época... eeee... aí depois eu peguei o jeito e comecei a ser o cortador da confecção...

PESQUISADORA: Legal!

S1: Eeeee como com o tempo, começou atrasar salário, aquela coisa toda... eu pensei: ‘agora que eu sou cortador eu vou procurar alguma coisa na minha área...’ Foi quando eu mandei o currículo pra Falatti. E esse currículo você vai ficar impressionada como foi que aconteceu... Eu tava descendo pra almoçar de um serviço de tecelagem que eu tava fazendo 5 dias na tecelagem do seu Luis e um pedaço um quadradinho de jornal rasgado eu peguei pra ler... descendo aquele sol queeeente!

PESQUISADORA: Mas na rua? Apareceu no meio?

S1: Na rua, no meio da rua...

PESQUISADORA: Gente!

S1: Éeeee, tava é umas coisas muito louca! Aí eu peguei pra ler... só que não tinha data porque como era o meio, o miolo do jornal, éee e tinha precisando de currículo pra entregar no Liberal, eu nem sabia pra que empresa era porque não colocou o nome da empresa e tudo... Ah vou mandar, né? De repente se esse jornal é recente...e mandei e fui trabalhar e na época a gente não tinha telefone em casa, eu sempre passava na casa do Luiz que era amigo meu e morava mais pra cima, eu deixei o telefone fixo dele... na época não tinha celular nem nada... aí a Dona Irene que era a mãe do Luiz falou assim: ‘Gleydson, vem almoçar aqui em casa!’ E eu passava na frente da casa dela e eu falei ‘vou, vou sim...’ aí eu fui almoçar no dia seguinte na casa dela, saí do serviço,

era mais próximo da empresa aí ela falou assim ‘ai, ligaram pra você ontem Gleydson!’ Ela era meio esquecidinha, ‘eu esqueci de te falar! É de uma empresa pra você fazer uma entrevista...’ aí passou o endereço, ela marcou o endereço e eu fui. E essa empresa era a Fallati e foi com um currículo que eu tinha enviado através desse pedacinho de jornal que eu encontrei no meio da rua... na rua da casa da minha vó na hora que eu tava descendo... nunca vou esquecer disso...

PESQUISADORA: Você nem sabia pra que era o emprego?

S1: Não, eu sabia que era pra cortador...

PESQUISADORA: Ah, ta!

S1: Éeee, era vaga pra cortador, mas só que eu não sabia que empresa, eu não sabia a data do jornal porque foi...

PESQUISADORA: Menino, mas voou um pedaço de jornal em você, vaga praaa...

S1: Estava... Sabe aquela coisa assim na frente e você vai andando e você vê o papel e você fala vou pegar pra ver e era o jornal!

PESQUISADORA: Exatamente! Pra vaga do que você fazia...

S1: De corte, do que eu fazia, entendeu? E assim uma coisa nova porque eu nunca tinha saído de confecção de roupa infantil pra trabalhar com... com Moda... eu nem sabia pra que tipo de roupa era... eu falei se de repente se já, né? Roupinha de criança também, né? Aí eu vou trabalhar... e aí foi com a Fallati.

PESQUISADORA: Gente, que história linda! Foi destino... você acha que foi?

S1: Foi, foi destino porque assim... éee... e foi quando eu saí da minha vó e entrei na Fallati que depois de sair da casa da minha vó e fui aluguei minha casa e fui morar sozinho. E eu peguei um corte de alfaiataria pra fazer e eu nunca tinha feito corte de alfaiataria... eeeee... eu sei que eu dei um pique, dei uma entrada a mais na peça...eu entrei no banheiro, mas eu chorei eu falei ‘Deus não posso perder esse trabalho porque agora eu já to com uma casa alugada, já tenho tudo, agora preciso fazer pra que de certo...’ e a minha encarregada de fato ela não queria mais ficar comigo... e a Sônia Saciloto, que era a dona da empresa, falou ‘não, vou insistir, quero ficar com o Gleidson sim...’ e depois disso eu trabalhei 6 anos com eles! Fiquei 6 anos lá e saí só porque eu fui fazer publicidade... Patrão até queria eu acho que... não sei se foi burrice... de repente foram fases que eu vivi... ele falou assim: ‘Gleydson seu fizer uma proposta você continua?’ E eu falei assim que não, que tava indo fazer um curso fora da moda e... Mas a Fallati foi uma empresa que foi a minha... a minha mãezona aqui em Americana...

PESQUISADORA: Que lindo... e depois você não pensou em voltar pra lá?

S1: Então, eu encontro eles em tudo, mas voltar lá ainda não. Acho que quero voltar em... de outra forma...

PESQUISADORA: Hoje você trabalha por conta própria mesmo, né?

S1: Então eu tava trabalhando por conta própria, então agora eu fui pro Paraguai que eu to cuidando de boutique lá que é a Dash Brasil eeeee eles vão fazer uns desfiles agora esse final de ano e eu vou ficar 30 dias lá pra fazer o desfile que vai ter, que é o FFW. O que é o FFW? É o Fronteira Fashion Weekend, é só um final de semana... e aí é a loja vai participar... então eu to indo pra ajudar o pessoal organizar as coisas e vou passar esse período de 30 dias lá...

PESQUISADORA: Que legal, que incrível!

S1: E o Paraguai é aqui do lado, uma cultura tão diferente... o pessoal... eu gostei do pessoal de lá, um pessoal educaaaado! Me apanho um pouco no espanhol, né? Agora que ali Misericórdia, nem fale! Mas é bem curioso, é bem, um estilo de vida bem diferente o deles...

PESQUISADORA: E a forma de se fazer roupa pra eles e como eles usam roupa é diferente?

S1: Eles gostam... é é sim. Eles gostam muito de roupa daqui, do Brasil! Então como a gente leva muita roupa de São Paulo, produz muita coisa aqui, eles são muito apaixonados pela Moda do Brasil... Lá eles são mais básicos, mais simples, então assim o pessoal que frequenta lá eles gastam muito com roupa, eles gostam de Moda, gostam de Moda de verdade... mas de consumir Moda!

PESQUISADORA: Entendi!

S1: Eles gostam de verdade... as meninas Misericórdia gastam um absurdo por semana lá e chega novidade, ela fala aí quando chegar novidade já me manda... já me chama pelo whatsapp que eu vou aí conhecer... e aí tem aquele serviço delivery na loja também, a gente prepara uma mala, que eles chamam de condicional!

PESQUISADORA: Risos!

S1: É elas falam 'ai, vou mandar a condicional!' E pra gente é consignado, né? Sempre esqueço esse nome de condicional, eu falo 'ai gente, não to preso pra sair em condicional' Risos!

PESQUISADORA: Nome pesado, né?

S1: Éeee ainda brinquei com as meninas... elas chamam 'ai Gleydson, vou fazer uma condicional pra mandar pra fulana'...

PESQUISADORA: Você leva essa mala ou não?

S1: Não, eu ajudo elas a prepararem os looks bonitinho, o diferencial é assim: as paraguaias gostam que você monte o look completinho e mande pra elas... ela não compra uma peça pra usar com uma peça que elas já tem na casa delas... elas querem todo o conjunto prontinho. Então você prepara o look com a calça, o look, o colar e dá uma dica de sapato e manda! Então elas compram tudo assim tudo completo, entendeu? É cinto, é acessório... porque elas quer sair assim...

PESQUISADORA: Então gastam bastante na loja, hein?

S1: Elas gastam, elas gastam muito na loja! Tem cliente que gasta 2 mil reais por semana na loja...

PESQUISADORA: Uau!

S1: Éeeee.

PESQUISADORA: E você compra bastante roupa? Você falou que é prático, né?

S1: Não, eu não compro muita roupa, eu, eu... eu mesclo muito!

PESQUISADORA: O que te faz comprar, já que você é mais assim... tradicional, mais comedido não tem essa coisa, do consumo, da compulsão por comprar... o que te faz às vezes comprar algo? Tipo perder a cabeça e entrar numa loja e comprar, mesmo que você não esteja precisando? Rola isso?

S1: Rola, rooooo... às vezes... é quando a gente imagina... tipo vai ter uma festa, uma balada em tal lugar e o pessoal, convidou 'Gleydson vamo!' Aí você olha e fala 'nossa tá tão batido as minhas roupas, vamo trocar isso?' Aí sim, a gente vai e comete uns exagerozinhos...

PESQUISADORA: Mas sempre quando tem alguma coisa, algum evento...

S1: Éeeee, éee, não que tipo aí isso... o que que eu vou fazer? 'Vou na loja comprar uma roupa...' isso não! A não ser que de repente você esteja no shopping, passe numa vitrine, vê uma coisa interessante acaba entrando e faz um.. um, mas não que eu saia especificamente pra comprar roupa ou viver disso... mas assim, eu gosto muito de roupa, muito de Moda!

PESQUISADORA: É sua história, né?

S1: É! Risos!

ENTREVISTA – 02

Data de realização: 03/10/19

Profissão: costureira

Local: na sala da faculdade FATEC

PESQUISADORA: A primeira coisa pra começar: eu quero saber o que que te vem a mente quando você escuta a palavra roupa?

S2: Nossa, tem muito significado...

PESQUISADORA: Conta, vai desenvolvendo...

S2: Roupa primeiro é o que veste o ser humano, que nos define e a roupa é aquilo que a gente ama e faz pra deixar o ser humano mais bonito... eu acho que que é isso... tem muito significado muito...

PESQUISADORA: Vem muita coisa na cabeça?

S2: É... não porque significa muita coisa... igual a gente... falando assim as rotulações que a gente fala: o que que é a vestimenta por tantos séculos e séculos e ela definia as pessoas... e hoje tudo... nós tentamos independente de gênero ou não... Hoje a gente tenta mudar isso né tirar essa rotulação... eu tento isso, sempre tento!

PESQUISADORA: Usar uma roupa sem gênero marcado, isso que você diz?

S2: Issoo. Eu quero chegar num lugar e as pessoas me respeitarem pelo que eu sou e não pelo que eu tô vestindo... não me definirem pelo que eu tô vestindo, isso interfere, claro! Sou da Moda, mas eu quero que as pessoas respeitem porque a gente é, não pelo que a gente tá vestindo...

PESQUISADORA: Você acha que isso é possível?

S2: Talvez um dia...

PESQUISADORA: É difícil então no momento? Você não encontra esse respeito que você busca?

S2: Não! Ainda não encontrei...

PESQUISADORA: Porque você acha que as pessoas, dão tanta importância pra quem a gente aparenta e não pra quem a gente é?

S2: Porque não entende de aparência, é igual outro dia que meu pai tava comentando... ah, tem um dinheirinho guardado então... nossa mas a gente nunca se preocupou em ter um carrão não sei o quê...porque isso não define a gente!

PESQUISADORA: Uhum.

S2: Não é aquilo que ta estacionado ali na rua que define quem a gente é... assim aquilo pra a gente é o que a gente precisa para se locomover, para as nossas necessidades mas muita gente vive disso por status... conheço muita gente que tem só pra se mostrar!

PESQUISADORA: Então você acha que pra você a roupa é muito mais pela função do que pelo que ela aparenta?

S2: Acho que os dois... é complexo mas é pelos dois... porque assim vou dar um exemplo do meu pai, ele nunca foi uma pessoa que ostentou, nunca precisou, mas nunca foi aquela pessoa que: ah eu preciso estar vestido assim porque eu quero que as pessoas me olhem assim... ele nunca teve isso?

PESQUISADORA: E você?

S2: Eu tento seguir o mesmo caminho que ele, porque eu respeito ele pelo que ele é...

PESQUISADORA: E com relação à você? Você quer esse respeito também da mesma forma?

S2: Eu quero... porque eu acho que eu posso tar ali, eu sei que tem lugares e lugares...

PESQUISADORA: Sim...

S2: Eu não vou numa festa de casamento e num evento super social de camiseta e calça jeans, isso é bem óbvio. Mas eu quero... vamos supor eu vou um dia ali, fazendo algo siimples... vamos supor... deixa eu procurar um exemplo... que eu vá ali comprar um tecido, que eu já fiz esses testes... eu posso ir ali com uma blusa... uma camiseta normal e uma calça jeans, um tênis comprar um tecido... eu tô indo comprar o material, eu tenho que estar à vontade...

PESQUISADORA: E você acha que... você já fez esse teste na vida real. Muda a forma como as pessoas te tratam?

S2: Muda! Quando você ta bem vestida, com cabelo todo arrumadinho, com uma roupa bonitinha, eles te tratam melhor... porque eles acham... na minha opinião, a conclusão que eu tive, que eu tirei... é que eles acham que se você tá bem vestida você tem dinheiro para comprar aquilo lá, então ele vai te oferecer coisas melhores e coisas mais legais.

PESQUISADORA: Sim.

S2: Mas já fui de camiseta e calça jeans do jeito que eu ando e comprei coisa cara pra mostrar que não é bem assim... coisa cara assim entre aspas, né? Por exemplo uma renda que tem alto valor agregado, assim... pra mostrar que não é assim...

PESQUISADORA: Então você tem esse entendimento de como a roupa na verdade consegue falar mais do que, né, às vezes ela fala mais por nós do que nós mesmos.

S2: É... a roupa fala né?! Querendo ou não ela fala antes da gente... não importa o lugar que a gente chega, a nossa aparência ta em primeiro lugar... independente se a pessoa te conhece ou

não... De repente onde você vai... o que você vai... dependendo do que você vai fazer... a sua roupa chega primeiro.

PESQUISADORA: Sim e falando exatamente sobre isso, então você tá falando sobre como a forma como você se veste afeta as outras pessoas e você não gostaria que fosse só assim, né? Você reconhece que é assim também, mas você não queria que fosse só assim... e quando você vê alguém... Ainda mais por você ser desse meio do fazer de entender uma roupa muito bem feita... você tá nesse outro lado do jogo, né, da moda... a forma com alguém se veste afeta sua opinião?

S2: Tipo sobre a pessoa?

Sim e não.

PESQUISADORA: Fala mais...

S2: Porque assim, hoje em dia eu observo mais... não importa... qualquer lugar que eu vou... se eu vou na cidade, se eu vou no shopping, qualquer lugar..... eu e minha mãe... não importa... a gente para vê aquela pessoa que sempre... sempre tem uma pessoa que alguma coisa que ela tá te chama atenção... então você para observa como ela anda, a reação dela, a vestimenta dela... aí você fala: essa daí não tem conhecimento... ela tá assim porque viu na novela ou viu alguém usando aquilo...

PESQUISADORA: Uhum...

S2: Então você fala assim: aquela ali é uma pessoa que tá vendo aquilo lá, não sabe que nem tudo que é tendência é para todo mundo... que essa é minha opinião, tendência não é para todos. Você tem que analisar aquela tendência e ver se ela é pra você, pro seu corpo, pro seu estilo de vida, se aquela cor fica bem para você... depois que a gente estuda bastante também começa a ter essa visão... e eu observo muito... mesmo quando eu fui viajar pra Madri, eu cheguei a falar pra minha irmã: não, vamo sentar um pouquinho aqui na praça que eu quero observar as pessoas... e aí eu ficava observando como as pessoas andavam, se vestiam, que elas sacolas que elas estavam carregando, como que elas iam para lá e para cá... eu parei e sentei fiquei observando pra ver como que era lá...

PESQUISADORA: Então assim de certa forma com uma pessoa tá vestida ela vai afetar no seu julgamento, na sua opinião?

S2: Porque por mais que a gente fala que a gente não rotula, que a gente não tem esse pensamento... todo mundo tem e ninguém nunca vai perder. Só que... o que é... que eu acho que tem que mudar é a forma que as pessoas tratam independente da sua vestimenta isso a gente sempre vai ter... se olhar uma pessoa aí você vai parar, olhar aquela pessoa você vai... uma pessoa toda tatuada... esses dias eu tava até comentando com minha mãe, acho que a gente viu uma reportagem na tv. Ai mas olhar Wilmar, olha ele é todo tatuado eu não sei o que... ah devia ser drogado... eu falei isso é antiga rotulação que a gente tem... Ela: ai não é! Eu falei assim: é a gente tem isso... porque olhando a primeira coisa a gente imagina, que antigamente era assim... quem era todo tatuado era presidiária... hoje em dia não é mais assim. A gente conhece gente que adora uma... que é cheio de tatuagem, mas não é... nunca foi... então a gente já tem essa pré-rotulação, a gente já olha aquilo à vezes pode até ser... mas a gente analisa, aí a gente uhmm, já é isso... mas quando começa essa discussão: não a pessoa não é assim...

PESQUISADORA: Então a imagem você acha que chega antes mesmo, né?

S2: É igual o cabelo colorido, né?!

PESQUISADORA: Sim.

S2: Que eu senti... o que é o cabelo colorido? É a pessoa doidona não sei o que... éee... clubber, roqueiros gostam de cabelo colorido, pessoa alternativa... E eu não tenho esse estilo, mas eu queria um cabelo colorido que eu achava o máximo... só que quando você sai, a visão que as pessoas têm de você...

PESQUISADORA: Eu vivi isso...

S2: Eu também vivi... ainda mais numa igreja domingo de manhã... que são pessoas de mais idade, eu entrava parecia que... não sei explicar... não é que eu era loucona, mas tipo parecia quem que é essa daí? Deve ser uma doidona, vagabunda, que não trabalha... é dependente...

PESQUISADORA: Muda a forma como as pessoas tratam, né?! Então você teve na sua experiência, nas suas vivências...

S2: Mas se você tem o cabelo curto, aí você se controlava no como você se veste, para não parecer tão louca assim, né?! Mas... eu falo...

PESQUISADORA: Mas então você se importa com o que as pessoas vão pensar? Não?

S2: Não! eu analiso como... da forma como que as pessoas estão me olhando... eu já falo essa daí tá assim, mas eu não me importo... pintaria o cabelo colorido de novo sem problema...

PESQUISADORA: Falando então sobre o seu estilo: que roupa você acha que conta a sua história ou te representa?

S2: Isso é difícil... eu não sei falar de mim... eu não sei falar de mim...

PESQUISADORA: Porque que você não sabe falar de você? Sabe falar só...

S2: Porque a gente é autocrítica...

PESQUISADORA: É mais fácil falar do trabalho?

S2: É mais fácil falar do trabalho e das as pessoas, não de mim... das pessoas que eu gosto, que eu conheço... não falo das pessoas... das pessoas que eu gosto... sei descrever minha irmã, minha mãe... pessoas assim... sei te descrever... mas eu não sei falar de mim... Risos!

PESQUISADORA: Bom, pensa assim, vamos lá, vamos desenvolver... Existe alguma roupa que você acha que é muito importante para você, ao longo da sua vida, da sua história... tem alguma roupa que você não consegue se desfazer, que você traz ela guardada... não necessariamente às vezes você precisar usar, mas tipo tem alguma roupa que é especial para você?

S2: Nossa, eu tenho vários, eu tenho uma caixa com isso...

PESQUISADORA: Você tem uma caixa então de roupas especiais? Que você não usa?

S2: Não, que tipo... quando a gente morou na África do Sul... eu tenho meu uniforme de lá... e isso tipo... meu, era desse tamanho, mas é importante pra mim...

PESQUISADORA: E porque?

S2: Conta parte da minha história... a minha experiência... que eu tive de morar... eu e minha família, mas que nós tivemos de morar em outro país e que quando eu voltei eu sofri muito preconceito por muitos anos... por ter morado na África do Sul especificamente... então eu tive muito problema quando voltou... então isso me marcou bastante, mas não deixou de ser... uma experiência de 2 anos que não deixou de ser importante pra nós, que só eu tenho...

PESQUISADORA: E ter essa roupa guardada com você... que te representa? O que você acha? Porque o objeto ali guardado... Qual a função dele ali pra você?

S2: Porque eu acho que aquilo... não, não é me mostra... que aquilo mostra pra mim o quão forte eu sou, de quanta coisa eu passei e minha família junto, meus pais pra ajudar... a ser quem eu sou...

PESQUISADORA: Então é numa caixa que você guarda esses objetos, essas coisas especiais?

S2: Tem uniforme de ginástica olímpica, foi importante... eu era rolicinha, mas eu praticava ginástica olímpica, risos!

PESQUISADORA: Risos!

S2: Eu era muito gordinha... risos!

PESQUISADORA: Não dá pra acreditar!

S2: Eu parei eu era gordinha, eu tenho meu uniforme de balé que eu fiz lá na África também...

PESQUISADORA: Legal... tudo meio que assim, meio que as roupas emblemáticas, né?! Uniforme, roupa de apresentação...

S2: e a roupa e a... a coleção do primeiro desfile que eu fiz na Unisal que eu fui a primeira aluna fazendo desfile sozinha no fechamento da terceira semana de moda...

PESQUISADORA: Olha só!

S2: Eu guardei as roupas....

PESQUISADORA: Os looks você também tem guardado...

S2: Todos! tá tudo nessa caixa então nessa caixa...

PESQUISADORA: Então nessa caixa tem roupas da sua história pessoal e da sua história também, da sua trajetória como profissional?

S2: do começo...

PESQUISADORA: A primeira roupa que você guardou nessa caixa qual foi? Foi o uniforme? Porque como você decidiu ter essa caixa ou foi acontecendo?

S2: Não, porque ficava no meu guarda-roupa, aí eu falei para mim isso daqui é uma recordação, uma coisa que eu vou usar, então ocupa um espaço que eu preciso usar e aí eu falei: o certo... Muito antes de ler a Marie Kondo, tá?

PESQUISADORA: Risos!

S2: Que ela também ensina fazer isso, que realmente é verdade o que ela ensina...

PESQUISADORA: As caixas?

S2: Você guarda ali e toda vez que você quiser recordar você abre aquela caixa e tá tudo ali dentro...

PESQUISADORA: e você revisita essa caixa?

S2: é difícil, muito raramente raramente... acho que é porque eu sei o que tem lá dentro mesmo...

PESQUISADORA: Então não precisa ver?

S2: mas que eu lembro são essas coisas que estão lá dentro...

PESQUISADORA: Mas você também não iria se desfazer disso?

Nunca! Isso nem eu e nem minha irmã minha...minha irmã também tem as coisas dela guardada assim... tem a roupa do batizado, vestidinho que ela usou e depois eu usei... entendeu? então tá guardado na outra malinha com as coisas dela, mas tipo...a gente tem guardado não tem como se desfazer...

PESQUISADORA: Entendi.

S2: mesma coisa de urso de pelúcia...

PESQUISADORA: Você tem guardado também?

S2: Tem por quê tem uns que eu nunca desfiz porque tem uma história... tem urso que meu pai trouxe de cada lugar que ele foi viajar no mundo inteiro... Barbie... são coisas que olha eu falo não isso aqui não tem como, tem um sentimento maior... do que só que eu falo... não é só um produto... é o sentimento que aquilo traz, então eu não desfazo...

PESQUISADORA: E você tá comentando de coisas assim... emocionais e positivas... teve alguma roupa que te marcou ao contrário, de maneira negativa?

S2: Que eu tenho guardado? Eu não ia ter guardado, né? Risos!

PESQUISADORA: Então essa aí era a segunda pergunta... se você tem na sua lembrança uma roupa de um dia negativo e aí se você guardou ou não guardou?

S2: Sinceramente, de dia negativo...

PESQUISADORA: Nem lembra?

S2: Não lembro de ter usado nada que para mim foi algo negativo...

PESQUISADORA: Se você tivesse... você passasse para o negativo com determinada roupa você acha que você iria atribuir a ela algum significado ou pra você... você passaria por cima?

S2: Eu acho que não... vamos supor: eu tenho vivo dá um acho que encaixa, talvez... mas não que pra mim Seja algo negativo, acho que a vida ensina... antes de até estudar um pouco mais, você não tá estudando também e o profissional, né? Conforme você vai atendendo as pessoas você também vai conhecendo também vai Se autodescobrindo... Eu tenho um vestido... que ele é todo certinho no corpo e que eu falava assim: não, eu tenho que aprender a usar isso porque as mulheres também usam isso... minhas amigas usam eu também vou usar... nunca usei! eu sempre coloquei, falei, não isso não me define... olhando no espelho eu falei não essa aí não sou eu, eu nunca usei, sempre coloquei e tirei o vestido, mas ele ainda tá lá guardado...

PESQUISADORA: E que que será que ele tá esperando?

S2: eu vender ele! Risos!

PESQUISADORA: Risos! Você acha que você nunca vai usar?

S2: Eu tenho certeza, hoje mais do que nunca que eu tenho certeza que eu nunca vou usar...

PESQUISADORA: Você que fez ele?

S2: Não... comprei porque eu ia testar para ver se eu ia gostar, mas nunca usei...

PESQUISADORA: Mas foi só então pra copiar...

S2: É pra ser igual a todo mundo... o que eu nunca fui e nunca vou ser...

PESQUISADORA: Mas isso é bom?

S2: É... que eu gosto de ser diferente de todo mundo... na época que eu saía com as minhas amigas, eu saía... elas saíam todas como as mulheres gostam de ir para a balada... eeu ia de vestido rodado, eu era a única, mas não me importava!

PESQUISADORA: e isso te definia?

S2: Me sentia bem melhor do que ser igual a todo mundo...

PESQUISADORA: Você acha que aquele vestido, esse vestido que você tá me contando... ele conseguiria deixar... que que ele ia trazer pra você? O que você esperava que ele trouxesse?

Silêncio...

PESQUISADORA: Você tem ideia? Você queria ser como elas?

S2: Acho que eu queria me sentir que eu queria aquele que me trouxesse era fazer eu me sentir igual a elas... ia ser igual... porque eu achava que você tinha que sair e ser igual a todo mundo, e se pessoas vão para balada naquele estilo você também tem que ir... eu era nova...

PESQUISADORA: Mudou essa opinião?

S2: A gente vai amadurecendo, a gente vai mudando...

PESQUISADORA: Entendi, então assim: essas roupas que você tem guardadas na caixa são as roupas que você não conseguiria se desfazer... Esse vestido então você planeja se desfazer... esse seria o mais negativo?

S2: Ou se eu encontrasse alguém que eu realmente... que eu falo assim... que vai usar, que vai dar valor para aquela roupa... porque às vezes você dá roupa pras pessoas e as pessoas num... tratam como se fosse nada... Eu tive muito caso disso, tive muitas coisas que já tive ao longo da vida, que eu escolhi a pessoa que eu ia dar tal peça e foi acho... (que a gente acha, né? Certeza a gente nunca tem...) que ela vai cuidar mais dessa peça. Eu acho que eu tenho que dar para uma pessoa que tá nova...

PESQUISADORA: Interessante isso que você tá falando, de não dar valor para roupa... queria entender um pouquinho mais sobre isso, sobre dar valor para peça... que valor as roupas tem para você?

S2: tirando as do dia a dia... risos! Que a gente fala de ficar em casa... toda minha roupa tem muito valor. Ainda mais se alguém dá para mim... essas roupas tem mais valor ainda...

PESQUISADORA: As roupas ganhadas...

S2: tem um significado maior...

Até mesmo que eu saia com minha mãe e ela compra aquela peça para mim aquilo lá tem um valor maior do que eu ir lá e comprar uma peça...

PESQUISADORA: Entendi, e você gosta de ganhar roupa mais do que ganhar outras coisas?

S2: Depende do que são essas outras coisas...

PESQUISADORA: Não estamos falando de dinheiro, ouro... Risos!

S2: Ah, não! Risos! Não tava pensando nisso... eu to falando assim... não, tipo depende... igual coisas de desenho... quando meus pais foram pra Espanha eles trouxeram e pra mim é o máximo, eu amo! Entendeu, não é só a roupa em si... ou alguma lembranciiiiinha... igual a minha vizinha me trouxe... não que ela trouxe exatamente para mim, ela traz assim... mas tipo, ela traz várias coisas... chega na casa dela, ela viaja pra o exterior e ela traz... ela me deu um condicionador. Falou pra eu escolher, eu escolhi um condicionador. Tipo aquilo lá tá rendendo já faz meses, mas

é o máximo e toda vez que eu uso ele eu lembro dela... falo nossa ela é super legal! aí eu vou lá e fico conversando com ela...

PESQUISADORA: É especial então...

S2: É, algum valor maior ...

PESQUISADORA: E você gosta de dar roupas de presente também ou não porque aí já mistura com seu trabalho?

S2: Acho que é difícil porque tem meu trabalho envolvido, aí é mais complicado...

PESQUISADORA: O quanto você acha que o fato de você trabalhar com roupa interfere na sua relação com roupa, com a moda? né na sua relação pessoal com as peças? de toda essa coisa que você me falando sobre o valor, sobre essas peças que você guarda, sobre esse carinho em ganhar as peças... você sempre foi assim ou você acha que o trabalho... foi trabalhar com isso e estudar isso foi aumentando essa visão? como que é?

S2: Acho que eu sempre fui assim, mas eu também sou uma pessoa fácil desapegar das coisas, assim eu não fico segurando... Eu falo: isso aqui já deu... se a gente tem cada fase da nossa vida de um estilo... então cada época a gente é de um jeito e quando eu vejo que eu tô mudando... mesmo que eu tenha ganhado aquilo lá... é falo assim não mas isso tá na hora de fazer... não me representa mais... eu tenho essa facilidade pra me desfazer daquilo, né? Eu falo porque que eu vou ficar com uma coisa que eu sei que eu não vou usar ... ou porque não serve porque eu já usei e não quero mais usar... eu tenho essa facilidade...

PESQUISADORA: E você já se arrependeu de algo que você se desfez?

S2: Grunhidos.

PESQUISADORA: Tem algo que você saberia dizer de primeira assim? Nossa, assim, que arrependimento!

S2: Assim na hora não mas já teve... mas tipo já pensei já falei assim aí me arrependi mas já desencanei já segui em frente... aquele arrependimento de momento assim... e segui em frente... eu não tenho muito esse negócio, não.

PESQUISADORA: Você gosta mais de comprar roupas ou de ter as roupas que você faz?

S2:... dos dois... que tem coisa que a gente compra que eu sei que se eu for fazer não vai ficar a mesma coisa, não vai ficar igual... uma estampa, algum... Mais especificamente por estampa, não por tecido... mas se tem... já teve... Mas o que eu faço é mais importante! Porque todos os vestidos que eu fiz, a maioria... tem uns que já não combinam com o estilo, que você vai mudando... aí eu vou me desfazendo, mas eu olho eu vou lembrando...

PESQUISADORA: E na caixa de coisas especiais não tem nada que você fez?

S2: Tem o primeiro vestido que eu fiz...

PESQUISADORA: Ah, você não me contou isso!

S2: É que eu fui lembrando... Mas tem o primeiro vestido que eu fiz, igual o primeiro molde que eu fiz, eu tenho guardado...

PESQUISADORA: Você tem um molde?

S2: Esses dias até fiz um boomerang e postei no Instagram no story e o primeiro vestido de noiva também... Aliás os moldes eu guardo tudo... eu olho para jogar fora mas...

PESQUISADORA: Não tem coragem?

S2: A não ser que a cliente me deu uma raiva, mas não... é porque eu fico pensando... que eu sei que você vai fazer uma peça, você vai exigir por aquilo que você tá pagando, mas eu acho que tem gente que extrapola muito e às vezes acaba que não sabe nem o que quer e afeta quem tá fazendo aquilo...E aí eu olho pro molde e falo: ao esse daí era aquela mulher que fez isso, me tratou daquele jeito e me enrolou e fez não sei o quê...

PESQUISADORA: Aí vai pro lixo?

S2: Ou até que não me pagou... aí eu joga no lixo. Que aí dá raiva realmente!

PESQUISADORA: Tirando essas ocasiões você guarda todos os moldes?

S2: Sim em gestual.

PESQUISADORA: E quando você guarda os moldes, o que que tá envolvido? você pensa que você vai usar ele de novo ou guarda só por fazer parte do seu trabalho?

S2: Pode ser que eu posso precisar e facilitar para fazer outro molde, eu lembro que eu tenho aquele molde, eu posso aproveitar alguma parte... éeee... por às vezes por lembrar aí as vezes algum detalhe, você não lembra como que você tinha feito... se tem uma peça que é muito parecida, você vai lá pega aquele molde, você olha o molde e dá pra fazer outra peça, isso também ajuda...

PESQUISADORA: E esses moldes eles ficam guardados na parte do seu atelier? aí não é na caixa de lembranças?

S2: Não, aí é no armário gigante lá do fundo...

PESQUISADORA: Do trabalho mesmo?

S2: É... aí fica tudo separado, cada tipo de peça tem uma caixa específica...

PESQUISADORA: Mas me conta mais esse primeiro vestido que você fez, esse tá na caixa?

S2: É um xadrez preto e branco, não é a primeira peça que eu costurei, mas é o primeiro vestido que eu fiz porque o primeiro vestido que eu vendi... porque eu comecei fazendo camisa quando eu comecei... eu perdi o meu emprego... eu tinha um emprego...

PESQUISADORA: De que?

S2: Eu tava fazendo pós em São Paulo... era desenvolvimento de bordado eletrônico... mas eu fazia de tudo, já tava até quase nas contas a pagar da empresa... porque me usavam pra tudo, mas tudo bem, pelo menos eu aprendi bastante, o que eu vale... Como diz meu pai: o que vale é a experiência...

PESQUISADORA: Sim...

S2: A experiência que eu tive nisso é muito maior do que o que eu ganhei em dinheiro... especificamente...

PESQUISADORA: Antes disso então você não costurava como trabalho?

S2: Não.

PESQUISADORA: Você já sabia costurar?

S2: Também não...

PESQUISADORA: Tá! Risos... aí você perdeu o emprego...

S2: É. Risos! Tava terminando a pós em São Paulo aí um amigo da minha irmã falou assim to fazendo corte e costura... aí eu falei: vou fazer para valorizar meu currículo, eu tô sem trabalho...

PESQUISADORA: Quantos anos você tinha?

S2: em 2010?

PESQUISADORA: Faz 9 anos.

S2: Faz 9 anos? Então eu tô com 23, 24... então 23!

PESQUISADORA: Eu sou péssima de conta, não me olhe!

S2: Eu tinha uns 23, 24 anos, eu era bem nova... fazia uns dois anos que eu tinha terminado a Unisal...

PESQUISADORA: Mas você já tinha feito o curso de moda?

S2: Tinha feito a Unisal, tava fazendo a minha primeira pós, porque eu falei que eu ia abrir meu negócio, ia fazer faculdade administração... prestei vestibular, tudo... passei, paguei a matrícula... aí eu busquei o dinheiro no último dia que eu podia pegar o dinheiro... aí eu falei que eu não queria mais... minha irmã falou faz uma pós que é melhor que outra faculdade... aí eu fui fazer uma pós em São Paulo que era para gestão de negócios só que aí eu fui fazer gestão de design... que não é especificamente nada a ver com design... que é para você gerenciar a parte de criação e produção... que é quem eu sou, né? E aí eu tava terminando essa pós, eu tava sem trabalho, aí eu falei eu vou fazer um curso pra valorizar meu currículo pra eu aprender... E aí... eu comecei a fazer camisa, e eu ia pra aula com as roupas que eu fazia... Aí as meninas falavam assim : aí não sei o que... você faz? Falei faço, eu vendo! Risos! Porque aquela pessoa: quem vende, vende, né? Vende tudo, só não vende pai e a mãe... risos!

PESQUISADORA: Entendi! Risos!

S2: E eu faço isso... Falam assim, aí faz? Veeeendooo, mesmo sem saber como que eu ia fazer aquilo lá pra moça, mas eu falei que eu vendia... aí depois eu ia pensar como que eu ia fazer aquilo, né... E aí...

PESQUISADORA: Quando você começou a fazer o corte e costura então era mais pra você? Você não tinha pensado que seria seu trabalho?

S2: Era para valorizar o meu currículo...

PESQUISADORA: Você nunca imaginou trabalhar com isso?

S2: Não imaginei, falei assim aí que eu vou fazer isso... não, foi acontecendo... eu falei isso: a gente planeja... sempre desde a unisal da minha primeira faculdade eu falei que eu queria ter meu próprio negócio...

PESQUISADORA: Mas você não sabia o que ia ser...

S2: Mas eu não sabia o que eu ia fazer, exatamente...

PESQUISADORA: Sabia que era moda...

S2: Na Unisal eu já tentava fazer alguma coisa na aula de laboratório com o... Daniel que ele sempre... ah, ele ensinava isso, mas eu sempre fazia a mais... e eu levava para ele ver minhas costuras para ver como que tava indo e pedindo dicas, né? E aí eu já fazia, mas só isso... tipo uma saia godê, evasê, godê duplo... só isso...

PESQUISADORA: Você não tinha pegado gosto pela coisa...

S2: Gostava, mas não sabia fazer... eu não tinha feito até então um curso, porque eu tava fazendo o estágio, tava fazendo a faculdade, aí é trabalho, é TCC.... então não tinha feito mais cursos pra fora... além da faculdade... e aí depois eu saí, aí eu já tava trabalhando, fui fazer a pós... que eu falei que uma hora eu ia abrir meu próprio negócio... não foi porque era por ter experiência, aí eu fui tendo a experiência e falei ah então vamo continuar estudando... e aí eu comecei nessa aposta com as roupas que eu fazia... só tinha uma máquina reta caseira e uma Overlock caseira e era pra mim e pra minha irmã... aí eu comecei a fazer e as pessoas começaram a gostar e eu comecei a vender... só que eu fiz o caminho contrário, eu fui do interior e vendi em São Paulo, geralmente pessoas compram em São Paulo e vendem no interior... e eu fiz o processo inverso... e aí comecei a vender... aí eu falei assim ah eu preciso de máquinas melhores... aí meu pai me deu de presente uma reta industrial... aí eu falei assim ah é legal né mas eu preciso de um acabamento melhor... e na época eu ainda tinha uma moto, quando eu morava sozinha eu ia de moto pra faculdade... aí eu falei pro meu pai: eu vou vender a moto... que eu já não usava mais e eu falei assim e com esse dinheiro eu vou comprar a galoneira e o overlock que eu preciso... Ainda faltou um pouquinho! Risos!

PESQUISADORA: Quem completou, seu pai?

S2: Claro que é meu pai, né? Porque eu não tinha onde cair morta, mas ele incentivou e ele sabia que não era um dinheiro jogado fora, era um investimento...

PESQUISADORA: E essas máquinas, você ainda tem essas primeiras máquinas?

S2: Todas elas!

PESQUISADORA: É nelas que você costura?

S2: Sim gestual. E aí eu comprei, fui lá negocieei a moto, vendi, peguei o cheque assim, nem respirei, já entreguei para pagar as máquinas... e aí eu comprei as duas máquinas... e aí eu comecei e aí depois com o tempo eu comecei... aí depois com o tempo quando a minha reta deu um probleminha, aí pra não ficar parada... podia ter algum pedido e algum dia dá problema e eu não ter máquina pra costurar e comprou outra reta industrial que hoje eu falo que é da minha mãe... e eu incentivo ela também a costurar, para fazer ocupar a cabeça, né?! E ela faz bastante coisa...

PESQUISADORA: Olha só, você ensina ela?

S2: Eu tento mas é difícil, né?! Ainda mais mãe é mais difícil ainda tentar ensinar alguma coisa, mas eu tento... eu ensino, ela me ensina... porque quem costurava em casa e fazia alguma coisinha... (não roupa!) mas fazia as coisinhas dela era minha mãe.

PESQUISADORA: Ela foi a primeira pessoa que você viu costurando na sua vida?

S2: Foi, ela e depois a costureira que costurava roupa pra gente...

PESQUISADORA: Vocês faziam bastante roupa em costureira?

S2: Isso desde quando eu nasci, que eu me lembre... gente... essa mulher, essa senhora senhora hoje, né? Fazia roupa e era impecável, sempre era vestidinho impecável, cheio de frufu, vestido de festa junina era só... minha irmã usava primeiro, depois era eu, né?! Depois de 4 anos eu usava o mesmo vestido... mas era sempre cheio de rococó, detalhe... todas as nossas roupas...

PESQUISADORA: Então é da sua família esse costume de levar em costureira, de fazer...

S2: De ter essa... acho que essa exclusividade, essa coisa de único, de diferente... né?! Acho que do caseiro que minha irmã fala o handmaid, acho que já vem desde quando nasci isso, né?

PESQUISADORA: Legal!

S2: E se eu não me engano foi ela que fez o vestido de batizado da minha irmã que eu também usei o mesmo vestido... Se eu não me engano foi costureira... que tem ele até hoje...

PESQUISADORA: Bom, a gente estava lá naquela caixa que fica no seu guarda-roupa e você tava contando que você guardar primeiro vestido que você fez para vender, mas aí ele não vendeu então?

S2: Não porque ele era meu, eu fiz pra mim. Foi o primeiro vestido que eu fiz para mim, mas foi o primeiro vestido que eu vendi o mesmo modelo para outras pessoas...

PESQUISADORA: Foi o vestido que alguém viu em você e quis? Então ele começou a sua história com esse trabalho...

S2: É com a costura, com tudo, com a criação, com tudo...

PESQUISADORA: E você se ver realizada hoje fazendo isso?

S2: E meses depois uma irmã de uma amiga da minha irmã pediu pra eu fazer o vestido de noiva dela... acho que foi coisa tipo de meses, oito meses praticamente... que ela pediu que eu fizesse o vestido de noiva dela... então tipo foi um mega desafio. E hoje quando eu lembro de tudo isso eu acho muito gratificante!

PESQUISADORA: Você tem orgulho desse vestido que você fez, de noiva?

S2: Ah, de todos que eu já fiz... Por mais que tenha as clientes chatas, né?!

PESQUISADORA: Já teve alguma roupa que você fez e não gostou?

S2: Já!

PESQUISADORA: E aí você entrega mesmo assim ou não?

S2: Eu entrego porque eu fechei o pedido, mas eu explico pra pessoa o que aconteceu...

PESQUISADORA: E o que que acontece geralmente quando você não gosta?

S2: A não ser que seja por um modelo porque eu falo que não

PESQUISADORA: Que aí são modelos que você não gosta, mas que a cliente gosta? Faz parte da profissão?

S2: É, eu ensino as pessoas... tem gente que quer o vestido de festa que eu já fiz muito... quer fenda, quer decote, quer costas abertas... aí eu explico, eu explico bonitinho o por que que não pode ter tudo isso... eu falo se você tem tudo isso, a elegância do vestido, todo esses detalhes que a gente tá colocando, eles perdem valor... Então eu explico pra pessoa porque que não pode ter tudo isso... eu falo assim: você tem que escolher um lugar...

PESQUISADORA: Mas se ela quer tudo você coloca tudo no final?

S2: Na verdade, isso nunca aconteceu... sempre me ouviram.

PESQUISADORA: Olha que bom!

S2: Todas as minhas clientes sempre me ouviam e a maioria, vestido de festa assim ou noiva, geralmente foi um só. Teve um ou outro que foi dois, três vestidos que eu fiz. Só uma senhora que ela não me ouviu e reclamou falando que eu que tinha feito errado. Aí eu expliquei para ela... ela era assim loira, mas ela era teimosa. Com a pele clara sabe? Não tem aquele contraste... do cabelo a mesma coisa. E aí ela queria um vestido super lindo, rodado, longuete e ela queria... não gostava de nada... Toda cor que você mostrava: aí não gosto, não gosto... eu tinha comprado um monte de tecido para tentar agradar a mulher... aí não gosto, não gosto, não gosto... eu falei tá bom... aí eu pedi um catálogo de tecido na loja, aí eu falei que cor que a senhora quer? Ela falou: aí eu quero essa! Mas a melhor vai ser essa... Aí ela escolheu o rosê super apagado... então você imagina loira, olho claro, pele clara com rosezinho... Aí eu falei melhor é esse tom de verde, mais

ou menos o tom da bolsa, que vai ficar mais bonito... eu comprei os dois tecidos que a gente compra geralmente em São Paulo, né? E aí eu comprei e mostrei para ela, pus na frente, mostrei e mesmo assim ela quis rosê.

PESQUISADORA: Aí você fez o que ela queria, né?

S2: Eu fiz porque é cliente, né?

PESQUISADORA: Mas tirando esses casos, né, dessas exigências, teve alguma roupa que você não gostou por outro motivo?

S2: Só essa porque ela chegou e reclamou da peça sendo que a culpa não era minha. O vestido tava impecável, o caimento tudo...era a cor que não ficou boa. Aí eu falei pra ela: realmente a cor não ficou boa, eu falei: eu vou fazer o quê?

PESQUISADORA: E no final, ela concordou com você?

S2: Não... risos! E aí foi embora...

PESQUISADORA: Voltando aí, você falou um pouco do vestido rodado na balada porque aquilo é o que você é, né?! A gente tava falando um pouco da roupa contar sua história, te representar... que você busca isso através também da roupa...

S2: Não que eu tenho um estilo romântico, né?! Mas na verdade o estilo romântico é o que preva... não é o que prevalece porque o rodado vem do romântico, mas eu acho que o... me define porque eu me olhando com uma roupa mais certinha não sou eu... eu me sinto melhor me olhando no espelho com vestido rodado. Então você nunca vai me ver com você certinho, por mais que o pessoal fale que você tem um corpo para usar aquilo lá, mas não combina comigo, não sou eu, quando eu olhar no espelho eu vou falar que essa não sou eu...

PESQUISADORA: E quem é você? Qual roupa te definiria?

S2: Tênis, calça jeans e camiseta...

PESQUISADORA: Porque?

S2: Porque eu me sinto confortável, me sinto mais confiante de ser quem eu sou, de todo conhecimento e experiência que eu tenho...

PESQUISADORA: Legal! Bom, você já deu uns toques sobre algo que você não usaria ou não usa de jeito nenhum, você comentou de muita fenda, muito decote como as clientes...

S2: É, exagero, né? Roupa agarrada... mesmo que... é... que fala que o sexy é bonito, mas eu não curto roupa mais certas no corpo, decote não gosto, é... fenda... abertura nas costas... não gosto de nada disso...

PESQUISADORA: Essas coisas você não usa?

S2: É, não me define.

PESQUISADORA: Tá, então é muito importante que a roupa que você usa defina?

S2: Sim.

PESQUISADORA: Quando você se veste, quando você se arruma, você busca que aquilo esteja em consonância, esteja de acordo com quem você é... você busca isso quando você se arruma?

S2: Sim, hoje em dia mais, antigamente eu ouvia mais as pessoas e quando me vestia como elas me falavam e eu não me sentia bem...

PESQUISADORA: E aí hoje que você...

S2: Eu peço a opinião, mas ainda saio do jeito que eu quero... Risos!

PESQUISADORA: E você acha que isso é um sinal de que você amadureceu?

S2: É igual na minha formatura da Fatec... eu fui acho que meio colorida... aí minha mãe falou: você não tá muito colorida? Aí eu falei: não, mas eu to gostei, eu to me sentindo bem, não quero com essa roupa que você falou, eu quero ir com essa... então eu vou e eu fui... Só que a beca escondeu, mas eu fui...

PESQUISADORA: Porque que você acha que as roupas tem assim... As roupas então tem esse poder de contar quem a gente é, de fazer a gente se sentir a gente mesmo?

S2: Tem.

PESQUISADORA: Fala mais alguma coisa sobre isso...

S2: Eu acho que tem, porque não adianta... igual eu acho que ainda tem essa questão da rotulação, querendo ou não, dependendo do lugar que a gente vai a gente se preocupa com isso... dependendo do lugar que eu vou eu não vou toda colorida, porque eu sei que o colorido mostra informalidade, às vezes infantil dependendo da peça que você usa... então querendo ou não a gente se preocupa com essas rotulações... dependendo do lugar a gente se preocupa porque vai mostrar... a gente sabe o que as pessoas vão pensar quando olhar para a gente... e eu acho que isso define muito... ainda mais dependendo lugar que a gente vai... nós mulheres sofremos mais!

PESQUISADORA: Em que sentido?

S2: Uhm, por a gente ser mulher, ainda mais quando a gente tá lidando com coisas que geralmente são os homens que lidam... Tecnicamente hoje em dia não existe mais isso, se for pensar, mas a maioria dos homens ainda não pensam assim... eu falo que os homens são machistas ainda... não que eu seja feminista! Mas assim eu acho que tem que ter respeito de ambos os lados... e da mesma forma que um homem pode, sabe, acho que a mulher também pode...

PESQUISADORA: Tá, então me dá um exemplo sobre essa questão de ambiente com homens que você tava falando... o que seria uma roupa nesse ambiente?

S2: Nesses ambientes eu já não vou. Eu já não acho que você consegue esse respeito usando decote, roupa agarrada, roupa curta... então eu já vou num ambiente desse de uma forma que eu quero respeito, entendeu?

PESQUISADORA: Então a roupa pode isso?

S2: Se eu vou num ambiente desse, eu vou vestida para me respeitar, não que eu use um decote, uma coisa assim... Mas já observando esses lugares você já vai no lugar... você já observou: quando você num lugar desses uma mulher que tá com a roupa agarrada e decotada como que ela é tratada, entendeu? E eu quero que seja tratada e me respeite porque eu não sou... não que seja uma mulher burra, uma mulher vulgar, uma mulher que não tenha conhecimento... uma mulher que esteja vestida assim... mas eu acho que você pode ter respeito, eu quero que respeite, eu luto por isso todos os dias...

PESQUISADORA: Arrasou...

S2: Eu luto mesmo, mas é verdade... você vai no mecânico, você vai trocar um carro... igual o negócio da estamparia... meu pai conversa com um cara que ele tem... não que ele tem... ele trabalha muitos anos com negócio de estamparia... eu entendo, ele tem experiência, só que quando ele fala comigo ele é machista, quando meu pai vai lá ele passa as informações diferente de como ele passa para mim, mesmo eu indo junto com meu pai... aí eu falo pro meu pai que ele é machista! Aí meu pai: não, ele trata assim... aí eu falo pro meu pai: Não, ele é machista! Ai porque ele é do dízimo da igreja... aí eu falei isso não tem nada a ver... ele é machista. Você não percebe que você é homem, mas eu sei porque eu sou mulher. Eu já briguei em loja...

PESQUISADORA: Para você o que? Ele dá menos informação? Ele...

S2:... fala de uma forma, mas eu fiz curso de estamparia... eu não vou atrás sem saber das coisas... eu fiz curso!

PESQUISADORA: Ele te trata como se você não tivesse conhecimento, é isso?

S2: Ou ele inverte as coisas para achar que eu não sei... para falar “ai, você não sabe, sou eu que sei”... Nem sempre a experiência ou a sua idade define o seu conhecimento. Provável... às vezes fala, ai é jovem então não tem conhecimento... você tem, você pode ter experiência! Eu acho que eu sou jovem e eu tenho muita experiência. Eu falo a experiência de quando você tem um problema e você sabe lidar com aquele problema, sabe resolver aquilo. E tem jovens que não sabem lidar com aquilo falam as coisas, mas depois quando você pergunta pra uma pessoa mais experiente e como ele responde pra você como ele resolveria aquele problema... aí então você vê a diferença, às vezes não é a idade e sim a experiência... e às vezes tem jovens que conseguem ter essa experiência...

ENTREVISTA – 03

Data de realização: 05/10/19

Profissão: gerente de grandes e-commerces brasileiros e ex-vendedora da Chanel

Local: na própria casa da entrevistada

PESQUISADORA: A primeira coisa: o que te vem à mente quando você escuta a palavra ROUPA?

S3: Ai assim, eu penso na roupa mesmo, num guarda-roupa... é...

PESQUISADORA: No seu especificamente?

S3: É, acho que no meu...eu penso acho que no meu guarda-roupa... é eu penso no meu guarda-roupa!

PESQUISADORA: Tá. Esse é o primeiro pensamento?

S3: Primeira coisa, penso no meu guarda-roupa!

PESQUISADORA: E se você tivesse que elaborar um pouco mais esse pensamento agora, o que mais que você pensa?

S3: Silêncio...

PESQUISADORA: Na palavra mesmo...

S3: É que eu sempre fui muito cuidadosa com as minhas roupas, desde muito pequena, assim... é... eu curtia organizar o meu guarda-roupa...é... dobrar as coisas, deixar as coisas pela cor, sabe?

PESQUISADORA: Uhum...

S3: Então... acho que por isso, me vem uma coisa tipo de cuidado, sabe? Eu sempre fui muito cuidadosa, é... até uma coisa que me... quando eu morava com a minha irmã eu tinha muito problema, porque minha irmã é muito bagunceira e ela pega, ela usa, ela não tem muito cuidado... e eu ficava muito pistola! Assim... eu ficava muito irritada porque pra mim era importante esse...ai sabe, esse carinho com a roupa, sabe? Não sei porque... mas é uma coisa que eu sempre tive então acho que tem uma coisa meio de... não sei acho que é uma coisa meio de... não sei se é porque, ai putz eu sempre gostei de, dessa coisa de me vestir, sempre achei que tinha uma coisa de... que eu passava alguma mensagem talvez de uma maneira bem intuitiva... é... e aí eu tinha esse cuidado em guardar e cuidar e zelar por aquilo que era basicamente a única coisa que eu realmente tinha, né? Quando você é criança você tem brinquedo e roupa, né? Você não tem posses! As suas posses são tipo suas roupas e seus brinquedos...

PESQUISADORA: Você gostava de ganhar roupa?

S3: Gostava... sempre gostei, assim...

PESQUISADORA: Porque tem criança que não curte...

S3: Não, eu gosto, gostava... tipo tem roupas assim que eu lembro super, que eu ganhei que eu amei e que eu usei assim tipo muito assim... eu lembro de uma blusa preta que tinha uma Minnie assim bordadinha especificamente... nossa e eu assim, putz eu usei essa blusa loucamente! Eu tenho muita coisa que eu... que eu guardo que... eu putz, que eu tenho há muitos anos, coisas que eu ganhei e tal...

PESQUISADORA: Você tem guardado roupas de infância para alguma coisa assim ou não?

S3: Putz, até outro dia eu tinha assim um pijama que eu comprei quando eu tinha sei lá uns 12 anos e eu usava até hoje... da Minnie e Mickey inclusive...

PESQUISADORA: E cade?

S3: Ah, putz, esse aí eu já... porque ele tava muito bagaceira, aí assim tava muito puído, sem elástico... mas eu tinha até outro dia... eu tenho umas coisas que assim... bastante coisa assim... eu tenho...

PESQUISADORA: Você tem algo guardado?

S3: Eu tenho bastante coisa guardada assim de infância, adolescência eu tenho muita coisa guardada!

PESQUISADORA: Roupas?

S3: Guardadas que eu ainda uso na verdade, né? É, roupa...

PESQUISADORA: Então as coisas de roupa guardadas que você mantém você coloca em uso?

S3: Coloco!

PESQUISADORA: Não são coisas que estão tipo guardadas só por estar...

S3: Por guardar... não!

PESQUISADORA: Você não tem nada assim: guardado por guardar?

S3: Devo ter uma ou outra coisa assim, mas nada que me remete agora, que eu lembre, que eu fale "ah nossa guardei por"... são coisas que eu realmente uso assim sabe? Que a maioria deles são tipo dessas jaquetas militares assim, sabe? Desse verde militar que eu gosto que eu sempre gostei e eu tenho sei lá meu, umas 3, 4, 5, coisa de tipo... de adolescência e de vez em quando eu uso... não é sempre que eu uso, mas assim putz de vez em quando eu uso.

PESQUISADORA: Porque será?

S3: Não, tem uma específica que eu não consigo me desfazer...

PESQUISADORA: E você acha que vai se desfazer dela um dia ou não?

S3: Acho muito difícil...

PESQUISADORA: Porque será que ela é tão especial?

S3: Cara, eu não sei assim... não é porque tipo teve assim... nossa era uma jaqueta que sei lá... nossa eu comprei na José Paulino, numa loja que eu adorava na José Paulino que chamava Limelight...

PESQUISADORA: Sei! Essa marca foi super forte!

S3: Nossa é, eu adorava, achava chiquérrimo quando eu falava ai mãe preciso comprar... minha mãe falava vamo comprar uma roupa eu falava ai vamo na limelight! É... mas essa jaqueta é uma jaqueta muito específica que eu não consigo, assim... e pra mim ela é... puta... super... ela é linda, ela é super especial e eu tenho ela há muitos anos!

PESQUISADORA: E quando você usa ela, que é de vez em quando, é pra alguma coisa especial, pra algum momento?

S3: Não... só me dá vontade... ela tem um... eu vou pegar ela pra te mostrar... é... eu acho ela uma modelagem bonita... eu sempre... uma coisa que eu gosto muito são esses casacos que parecem de exército, sabe assim? E ela é super assim! E... e sei lá, eu gosto, gosto dessa estética de uniforme, é... eu tenho meu muita bota preta...

PESQUISADORA: Você sempre gostou disso?

S3: Seeempre... assim eu não tenho um motivo, um negócio, mas assim uma coisa meio natural, sempre curti assim...

PESQUISADORA: Você acha que é por causa de alguma tendência que te pegou?

S3: Não, acho que sempre foi... é que eu... eu gosto muito de História da França, né? Eu tenho uma coisa com Revolução Francesa e tal... e eu gosto desse período que os uniformes eram super bonitos, com aquelas ombreiras, com os botões... então eu acho que tem um pouco a ver assim sabe? Não direta... agora assim racionalizando... É acho que tem um pouco a ver, sabe? Tipo putz é uma estética que tem a ver... é do mesmo período assim vamos dizer... éeee... e é engraçado porque eu não gosto do look feminino que eram aquelas saionas e tal, aquele look meio Maria Antonieta... eu gosto do masculino mesmo... eu nunca tinha racionalizado sobre... interessante!

PESQUISADORA: Tá vendo? Quando a gente fala como as coisas vem à tona? Risos!

S3: Eu vou constelar sobre isso... quem eu fui na outra vida...

PESQUISADORA: Sim, isso me veio à cabeça, essas coisas...

Bom, essa era uma das perguntas mesmo: se você tinha algo guardado que você não conseguia se desfazer e tudo, ia perguntar sobre a história dela... bom, você ta falando desses uniformes, da farda e tudo... essa é uma roupa que te representa? Ou se você tivesse que escolher uma roupa que te representa o que seria? Uma roupa que conta sua história...

S3: Uma roupa que conta minha história... uma roupa que eu tenho ou tipo nossa, uma jaqueta preta?

PESQUISADORA: É pode ser...

S3: Silêncio...

Acho que essa é uma que me representa, mas não sei se...

Ah, acho que me representa sim... Eu penso nisso mais em regata branca. Que todas as vezes que eu tinha...

PESQUISADORA: Você tá usando agora, inclusive!

S3: ...que eu tinha prova, quando eu tinha vestibular, eu tinha uma regata branca da Sorte!

PESQUISADORA: Uhmmm

S3: E fui fazer vestibular da Unicamp com ela inclusive... era uma regata muito específica, eu ganhei da minha tia...

PESQUISADORA: E ela virou a da sorte?

S3: Ela virou a da sorte...

PESQUISADORA: E como ela virou a da sorte?

S3: Cara, eu não sei, eu sei que tipo eu peguei uma mania de usar ela e tipo...

PESQUISADORA: Então não era qualquer regata branca, era aquela?

S3: Era aquela!

PESQUISADORA: E cadê ela?

S3: Ah, essa eu dei, tipo joguei fora, sei lá...

PESQUISADORA: Você conseguiu se desfazer numa boa da regata da sorte?

S3: Putz, ela tava muito bagaceira... ela virou por uns tempo pijama... aí depois eu... porque era uma coisa muito de tipo dessa época de prova, vestibular e tal... e curiosamente eu tenho muita blusa branca e regata branca, tipo... muita, muita mesmo!

PESQUISADORA: Porque? O que a regata branca tem pra você?

S3: Cara, eu não sei, não sei... acho que...

PESQUISADORA: O que ela simboliza pra você?

S3: Ah, ela é prática, né? Tipo tudo que meio que combina e eu não preciso fazer muito esforço... e... tipo só vai assim... acho que é meio que uma praticidade, tal, mas essa regata específica foi minha regata da sorte pra fazer prova, vestibular e assim...

PESQUISADORA: E você não tem mais uma roupa da sorte hoje em dia?

S3: Não, acho que não... não tenho uma roupa da sorte... Eu tenho um... é engraçado, né?! Voltando à jaqueta verde... eu tenho uma jaqueta verde específica que eu lembro exatamente como eu tava usando ela que foi no dia que eu fui demitida da Chanel... e tipo é um look que eu super gosto, que é super bonito, que eu uso com uma echarpe roxa e dá um contraste super bonito com verde... e... mas eu não consigo mais usar, porque eu sempre lembro desse dia... que foi um dia puta muito ruim assim pra mim, eu fiquei muito chateada....

PESQUISADORA: Então além da roupa da sorte, tem a roupa do azar também...

S3: Tem a roupa do azar... mas aí é uma combinação bem específica, sabe? E aí assim as vezes eu tento usar mas aí eu tipo bom então ta, eu vou usar essa jaqueta com essa echarpe, mas aí eu vou tipo mudar o sapato e a calça pra não ficar...

PESQUISADORA: Pra não dar azar! Risos!

S3: É...é engraçado! Eu lembro muito assim dessa roupa, bem específica assim...

PESQUISADORA: Que interessante, né? E você não pensou em se desfazer dessa peça

S3: Não! Eu amo essa jaqueta, eu uso ela pra cacete!

PESQUISADORA: Entendi...

S3: Pra cacete! Mas não, e nem da echarpe que é linda e tipo uma echarpe linda da Chanel, uma das poucas coisas que eu tenho, né? E tipo comprei no bazar da firma... e é linda assim, uma estampa de seda... linda, linda, linda, linda... tipo...

PESQUISADORA: Talvez você tenha que criar uma nova memória...

S3: É, total... mas não consigo porque assim... e cara hoje em dia cara pensando friamente foi a melhor coisa que aconteceu pra mim... tipo... eu não ia ser feliz lá, e tal não sei o que... então assim, até talvez hoje em dia até eu usaria essa roupa e não ficaria mais assim, até quando eu penso, ai vou usar, mas eu lembro e aí eu tento mudar...

PESQUISADORA: Ela é uma das únicas do seu guarda-roupa com isso que lembra um dia ruim ou tem alguma peça de algum outro dia que...

S3: Tem um vestido preto que eu usei é... pra ir num show com o Luiz... era um show do Rappa... era o último show que o Rappa ia fazer... e... eu queria muito ir num show do rappa, nunca tinha ido e tal e aí eu fui... e é um vestido bem apertado, bem justo... e alguém passou a mão na minha bunda no show e aí na primeira vez eu só achei que era tipo só...

PESQUISADORA: a pessoa passou ali perto...

S3: Exato... Na segunda vez a pessoa pegou na minha bunda, aí eu peguei... eu sabia que o Luiz era super esquentado... e aí eu falei Luiz vamo no banheiro? E a gente já tava meio brigado, assim a gente foi pro show meio brigado, um clima meio estranho... e... ele nossa, mas agora? Eu falei vamo... aí eu falei, falei meu eu queria sair de lá porque alguém passou a mão na minha bunda... e aí ele tipo noooooossa me detonou... porque que você não falou, porque não virou pra trás pra ver quem era... tipo como se eu tivesse gostado que as pessoas tivessem passado a mão na minha bunda?

PESQUISADORA: E ele não falou nada sobre a sua roupa?

S3: Cara eu não sei... mas eu acho que tipo... porque é um vestido bem justo assim, bem justo... e eu tava só com o vestido, tênis, um colar e... mas eu acho que teve um pouco a ver, sabe? Até o fato de putz... show do Rappa... uma galera mais... largadona assim, sabe?

PESQUISADORA: Alterna...

S3: É, eu tava tipo normal, assim sabe? Não tava chique. É... tava bem cleanzona assim é... acho que talvez eu tava meio destoante um pouco e... eu lembro disso, quando eu uso esse vestido eu lembro... mas não parei de usar o vestido...

PESQUISADORA: Isso que eu queria saber...

S3: Não eu uso, eu uso super! Mas eu uso sempre com alguma coisa tampando minha bunda...

PESQUISADORA: Uhm... entendi, então a experiência marcou de alguma forma?

S3: Super!

PESQUISADORA: Entendi...

S3: Uso inclusive muitas vezes com a jaqueta verde da Chanel que eu fui demitida...

PESQUISADORA: Olha só! As peças do azar se juntam?

S3: Se juntam! E é um lookinho que eu adoro... e é o lookinho que eu fui... olha gente que loucura, né?! Eu fui com essa roupa o dia que eu fui na ONG, conhecer o Lancelote a primeira vez...

PESQUISADORA: Então ela é a roupa da sorte! Pronto, já tá desmistificada!

S3: Pronto! Eu fui conhecer o Lancelote... errei rude, né? Porque assim... cabeçuda porque fui de vestido preto na ONG de gatos! Saí parecendo um gato... de tanto pelo...

PESQUISADORA: Porque você acha que você colocou essa roupa num dia especial, pra ir conhecer ele? Será que você achou que ia dar errado conhecer ele?

S3: Não sei...

PESQUISADORA: Você acha que existem essas conexões? Inconscientes com roupa... ou não?

S3: Acho super, eu acho super... Claro! Existe muito, gente, assim... não à toa puta quando você tem um evento, quando você tem alguma coisa você usa uma roupa porque você tá querendo falar... direta ou indiretamente... às vezes sem saber que você tá querendo falar, né?! Eu acho que meio que é isso... assim... não sei se especificamente nesse caso é... porque foi uma coisa bem... porque talvez tenha sido super inconsciente que eu tenha feito isso... éee, mas eu acho que tem total conexão!

PESQUISADORA: E quando você se arruma, o que você busca? Você se veste... você pensa na roupa? Como que é seu processo de se vestir?

S3: Assim... depende muito do momento... tipo aí durante a semana que eu preciso trabalhar... sei lá putz se é um dia que eu acordo, com um pouco mais de tempo e tal... putz eu penso... eu tenho um... putz eu falo aí hoje eu to com vontade de usar uma cor x, eu to com vontade de usar essa peça, essa saia... é... tem uma elaboração... quando eu to com pressa tipo assim cara a primeira coisa que eu vejo e que eu falo vai combinar, eu vou estar minimamente arrumada pra trabalhar, pra não passar vergonha... basicamente é isso... mas quando eu tenho tempo eu elaboro assim... éee... quando eu tenho tipo aí uma coisa específica, aí eu tenho eventos, eu tenho aí nossa eu vou sair e tal existe tipo uma elucubração algum tempo antes, do tipo putz aí gostaria de ir assim... é... ou aí eu gostaria de ir assado éeee e as vezes eu tenho uma coisa de tipo puta... pessoas que eu gosto, que eu admiro que sei lá... sei lá... uma hellmother assim... puta eu acho a mulher muito foda... éee... e aí às vezes eu falo nossa gostei dessa roupa dela, gostei tipo de como ela fez o styling, a maquiagem e tal e aí tipo eu salvo e aí em algum momento isso me vem à mente do tipo sabe meio pra eu pegar inspirações... Tipo aí a Thais Farage eu que eu acho ela maravilhosa, meu, eu acho meu puta mulherão assim... éee... então putz eu tenho umas coisas salvas assim de pessoas que eu gosto, pessoas que eu acho foda e tipo como elas vestiram alguma coisa que eu falo puta eu tenho uma coisa parecida eu vou usar que nem ela, assim...

PESQUISADORA: E aí nesse caso quando você copia né? Se inspira num look de uma pessoa foda, de uma mulher foda, é só inspiração baseada da moda, na combinação ou você acha que o fato de ser alguém que você admira, de estar usando algo parecido tem...

S3: É, eu acho que tem um pouco disso... de alguma maneira ela tá me passando alguma mensagem ali de puta nossa eu sou foda, eu sou uma pessoa divertida... e aí eu quero pegar esse atributo para mim de uma certa maneira, sabe? É uma coisa de alguma maneira ela tá me emprestando algum atributo, sabe?

PESQUISADORA: Legal! E funciona geralmente?

S3: Sim, super assim... é... tem pessoas que não são assim famosas que tipo claramente eu falo meu estou copiando sua roupa porque eu achei foda e são pessoas que eu gosto em geral... tem uma stylist que trabalha com a gente, Marcela Belleza, queridona, trabalha, mora aqui 2 quarteirões pra cima... é... que meu... teve um dia que ela tava com um look super super lindo, assim... super bonito e ela é uma pessoa tipo... pessoa doce, uma pessoa querida, uma pessoa muito good vibes, assim... éee... e ela tava usando essa roupa bem no dia que o meu ex falou assim pra mim aí você não tá me dando atenção... e aí eu fiquei meio pistola e... eu falei meu vou parar de ser tonta e ficar esperando esse cara e vou seguir a minha vida... éeee... e aí essa roupa dela super me marcou nesse dia e eu falei meu vou copiar essa roupa... aí fui comprar a calça exatamente igual e aí nas primeiras vezes que eu comecei a sair mesmo, date e tal... eu sempre ia com essa roupa!

PESQUISADORA: Olha, interessante! Uma roupa que marcou também um fechamento de ciclo, abrindo outro...

S3: Sim, sim, super! Me marcou super assim... e a Má é muito legal eu contava pra ela e tal as coisas e ela aí meu não sei que lá...

PESQUISADORA: Então você acha que as roupas elas além de traduzirem o que a gente é elas também podem contar algo que a gente quer ser?

S3: Total... total!

PESQUISADORA: Você usa isso no seu processo?

S3: Muito, muito... acho que faz todo sentido, assim...

PESQUISADORA: E o quanto você acha que trabalhar com Moda mudou a sua forma de se vestir? Isso impacta, não impacta?

S3: Ah, impacta bastante assim... acho que já impactou muito assim... quando eu era relações públicas, né na Swarovski e na Chanel existia uma... não era uma cobrança... direta... mas assim cara existia uma expectativa de que eu fosse uma pessoa mega bem vestida... eu sempre curti me vestir e tal... não era uma coisa que era um sofrimento pra mim... é... minha família, meus amigos sempre falaram ah a Dani é a... pessoa da moda, fashionistazinha e tal... e aí quando eu fui ser relações públicas por você estar representando uma marca... é querendo ou não você... meio que você precisa representar ela o tempo todo, né? Principalmente no caso da Chanel, assim... óbvio que eu não tinha dinheiro pra comprar roupa da Chanel pra usar todos os dias, né? Risos! Eu não era cliente, eu trabalhava na Chanel, mas tinha um dress code. Eu precisava usar branco e preto não podia ficar usando cores, de vez em quando...

PESQUISADORA: Não tinha uniforme?

S3: Não, não tinha... É... mas assim era meio que... putz quando eu ia atender a imprensa, quando eu sabia que ia encontrar a imprensa, eu tipo meio que já ia de preto e branco...

PESQUISADORA: Você não podia usar nada do acervo?

S3: Podia! Podia quando tinha evento e tal eu super usava... é....

PESQUISADORA: O seu vestido de noiva?

S3: É não foi o meu vestido, foi uma jaqueta... era uma jaqueta da Chanel...

PESQUISADORA: Que você casou?

S3: Que eu casei. era uma jaqueta da Chanel linda, linda, linda... de um desfile de spring summer...

PESQUISADORA: Você pode pegar do acervo pra casar?

S3: É, exato! É... essa foi a parte legal do meu casamento! Risos! Que eu casei tipo parecia um lookinho assim bem anos 60, foi bem legal...

PESQUISADORA: Linda!

S3: É... então quando eu era relações públicas essa era uma coisa que eu acho que impactou muito assim... é a maneira... a preocupação... como eu me vestia...

PESQUISADORA: E era uma cobrança? Você sente que há uma cobrança do...

S3: Quando eu era relações públicas eu sentia que existia essa cobrança...

PESQUISADORA: Hoje não mais?

S3: Hoje não mais... assim... quando eu fui trabalhar na Quem disse eu acho que foi uma boa mudança porque assim eu só usava roupa... e eu me acostumei a praticamente usar só preto e branco... e na quem disse o pessoal era todo muito colorido, pessoal usava muita coisa da Antix... muito estampado com bicho e não sei o que... a Carol que era minha dupla, ela é D.A. ela era toda florida, colorida... tatuada... e não sei o que...

PESQUISADORA: E aí, como foi isso?

S3: E aí eu comecei a gostar dessa estética e aí eu fiz um exercício de tipo... eu fiz um exercício mesmo! É... teve um começo de ano que eu falei gente, eu não vou usar roupa preta tipo eu vou evitar ao máximo eu não vou usar roupa preta... e eu fiquei tipo assim uns 2 meses sem usar roupa preta...

PESQUISADORA: E foi fácil, difícil?

S3: Foi difícil porque realmente assim eu tinha muita roupa preta... é... mas foi interessante porque todo mundo era super colorido e eu aí nossa preciso ser uma pessoa... porque eu acho que tem uma coisa de energia das cores e tal... é... e... era uma época que eu tava tomando muito sol, então o cabelo tava assim com a ponta queimada... aí eu falei ai gente vamos botar uma cor nessa vida, dar um up... foi um exercício legal assim... foi mais fácil porque a minha irmã é uma pessoa muito colorida... hoje em dia não tanto porque ela trabalha e tal... tem que ir mais séria... mas as roupas de sair... ela tem muita regata colorida, cinza, amarelos bem abertos, uns verdes... então eu ia muito no guarda-roupa da minha irmã... é... eu ainda morava com ela, com eles e tal... então eu fiz esse exercício, quando eu fui pra quem disse teve mais essa introdução de cores na minha vida... e agora que tipo putz eu coordeno... e aí acho que tem todo um processo, né? Aí eu comecei a fazer tatuagem que de uma certa maneira é meio que uma roupa porque tá ali na minha pele... faz uma... compõe de alguma maneira e aí agora que eu tô no marketing assim mesmo, fazendo uma coisa que assim que eu queria estar fazendo mesmo que é construir marca, é... pensar né? Quais são os pilares dessa marca que... aí eu tô sentindo uma liberdade um pouco de tipo... mesclar um pouco esses mundos que eu vivi no passado e criar o meu estilo, assim sabe? E eu pego assim muitas referências de várias pessoas que trabalham comigo... a Bianca que é uma menina que trabalha comigo e que assim nossa putz ela... ela tá com nada assim... ela tá com uma calça jeans, um blazer e tipo não tem nada... ela está chique. Ela fala: ai chique, tudo que ela gosta ela fala ai chique... e ela é uma pessoa chique assim tipo com nada, nada... só um rimelzão, assim... e aí tem muita coisa que eu me apropriei assim sabe? Do tipo putz nossa isso é muito legal dela, mas de vez em quando eu quero usar uma estampa... por conta dessa fase quem disse berenice mega colorida, mas tem dia que eu quero estar toda de preeeto e daí eu lembro muito da Nataly que era minha chefe na Chanel que ela usava um vestidinho assim preto com... é que ela tinha umas pernas finas maravilhosas, né? Aí eu uso com meia calça... ela usava sem meia calça,

porque ela era meio modelona, assim altona e tal... aí ela usava um blazer maravilhoso da Chanel óbvio, com vestidinho e um coturno preto... que é aquele... ele é meio um coturno... é um famoso... não sei se... acho não sei se ele é da Balmain, da Balenciaga... que ele tem um recorte assim sabe, aqui? E aí ela usava assim isso e quando ela usava essa roupa eu ficava tipo louca... falava ai nossa que chique, que descolada! E aí quando eu quero me sentir chique e descolada eu copio essa roupa... lógico sem a etiqueta Chanel, mas então tem um pouco disso assim... sabe? Cada dia eu acordo meio com uma vibe de... de.. me apropriar desse meu passado de roupas, mas eu não sinto que tem uma cobrança assim... acho que as pessoas observam o que eu uso tipo eu sei que pra algumas pessoas eu sou uma referência, tipo em termos de me vestir, ée... não porque nossa eu me vista super bem mas enfim... até porque eu tenho uma equipe, eu sou chefe de 4 pessoas... então essas pessoas naturalmente olham pra mim com alguma...

PESQUISADORA: Então você acha que o que a gente veste é importante pra criar também a opinião que as pessoas têm sobre nós?

S3: Ah, acho que têm...

PESQUISADORA: A forma como as pessoas se vestem afeta sua opinião?

S3: Silêncio

PESQUISADORA: Sobre essas pessoas?

S3: Sim, sim... num primeiro contato, assim... tipo... que eu não conheço a pessoa e eu leio... leio um pouco ela pelo que ela ta vestindo... putz tipo ai o cara... calça jeans, tênis de corrida, camiseta polo... putz é um cara mais conservador, putz é um cara que eu não posso brincar tanto...

PESQUISADORA: E às vezes isso se confirma ou às vezes...

S3: Não, muitas vezes se confirma, né? Na maioria das vezes... é muito difícil... eu acho assim a sua autoimagem ser totalmente destoante da sua personalidade, assim... acho que é uma coisa natural... éee... lógico com exceções do tipo, sei lá, meu minha irma é médica, ela precisa estar de tipo roupa social pra atender no hospital... é,, eu sei que se não fosse isso ela taria... nossa maravilhosa com saias tipo incríveis, todas cheias de rococós e tudo mais ... tirando essa parte da coisa meio profissional do dress code... eu acho que sim... acho que tem tudo a ver...

PESQUISADORA: Existe alguma roupa que você não usa ou não usaria de jeito nenhum?

S3: Silêncio...

Nossa... Não falarei... nunca diga nunca... porque tipo... cara, tem muita coisa que meu eu falava cara jamais eu vou usar esse troço, jamais... e tipo meu é... calça como é que fala? essas que vem no meio...

PESQUISADORA: Pantacourt?

S3: Pantacourt! Meu, esse negócio estranho, lembro daquele desfile da Chanel que foi no Palácio de Versailles que tinha muita pantacourt e sapato de sapato de sola inteira...

PESQUISADORA: Flatform.

S3: Flatform, isso... e... quando eu comecei a trabalhar lá eles estavam com esse acervo, desses sapatos e eu falei gente puta que zuado, jamais usaria isso...

Cara, e eu uso pantacourt praticamente todos os dias assim, adoro, tipo uso para caralho, acho que tem tudo a ver...

PESQUISADORA: Eu nunca pensei usar pantacourt também... ainda mais perna grossa, gordinha... eu achava super esquisito e de repente... Mas é louco porque a gente assimila, mas porque será que a gente conseguiu aceitar e assimilar? Será que é de tanto a gente ver? Tipo a gente é vencida pelo cansaço?

S3: Acho que pode ser, super...

PESQUISADORA: A tendência?

S3: Acho que é de tanto a gente ver, acho que tem uma questão... porque eu acho que... nada assim é feio... é que num primeiro momento eu olhava e achava estranho... não tava acostumada com aquela estática... acho que é um pouco disso... a partir do momento que você começa a se acostumar... lógico tem a coisa de tipo puta ficar martelando na sua cabeça... o mercado... você entra na Zara só tem aquilo lá... você vai olhar o Instagram só tem... mas aí você vai se acostumando com aquela estética... lógico tem estéticas que tipo putz você não vai se acostumar... eu não... não vou falar que eu nunca vou usar um vestido bandage? Porque eu posso usar um dia, mas putz não é uma estética que me agrada, eu já fui muito bombardeada mas não é a minha vibe... não sei posso morder a minha língua, mas é um negócio que...

PESQUISADORA: Tá, perfeito! Tem mais alguma coisa que você quer me contar?

S3: Não sei...

PESQUISADORA: É louco porque a gente poderia ficar falando de roupa, surge muita coisa...

S3: Não, acho que uma coisa que é legal, Bru, aí... é.. a minha vó materna costurava super bem e aí muitos momentos da minha vida que foram... assim alguma das maiores lembranças que eu tenho dela é dela costurando e aí é muito legal isso... tem roupas que eu lembro assim dela costurar de festa junina, um vestido de noiva de festa junina que eu lembro ela costurando...

PESQUISADORA: E aí você usou essas roupas?

S3: Usei, tinha sei lá 7 anos, coisa bem pequena sabe... teve uma roupa que eu tinha visto uma blusa na M Offīcer uma vez que eu fiquei louca, achei linda... e era caríssima... eu morava do lado do Shopping Eldorado e minha vó tava lá “não, a gente compra o pano...” e ela fez a blusa e eu usei pra caramba...

PESQUISADORA: Que graça! Você acha que a sua paixão por roupa, esse seu interesse por se vestir talvez também tenha sido dela?

S3: É, talvez... eu costuro um pouco, né? Então assim acho que tem um pouco a ver... assim eu me sinto muito ligada com ela, né? Que eu falei um negócio... acho que eu repito vários padrões dela, inclusive de temperamento e acho que é uma coisa que me vem muito assim, sabe? Lembro dela costurando, lembro dela lembra costurando coisas pras minhas primas... Minhas primas

primeira viagem internacional delas pros Estados Unidos, pra Disney... aí minha vó costurou um conjuntinho assim, cada uma foi em um xadrez diferente... Beverly Hill, sabe?

PESQUISADORA: Aham, que amor!

S3: Engraçado, eu lembro disso... é bem legal... é uma memória bem forte assim da minha avó costurando e tal... acho que tem um pouco disso... de talvez eu ter me interessado bastante ta...l por conta da minha vó assim...

PESQUISADORA: Sua avó já faleceu?

S3: Já...

PESQUISADORA: Quantos anos você tinha?

S3: Ah, eu já tava, sei lá uns 25, 24...

PESQUISADORA: E você não tem nenhuma roupa da sua avó? Quando ela morreu você ficou com alguma coisa?

S3: Não, não fiquei com nada... deve ter um monte de coisa lá, mas assim a família é meio tretada, não tretada... mas assim as minhas tias que moram lá... são meio estranhas e tal... e eu não tenho nada que é dela... eu acho que... eu tenho só uma bolsa que eu acho que era dela... que é essa bolsa prateadinha aqui que eu uso bastante... que eu peguei nas coisas da minha mãe... eu acho que era da minha vó... e tem umas coisas que... é engraçado, né? Ela usava a sandália muito dourado velho... é... E aí outro dia no perfil do shop2gether, no Instagram apareceu uma sandália Dourada, eu falei gente eu preciso dessa sandália, tipo a sandália é igualzinha da minha vó, é a cara da minha vó... aí eu comprei, experimentei e não gostei como ficou no pé... mas aí eu falei cara eu preciso comprar uma sandalhinha douradinha, tipo tal assim... nesse dourado meio Velho meio fosco...

PESQUISADORA: E você não gostou no seu pé, mas você trocou?

S3: É troquei, eu devolvi... mas eu falei, eu quero!

PESQUISADORA: A sua compra foi impulsionada pela memória na verdade?

S3: Foi, foi total, mas eu quero tipo eu vou procurar uma sandalhinha assim douradinha que... eu tenho um sapato... quer dizer eu nem tenho mais ele porque tava muito bagaceira, mas que eu lembro tanto de você, amiga!

PESQUISADORA: Qual?

S3: Você usava um sapato quando a gente fazia Unicamp, que ele era tipo uma flatzinha assim... como se fosse uma...

PESQUISADORA: Era tipo alpargata?

S3: Não era tipo uma flatzinha assim que você amarrava. que ela era tipo só fechadinha aqui em cima... E aí eu amava, eu achava linda e daí uma vez eu achei uma bem parecida e eu aí eu comprei... Falei nossa eu amo esse sapato da Bruna e...

PESQUISADORA: Que cor que era?

S3: Ah, ela era meio beginha, meio marronzinha, assim... uma coisa meio...

PESQUISADORA: Eu amarrava no tornozelo?

S3: É... amarrava no tornozelo, ela era tipo fechadinha aqui e aqui e aí tinha essa coisinha aqui e aí fechava aqui assim...

PESQUISADOR: Gente, eu também nem sei que fim deu esse sapato...

S3: Eu lembro muito dele!

PESQUISADORA: Ai, que fofa! Então eu te inspirei? Você falou que só procura coisas de mulheres foda, to me achando agora...

S3: Tá bom?

ENTREVISTA – 04

Data de realização: 05/10/19

Profissão: publicitária e digital influencer no Youtube

Local: Restaurante próximo do trabalho

PESQUISADORA: Então primeira pergunta. É bem assim algo rápido.

S4: Tá.

PESQUISADORA: Eu quero saber quando você ouve a palavra roupa qual, quais são as coisas que vem na sua cabeça as primeiras coisas que vem a sua cabeça?

S4: Acho que a primeira coisa que me vem à cabeça mesmo sou eu ...risos... Tipo liberdade não sei explicar vem realmente o que me move, literalmente eu sou movida, parece uma coisa fútil, mas é de verdade é uma coisa que inspira meu dia pensar em roupa pensar em cor, pensar em combinação, olhar as outras pessoas, elogiar as outras pessoas, eu amo repara e falar assim cara hoje você colocou vermelho olha que incrível.

PESQUISADORA: Valorizar né.

S4: É então acho que assim, rapidamente o que me vem à cabeça é isso, tipo minha essência, de verdade eu não me lembro da Stella não pensar em roupa mais, é Stella e roupa.

PESQUISADORA: A Stella sempre pensou em roupa?

S4: Então, a Stella sempre pensou em roupa desde pequenininha porque minha mãe que ia comigo nos brechós, então tinha essa coisa de, pela condição financeira, de não ter condição de comprar a roupinha da moda então a gente sempre ia em brechó e estava sempre pensando em como eu vou usar a coisa que era da minha mãe que pareça coisa que é da moda... então tipo sempre foi natural e teve uma época meio de afastamento na adolescência de sempre usar preto e roupas largas e não a queria mostrar meu corpo e vem aquela coisa de não se aceitar e depois a hora que eu volto a me aceitar eu falo “uau é agora!”.

PESQUISADORA: Esse é meu poder...

S4: É, Esse é meu poder e aí, desde então, é a Stella sempre pensando em roupa, de verdade eu vivo pensando em roupa.

PESQUISADORA: Então você acha que a primeira referência que você teve foi sua mãe?

S4: Com certeza foi minha mãe minha primeira referência principalmente de brechó, assim talvez não de moda, não tô falando de moda tô falando de roupa mesmo, então a primeira é minha mãe de admirar e querer o scarpin vermelho que ela deixava debaixo da televisão... eu sempre quis e quando chegou o momento de usar que eu tinha idade e já calçava 39 e minha mãe calçava 36 então tipo nunca usei o scarpin vermelho, mas é uma lembrança que eu tenho.

PESQUISADORA: Que lindo.

S4: Risos!

PESQUISADORA: Eu sou do 39, também sofri muito.

S4: Ai gente é muito sofrido.

PESQUISADORA: Não usei um sapato da minha mãe...

S4: Então mesma coisa que eu então eu não consegui, minha avó tinha umas coisas legais, mas nunca conseguia pegar e eu sempre queria pegar a roupa do outro porque, assim eu tinha isso, pra ser normal de brechó, de usar roupa usada.

PESQUISADORA: Tá. Então aí agora a gente vai entrar mais um pouco no seu universo particular.

S4: Beleza.

PESQUISADORA: Quero saber... por que você deve ter muita roupa né?

S4: Uhum

PESQUISADORA: Porque a gente que gosta...

S4: Mais do que eu gostaria

PESQUISADORA: É... A gente sabe do consumo consciente a gente se esforça né mas a gente gosta então...

S4: A gente gosta.

PESQUISADORA: Por mais que a gente não fique com todas as roupas vão sempre girando na nossa vida.

S4: Uhum.

PESQUISADORA: Eu quero saber se você tem roupas que você não consegue se desfazer?

S4: Tenho.

PESQUISADORA: São muitas ou são poucas?

S4: Cara, eu vou te dizer que hoje eu já posso até chamar meu guarda roupa de acervo, tem muitas.

PESQUISADORA: Muitas...

S4: Tem muitas assim, eu falo que tenho uma mini coleção de blazer e por mais que eles se pareçam eles não são os mesmos e eu não consigo me desapegar por mais que o Maurício fala

assim “Stella são quatro blazers pretos”, mas eles são diferentes um do outro e cada um vale pra uma situação, tem meu favorito, mas tem os outros...

PESQUISADORA: Uhum.

S4: Tipo coisas que eu não consigo desapegar. Tem coisas que eu nunca usei e que ainda não consigo desapegar por conta de ser aquele achado, marca, então tipo eu tenho uma blusa assim toda boneca Reinaldo Lourenço que eu amo que eu nunca usei e ela tá no meu guarda roupa há muito tempo... então assim isso as vezes me dá um pouco de, aí, nervoso de tipo vai é agora.

PESQUISADORA: E não consegue.

S4: E não consigo tipo até coloco e às vezes eu até coloco no bazar.

PESQUISADORA: Uhum.

S4: Tipo eu faço às vezes no brechó.

E assim eu faço o brechó e falo essa peça aqui que é simplesinha, mas que pra mim ela significa eu coloco mais cara e nunca vende aí eu falo “era pra ser minha”.

PESQUISADORA: Ai meu deus.

S4: Só que tipo é uma estratégia pra que nunca seja vendida.

PESQUISADORA: Você já se arrependeu de alguma coisa que você vendeu?

S4: Nossa, muito!

PESQUISADORA: E o arrependimento foi por causa do que? De tendência ou de saudade?

S4: Geralmente por tendência tipo assim pô eu não acredito que eu vendi essa camisa e agora tá usando desse jeito geralmente é por tendência eu falo assim putz podia tanto mostrar no canal que eu tinha uma peça que era bem vintage e ela tá sendo usada agora pra valorizar isso, mas enfim geralmente é por tendência ou por olhar foto assim você fala mentira porque, geminiana né, então que acontece não é mais minha cara não é mais minha cara da 2 meses eu falo gente eu amo de paixão uma coisa que eu odiava 2 meses atrás mas enfim, já foi, ok.

PESQUISADORA: Você desapega bastante pelo por fazer o seu brechó tudo?

S4: Desapego, tem peças assim que realmente nem para no meu guarda roupa eu quis usar uma vez e já doou, as vezes tem coisa que eu uso e já penso numa pessoa então já entrego pra pessoa tipo, meu eu usei ok, agora ela é sua. Mas eu consigo desapegar e assim pegar minhas roupas e voltar pros brechós que eu amo garimpar então tipo os bazares que eu vou garimpar acho que eles merecem minha sacolonas de roupa principalmente.

PESQUISADORA: Bem legal.

Então antes de fazer o brechó que são as peças que realmente eu acho que valem mais financeiramente que eu quero vender pra juntar uma grana então eu pego todas as outras ou tudo que sobra também dos brechós e já doo direto.

PESQUISADORA: Legal.

S4: Tipo assim não fica se tá no brechó não é pra voltar pro meu guarda roupa tipo já fiz todo um desapego mental e aí eu já passo direto já passo com a sacolona aí tipo fechei, tô pronta, acabou.

PESQUISADORA: Entendi.

S4: Eu consigo... eu consigo desapegar fácil, é que tem algumas peças que não.

PESQUISADORA: Então é blazer, o problema aí tá no blazer?

S4: No blazer e na camisa.

PESQUISADORA: E da onde será que vem essa paixão por blazer e camisa quê que isso significa pra você?

S4: Gente, não sei nossa nunca me perguntei isso, que incrível eu não sei não sei se é uma coisa de sempre gostar de olha realmente não sei de onde vem mas eu sempre gostei de me vestir de homem talvez esse guarda roupa masculino acho que talvez venha daí.

PESQUISADORA: É maravilhoso aliás as roupas que você troca com ele

S4: Então eu super troco.

PESQUISADORA: Eu amo isso.

S4: Eu amo usar muita roupa masculina que me representa que alguma forma me represente não sei se parece força se parece mais sério porque sou muito descontraída não sei o que não sei então acho é o equilíbrio do guarda roupa ou da minha personalidade não sei mas eu não consigo tipo é camisa e blazer são as paixões, assim...

PESQUISADORA: Você falou que tem algumas que não consegue desapegar

S4: Uhum

PESQUISADORA: Mas aí já pensando no seu guarda roupa mais adulto nas coisa que você usa.

S4: Sim.

PESQUISADORA: Você guarda coisas de outras épocas?

S4: Por exemplo tipo adolescência que marcou minha vida

PESQUISADORA: Coisas que você sabe que não vai usar nunca mais, mas que você quer guardar?

S4: Não mas isso eu não guardo, aí fez parte da minha adolescência fui na minha formatura não tanto que tipo que meu vestido de formatura porque realmente eu uso em todas as ocasiões tipo qualquer casamento eu falo gente já tenho vestido não compra outro tipo é meu vestido de festa mas não, não guardo não só que aí vem uma coisa que aí é diferente o Gael.

PESQUISADORA: Agora você é mãe...

S4: Agora eu sou mãe e aí a peça dele que ele saiu da maternidade o primeiro tricozinho não consigo e aí é uma coisa de quero guardar porque eu lembro que ele era pequenininho daquele jeito, ele não servia na menor roupa que ele tinha e aí eu tenho macacãozinho e então assim dele eu não consigo aí rola um sentimento mesmo de guardar a época dele, a minha não tipo assim aí talvez se eu tivesse o scarpin vermelho da minha mãe talvez eu tinha guardado mas como não tenho não tem essa coisa de aí marcou minha época, marcou uma fase da Stella isso não, consigo me desapegar da minhas fases facilmente.

PESQUISADORA: Que bom e assim as roupas do Gael você falou que tá guardando e você pretende guardar sempre?

S4: Uhum hum.

PESQUISADORA: Você tem algum lugar especial pra elas?

S4: Não tô guardando só as que marcaram, então ele tinha um macacãozinho listradinho vermelho que era muito louco, mas toda vez que a gente vestia ele de vermelho ele ficava mais calmo não sei explicar, cromoterapia.

PESQUISADORA: Que maravilhoso.

S4: Então esse eu não consigo, mas acho que as outras daí tem uma coisa que vem junto com o sentimento de mãe é que assim poxa eu tenho condições de comprar roupa pra ele seja em bazar, seja em loja nova, então eu guardo uma peça e o resto vai tudo embora, vai tudo pra doação.

PESQUISADORA: Você tem doado as roupinhas dele.

S4: Tenho uhum todas

PESQUISADORA: Você pensa em fazer um brechó de criança?

S4: Então não tenho tanta roupa dele porque tipo assim.

PESQUISADORA: Ainda né.

S4: É ainda a maioria eu ganhei então tipo a gente tá usando agora, mas não tenho uma quantidade exorbitante, mas sim quero doar se sobrar, não sei se quero vender ou se prefiro doar mesmo porque daí sempre fica aquele sentimento poxa posso ajudar outra criança mesmo que roupa parece uma coisa boba cara faz uma diferença hoje sendo mãe faz muita diferença você não encontrar por exemplo ele era muito pequenininho não conseguia achar peça do tamanho dele era desesperador imagina uma mãe que não tem condições de comprar a sei lá então.

PESQUISADORA: E o fato de ser mãe mudou sua relação com as roupas, com guarda roupa, com se arrumar?

S4: Não é muito louco porque eu imaginei que fosse super mudar e eu ia querer usar roupas mais maduras e eu ia deixar de lado meus curtinhos e não simplesmente a mesma coisa algumas não me servem ainda porque não voltei pro meu corpo e só mas continuo curtindo meu shortinho curto, saíinha curta, minhas camisas que eram não tive sentimento de mudança de personalidade.

PESQUISADORA: É porque tem muita mulher que justifica aí perdi minha identidade depois de ser mãe...

S4: Não eu não me perdi assim eu falo.

PESQUISADORA: Mas acho que é porque você não sei talvez seja porque você tem um pensar muito grande sobre a sua essência.

S4: Sim

PESQUISADORA: Sobre quem você é né então.

S4: É então

PESQUISADORA: Fica mais fácil não se perder

S4: Exatamente e tipo assim a gente tem que entender que o Gael ele é uma pessoa por mais que ele ainda não entenda que né ele tá tipo nos 5 meses agora que eles entendem que ele e não é a mãe ele é uma pessoa, um indivíduo, então quando a gente entende que seu filho é um indivíduo e você continua sendo um indivíduo isso não mudou isso na minha vida então tipo continuo tendo minha personalidade, continuo amando porque existe também um julgamento das pessoas de achar, que absurdo três meses você tá de batom vermelho, sim não me custou passar um batom vermelho, ah mas você...

PESQUISADORA: Isso é uma questão à parte porque dá muita discussão essa questão da maternidade.

S4: Então muita até porque as pessoas falam porque você não fala sobre a maternidade eu não falo porque eu tenho a minha maternidade não tenho a maternidade dos outros então tipo recebi comentários falando que o Gael era muito magro que eu era muito vaidosa então eu tinha feito dieta nele tipo que mundo é esse

PESQUISADORA: Aí gente.

S4: Você acha que vou fazer tipo enfim essa coisa de maternidade não é um assunto que eu queira tocar é complexo.

PESQUISADORA: Porque todo mundo se acha no direito de julgar de opinar também né.

S4: Exatamente eu nem posto muito ele e continuo postando quem eu sou as vezes vem algumas perguntas de curiosidade, eu sempre respondo mas tem algumas que vem de maldade então tipo como que você consegue usar essa camisa se você tá amamentando então infelizmente não estou

mais amamentando passei por todo um processo e eu não consegui, não fico justificando então talvez seja por isso que eu consigo usar as roupas de anterior que eu usava antes, porque eu tive problema pra amamentar não consegui amamentar então logo eu não preciso de roupas que fiquem puxando, colocando pra baixo então e mesmo assim quando estava amamentando era muito simples era só abrir minhas camisas meu botão e ok.

PESQUISADORA: Muito tabu à toa.

S4: Tipo que você tem que ter a roupa ideal grávida tem que usar a bata não tenho gente não comprei roupa de grávida

PESQUISADORA: Isso eu ia perguntar.

S4: Eu usei todas minhas roupas sempre gostei de roupa larga isso talvez deve ser por conta de ter passado tipo aí eu me achava muito gorda não gostava do meu corpo eu acabei gostando de roupa larga pra esconder e hoje gosto de roupa larga porque é meu estilo mesmo tipo eu me descobri depois então eu nunca tive roupa apertadinha continuava usando minhas roupas.

PESQUISADORA: Teve alguma roupa especial de grávida?

S4: Não nenhuma.

PESQUISADORA: Você tinha algum sonho tipo aí quando...

S4: Não.

PESQUISADORA: Só vou usar barriga de fora se eu ficar grávida...

S4: Não nunca tive e assim até no momento que a gente foi tirar ensaio de grávida foi o Maurício que tirou né ele não é fotógrafo, mas foi ele que tirou e eu escolhi as peças mais coloridas que tinha mais a ver comigo e aí eu fiz até que ver não sei se você viu postei no Instagram a gente refez agora que ele tá fora da barriga.

PESQUISADORA: Não vi isso não.

S4: A gente refez com a mesma roupa.

PESQUISADORA: Adoro, esse eu não vi.

S4: Então tipo a de laranja

PESQUISADORA: Ah eu vi essa foto ah era depois que você estava grávida é verdade.

S4: É então.

PESQUISADORA: Ah que linda.

S4: Então assim não teve

PESQUISADORA: Nossa ficou lindo!

S4: E sou eu, essa é uma roupa que eu saio essa era uma roupa que eu saía e fim tipo isso. Depois eu te mando.

PESQUISADORA: Eu vi essa foto achei maravilhoso, mas eu não tinha me ligado que era a mesma do ensaio.

S4: E tem outras era a mesma roupa e ai a gente tirou essa aqui também que tinha uma grávida minha mãe garimpou essa camisa pra ele é uma camisa branca garimpada

PESQUISADORA: Ai meu deus.

S4: Então que são tipo as mesmas roupas então a gente fez até essa brincadeira que são as mesmas roupas ai o mesmo jeitinho só que uma com barriga e uma com ele

PESQUISADORA: E você acha que de alguma forma seu gosto por roupa, por moda vai influenciar ele você espera alguma coisa nesse sentido?

S4: Olha eu acho que naturalmente assim como você foi inspirada pela sua mãe e eu fui inspirada pela minha eu acho que naturalmente ele vai ser picado por esse bichinho então porque o Maurício é um homem super diferente que não limita ele usar um guarda roupa masculino ele ama peças femininas eu amo peças masculinas

PESQUISADORA: Você tá colocando um homem desconstruído no mundo...

S4: Exato.

Então assim eu espero que ele não espero que ele seja fascinado por moda ou nada ele pode até ser ou não mas que ele consiga entender a moda de um jeito que muitas vezes as pessoas não entendem que é a sua expressão, que a moda a roupa que você veste fala muito sobre você então que ele tenha liberdade de escolher de eu quero usar uma roupa hippie que eu quero usar terno e gravata todo o dia mas que seja uma escolha consciente de quem ele é, então acho que isso assim o que eu espero dele é que ele seja livre pra usar e que ele use, que não tenha medo porque assim as vezes as pessoas falam: nossa, como o Maurício saiu de saia? Então ele vestiu assim, né você põe por baixo e pronto é assim que sai de saia, tipo, simples

Então já começou que eu não queria saber o sexo então né tipo mas como assim você vai fazer um quarto então é um berço acho que precisa de um berço acho que precisa de um fraldarinho um trocador são uns bichinho de pelúcia acho que é isso não mas como assim mas e a cor mas e o enxoval gente sei lá é uma criança sabe?

PESQUISADORA: Minha mãe também não quis saber o meu também e ai ela fez meu quarto amarelo e ai todo mundo ficava ai mas amarelo é mais menina e ela tipo...

S4: Tipo amarelo é mais cor igual rosa é mais cor e azul é mais cor então o nosso é bem colorido então tem bandeirinhas de festa junina de todas as cores era super colorido tudo super colorido as mas parece de menina tipo ai gente apreço de um bebe desculpa ah e assim era muito colorido forte e ai rolava isso tipo mas não vai ser azul bebe isso vai agitar muito a criança isso aqui não vai dar certo ele não vai conseguir dormir

PESQUISADORA: Ai vem ele usa vermelho e fica calmo

S4: A criança ama vermelho ele ama as bandeirinhas então assim quando ele começou a descobrir que ele tem olho não ei uma coisa assim quando começam a enxergar ele ficava encantado com as bandeirinhas que tem no teto e tipo foi o Maurício que pintou à mão.

PESQUISADORA: Ai, isso tem muito significado.

S4: Tipo porque precisa ser ursinho cor de rosa bebê não precisava então

PESQUISADORA: O fato de vestir ele pra você mexe com você de uma maneira diferente ou você consegue ver de uma forma bem funcional.

S4: Não, consigo ver de maneira funcional mas eu me divirto tipo bonequinho assim, ai garimpei uma coisinha dos Beatles, ai vou por tricozinho porque gosto de tricozinho, ai vou por vermelho porque gosto de vermelho, e ai vou por essa roupa aqui porque parece de menina e daí.

PESQUISADORA: Quebrar o padrão...

S4: Vou quebrar, vou pegar tudo estampado que tiver e vou por estampado vou entrar na seção masculina e vou comprar e vou entrar na seção feminina e também vou comprar porque vai ter estampinha de coração, é um bonequinho é um boneco.

PESQUISADORA: Acho que se eu tivesse um filho eu ia me divertir muito nisso.

S4: É muito delícia e na maternidade eu não vejo nada como pesado, nada, tipo tem que acordar de noite tem já sabia, tem que amamentar, tem eu já sabia, tem que não sei o que, tem eu já sabia, bebê chora, chora, eu já sabia e é isso ponto e só tipo tá bom vamos fazer isso, passa rápido e é real passa rápido.

PESQUISADORA: Essa parte da maternidade eu não tinha planejado, mas isso surgiu ...

S4: Nossa posso falar uma coisa que o Gael faz? Que daí minha mãe fala que deve ser por causa da barriga não é possível, qualquer brinquedo que a gente der pra ele qualquer ele vai revirar pra achar a etiqueta e ele brinca com a etiqueta então às vezes eu saio sem levar a nana eu dou uma blusa ele pega a etiqueta, minha mãe falou assim deve ser de tanto você falar assim nos vídeos leiam a etiqueta leiam a etiqueta.

PESQUISADORA: Gente mas isso é muito incrível isso é muito maravilhoso

S4: É muito louco realmente Deve ter passado alguma coisa porque ele gosta de brincar com etiqueta

PESQUISADORA: Isso não é uma coisa comum nada comum.

S4: Não eu nunca vi nenhum bebê fazer isso tipo ele tem um mordedor daí tem uma faixinha de pano que segura um patinho, ele pega o patinho, brinca ai de repente ele vira ai ele acha a pontinha e fica assim na etiqueta ai pra dormir eu pego.

PESQUISADORA: Tô fascinada...

S4: Antes eu tirava a coberta né deixava a etiqueta pro lados porque geralmente a etiqueta é dura não sei o que não eu tenho que pegar a coberta pra ele fazer carinho e tenho que dar com a etiquetinha que ele fica horas assim se deixar

Carinho na etiqueta gente tem ursinho de pelúcia a nana ele vira pra achar a etiqueta é louco né...

PESQUISADORA: Bom, mas vamos lá, saindo da maternidade.

S4: Voltando pra roupa

PESQUISADORA: Eu queria que você falasse um pouquinho da construção da Stella hoje através das roupas você primeiro se vestia como uma diversão e aí isso foi acontecendo o quanto uma coisa mudou a outra

S4: Acho que sim sempre fiz por diversão de sempre ser a adolescente que curti ser a diferente sabe nunca curti ter a mesma roupa que todo mundo então ah eu tinha o all star, mas meu all star era verde com laranja e aí eu usava flores no cabelo laranja eu comprava anel de pompom pra ir na escola eu usava três relógios não sei, sabe a expressão inventar moda? Eu sempre inventei moda sempre curti nunca liguei tipo se as pessoas falavam ou não e aí quando eu vi que no canal dava pra fazer aí hoje minha relação com a moda tem muito assim como eu tô me sentindo então aí eu tô hoje meio pra baixo eu não vou colocar preto eu vou colocar peças mais leves, cores mais leves pra me levantar o astral e eu penso também tipo usar realmente as vezes eu tenho medo de usar algum tipo de peça mas por conta do dia x eu falo eu tenho obrigação de usar o que eu tenho medo.

PESQUISADORA: Isso que eu quero saber um pouquinho o quanto o fato de você ser uma referência pra moda pras pessoas se vestirem o quanto isso se torna um obrigação uma cobrança, perde o prazer ou não?

S4: Não nunca perdi o prazer, mas eu acho que existe um aí eu não sei a palavra talvez não seja uma obrigação mas uma aí é basicamente uma obrigação tipo assim eu tenho uma obrigação de falar que tudo bem eu tenho medo não estou em sentindo bem com meu corpo acabei de ter um filho mas eu vou usar cropped e daí vou usar ah mas vão falar isso e isso mas vão mesmo vão falar e eu vou usar porque vou inspirar outras pessoas e outras pessoas precisam que eu tenha essa coragem então acaba sendo isso ah as pessoa me chama de brega no canal não tudo bem eu não vou deixar de usar e vou falar ok ser brega

PESQUISADORA: É difícil né porque hoje em dia eu acho assim você tem toda uma maturidade todo um desenvolvimento com o canal toda uma autoconfiança no que você faz mas teve momentos que isso te abalou?

S4: Com certeza teve muito de primeiros vídeos das pessoas falaram putz é verdade acho que oncinha não tá mesmo na moda não pera aí eu gosto queque eu vou parar de usar e se eu uso as pessoas se engajam em usar o que elas curtem não tô falando da tendência ou da peça que eu realmente estou usando mas disso porque tem outra coisa que as pessoas tinham muito medo que daí é o que eu falo que foi mesmo e é uma obrigação minha é assim ah eu comprei em bazar mas eu nunca vou falar porque se eu falar que comprei em bazar vão falar que eu sou pobre e se eu sou pobre eu não devia tá aqui esse pertencimento existe muito então assim eu uso sim e vou de bazar no São Paulo fashion week e eu vou de bazar no restaurante mais caro na minha cidade e eu vou usar isso.

PESQUISADORA: E hoje isso hoje olhar pra isso pra quem olha só hoje pra isso acha não super cool super mas assim você tá falando de brechó e comprando em brechó desde muito tempo desde sua infância era um tempo que tinha outros pensamentos

S4: Não roupa de morto então assim real das pessoas falaram é uma roupa de morto então muitas vezes é mesmo por exemplo meus blazer eu tenho certeza que assim gente não é um ciclo? É um ciclo tipo assim se ele não foi enterrado com aquela roupa quer dizer que ele não vai usar aquela roupa então ok comprar muitas vezes a família vai ter que vender mesmo a família vai ter que desapegar porque dói pra ela gente roupa não é só o vestir de fato cobrir é o vestir né então assim tem muito isso de tudo bem era sim mas não aconteceu nada comigo até hoje estou viva não tenho doença nenhuma porque aí você comprou de um lugar que putz tá cheirando mofo quem conhece bazar sabe que muitas vezes é voluntário, tá lá trancado um mês inteiro e tipo nossa entrei lá estava um cheiro, estava mesmo e enfim.

PESQUISADORA: Assim como se a pessoa deixa o guarda roupa fechado um tempão vai ficar o mesmo cheiro.

S4: Exatamente meu achei sei lá uma camisa incrível no meio desse cheiro dessa bagunça eu fui pra casa lavei eu usei e ok.

PESQUISADORA: Eu acho que em seu trabalho o mais fantástico dele foi na desconstrução claro que esbarra em tendência esbarra em comportamento

S4: Que eu amo...

E só uma possibilidade que o brechó te dá então e eu falo isso que as vezes você entra num brechó e não achou nada mas talvez não tenha sido assim não que o brechó ou o bazar não tivesse nada mas você não estava preparada você não se conhece o suficiente pra chegar lá e falar assim nossa isso é a minha cara pra você garimpar mesmo e se encontrar no meio daquela bagunça de peças exclusivas que são únicas você tem que se conhecer né.

PESQUISADORA: Tem.

S4: Então acho que vem daí essa parte da obrigação de falar todos esses pontos sim tem roupa furada sim tem roupa que não tá cheirando perfeitamente.

PESQUISADORA: Agora eu acho assim a gente passou por várias coisas a única coisa que a gente meio que não falou que eu tenho uma curiosidade.

S4: Vai vamos lá.

PESQUISADORA: E dentro desse universo de experimentação tem algum coisa que você não usa não gosta não usaria porque, algo que tipo não isso nunca rolou uma cor ou uma...

S4: Deixa eu ver tem, tem um tipo de tecido aqueles tecidos bem molinhos agarrados tipo aí as vezes eu vejo as pessoas usando umas coisas é tipo roupa de usar em casa que são roupas confortáveis pra lavar casa por exemplo e elas usam na rua e eu falo gente mas pelo mesmo preço você poderia estar usando algo que te favorece que te deixa bonita.

PESQUISADORA: É o olhar da moda né?

S4: É então acho que assim tem alguns tecidos que não tipo assim definitivamente não.

PESQUISADORA: Mas aí é de conhecimento do tecido ou porque você não gosta de marcar seu corpo ou algo assim.

S4: Não tem coisas, não acho que não tem anda que eu não experimentaria, tipo hoje eu digo não, não vou usar mais bandagem só que aí de repente.

PESQUISADORA: Daqui a pouco vai voltar...

S4: Coloco com uma bandagem aí entra meu estilo meu blazer com uma camisa bem larga e de repente estou usando uma bandagem então eu nunca nem falo que não vou usar alguma coisa porque sim eu vou usar já sei mas acho que é mais de conhecimento e aí tipo esse tecido não deixa nossa não te favorece esse tipo de botão nessa camisa não tipo assim porque você vai usar tantas informações se poderia ser uma camiseta e um jeans ir pro simples assim.

PESQUISADORA: Mas aí já é uma coisa editorial de conhecimento...

S4: É de conhecimento ... de peça que eu não uso de jeito nenhum, não creio que não tenha.

ENTREVISTA – 05

Data de realização: 05/10/19

Profissão: Engenheira química e presidente do Comitê Vestuário da ABNT e professora universitária

Local: Sala de aula

PESQUISADORA: Então de primeira, eu quero saber... O que te vem a mente quando você escuta a palavra “roupa”? Quais são as primeiras coisas?

S5: Ahn, proteção. Vem também... Memórias de roupas que me encantaram durante a vida... É... Roupas que eu gostava de ver nas outras pessoas, que eu gostava de ver em mim. Aí... (P: Aí vai divagando...) Vem, vem divagando... Mil coisas assim, como uma... Uma pele protetora, que você tem a opção de escolher, né? A pele que você escolhe.

PESQUISADORA: Maravilhosa. Então, falando sobre isso, você disse que uma das primeiras coisas que vem na sua memória é a questão de roupas que passaram pela sua vida, certo?

S5: Sim!

PESQUISADORA: E, como, quais são essas roupas, o que é que tem vem de primeira?

S5: Umm... Então, lembrando de... Ahn... Assim, olhando meu umbigo mesmo, né? Então, lembrando de roupas que eu me sentia... É... Sem frio, que me davam aquela sensação de proteção como se eu tivesse dentro da barriga da minha mãe. Então, eu lembro lá do casquinho que me foi importante porque ele tava fotografado numa foto, acho que foi minha primeira foto 3x4, eu tinha 2 aninhos, com uma xuca maravilhosa, feita de sabote, segundo minha mãe (P: Ah, não creio!), sabe aquelas coisas que coisa o sabonete assim e ajeita? (P: aham!) Aquela xuca linda e aquela casquinho com... De tricô, com os cordõezinhos amarrados de pompom. Então eu me lembro de tirando essa foto e me sentindo quentinha, sentindo protegida. E essa foto também foi importante porque ela foi me acompanhando muito tempo da minha vida, porque ela foi tirada para a carteirinha do clube Portuguesa Desportus, então, era a carteirinha do meu clube, então tinha aquele status de olha eu tenho um documento, né? Eu tenho... Que nem gente grande tem documento, eu tenho um documento com minha foto e com essa roupa maravilhosa. Vem também na lembrança roupas que eu via na minha mãe que me facilitavam a comunicação com ela.

PESQUISADORA: Como assim?

S5: Porque eram mais compridas, então era mais fácil eu puxar e chamar minha mãe, “mãe, tô aqui, viu? Eu sou pequenininha, mas eu tô aqui”. Roupas que quando minha mãe botava eu pra dentro – do casaco – quando ela me confortava pra ficar dentro do casaco junto com ela, aquilo era assim transcendente, era o prêmio... E também um casaco maravilhoso do meu pai que tinha gola de pelo, que eu gostava de enfiar a cara naqueles pelinhos e... Curtindo, ali, o calor do meu pai, também, né? Não era só o calor da roupa, era também o dele, né? Então, vem essas lembranças maravilhosas. Vem também lembranças do tempo que minha mãe... Deu uma “louca” nela e ela resolveu vestir as duas meninas, filhinhas dela, igual. Porém, eu e minha irmã temos

uma diferença de sete anos! (P: Era o que eu ia perguntar) Então eu era uma criança de cinco – essa roupa eu lembro bem que foi uma roupa do casamento do meu tio querido, tio Joaquim – uma criança de cinco e uma pré-adolescente de doze!

PESQUISADORA: Você era qual?

S5: Era a de cinco.

PESQUISADORA: Menos mal!

S5: Então, eu olhava pra minha irmã e olhava pra minha roupa e me sentia! “Eu tô no status da minha irmã mais velha!” “Eu tô... Tô linda, porque eu tenho uma roupa igual da minha irmã!” E, por outro lado, minha irmã tipo assim... “Fica longe, né?” “Pelo amor de Deus, parece que é eu e chaveirinho, né?”, “Que que eu trouxe minha miniatura, minha bonequinha, né?” “Pelo amor de Deus, fica longe.” Porque ela já era uma pré-adolescente de doze anos que tinha vergonha de andar vestida igual uma criancinha de cinco.

PESQUISADORA: E sua mãe mandava fazer as roupas nesse caso?

S5: Sim

PESQUISADORA: Mas, era só pra eventos ou era um...?

S5: Não, só pra eventos.

PESQUISADORA: Entendi.

S5: Então, era um casamento, era festa da portuguesada, um natal... Então, quando minha irmã já via minha mãe comprando tecido a mais, ela já ficava horrorizada. Então isso aconteceu umas três vezes. Pra alergia da minha irmã já foi o bastante pra deixar ela traumatizada com relação a vestir igual, né? (P: Entendi, que legal!) Mas... É, pra era o maior status, pra ela...

PESQUISADORA: Sim! Pra mais nova sempre é, né? Porque você ficava como se você fosse... (só tô abrindo pra ver se tá gravando) você ficava como se você fosse a mais velha, é um orgulho, pra outra é a vergonha!

S5: Sim, tava ali... Equiparada a minha ídala, e que era minha tutora, né? Então... Minha irmão, por ter sete anos de diferença, ela cuidava bastante de mim, então as vezes ela fala até de maneira condenatória com relação à minha mãe que ela não teve infância, que ela tinha que cuidar dos pequeninhos, né? O irmão mais velho de nove anos de diferença, como era menino não tinha essa responsabilidade. Ele tinha a responsabilidade ajudar meu pai. Comércio, nas coisas que meu pai tava consertando, era essa a tarefa dele. A tarefa da minha irmã era cuidar dos pequenos, que era coisa de menina. E ainda, além de cuidar, ter que vestir igual, pra ela, foi um trauma, né? Mas, enfim...

PESQUISADORA: Ela gosta de roupa ainda hoje?

S5: Nossa, Maria Odete é uma... Começou a costurar com os trapos da alfaiataria do meu tio, então, quando ela ia lá de final de semana ou ia passar férias lá, ela ficava pegando os trapinhos de terno de homem, né? Mas era o que tinha disponível. Então, às vezes sobrava camisaria, fazia

roupinha de boneca, fazia almofadinha, caminhas, fazia mil. E... E eu fui a primeira modelo dela. Ela tinha treze anos, eu tinha seis, ela pegou um vestido meu, pediu pra minha mãe comprar um tecido, minha mãe comprou um tecidinho baratinho, porque tinha quase certeza que ia estragar. Mas, ela cortou direitinho, com treze anos, e costurou, devagarinho, mas costurou...

PESQUISADORA: Na máquina, ou...?

S5: Na máquina, e era máquina de pedal... E fez o vestido pra mim.

PESQUISADORA: E como foi pra você, ganhar esse vestido?

S5: Ah, também foi excelente, porque minha irmã fez pra mim. Minha irmão não fez pra ela, fez – escolheu fazer pra mim! E, outra coisa, né? Minha mãe permitiu ela arriscar um tecido novo fazendo uma roupa pra mim. Não pegou um retalho qualquer. Comprou um mais baratinho, mas era um tecido novinho da loja. E... Outra coisa, a partir daquilo, meu pai falou “não, tem que colocar ela no curso de corte e costura”. Aí, pra minha irmã foi o pontapé inicial pra ela ir fazer aquilo que ela gostava, que era costurar. Depois ela... Ahn... Bom, na época dela não havia, ela entrou na faculdade em 72... 1972, então ela não tinha... Ahn... Na época não tinha nenhum curso de moda, o primeiro que começou foi o Santa Marcelina em 85, então ela foi fazer matemática, porque era bamba de matemática, medalhista da escola, tudo isso. Então, ela foi fazer matemática, fez licenciatura de matemática, mas sempre com a paixão pela costura e costurando pra todo mundo de casa, né? Porque aí, como ela foi fazer o curso de corte e costura, ela tinha as tarefas da modelista que ensinava ela, não, na época não era modelista, modista. Modista que ensinava ela a modelar e costurar (P: e ela tinha que aplicar as lições). Então ela aproveitava e fazia roupa pra um, e pra outro.

PESQUISADORA: E ela costura ainda?

S5: Costura.

PESQUISADORA: Ela não seguiu esse amor?

S5: Ela fez o vestido de noiva dela, fez o meu vestido de noiva, fez já o vestido de noiva de uma porção de parentes e conhecidas, pelo amor a arte. Ela realmente é uma artista...

PESQUISADORA: Que lindo, isso.

S5: Bastante.

PESQUISADORA: Então a roupa já é presente desde a infância de vocês duas, né? O tecido...

S5: Sim, eu acredito até antes da Maria Odete se inspirar, porque meu tio, alfaiate, foi uma pessoa muito próxima da gente, a gente ia muito na casa dele e ele ia muito na nossa casa, então a gente acompanhava quando ele fazia prova, então... A gente ficava lá olhando meu pai experimentando, né? Então a gente curti muito isso e minha tia era calceira, então ele fazia paletós e coletes e minha tia fazia camisas e calças, e veja o que interessante: os dois analfabetos

PESQUISADORA: Olha só

S5: Toda o traçado na cabeça.

PESQUISADORA: Que legal, nossa. Arte, mesmo, né?

S5: Aplicação de modelo, tudo isso, aprendia na unha, lá. Nada pra anotar, nada...

PESQUISADORA: E era aqui em Americana, era onde?

S5: Não, não, Portugal.

PESQUISADORA: Portugal, mesmo?!

S5: Aí, quando eles vieram pro Brasil, meu tio persistiu na profissão de alfaiate. Porque chegou, não sabia ainda o que ia fazer...

PESQUISADORA: Mas quando veio pro Brasil, veio direto pra Americana, como é que foi?

S5: Não, não. Em São Paulo...

PESQUISADORA: Sua infância foi lá?

S5: Aí na zona leste, zona lost, como preferir e então, depois meu tio ficou trabalhando em alfaiataria dos outros, né? Enquanto ele não tinha clientela, nada disso, ele ficou trabalhando pros outros, até que ele resolveu vir para o bairro de Sumaré, aonde ele, na casa dele estabeleceu no fundo alfaiataria, atendia o pessoal na sala e ia costurar lá no fundo. E... Ahn... E aí ele ficou muitos anos costurando dessa maneira, né?

PESQUISADORA: E sua tia junto?

S5: E minha tia junto, sempre.

PESQUISADORA: Então você acha que a primeira referência de roupa, tecido, talvez venha deles, mesmo, né?

S5: Sim, acho que até antes da minha mãe. Minha mãe era bordadeira. Minha mãe não... Ela sabia costurar, mas assim, alguém tinha que modelar. Então as vezes ela ia fazer pijama pra todo mundo... Pegava o pijama velho, descosturava, modelava com aquele pijama antigo, costura o pijama velho e aí começava a costurar o pijama novo. Então era aquela coisa assim, né? Quando é que vai chegar a peça nova, né? Porque ficava aquela coisa assim “ai meu pijama sendo destruído, né? Coitado do meu pijaminha amado! Olha lá! E tá sendo destruído”. Aí, voltava ele recosturado. “Opa, aquele buraco no meio das pernas, opa, aqui a manga... Sumiu!” O buraco daqui voltou com o botão que não tinha, já. Então, quando ela reconstruía, ela dava os consertos. E aí, pouco tempo depois, aparecia o pijama novo na gaveta. Aí, o era dia de gala, né? Todo mundo de pijama nos trinquês.

PESQUISADORA: Você gostava de ganhar roupa, então?

S5: Sim, bastante.

PESQUISADORA: E, me conta uma coisa... Você não costura? Costura?

S5: Conserto, só. Eu fiz o curso no SENAI, desde costura industrial, máquinas especiais, desenhos de moda... Fiz, modelagem básica, modelagem feminina, modelagem infantil, mas o que acontece, eu não tive aquela experiência de ter que fazer todas as peças... Então, no SENAI, você aprendia a modelar, mas necessariamente, você não fazia a peça.

PESQUISADORA: Entendi.

PESQUISADORA: E você imaginou que você ia trabalhar nesse, de certa forma, nesse... Nesse ramo, né?

S5: Eu acho que até foi uma vocação, porque antes de ir procurar o curso de técnico têxtil – porque eu queria fazer um técnico – aí uma amiga da minha irmã, do curso de matemática, o pai dela era diretor de uma escola SENAI. “Não você tem que fazer SENAI porque as escolas são maravilhosas, não sei o quê”, aí meu pai disse “SENAI é coisa de mecânica, é de homem, não sei o quê, não sei o que lá”, isso em 75 (P: imagino), eu comecei o SENAI em 76. “Não, pai, não é isso, é assim, tal...”. Aí eu fui visitar a escola do pai dela, que era de artes gráficas. Lindo, maravilhoso, aquilo tudo... Cores, pra tudo quanto é lado, me encantei com a escola. Muitas meninas, também, uma quadra maravilhosa, né? E era imersão. Você fazia o técnico junto com o colégio. Ou seja, meu pai, que tinha comércio, eu não ia mais poder ajudar (P: entendi, não era uma vantagem). Mas, foi uma decisão familiar. E... E o meu irmão, por sua vez, escolheu o curso técnico que só era a noite (P: então ele podia ajudar de dia), que era o de agrimensura. Então, a hora que ele tava indo pro técnico, eu tava chegando da minha escola. Porque meu pai fechava o comércio às oito da noite.

PESQUISADORA: E que comércio era o dele?

S5: Era adega, era de venda de bebidas. Então, no final da tarde, vinha aquele pessoal que buscava bebida para o seu jantar, ou pro final de semana... Então, eu ajudava a servir das cinco e meia até as oito e meu irmão ficou durante o dia, então... Já os outros dois irmãos já tavam casados, então já tavam com as suas vidas, né? E a gente ainda tava lá adolescente e ajudando. Ai, quando eu fui visitar artes gráficas, eu achei bonito, tal, aí perguntei “mas... O técnico de artes gráficas, pra sair o jornal de manhã cedo, tem que estar trabalhando de manhã cedo, né? Durante a noite.” “Sim, tem muitos empregos durante a noite, porque as vezes revista o pessoal vira a noite imprimindo pra colocar na banca o dia seguinte”. Aí eu já... O quê? Trabalhar a noite? Pelo amor de Deus, não! (P: ficou arrasada) Fiquei assustada, porque eram máquinas muito rápidas, né? E cheia de grade de proteção, pensando no risco, tal, virar a noite... Não, eu tenho sono demais pra isso, “vou conhecer outros SENAIs”, porque na recepção eles já falavam das outras escolas porque na época eram sete que ofereciam técnico, aquela e mais seis. Aí eu fui conhecer a têxtil. Também, porque o bairro do Belém tinha muitos- muitas fábricas têxteis. Tinha o Matarazzo, que era um grande conglomerado de indústrias têxteis, tinha a Santista, que fazia não só os tecidos de lençol na época, mas também fazia lã, os tecidos de lã, casimira, tinha ali no Belém o... Indústrias têxteis Romano, as Snader, muita fábrica têxtil no Belém, porque era uma continuidade do Brás, né? E, consequência: eu resolvi conhecer a escola têxtil. Fui conhecer e fiquei fascinada. Fascinada, e... Aí, perguntei do negócio de trabalhar a noite e eles falaram “não, tem turno noturno, mas normalmente o pessoal que é técnico trabalha mais na parte de supervisão, comando não fica a noite, a noite fica chão de fábrica”. Então, aí eu já comecei a gostar. Outra coisa que eu gostei muito é que tinha muito mais química do que na artes gráficas, então tinha na parte de estamparia, na parte de tinturaria, na parte de lavagem de lã... Eu via muita química em todos os setores.

PESQUISADORA: E você gostava?

S5: E eu achava bonito, química. Só tinha tido ciências, mas, me encantava química. E... Aí resolvi mudar minha matrícula... Minha inscrição pro Vestibulinho do artes gráficas, resolvi mudar pro têxtil. E o têxtil me rendeu, já no primeiro dia que eu fui visitar a escola, me rendeu uma amizade de dois irmãos, que estavam indo lá – a irmã era mais velha – pra entrar lá no Vestibulinho ela ia perder um ano, mas ela preferia perder um ano e ganhar uma profissão (P: que legal), que eles também eram da zona leste, um pouco mais lost do que eu, e aí resolveram ir fazer os dois, né, fazer os dois irmãos fazer. E foram meus primeiros amigos da escola, e por sinal ainda são meus amigos hoje.

PESQUISADORA: Uau! E você conheceu no primeiro dia!

S5: Primeiro dia que eu nem sabia se ia passar no exame, né? Aí, quando eu passei no exame, eu sempre, eu me sentia “a liberta”, porque: porque eu fui escolher a escola, eu vi no guia como que chegava, peguei o guia do meu vizinho emprestado, vi como é que chegava, desenhei o mapinha, peguei o ônibus e fui. Meu irmão mais velho me explicou e eu fui.

PESQUISADORA: Quantos anos?

S5: Eu tinha 14.

PESQUISADORA: Independente.

S5: Aí, ahh... Mas meu irmão desde os 12, o que era um ano a mais do que eu, também da linha dos criancinhas, né, os que cuidados pela minha irmã – irmãe – porque já era irmãe, né? Não era mais irmã. É... Então, ele já tinha ido aos doze estudar fora do bairro. E eu não, minha mãe segurou pra eu ficar dentro do bairro mesmo, e só aos 14 fui procurar o... Aí fui depois, no artes gráficas e... A liberta, né? A Escola mais distante, EMD, agora é UMD, né? Universidade mais distante. No caso, na época, pra mim, era o... O técnico mais distante. Aí fui sozinha, tal, fiz o exame no dia, tomei... Fui sozinha, encontrei de novo meus coleguinhas lá do dia da inscrição... Quando eu fui ver o resultado, eu liguei na escola, não davam o resultado por telefone, tinha que ir na escola. Aí, já tragam um maior responsável, porque se você passou, você vai ter que se matricular. Aí falei com a minha mãe, com meu pai, ficou nanananã, tá. A mãe vai. Aí, quando minha mãe foi comigo, ficou horrorizada.

PESQUISADORA: Porque?

S5: Porque era num lugar do Brás que tinha um monte de prostíbulo no caminho da escola, mas nunca... “Ainda bem que seu pai não veio! Porque, se seu pai visse que você veio aqui visitar a escola e depois veio fazer o exame sozinha e eu deixei, seu pai ia me comer a alma! Ainda bem que eu vim com você, não vai ficar aqui nessa escola! Já vamo daqui pra trás!” “Mãe, deixa eu só ver o resultado... Só ver o resultado...” Aí chegamos na escola, na secretaria, dei meu documento... Ai o cara: “Um momento”. O cara saiu de dentro da secretaria e veio cumprimentar, de fora do balcão, a mim e a minha mãe, que eu tinha passado em sexto lugar. (P: Ai que linda!) Aí, minha mãe ficou meio desmontada, né? “Viu, se ela fizer a matrícula e meu marido não permitir que ela estude aqui, sabe... É que a rua aí é meia perigosa... Não sei o quê, tal.” “Não, a senhora fica tranquila, porque todo mundo vem de bando, então é... Essas moças não mexem com os estudantes daqui...” (mentira, né? Né? Mas...) “Tudo tranquilo, a senhora pode ficar tranquila, aí ela vai ter uma oportunidade de um colegial muito bom, vai sair daqui com uma profissão”, aí minha mãe “ã, ã... Vou falar com seu pai... Vou falar com seu pai...”. E, de toda ordem, ela fez a matrícula lá no colegial do bairro, pra eu continuar na mesma escola e, meus coleguinhas que

ficaram lá falaram que por muito tempo eu fiquei na chamada... Ficou lá! Pra dar número também, né? E... depois do segundo ano, eles desistiram de mim, né? Aí...

PESQUISADORA: Mas seu pai liberou, você estudar lá, então?

S5: Sim, sim. E aí ficou essa coisa têxtil...

-- Interrupção --

PESQUISADORA: Bom, então foi assim que você entrou pro mundo do tecido.

S5: Pois é, e eu achava que talvez ficasse na confecção, porque depois que eu tava no têxtil é que senti a vontade de aprender a costurar como a minha irmã porque, antes disso, era uma coisa que eu achava inatingível... Só pode ser para a perfeita da minha irmã fazer, porque ela faz as coisas certas e eu sou muitos pequena pra acertar. Ela treinou, e eu não... Ela fazia roupinha de boneca e eu não, então eu achava que era meio inatingível, então eu fui fazer o têxtil. Porém, no têxtil, eu via, não adianta eu aprender tecido, se eu não sei como vai ficar na roupa, e aí eu fui fazer os cursos paralelos do SENAI. Então, durante o dia eu fazia o técnico e duas noites eu ia fazer confecção (P: olha, que legal). Então, era imersão total... A sorte era que o curso de confecção ia até as nove, então nove da noite eu já tava em casa, né, mais ou menos.

PESQUISADORA: E aí não ficou no ramo da confecção, como que você foi se... Se delineando aí, sua trajetória?

S5: É... Porque foram aparecendo mais oportunidades têxteis, né? E talvez até no meu íntimo, achando que eu não teria a competência que minha irmã tinha na confecção, né? Isso sempre...

PESQUISADORA: E você hoje tá realizada no que você faz, eu sei que você é apaixonada...

S5: Sim, sim, paixão eterna, né? Apesar de todas essas sacudidas do setor têxtil, etc, sempre teve espaço e nunca... Me senti assim, desfavorecida ou... Deu pra viver.

PESQUISADORA: E aí, voltando um pouquinho mais pras suas lembranças, agora... A gente passou pela questão profissional... Você comentou da roupa do seu pai, do casquinho da foto... Essas roupas, além da sua memória, você tem alguma roupa guardada com você, você tem o hábito de guardar roupas especiais ou não, como que é mais ou menos essa sua relação?

S5: É... É traumático, porque eu... Eu resisto muito a abrir mão, eu não tenho desapega, não consigo. Tem um tailleur meu, que eu já botei e tirei daquele guarda roupa... Deve ter sido umas 500 vezes, porquê... É o tailleur que eu batizei meu primeiro afilhado. Essa criança hoje tem 37 anos. Ou seja, esse tailleur de 37 anos atrás está lá guardado.

PESQUISADORA: Foi usado uma vez só?

S5: Não, eu usei mais... Mas hoje eu não... Cabe o dedo, o polegar cabe dentro... Porque hoje eu estou mais gordinha... Mas realmente, não cabe e nem, pelo... Assim... Pelo modelo dele, nem minhas filhas se inspiraram por ele, também nem cabiam, e... Mas ele tá lá e eu resisto a tirar ele fora... Então, tem, tem roupas... Ahn... Da minha mãe, que eu ainda... Apesar que fazem cinco anos que ela foi pro céu e eu ainda não consegui me desfazer das roupas dela... (P: eu sei como é) É aquela coisa, assim, parece que eu, mantendo as roupas lá no guarda roupa, ela aparecerá

para vesti-la. Só tá numa viagem. É... Tem roupa dela que, sem querer eu acabei vestindo, porque fui pra São Paulo, tava no apartamento dela, e esfriou. Aí eu peguei o casaco dela. E me senti abraçada.

PESQUISADORA: Ela já tinha falecido?

S5: Já tinha falecido. Então, eu adorava ver ela com aquele casaco e aí, quando eu vesti, parecia que eu é... Ou tava olhando o espelho e vendo aquele casaco vivo com ela de novo, ou me transfigurando para a figura de mãe, então eu tava me sentindo Vó Ju, ou eu tava sentindo, no meio daquelas fibras, a essência da minha mãe. Nem, assim, por aroma, que ainda tinha o perfume dela, não sei, mas... Vá, que tenha um pocado de células dela ainda naquela roupa, e que me abraçaram, me acolheram, aquilo foi fantástico, aquela primeira experimentação foi fantástica.

PESQUISADORA: E foi sem querer, não foi pensado, foi pelo frio, mesmo?

S5: Não, foi por conta que tava frio. E talvez, nesse momento, sim, eu me senti protegida pela minha mãe de novo, voltei pra barriga dela... né?

PESQUISADORA: E esse casaco foi com você pra sua casa, depois?

S5: Sim.

PESQUISADORA: E está lá?

S5: Está lá.

PESQUISADORA: E você usa?

S5: Uso. Uso. E tem dia que eu uso ele assim, como escudo protetor. O dia que eu tô mais fragilizada, que o dia foi uma caca, que todo mundo tentou me esfolar, eu boto aquele casaco, eu me transformo. (de forma musical) Tã! Ele tem esse poder. Então... Mas, eu não parei nesse. Eu peguei um segundo, também, que eu amava ver ela. Ele tá puidinho na manga, tá... Mas tá lá.

PESQUISADORA: A primeira experiência foi boa, aí você voltou pra garimpar nas coisinhas da mãe.

S5: E... Aí... Que são os dois casacos que eu adorava ver, porque ela ficava jovial, esportiva, e... E, assim, eu olho o guarda roupa dela lá e eu vejo coisas que eu... Mas eu ainda tenho aquela coisa, são coisas da mãe. Ainda não tive... E já teve muita pressão do meus irmãos de esvazia aquilo tudo... “Desapega, Adelina, para com isso!”, “são cinco anos”, É... “A mãe não vai retornar pra usar”, ou outro argumento “tem gente que poderia tá precisando disso e você ainda não desapegou”... Aí naquela assim, eu compro e... Eu dou. Me fala o que é que tá precisando que eu levo, mas essas ainda, deixe.

PESQUISADORA: E essas roupas ficam no apartamento que era da sua mãe?

S5: Sim.

PESQUISADORA: Não ficam com você na sua casa?

S5: Não.

PESQUISADORA: Você só selecionou algumas pra levar com você.

S5: Então, na casa... Em casa tem esses dois casacos que eu uso, teve um que a Nanda pegou, teve uns que minha irmã pediu... Então assim, saiu de dentro da casa da minha mãe, umas dez peças.

PESQUISADORA: Mas o resto tá tudo lá ainda?

S5: O resto ainda tá lá.

PESQUISADORA: Dentro do guarda roupa?

S5: Dentro do guarda roupa. Na sequencia – e nas gavetas – na sequencia e forma que ela pendurava e deixava. Então, ainda não tive... Integridade espiritual pra tirar aquilo de lá.

PESQUISADORA: Se você tirasse, o que você acha que aconteceria? Porque a dificuldade?

S5: Hmm... Eu acho que seria assim... Já tá pra esquecer... Ahn... Não é só um desapega da roupa, é um desapega das memórias da minha mãe que... A Nanda fala mesmo... É... É o museu da vó. As vezes ela me dá essas cobradas, porque eu tento deixar a casa bem do jeito que minha mãe deixava. E, quando houve a hipótese da Nanda morar lá pra estudar em São Paulo, quer dizer, estudar em Guarulhos, né, que ela entrou na UNIFESP, na história da arte, então talvez ela morasse lá e ia de van até Guarulhos. E aí ela falou “se eu ficar na casa da vó eu posso mudar a decoração, posso colocar do meu jeito”... Fss (som com os dentes) E aí veio aquela resistência enorme, falei “vamos assim por partes, não tratora tudo, porque se você entrar com um trator derrubando de mais a mãe vai ficar magoada... Então vamos devagar, mas, vamos ver como é que fica, né? Vamos ver se você adapta, a ficar... Você em São Paulo, estudando em Guarulhos, vamos ver como é que fica, né?”

PESQUISADORA: E ela foi?

S5: Não, porque aí ela entrou em Franca e aí foi morar com a Maria Helena que já tava em Franca.

PESQUISADORA: E alguém mora nessa casa da sua mãe?

S5: Não.

PESQUISADORA: Ela fica fechada...

S5: Só eu, e elas quando vamos para São Paulo. Eventualmente, algum colega de uma ou da outra, que fica em São Paulo com elas... Então... É triste falar, né, mas assim, a casa de veraneio nossa é de São Paulo. Tem gente que tem apartamento na Praia? Nós temos apartamento em São Paulo.

PESQUISADORA: Tudo bem. É um lugar especial pra você.

S5: Sem dúvida. E muito especial, porque foi o ninho dela depois que meu pai faleceu, né? A gente achou mais seguro...

PESQUISADORA: E as roupas dele?

S5: Então, as roupas do meu pai, quem despachou foi minha mãe (P: hmm, ela ainda tava no...). E minha mãe foi muito mais corajosa do que eu. Naquelas coisas assim, “quem quer isso, quem quer aquilo... Ó tem isso aqui que eu acho que serve pra esse, que serve pra aquele, papapapa”.

PESQUISADORA: Foi mais prática.

S5: Foi mais prática.

PESQUISADORA: Porque, você acha?

S5: Talvez porque pra ela doesse demais ver aquelas roupas lá, que trariam mais memórias dele, mais dóidas, do que se ela despachasse. E pra mim é o contrário. Pra mim, as roupas estarem lá é uma reverência a ela.

PESQUISADORA: Sim. Cada um lida de uma maneira, né? Com o luto, e as roupas.

S5: E já teve muito oferecimento de amiga, de prima, da minha irmã, da minha cunhada, pra gente ir lá e dá a rapa em tudo que é guarda roupa. E eu falo “eu não uso guarda roupa daqui. Eu não quero deixar minha roupa nos guarda roupas daqui, se não fica aquela loucura, onde que tá a roupa? Tá aqui, tá em São Paulo? Não.” então, eu não uso os guarda roupas aqui, deixa aí, do jeito que ela deixou. Tá bom. Então.

PESQUISADORA: E esse casaco de pelo, do seu pai, não ficou pra você? Você ficou com alguma coisa dele?

S5: Meu pai... Eu fiquei com um cachecol.

PESQUISADORA: Você pôde escolher ou foi o que foi designado?

S5: Não, eu pude escolher, eu pedi. Eu pedi.

PESQUISADORA: E porque o Cachecol?

S5: Ahn... Porque meu pai, ele gostava de... De... Colocar eu no colo e esquentar debaixo do pescoço. Então eu lembro daquele cachecol me esquentando, esquentando a ele, então aquilo também é um... Agora, o casacão, correspondente a esse cachecol, porque aquele cachecol era daquele casaco. Que o que tinha a gola de pelo. Esse casacão ficou com meu irmão. E... Achou que ele tirou a gola de pelo e acho que ele usa... Ainda usa. Porque era de lã de ovelha, grosso...

PESQUISADORA: Você já viu seu irmão usando?

S5: Sim.

PESQUISADORA: E como foi? Normal?

S5: Perfeito. Ainda mais...

PESQUISADORA: Mas te remeteu ao teu pai ou foi uma coisa mais natural, ver seu irmão usando?

S5: Não, foi bem natural, é que... Que assim... homenagem ao meu pai.

PESQUISADORA: E se você visse sua irmã, chegando com uma roupa da sua mãe? Seria também natural?

S5: Acho que sim, como já vi ela com casacos que ela pediu, já vi ela com casaquinho da minha mãe. E ela se sente também abraçada, ela sente exatamente isso que sinto com o casaco que uso, da minha mãe.

PESQUISADORA: Vocês já falaram sobre isso?

S5: Sim, muito, e ela se sente...

PESQUISADORA: Sobre a sensação, de estar...

S5: De estar com a mãe em volta, protegendo. E... E ela... Ela tem essa mesma sensação, mas ela tem a impressão de sentir os aromas da minha mãe naquele casaco. Eu acho que são as memórias que acabam aguçando, porque eu dei uma cheirada e falei “isso tem cheiro de amaciante”.

PESQUISADORA: A praticidade da Adelina

S5: Acabei. Acabei, né? Aí ela falou “não, tem cheiro da mãe ainda!” Tá bom, então a mãe cheirava amaciante. (risos) Mas é... São coisas, assim... Tem, nessa questão da comunicação, tem um penhoar da minha mãe que era comprido e era de algodão bem macio, e fininho. Era quase uma cambraia. E ele era... Marrom, com uns camafeus, estampados, de florzinha. Não era um camafeu tradicional, eram florzinhas em ovais, né? E eu me lembro de puxando aquilo, da minha mãe. As vezes ela tava passando roupa no sábado a noite, que era uma lida do trabalho dela, era o horário que sobrava e eu escapava da minha cama, pra ver onde ela tava, e ela passando lá, de repente eu tava lá. “Que é que você tá fazendo aqui? Vai pra cama!”, “Quero fica aqui, mãe”, aí ficava lá puxando o... As vezes, ela levantava de noite, ou pra fazer um chá que alguém não tava bem, ou pra acudir um e outro que chamou, tal... De repente eu ia pra cozinha... Tava lá eu pendurada nesse penhoar dela...

PESQUISADORA: E esse penhoar existe, ainda?

S5: Não, lamentavelmente, não. Bem antes de ela morrer esse penhoar tinha ido embora, né... Mas...

PESQUISADORA: Ela era mais desapegada, né? Deve ter...

S5: Ahn... Deve ter estragado, porque era antiguiinho, tinha... É... Cinco, seis anos, né? E também ela engordou tudo isso, né? Aí ele andou... Porque era fininho, mas era uma coisa que ela gostava de usar, porque era prático, né?

PESQUISADORA: E você lembra da estampa, do toque, tudo?

S5: Nossa, em detalhes, assim o toque do algodão, da cambraia fina, né, que é de tecido de algodão penteado, né?

PESQUISADORA: Mas essas percepções do toque do tecido já eram desde essa época de pequeninha ou são do olhar da Adelina de hoje?

S5: Hmm... Os dois, porque: tinha aquela preferência por algumas roupas, por exemplo, o vestido oficial de festa da minha mãe, não eram muitos, porque na época era... O vestido de festa, né? Então, ela tinha um vestido de festa de brocal. Aquilo era horrível! Horrível! Porque quando ela me pegava no colo, aquele brocal me arranhava a cara... Eu tinha horror daquele vestido, mas tinha que suportar, porque era o vestido de festa da minha mãe, né?

PESQUISADORA: E você queria o colo da mãe também.

S5: É. Ou abria mão do colo, ou tinha que aguentar aquele raio daquele brocal, né? Então tenho essas sensações já do que me era agradável tocar, encostar o rosto...

PESQUISADORA: As texturas já... Já te aguçavam.

S5: É. Isso. E... Ahn... Eu gostava de colecionar retalhos que nem a minha irmã, mas a minha irmã transformava. Eu gostava de colecionar os pedacinhos.

PESQUISADORA: E você colocava aonde esses pedacinhos?

S5: Ah, junto com boneca.

PESQUISADORA: Guardava misturado?

S5: Guardava com as bonecas... Então, minha irmã fazia roupinha, aí eu tentava colar em caixinha pra fazer caminha, porque eu não gostava de costurar, porque espetava meu dedo. Eu gostava... Ahn... Como teve uma época que meu tinha armazém, sobrava as caixinhas de de chocolate, e as caixinhas de chocolate sempre era coloridas e bonitas, e eu fazia caminha de boneca e aí forrava com esses retalhos. Uma vez, meu pai pediu pra minha mãe, ele comprou um pulôver e veio uma etiqueta toda bordada em fio dourado. Fundo preto, bordada em frio dourado. De imediato: meu pai experimentou e pediu pra ela tirar. Porque, no que ele pôs e tirou... Ele usava camiseta, aqueles português de camiseta, sempre de camiseta branca, e aquilo ficou vermelho no pescoço dele só de... Aí ela tirou e jogou no lixo. Adelina foi lá... Tanananana... Que era muito linda aquela etiqueta toda bordada em dourado! Fios de ouro!

PESQUISADORA: Quantos anos você tinha?

S5: Ah, devia de ter uns quatro ou cinco...

PESQUISADORA: Olha, e já fascinada até pela...

S5: Aquela etiqueta, eu fiquei... E...

PESQUISADORA: E aí você pegou?

S5: Peguei! Aquelas coisas assim “quem tá olhando? Ninguém tá olhando! Peguei!”

PESQUISADORA: E o que você fez com ela?

S5: Guardei no meio das minhas bonecas. Tava lá na caminha de uma. Aí, minha mãe detectou um dia. “Mas eu não tinha jogado isso fora?”, “Ah... Então, achei bonita, mãe.”, aí, tá. Aí ficou, etiqueta pra lá, etiqueta pra cá, “o que que essa lixeira pegou?” porque aí os outros três... Caçula, né? “o que que essa lixeira pegou?”, “Essa etiqueta...”, aí, vem lá... “Tá cheirando a lixo”, aí a outra “Tá cheirando a lixo, ih, pegou lixo, não sei o que...”, “dá aqui que é minha”, eu botei lá, de novo, na caminha da boneca. Uns par de dia depois, cadê a minha etiqueta? Aí, aquele escândalo, aí eu dava uma de caçulinha mimada... Chora... Berra pela mãe, né? Minha mãe lá no comércio, e eu lá na saia dela “Mãe! Jogaram minha etiqueta fora! Não sei o que...”, brigas mil, que eu queria minha etiqueta.

PESQUISADORA: E quem jogou?

S5: Não, é que... Eu tinha mudado de lugar (risos)

PESQUISADORA: E essa etiqueta? Sumiu na vida?

S5: Sumiu na vida... Mas... Que era uma etiqueta fascinante, era fascinante... Que eu nunca tinha vid-visto nada com fios dourados, né? E... Das histórias que apareciam, que... Tinha a cachinhos dourados que os fios eram... Os fios de cabelo eram de ouro, né? Tinha a Branca de Neve... A Branca de Neve... A Cinderela, costurando, e fiando fios de ouro, não sei o quê...

PESQUISADORA: E você achou que aquilo era uma nobreza?

S5: Eu achei aquilo próprio, né? Aquilo era o próprio... Aquela coisa que... Privilégio de ter aquilo na mão. Então... Ahn... Tudo isso, que tá sendo aquela ideia de acolhimento, proteção, é que a roupa e os tecidos me trazem, né?

PESQUISADORA: Você ainda gosta de ter tecido, comprar, fazer roupa...

S5: Inventar...

PESQUISADORA: Inventar...

S5: Inventar estampa...

PESQUISADORA: Sim! Você ainda tem tecidos... Você tem essa mania de guardar retalhos, ainda, ou não?

Ahn... Por conta da minha irmã, que está fazendo bastante artesanato...

PESQUISADORA: Aí você guarda pra ela?

S5: Guardo pra ela. Mas, tem tecidos, tem retalhos, que eu fico um tempo, assim, pra ceder... Faço com as alunas a tecidoteca, então eu tenho uma coleção de tecidos considerável, por conta, do que as alunas vão fazendo, eu retenho uma cópia pra mim, pra correção. Elas trocam entre elas, cada uma pega um tema de tecido... uma pegou tricoline, faz trinta ou quarenta fichas de tricoline.

PESQUISADORA: E você tem tudo isso guardado? Esses exemplares?

S5: Tenho. Classificados em ordem alfabética, uma gaveta do arquivo é de tecidos planos, uma gaveta do arquivo, de tecidos de malha. E que acabam sendo úteis pra aulas, né?

PESQUISADORA: Mas aí nesse caso, elas que escolhem esses tecidos, elas que fazem e você fica com isso por questões práticas, na verdade.

S5: Sim, por conta de fazer correção, acabam ficando comigo e eu não descarto, não.

PESQUISADORA: E aí, esses tecidos da infância se perderam, também, esses retalhinhos?

S5: Sim... Não lembro o que que eu possa ter lá daquela minha infância... Ah! Não é tão infância, mas, pra mim é uma peça muito preciosa... É... Eu só fui conhecer minha avó eu tinha 19 anos. Porque...

PESQUISADORA: Nossa. Mãe da sua mãe?

S5: É. Porque os pais do meu pai faleceram antes de eu nascer. E... A mãe da minha mãe, que é quem me deu o nome, minha avó Adelina, ela morava em Portugal. Então, só quando eu tive 19 anos é que os filhos se juntaram e trouxeram os avós pro Brasil. Minha avó Adelina e meu avô José. Que eram pais da minha mãe. E... Nessa ocasião, quando ela tava no Brasil, eu tava fazendo curso pré-vestibular, o cursinho. E, um dia, ela reparou que a minha meia tinha um furo. E aí ela – quando eu joguei a meia pra lavar – ela foi lá, costurou a minha meia, minha mãe lavou, e quando eu recebi a meia costurada, eu fui saber “uai, mãe, a senhora consertou minha meia?”, “Foi sua avó”, aí fui agradecer pra minha avó, aí ela falou assim “Ah... Tava feinha, mas tá boazinha”. Aí... Essa... Esse par de meia eu parei de usar, e guardei porque... Eu... fui órfã de vó 19 anos. Então, quando tinha uma vó, todo mundo falava, na escola “fui nas férias pra casa da minha vó”, “Ah, fui almoçar na casa da minha vó”, “Ah, meu vô me levou no cinema” e eu... Nada, né? Não tinha vó por perto. Aí nesse quatro meses que ela ficou no Brasil e que eu pude ter uma meia que minha vó consertou pra mim, aquilo é eterno. A meia tá guardadinha lá há 40 anos!

PESQUISADORA: Que lindo, é sua relíquia.

S5: Aquilo é minha relíquia. Teve um tempo que eu guardava a minha caderneta de poupança dentro. Do tempo que eles davam a carteirinha pra você marcar o que você depositou, eu guardava dentro dessa meia.

PESQUISADORA: Dentro dessa meia! Porque?

S5: Era meu pé de meia.

PESQUISADORA: Ah, certo! Justo!

S5: Então, já que é pra dar sorte, pra guardar pro futuro, então porque não uma meia que minha vó consertou pra mim? Tá lá. Então são troféus assim, valiosos.

PESQUISADORA: Claro... E essa meia hoje tá guardada aonde? Tem um lugar especial pra ela?

S5: É... Perto da cabeceira, perto do... Assim, de noite, se eu quiser pegar, eu pego essa meia, ela tá...

PESQUISADORA: E você já pegou, alguma vez assim, por memória, ou não?

S5: Não, não. Ah, bom, pra relembrar da minha avó, já peguei. Pra mostrar pros outros, já peguei, mas assim, de acordar e “Preciso pegar minha... A meia da sorte”, não. Mas ela... Eu sei onde ela tá guardadinha porque ela me é muito importante.

PESQUISADORA: E ela nunca mais foi usada?

S5: Não, nem pensar!

PESQUISADORA: Nem será?

S5: Vai que arrebenta? Não... Ah, talvez, na hora de eu ir embora, eu vou... Eu vou escrever isso no meu... Apesar que eu quero ser cremada, que eu seja cremada com ela (risos)

PESQUISADORA: No testamento, né? Na hora de...

S5: É. “Por favor, ao me vestir, por favor, põe a meia que a vó consertou.”

PESQUISADORA: Acho simbólico.

S5: É, e já é 35... 19 anos eu calçava 35, já. Então, ainda vai servir, né?

PESQUISADORA: Olha só, que lindo... É uma linda história.

S5: Então é uma... É uma coisa preciosa. Além desse tailleur do... Do... Batizado do... Marcio né, que é meu sobrinho.

PESQUISADORA: E se você tivesse que escolher, agora pra gente ir finalizando, uma roupa pra te representar. Não importa se ela serve ou não, mas você tem isso? Qual roupa te representa, é a sua personalidade, ela existe, já existiu?

S5: Eu acho que esse tailleur, porque... Na época... Eu ti- que eu batizei o meu sobrinho – eu tinha 22 anos e aquilo pra mim foi uma transição para a idade adulta definitivamente. Eu tava no meio da faculdade, ainda achando a estudante maluca e... Gritando por... Pela anistia já, né, em 82! Naquele momento me foi confiado uma criança, porque... O batismo é isso, né? São pais designados, caso falte os pais verdadeiros, são os pais designados. E eu e meu irmão que batizamos esse sobrinho. Então, eu me senti assim, estou adulta, porque eu sou responsável por essa vida que tá nos meus braços.

PESQUISADORA: Esse foi um ritual pra você de maioridade, digamos assim...

S5: Sem dúvida. O batismo pra uma pessoa adulta, que pode ser responsável por uma criança, né?

PESQUISADORA: E no caso o tailleur foi mandado fazer, você que escolheu?

S5: Foi minha irmã que fez.

PESQUISADORA: Mas você escolheu o tecido, ou não, foi...?

S5: Sim, sim. E os botões... Isso eu tive a oportunidade. E... E aí... O que eu... Acho que é isso que eu resisto de botar ele fora... Porque não tava só o meu sobrinho se batizando na fé. Tava eu me batizando como uma adulta que pode ser mãe daquela criança. Graças a Deus não aconteceu nada com meu cunhado, nem com a minha irmã, mas, em todo caso eu era assim, a condutora, né, a mentora daquela criança e me foi confiado essa tarefa. “Ah, já não sou mais a caçulinha besta, a que ficando chorando pela etiqueta de fios dourados, a protegidinha da mamãe. Agora eu sou capaz de ser mãe de uma criança pela fé católica, né?” Mas, se acontecesse alguma coisa, eu tinha essa responsabilidade civil e criminal, por aquela criança, né?

PESQUISADORA: E o tailleur tá lá te contando isso até hoje.

S5: E foi... Eu acho que... Tal qual o Marcio tem lá o seu... Sua roupinha de batismo, guardada pelo minha irmã, ahn... Eu tenho a minha roupa de batismo de idade adulta. Guardada por mim mesma, né?

PESQUISADORA: Que lindo, que história linda. Tem mais alguma coisa que você gostaria de me contar, sobre alguma roupa?

S5: Não era desse penhoar, que eu amava.... Ahn.... Das roupas de minha mãe... Falei de mais, né?

PESQUISADORA: Não! Falou perfeito, tudo lindo! Obrigada por me confiar as suas memórias, são lindas.

S5: Acho que eu nem vou na psicóloga segunda feira (risos)

PESQUISADORA: Maravilhosa. Ou vai, né? Pra contar todas as roupas...

ENTREVISTA – 06

Data de realização: 12/11/19

Profissão: vendedora do Torra Torra após 12 anos de Renner

Local: Café perto da loja

Conversa...

PESQUISADORA: É diferente trabalhar no Torra Torra dos outros lugares?

S6: Bem diferente, assim a Renner trabalha com aquele público, mais né? As roupas são mais caras, tudo é mais caro... e a qualidade né? No Torra não, já é mais popular, povão...

PESQUISADORA: Sim...

S6: Então eles...

PESQUISADORA: E você ta gostando?

S6: To... to acostumada, né?

PESQUISADORA: Você sempre trabalhou com roupa?

S6: Sempre trabalhei com roupa...

PESQUISADORA: Então você sempre gostou de roupa?

S6: Sim, inclusive to no lingerie de novo, fiquei no lingerie lá, parei no lingerie aqui nas Pernambucanas e calçados, aí vim para cá e to no lingerie também!

PESQUISADORA: E você gosta?

S6: Gosto, gosto, sim...

PESQUISADORA: Você chegou a fazer alguma faculdade, alguma coisa na área?

S6: Não... faculdade não... terminei o estudo e pronto...

PESQUISADORA: Mas sempre soube que queria trabalhar com roupa?

S6: Então, para mim a Renner foi uma bagagem muito grande, né?! Porque ali eu aprendi a ter mais amor... assim no atendimento ao cliente e tanto quanto a moda também... porque querendo ou não a gente tem cartela de cor pra seguir, tem padronização... Então ali eu aprendi bastante... então eu gosto, to acostumada a trabalhar com roupa...

PESQUISADORA: Então você pretende continuar fazendo isso?

S6: Até aonde meu psicológico permitir, sim...

PESQUISADORA: Porque, é pesado demais?

S6: É que às vezes... assim... não é que é pesado, né? Mas às vezes o psicológico puxa muito, mas eu gosto...

PESQUISADORA: É cansativo?

S6: Muito, muito...

PESQUISADORA: Então eu vou te perguntar uma coisa e você me fala as primeiras coisas que vem na sua cabeça: quando eu te falo a palavra ROUPA o que vem na sua cabeça assim de imediato, sem pensar muito...

S6: Bonito...

PESQUISADORA: Bonito?

S6: Bonito...

PESQUISADORA: Conta mais...

S6: Tecido, cor, assim... dependendo da estação que tá, verão ou outono são cores bem fortes, no verão é bem bonito, o outono também... então tipo assim é muita... a cada... como que eu posso falar pra você... é verão, inverno, outono, primavera... as estações, então as roupas vão mudando conforme as estações...

PESQUISADORA: E você gosta disso?

S6: Gosto...gosto, gosto sim...

PESQUISADORA: Então quais são as primeiras coisas que vem na sua cabeça quando a gente fala da palavra? Se você começa a pensar um pouquinho mais, o que mais vem na sua cabeça?

S6: Ai, roupa?

PESQUISADORA: Pode viajar, tá? Como eu te falei não tem certo e errado...

S6: Tipo roupa assim pra mim significa estilo, você estar bem arrumada... se você tem uma condição você vai comprar uma coisa melhor, entendeu? Vai sair daquele padrãozinho básico pra algo melhor...

PESQUISADORA: Você gosta de se arrumar?

S6: Gosto! Quando vou sair... risos!

PESQUISADORA: Não enjoa de roupa de tanto trabalhar com roupa?

S6: Não! Já to ali, já gosto... eu fico admirando também a hora que a gente ta batendo o setor... guardando... a gente admira “ai, essa eu quero” “vou comprar ela”...

PESQUISADORA: É um perigo trabalhar com roupa, né?

S6: Muito...

PESQUISADOR: Então você gosta de se arrumar, sempre gostou?

S6: Não. Aprendi na Renner... maquiagem, estilo de vestimento...

PESQUISADORA: Antes você não gostava, não ligava muito?

S6: Não, bem largada... agora eu gosto mais...

PESQUISADORA: Então o trabalho...

S6: Eu to mais antenada, risos!

PESQUISADORA: A gente vai mudando o estilo também, né?

S6: Muda, muda... totalmente. O que você era você já não passa... depois que você começa a trabalhar com roupa você já não é mais a mesma pessoa, não adianta...

PESQUISADORA: É verdade... E falando um pouco sobre as suas roupas... existe alguma roupa que você acha que te representa, algum estilo agora que você aprendeu a se vestir e tudo mais...

S6: Poxa, eu sou muito assim... quem me olha, fala ai tem tatuagem, pá, é roqueira... Não, nada a ver... não sou roqueira... então pra mim as minhas roupas são básicas, camisetinha, personagem... eu gosto dessas coisas... beeem... bem tranquila...

PESQUISADORA: As pessoas julgam por causa da tatuagem e do estilo?

S6: Bastante, bastante... ainda tem... tem... tem gente que fala “ai, pensei que você era lokona”... não, sou normal... não tem nada a ver...

PESQUISADORA: Eu já tive cabelo de todas as cores, eu sei como é isso... as pessoas julgam...

S6: Tatuagem ainda pega um pouquinho...

PESQUISADORA: Mas no trabalho ou em qualquer lugar?

S6: Não tipo assim, no trabalho... às vezes quando você entra, a pessoa já bateu o olho em você... falou “nossa, essa daí não...” mas aí a hora que vai ver é totalmente diferente...

PESQUISADORA: Então você gosta de um estilo mais básico...

S6: Básico!

PESQUISADORA: Mais fácil de se vestir?

S6: Com certeza... uma calça jeans... adoro calça jeans, uma camisetinha... tem lá... que nem eu to do capitão América... gosto assim e pronto, me sinto bem...

PESQUISADORA: Sempre foi assim? Mais pelo conforto?

S6: Conforto... e a roupa também... tem que ser confortável também... porque não adianta ser não adianta ser linda e você tá... ruim... dentro dela... não tá se sentindo confortável...

PESQUISADORA: Sim... então falando sobre as roupas que você usa, qual roupa você não usaria de jeito nenhum e porque? Ou que você não gosta ou que você...

S6: Eu não gosto de vestido, não combina comigo... não combina comigo, tá? Por eu ser mais assim baixinha então os vestidos acho que combina mais com pessoas que tem estatura, alta... fica mais bonita, elegante... Então vestido para mim eu não gosto, eu não uso...

PESQUISADORA: Então nem tem no seu guarda-roupa?

S6: Não curto!

PESQUISADORA: Mas você fica de boa com isso ou fica triste de não achar...

S6: Não, tranquila, de boa, porque eu acho que eu não curto, então pra mim não faz parte...

PESQUISADORA: Então a gente tava falando sobre o julgamento das pessoas, né? Na forma como a gente se veste, se apresenta pro mundo... E você, você acha que a forma como as pessoas se vestem também acaba influenciando como você olha elas?

S6: Assim, tem muito preconceito, as vezes a pessoa não se veste conforme o adequado... mas o que acontece? Ela tem um pré-julgamento. Isso é errado... porque às vezes eu posso tá do jeito que eu to com uma camiseta e... um tênis básico, mas eu sou tipo assim pô daora, né? Mas aí a pessoa já tem aquele pré-julgamento... ah, poxa olha o jeito que ela vem, sabe? Tem sim...

PESQUISADORA: E você acaba reparando na forma como as pessoas se vestem também?

S6: Sim...

PESQUISADORA: A gente que é da moda às vezes fica ligada nisso...

S6: Sim, sim...mas sem pré-julgamento... porque eu acho que a pessoa tem que vestir o que ela gosta, do jeito que ela gosta.

PESQUISADORA: A gente consegue não julgar as pessoas, será? A gente tenta...

S6: A gente tenta não julgar, mas assim... há julgamento sim.

PESQUISADORA: Porque que você acha que quando a gente bate o olho numa pessoa a gente olha pra roupa e pensa coisas?

S6: Ah, tipo assim... eu não gosto de shorts curto, acho bonito, mas eu não usaria... mas tem uns que são bem exagerados, né? Então pra mim eu num... já ali acontece de bater o olho e poxa...

PESQUISADORA: Já aconteceu de você olhar alguém e pela forma como a pessoas se veste você achar que não ia gostar da pessoa ou não ia se dar bem com ela?

S6: Não...

PESQUISADORA: Não?

S6: Não... de coração... não!

PESQUISADORA: Isso não...

S6: Não influencia pra mim!

PESQUISADORA: E aí me fala uma coisa sobre roupa, você compra bastante, você gosta bastante?

S6: Compro, compro roupa... Sempre que sai uma coleção nova eu quero pelo menos... não é muito, né? mas pelo menos umas três pecinhas a gente compra...

PESQUISADORA: E você desapega também, porque tem muita roupa...

S6: Super fácil! Eu não sou apegada a bens materiais...

PESQUISADORA: E aí por falar nisso você tem alguma roupa que você não consegue desapegar?

S6: Poxa...

PESQUISADORA: Alguma peça que você fala, nossa eu nunca consigo... pode ser algo que você gosta e usa ou algo que você nem usa e fica guardadinho lá?

S6: Tem, tem, tem... várias blusas... eu gosto bastante de blusa de frio e tem umas assim que eu me identifico super... podem não saber em mim, mas ta dentro do meu guarda-roupa...

PESQUISADORA: Você não consegue desfazer?

S6: Não, fica lá...

PESQUISADORA: E porque? Você só acha bonito ou tem mais significado?

S6: Não... acho que tem um significado maior... talvez eu passei muita coisa assim na minha vida que elas fazem eu deixar elas quietinhas...

PESQUISADORA: Conta mais!

S6: Não, então... quando eu entrei na loja, assim eu estava passando por dificuldade, mesmo assim dentro de casa.... então pra mim quando eu entrei, recebi o meu primeiro pagamento... eu falei poxa eu vou comprar o que eu quero... então eu comprei... foram as primeiras peças assim poxa coleção bacana, vou comprar! E ali elas ficaram e ali elas tão... elas tão no meu guarda-roupa...

PESQUISADORA: São as peças do primeiro salário?

S6: Siiiiim!

PESQUISADORA: É importante, né?

S6: Muito importante!

PESQUISADORA: E você ainda usa elas ou não?

S6: Algumas sim, algumas não... mais minha filha que ta querendo usar mas eu não to deixando...

PESQUISADORA: Ah, é? Você tem uma filha?

S6: Tenho de 10 anos....

PESQUISADORA: E pra vestir ela, como que é? Você veste ela básica também ou ela tem exigências...

S6: Tipo não... ela tem o meu estilo ... mas ela gosta de um shortinhos, um tênis, a camisetinha... nada muito... assim nossa pra chamar a atenção... ela não gosta!

PESQUISADORA: Eroupinha dela, você tem alguma coisa guardada ou não?

S6: Não, eu doo... eu doo tudo!

PESQUISADORA: Então no seu guarda-roupas são mais essas roupas que te marcaram...

S6: É, um valor sentimental, né?! Porque poxa, eu comprei, nossa, foi eu... não dependi de ninguém... então para mim foi bem bacana...

PESQUISADORA: Então você olha para elas e você sente...

S6: Uma satisfação... satisfação, alegria! Apesar de assim né... algumas coisas ter passado na minha vida elas são pra mim uma alegria muito grande!

PESQUISADORA: E tem essa coisa de você usar uma roupa e ela ter te marcado positivamente... de um dia feliz ou um dia ruim? Ou você não liga muito para isso, não se atenta?

S6: Não ligo, não me atento... pra mim ali é o momento...

PESQUISADORA: Não fica encanada com as roupas?

S6: Não, jamais!

PESQUISADORA: E assim, roupa na infância você gostava ou era bem...

S6: Então eu gostava, né? Mas a minha mãe não tinha condição então era tudo assim bem limitado e era o que ela comprava e tinha umas peças que a gente se apegava que a gente lembra mais...

PESQUISADORA: Você lembra de alguma peça da infância?

S6: Sim, lembro sim...

PESQUISADORA: Você não tem nenhuma guardada?

S6: Não... nenhuma...

PESQUISADORA: Você gostaria de ter alguma guardada?

S6: Gostaria...

PESQUISADORA: Qual?

S6: Gostaria... uma calça jeans de botão que na época tava muuuuito na moda, aí minha mãe foi lá, fez um esforcinho e comprou pra mim...

PESQUISADORA: E aí acabou doando depois?

S6: Cara, depois eu nem sei o que aconteceu com ela... porque eu acho que a vida vai passando, o momento vai passando... e eu não sei o que aconteceu! Mas ela foi bem marcante pra mim... muito!

PESQUISADORA: E outras roupas que você gostaria de ter guardado ou que você lembra com carinho? pensando aí mais na infância, nesse outro momento...

S6: Sim, teve um vestidinho que eu ganhei da minha avó, aí guardei ele por muitos anos, aí depois que eu tive meus filhos, acabei, né? Desfazendo porque não tinha tipo assim utilidade para mim, né?

PESQUISADORA: E nem sua filha chegou a usar esse vestido?

S6: Não... aí eu acabei tipo doando para ter utilidade pra outras pessoas...

PESQUISADORA: Você tem mais de uma filha, então?

S6: Tenho... um menino de 20 e a menina de 10.

PESQUISADORA: Meu Deus! To chocada! E eu aqui achando que você tinha uns 25.

S6: Sério... glória a Deus!

PESQUISADORA: Tá vendo, acho que eu tava também te julgando pelo estilo, porque você é toda moderna, toda tatuada, toda descolada, achei que você tivesse vinte e pouquinhos...

S6: Quem dera! Não tenho...

PESQUISADORA: Voltando um pouquinho, a gente tava falando sobre as roupas que você gosta, né, sobre as roupas que te representam... Se você tivesse que escolher uma roupa no seu armário... se alguém falasse essa roupa tem que representar você, sei lá, vou pendurar num museu

e colocar teu nome, qual seria a peça do seu guarda-roupa que você fala “não, isso aqui conta a minha história...” Ou ela pode não existir mais, aí você pode me contar que roupa seria...

S6: Não tipo assim eu tenho uma calça jeans e uma camiseta do Mickey... que eu sou apaixonada pelo Mickey, então tipo... cara, ela me representa! Calça jeans escura com a camiseta amarelinha do Mickey que eu tenho, essa me representa, essa eu gosto!

PESQUISADORA: É antiga essa camiseta?

S6: É antiga...

PESQUISADORA: E porque que você gosta tanto do Mickey?

S6: Ah, sei lá, porque às vezes a gente na infância não tem o que a gente queria e aí a gente começa... adulto... começa a trabalhar... aí você começa a comprar as coisas que você quer e não tem ninguém falando para você se você não pode ou não... então você vai e compra, entendeu?! Então foi a minha primeira camiseta do Mickey que não é... aquele do Mickey mais antigo... Então pra mim aquela lá é perfeita...

PESQUISADORA: Ah, que graça!

S6: É perfeita...

PESQUISADORA: E quando você tá com essa roupa, que é a roupa que te representa como você se sente?

S6: Ah, eu me sinto bem...

PESQUISADORA: Tem a ver isso de a gente usar uma roupa que a gente gosta e se sentir diferente ou não?

S6: Tem, tem, tem sim... porque às vezes você pega a roupa e você fala “é essa que eu vou colocar, pô, to show...”

PESQUISADORA: E se não colocasse um vestido em você por exemplo, que é uma coisa que te deixa desconfortável... como você acha que você iria se sentir... seria você mesma?

S6: Não, não ia ser a Daniela... até quem me conhece também ia, não... as pessoas iam falar “nossa como você tá linda, tá, tá ótimo!” mas eu por dentro ia estar me rasgando... risos!

PESQUISADORA: Então acaba que tem isso, né? A gente veste uma roupa e muda o que a gente é, né?

S6: Exatamente, exatamente...

PESQUISADORA: Você acha que quando começou a trabalhar com roupa... e que nem você falou: aprender a se vestir de uma maneira diferente...o que que mudou na Daniela?

S6: Ah, a Daniela mudou... mudou cabeça, mudou estilo, mudou tudo!

PESQUISADORA: E foi pra melhor?

S6: Pra melhor... A Daniela de 12 anos atrás não existe mais e eu prefiro a de hoje...

PESQUISADOR: E tem alguma história, trabalhando com roupa... você falou que fica no setor de lingerie... você tem alguma história pode ser vendendo ou sua, pode ser uma história engraçada ou triste... que você queira compartilhar?

S6: Ah, eu por exemplo como eu trabalho na área de lingerie eu costumo atender bastante pessoas as vezes que querem sutiã sem aro por exemplo, né? Pelo câncer de mama e ali acabo me emocionando porque querendo ou não você tá atendendo uma pessoa e ela quer aquele estilo porque ela precisa... talvez ela gostaria de usar um outro mas ela não pode, entendeu? Eu tento fazer o máximo, mostrar pra ela o modelo mais bonito que ela vai se sentir bem... porque querendo ou não ela já tá enfrentando, né, uma situação...

PESQUISADORA: E é comum? Acontece isso bastante?

S6: Bastante...

PESQUISADORA: Jura?

S6: Bastante...

PESQUISADORA: Nunca imaginei... e elas contam a história delas?

S6: Contam, contam... a gente acaba se comovendo, né? Que umas são esportistas e seguem alimentação saudável, regra, tudo assim... tudo perfeitinho e de repente quando se depara, acontece algo na vida delas... e querendo ou não eu to ali pra atender elas e pra escutar também... eu sou vendedora, mas também escuto!

PESQUISADORA: Sim, toda vendedora é um pouco psicóloga, né? Risos! Não tem jeito... Olha, que legal, nunca tinha imaginado, achei que lingerie fosse outros tipos de demanda, mas interessante isso...

S6: É, assim, o que me comove mais é nessa parte... a pessoa que ta saudável e quer uma lingerie pra sensualizar é diferente, né? da outra tem mais necessidade especial...

PESQUISADORA: E essas mulheres com câncer que procuram lingerie, você tem visto isso mais no Terra Terra ou em todas que você trabalhou?

S6: Foi... em todas as lojas...

PESQUISADORA: Entendi... é, são histórias marcantes mesmo...

S6: E querendo ou não, algumas precisam às vezes de um sutiã mais acessível ao bolso delas... então a gente tem vários padrões praquelas que querem mais assim... mais bonito... ou praquelas que querem coisas mais simples... então a gente trabalha desde o mais bonito ao mais simples.

PESQUISADORA: Ai, que legal! E aí rola de ficar emocionada na loja...

S6: Sim... a gente conversa, aí a gente acaba se tornando amigo do cliente, né? O cliente volta, procura pro atendimento...

PESQUISADORA: Deixa eu ver se faltou te perguntar alguma coisa... não quero te atrasar... acho que é isso...

S6: É roupa, quando a gente fala de roupa vem o que? Moda! Querendo ou não a gente quer ficar antenada, quer ficar na Moda...

PESQUISADORA: Não necessariamente a roupa é Moda, mas a gente tem essa ligação muito forte...

S6: Tem... quero ver passar um comercial na televisão, algo que chama atenção e você não vai querer comprar... roupa é isso!

PESQUISADORA: Tem um apelo muito grande, né?

S6: Muito! Bastante...

.....

Bastidores:

PESQUISADORA: Acho que é isso...

S6: Gostou?

PESQUISADORA: Adorei! Que história linda essa das mulheres que buscam sutiãs... nunca tinha parado pra pensar nisso...

S6: Porque assim: roupa e lingerie, trabalhei com roupas, mas também sou da área da lingerie então tenho um pouquinho de cada...

PESQUISADORA: Você gosta mais de lingerie do que de roupa, pra vender?

S6: Roupa é mais gostoso... porque lingerie tem que ter certo... tem que ter uma certa calma, paciência, cabidinho... para deixar tudo bonitinho... roupa não, você colocou no cabide, colocou...

ENTREVISTA – 07

Data de realização: 11/12/19

Profissão: supervisor de varejo responsável por 9 lojas da TVZ após 12 anos de visual merchandising

Local: Shopping, num café em frente à Loja TVZ

Conversa...

PESQUISADORA: Você fez Moda? a Lola falou...

S7: Sim...

PESQUISADORA: Que legal!

S7: Senac... os 4 anos mais longos da minha vida! Risos!

PESQUISADORA: Eu quero saber... bem assim livre mesmo, livre associação, tipo consultório do Freud e Jung aqui... Risos! O que vem na sua cabeça, quais sãoos primeiros insights que vem quando eu te falo a palavra ROUPA? ROUPA, o que que te vem à mente?

S7: Comportamento.

PESQUISADORA: Comportamento...

S7: Atitude, personalidade...

PESQUISADORA: Perfeito!

S7: Acho que são 3 boas, risos!

PESQUISADORA: São ótimas! Risos! As pessoas geralmente tem dificuldade de responder essa...

S7: Risos!

PESQUISADORA: Agora eu quero saber o seguinte: a forma como as pessoas se vestem... ela afeta o seu julgamento sobre elas?

S7: Absolutamente.

PESQUISADORA: Absolutamente como funciona? Fala pra mim um pouquinho...

S7: Sobre tudo, eu acho que uma pessoa quando ela usa a sua roupa ela carrega sinais... ela carrega significados, ela carrega experiências e fala muito sobre ela, né? Então assim... é religião... éeee... é a música que ela ouve... éeee o tipo de comida que ela gosta... eu acho que a roupa na verdade...

não só a roupa, os acessórios, as tatuagens, o corte de cabelo... acho que tudo isso junto mostra muito mais do que a gente é como... do que a gente gosta, o que a gente faz... enfim... o que realmente nos faz como pessoa...

PESQUISADORA: Perfeito! Então pegando aí a área do visual merchandising é um pouco a roupa é a vitrine da pessoa?

S7: Eu falo... Falando em vitrine... eu acho que na verdade é o cartão de visita, né? É o que a gente fala... então um produto dentro do VM um produto bem apresentado, bem trabalhado gera performance, na verdade por isso que assim, entre várias o VM é uma das ferramentas mais incríveis pra trabalhar produto dentro do ponto de venda, né?

PESQUISADORA: Sim, aí fazendo esse paralelo com comportamento, então é uma coisa que você acredita?

S7: Porra, demais! Trabalho com isso! Risos!

PESQUISADORA: É, exatamente... não tem nem como não acreditar...

S7: Sim!

PESQUISADORA: E falando um pouquinho desse lado de como as pessoas se vestem, como você se veste... sobre o julgamento... você tem alguma coisa a mais pra falar sobre isso, pra me contar?

S7: Como assim?

PESQUISADORA: Um case... assim se ao longo da entrevista você lembrar de algum case de trabalho, uma coisa interessante pra completar ou alguma história mesmo... sua ou que você vê no trabalho você pode colocar...

S7: Tá... ah, posso falar muito sobre mim porque assim que eu comecei a trabalhar no varejo com 16 como menor aprendiz, mas... virei vendedor mesmo aos 18, né? Com carteira assinada e tudo mais... e... e eu nunca fui o melhor vendedor. Hoje assim, né? Até bastante tempo atrás... eu descobri que eu poderia ser, mas não era justamente por isso... porque quando entravam na minha loja ou nas lojas que eu trabalhava, até nesse momento de imaturidade... eu fazia esse julgamento, meu... eu passava a bola... então assim... entrava na loja e eu já resignificava dentro da minha cabeça todos esses... esses signos e símbolos... o que pra mim não era interessante, o que pra mim não era valioso eu já eliminava, o que me fazia ser o terceiro, o segundo... bater na trave na meta...

PESQUISADORA: Porque você lia o cliente e às vezes a gente lê errado...

S7: Julgando de forma negativa! Isso eu falo de mim, assim... graças a Deus não é o que acontece nem é mais pertinente, nunca mais foi... faz tempo!

PESQUISADORA: Mas o que que mudou? A experiência de trabalho? O que aconteceu?

S7: Experiência de trabalho, experiência de vida... acho que você vai crescendo e aprendendo, né?

PESQUISADORA: E aí falando um pouco mais sobre as suas memórias pessoais mesmo... a sua relação com as roupas como ela é?

S7: Íntima! Risos! “Aloka!”

PESQUISADORA: Porque eu sei como é difícil trabalhar com isso e gostar... então como é sua relação? Ela fica mais no profissional ou vai para o território íntimo mesmo?

S7: Vai, vai porque... é aquilo que eu disse, não só roupas... falando basicamente sobre roupas que acho que é o objetivo... Cara, elas falam o que eu sou. Então quando eu tô num lugar e não abro a minha boca eu já tô me comunicando, com o meu look, com meu cabelo, com meu corpo, como ele se mexe e como tudo isso se apresenta numa unidade só que sou eu, né? Então falando sobre roupas a minha relação é extremamente íntima, ela vai mais além do que... ser a minha ferramenta de trabalho... como sempre foi a vida inteira... é o que me faz falar sem eu ter que abrir a minha boca! Risos!

PESQUISADORA: Perfeito! E como foi a construção do Caio até o Caio de hoje... as roupas ajudaram nessa questão de afirmação, de autoestima?

S7: Com certeza, com certeza, com certeza... Na verdade a gente fala muito e não só onde eu tô, por onde eu andei, mas na vida inteira, né? Éeee... você é aquilo que você parece ser, uma coisa tipo...né? Então você pode entrar num lugar de chinelo, bermuda e T-shirt você vai ser atendido de uma forma... Não necessariamente numa loja, num restaurante ou em qualquer lugar... agora se você entrar com... um blazer, uma gravata, muito bem alinhado, um cabelo escovado... você vai ter outro tipo de percepção. Então acho que tem a ver com isso, né?

PESQUISADORA: Sim... E você gosta de se vestir, de comprar, você é consumista ou não? Como é essa relação?

S7: Meu, eu sou mas eu já fui muito mais... de verdade, já fui muito mais... hoje eu compro muito com o sentimento, até pensando né? EM meio ambiente... De onde vêm as coisas e para onde elas vão depois que eu não usar mais... então hoje o meu consumo é muito mais consciente. Mas sim... eu já fui de torrar! Risos!

PESQUISADORA: Sim, passamos por essa fase! Risos!

S7: Já... risos!

PESQUISADORA: E com relação a todas essas roupas que passaram pela sua vida... desde sempre, desde o início do Caio, lá na infância... você tem a mania de guardar roupas especiais ou você desapega? Me conta um pouquinho sobre essa relação...

S7: Tem... tenho bastante assim... na verdade eu tenho peças que tão comigo há mais de década... Eu tenho 28 anos, comecei a formar o meu gosto... por que a gente tá em constante, né, mutação sempre... graças a Deus! Risos! Mas comecei a formar o meu meu gosto mesmo lá com uns 18, tal... porque ainda, né, você tá se formando como pessoa... então é natural que também teu estilo, a forma que você se vista tenha mudado também... mas eu tenho sim roupas estão comigo há mais de ano e... porque me cai bem, porque realmente eu tenho apego a elas... isso existe! Enfim... não é muito, mas tem.

PESQUISADORA: Tem algumas peças?

S7: Tem, tem, tem... tem bastante...

PESQUISADORA: E assim, elas estão guardadas à parte ou elas estão ali no guarda-roupa...

S7: Não, tá junto com todas!

PESQUISADORA: Não tem essa coisa de guardar...

S7: Não...não!

PESQUISADORA: Tá, elas só estão ali porque fazem algum sentido pra você ainda...

S7: É e... elas estão ali porque eu uso...

PESQUISADORA: É isso que eu ia perguntar...

S7: Verdade seja dita...

PESQUISADORA: Tem algo que não te serve?

S7: Tem algo que não me serve que eu ainda tenho porque eu tenho dó de dar...

PESQUISADORA: Entendi... e o que é?

S7: Tem, teeeem, pra cacete!

PESQUISADORA: Você sabe me dizer alguma peça?

S7: Sei... tem até uma coisa que eu digo assim que... a peça mais íntima sua, do seu guarda-roupa não são as suas lingerie, cuecas, anéis... não sei o que... joias... A tua peça mais íntima são os seus jeans... Por que o jeans, a gente é muito fiel ao jeans, né? O jeans que lhe cai bem, o jeans que tem qualidade... o jeans que não sei o quê... Porque o jeans tem a versatilidade de caber com qualquer coisa... então eu digo muito... e você assim, pode até fazer uma amostragem maior... que a... 99% da galera que vai falar pra você da peça mais antiga no guarda-roupa vai falar que é uma calça jeans. Então, pra mim assim... eu digo que eu tenho o que? De umas 25 a 30 calças? Umas três ou quatro tem 10 anos...

Mais ou menos vai...

PESQUISADORA: E algumas não servem, mas estão ali por carinho mesmo?

S7: Pode até servir, mas eu não uso... é, eu não uso!

PESQUISADORA: Uhhmm... Mas tem alguma coisa de guardar porque é um jeans especial?

S7: Tem, tem... aí não sei... tem!

PESQUISADORA: Entendi!

S7: Tem, meio ridículo, mas tem...

PESQUISADORA: Não, não é ridículo!

S7: Ah, se não usa, tá parado... você pode dar pra outra pessoa... alguém que vai fazer uso...

PESQUISADORA: Mas ele tá ali esperando o que?

S7: Nada!

PESQUISADORA: Nada?

S7: Nada, eu gosto dela, ela tá comigo apenas...

PESQUISADORA: Entendi...

S7: É 100% ... Acho que até o mood do negócio é 100% emocional mesmo.

PESQUISADORA: Tá e aí rola alguma coisa de tipo, dessas peças especiais ficarem guardadas esperando um momento especial? Tem alguma roupa que você usa no dia de sorte, num dia que você precisa de ajuda... tem isso ou não?

S7:...

PESQUISADORA: É muito mais num sentido prático do que você tá a fim de vestir e cabô?

S7: Não... eu...eu...eu acho que... você se vestir... pra você o que é vestir bem e você estar bem com isso te gera confiança... então é claro que tem aquelas peças que dão aquela empoderada, tem aquelas peças peças, né, do momento mais casual... então obviamente dependendo da ocasião você usa uma coisa ou outra, isso até normal... mas aquela peça que eu tenho como um amuleto, assim, não, não tem.

PESQUISADORA: Não tem essa peça?

S7: Não.

PESQUISADORA: Você acha que você terá um dia porque você não tem essa relação?

S7: Pode ser... não, pode ser, pode ser que sim. Tenho, tenho sim. Como eu te digo, eu tenho peças muito antigas, pode ser que eu me apegue numa... a meia da sorte... ou sei lá... é, enfim...

PESQUISADORA: Porque as pessoas tem isso... eu te pergunto porque surge às vezes nas entrevistas...

S7: Ah, eu acho que tem, mas não acredito muito não... risos!

PESQUISADORA: Beleza! Você é mais prático no sentido do material, da roupa assim... não tem essa coisa Mística, assim...

S7: Não, não

PESQUISADORA: bucólica...

S7: Não, é um apego emocional...

PESQUISADORA: simplesmente...

S7: Simplesmente.

PESQUISADORA: E aí se a gente tivesse que pegar uma peça do seu guarda-roupa, ela não precisa estar lá... pode ser algo da infância algo que você viu e quis e não teve... mas se tivesse que pegar uma peça pra te representar, o que seria?

S7: Minha jaqueta de couro preta.

PESQUISADORA: E ela existe?

S7: Sim, senhora.

PESQUISADORA: E ela é... você usa sempre?

S7: Pra caralho, risos!

PESQUISADORA: Há quanto tempo você tem ela?

S7: Ahhhhh...

PESQUISADORA: Muito tempo?

S7: Não, muito não... uns 5/6 anos.

PESQUISADORA: E porque você acha que ela te representa, no sentido de personalidade?

S7: Putz, eu não sei... eu me sinto bem, me sinto pronto, me sinto seguro... pra... basicamente tudo!

PESQUISADORA: e...

S7: Eu acho ela a minha cara, uso muito, cabe com tudo, enfim...

PESQUISADORA: Um dia você acha que vai substituir ela ou não?

S7: Pode ser... de repente... couro é couro, né? O dia que ela não existir mais eu substituo. Risos!

PESQUISADORA: E você não para muito pra pensar nessas questões?

S7: Naaao... não...

PESQUISADORA: As coisas vão acontecendo enquanto você vai existindo e trabalhando, as coisas vão ali acontecendo ali pra você também... é assim?

S7: Éeee... não é tão vulgar assim, né?

PESQUISADORA: Nãaaaaaaaao, não... não nesse sentido vulgar, mas no sentido que você não essa elaboração no sentido de ficar fritando sua cabeça com relação às peças? Elas são o que acontece naturalmente?

S7: Naturalmente! Essa é a palavra: naturalmente...

Eu acho que existe uma conexão, a gente se conecta mesmo... é o que eu tô te falando... é muito de significado, é você se sentir bem, você se sentir confiante, então conexão, sim, ela existe... Claro que tem aquelas mais descartáveis... mas no grosso pelo menos falando de mim e do meu guarda-roupa... o que eu tenho, eu tenho há um tempo e eu gosto de todas e... é difícil até de desapegar, mas não que seja algo muito ferrenho nesse sentido.

PESQUISADORA: Perfeito! Existe algo que você não usaria de jeito nenhum?

S7: Porra, muitas coisas!

PESQUISADORA: Mas tipo algo que você tenha um ranço, tipo isso não entra na sua vida, no seu corpinho...

S7: Dentro do meu guarda-roupa?

PESQUISADORA: É...

S7: Não, o que eu tenho é o que eu uso e me serve.

PESQUISADORA: Mas tem algo que tipo não entra? Tipo isso não usaria, então eu não compro, se eu ganho eu troco, eu dou ou...

S7: Nãaaaao, não! Se não me satisfaz porque que eu vou ficar com ela?

PESQUISADORA: Mas não existe essa peça? Por exemplo, sei lá lenço ou uma coisa... um cinto... tem gente que não curte certas peças...

PESQUISADORA: Você não tem isso?

S7: Que está no meu guarda-roupa hoje, não. Se está comigo é porque realmente eu me apeguei emocionalmente com ela, como é o caso dessas calças como eu te exemplifiquei, ou são peças que eu uso!

PESQUISADORA: Se eu fosse te dar um presente, pra errar muito o que seria?

S7: Pra errar muito?

PESQUISADORA: Aham...

S7: Puta, muita coisa, gata! Risos!

PESQUISADORA: Pra te desagradar... tipo o que te degradaria na Moda, numa roupa pra ganhar...

S7: Silêncio...

PESQUISADORA: Porque a gente ta muito nas memórias legais, na parte boa... eu quero saber o que você não...

S7: É... aquela peça que não tem nada a ver comigo, que não serve, que não me atende, que não me agrada...

PESQUISADORA: Uhum, você saberia dizer qual é ou não?

S7: Saberia dizer váaarias...

PESQUISADORA: Diga algumas...

S7: Dizer UMA!

PESQUISADORA: Não, diga algumas então... que vem na sua cabeça...

S7: Um macacão jeans por exemplo.

PESQUISADORA: Tá bom.

S7: Acho que rola muito, usa muito e eu... não é nada minha cara, por exemplo, eu acho que é uma delas... agora falando sobre cores... eu sou muito... como você pode ver eu sou muito discreto... então não uso... Pink, amarelo gema, vermelho sangue, né? Cores flúor!

PESQUISADORA: E isso é uma questão de escolha de estilo ou tem algo a mais?

S7: Não, é o que é a minha cara mesmo. É estilo... basicamente.

PESQUISADORA: E tem algo que você gostaria de ter de roupa, acessório... eu falo roupa, a gente pega muito nisso, mas vale tudo relacionado à estilo. Tem algo que você ainda deseja e que você não tem?

S7: Claro!

PESQUISADORA: O que?

S7: Primeira coisa que veio na minha cabeça é minha bota de couro de ponteira prata. Risos!

PESQUISADORA: Sério?

S7: Sim, acho incrível... não achei ainda, o dia que eu achar eu compro...

PESQUISADOR: Legal.

S7: É a primeira que me veio na cabeça...

PESQUISADORA: Perfeito! Você tem respostas objetivas, gosto disso!

S7: Brigado! Risos! Eu tento...

PESQUISADORA: Você tem alguma história... quem te inspirou com Moda, teve alguma inspiração, alguém da sua família? Ou foi uma coisa da sua trajetória, da sua construção...

S7: Na verdade... quem me inspire, nem tanto... eu posso até um pouco da minha mãe e da minha vó que sempre... minha vó era costureira, minha mãe tomou como Hobby, não era profissão, mas tomou como Hobby... então em casa eu sempre tive... o corte, a costura, a modelagem... Eu sempre tive! Mas eu acho que aflorou mesmo a Moda pra mim no momento de eu me identificar, de eu me colocar... de... de entender como funciona a coisa, da minha imagem, o valor que dou pra ela... então isso foi uma coisa que eu fui aprendendo...

PESQUISADORA: Mais no encontro com sua identidade...

S7: Exatamente, exatamente.... Mas o start todo com certeza foi de ver a galera manipular produto de moda em casa o tempo inteiro...

PESQUISADORA: Entendi, veio daí, mas aí foi um encontro próprio...

S7: Exatamente, exatamente, exatamente...

PESQUISADORA: Tem mais alguma coisa que você gostaria de me contar, me falar sobre as suas roupas, sobre as roupas em geral...

S7: Ah, gata, não, não... na verdade é só fomentar mesmo o valor, o valor, a importância... eu vejo muito que a gente falar hoje de padrão, né? Padrões de beleza... eu trago até pras minhas equipes um exemplo que é super legal... da capa da Vogue. Eu não lembro que mês que era, mas no mês que a Vogue lançou a Kim Kardashian seminua falando “corpo ideal”, a Elle imprimiu a capa de uma mulher mais gordinha... com coisas que não eram dentro do padrão falando “seja feliz” e isso foi um exemplo muito incrível porque a gente... a gente não vende padrão... a gente vende satisfação... e não é nem vender... é usar, é se comportar, é a tua atitude, é o teu espelho pra sociedade... então roupa para mim ela tem toda essa importância, muito mais do que o quanto pagou... o valor é mais interno, é mais uma coisa que você carrega pra você... como pessoa. Acho que é o que fica de mais importante.

PESQUISADORA: Perfeito! Você se vê trabalhando com Moda pra sempre? Porque a gente sabe que é o bichinho que pica e... a gente foge, mas fica ali...

S7: Pooooorra gata, pra sempre é muito tempo, né? Risos!

PESQUISADORA: Não... mas assim, é um lugar que te satisfaz hoje?

S7: Com certeza absoluta. Integralmente.

PESQUISADORA: E você se vê por um tempo ainda...

S7: Ah, sim, sim, sem dúvida, sem dúvida, sem dúvida! É o que eu faço desde sempre, é o que eu me vejo fazendo... pra sempre como eu disse é muito tempo, mas... por um bom, booom tempo... risos! Até mudar... é isso! A gente sempre muda né, amor?

PESQUISADORA: Você é muito novo, você é um baby...

S7: São seus olhos! Obrigado!

ENTREVISTA – 08

Data de realização: 27/11/19

Profissão: professor e historiador de Moda

Local: FAAP, após lançamento edição da revista

Conversa...

PESQUISADORA: De primeira, de primeira eu te pergunto: quando eu falo a palavra ROUPA, pra você... quais são os primeiros insights que te vem à mente? Pode ser assim, livre associação...

S8: Cobrir o corpo, proteção, adorno, beleza... são coisas que de certa forma estão relacionadas à ROUPA. Porque eu que estudo história, a gente tem algumas relações de diferença... ROUPA, ROUPA DE MODA, INDUMENTÁRIA... então tem algumas pequenas diferenças sob o ponto de vista de análise histórica. Mas quando você fala ROUPA... imediatamente vem cobrir o corpo, se é por uma dessas características, né? Aí é outra história...

PESQUISADORA: E por falar em história...

interrupção

PESQUISADOR: Bom, falando sobre roupa e história, como as roupas fizeram parte da sua história pessoal?

S8: Aaaaaaah, sem dúvida, eu me lembro de coisas muito curiosas, né... éeee eu me lembro quando eu fiz 3 anos de idade, lembro direitinho, queeee... eu ganhei de presente de um tio uma camisa... era azul marinho, era assim uma lista grossa azul marinho, uma listra fininha crua ou branca, né, enfim era alternado desse jeito e uma vinho. E eu falava assim: “eu não quero ganhar roupa, eu quero brinquedo! E minha mãe: “fica quieto, menino!”

PESQUISADORA: Era isso que eu ia perguntar, se você já gostava de ganhar roupa... risos!

S8: Risos! Pois, é... não...aí é brinquedo que... “eu quero brinquedo!” mas isso me marcou muito, eu me lembro direitinho de um conjuntinho que eu tinha também, ele era meio toile de jour, era branco com uns desenhinhos em verde, era um shortinho e uma blusa que era normalmente o que usava para ir à missa aos domingos, né? E um dia eu fui comer uma maçã e sujou, né? E a maçã parece que mancha, uma coisa assim... ficou uma mancha que eu fiquei inconformado de ter uma mancha na minha roupa! Risos! Enfim, eu sempre tive essa relação de proximidade com roupa, pelo fato de que minhas duas avós eram costureiras, minha mãe era bordadeira, minhas tias eram bordadeiras, meus irmãos são bordadeiros e eu sempre tive esse contato, eu fui pro mundo da moda... mas eu tenho essa... relação porque no meu tempo de faculdade quando eu era estudante, pra eu poder fazer um dinheirinho eu pintava a camiseta com tinta acrílica, comprava tinta e desenhava, pintava com pincel... vendia entre os amigos.... é e tem uma porção de coisas relativas à isso, né?

PESQUISADORA: Foi fazendo parte da...

S8: isso já no meu tempo ja pintava essas camisetas, cheguei a fazer uma exposição no Sesc lá de uma cidade próxima a minha chamada 3 rios, então tem muita relação de proximidade. Tem um casquinho até hoje eu pequenininho...

PESQUISADORA: Você tem guardado?

S8: Tem guardado, tem guardado... Minha mãe guardou...

PESQUISADORA: Eu queria saber um pouco sobre essas roupas...

S8: Minha mãe guardou, isso fico né, enfim, tem essa questão né, disso num tempo pretérito, é bem mais antigo... criança de fato, né? Mas essa aí, eu era jovem quando eu fiz essa exposição né e agora com relação a uma realidade mais contemporânea eu comecei a fazer as minhas camisas, sabe, lembro que uma das minhas cam... uma das primeiras camisas, já fazia uma ou outra no interior, né, mas lembro que eu tava passando no Viaduto do Chá, ali onde era o Shopping Light era o prédio da Eletropaulo e eu vi uma bandeira de São Paula hasteada, tremulando lá em cima e riscada de preto, branco, azul, vermelho, amarelo, as estrelas né... e eu falei “vou fazer uma camisa pra mim” e fiz uma camisa e aí todo mundo quando ela ficou pronta: “Nossa que linda!” “ah, eu que fiz” “ah, faz uma pra mim” aí eu comecei a fazer as camisas, já fazia uma ou outra mas aí eu levei mais a sério, né, e eu tenho todas essas camisas guardadas...

PESQUISADORA: Que legal!

S8: É, eu tenho.... acredito que... não tem número exato, não saberia dizer mas eu acredito que eu deva ter mais de 400 camisas que eu fiz pra mim e que eu não consigo me desfazer bordadas, artesanais, é... artesanalmente... ou com patchwork... com uma aplicação da pintura.... sempre tem uma interferência...

PESQUISADORA: Que legal, e o que te inspirava nesses momentos de fazer essas camisas? Tinha algo bem pessoal ou não?

S8: Não, livre assim, de certa forma livre, alguma coisa que eu via, alguma coisa que eu sentia... uma vontade ou às vezes vai pelo tecido, “gostei desse tecido” “vou criar a camisa a partir daquele determinado, daquela determinada estampa... eu gosto muito de cor, gosto de estampa, enfim... então eu me considero bem Barroco, bem intenso... né... então é isso que me encanta, eu gosto dessas intensidades vestíveis. Risos!

PESQUISADORA: E quando você fazia as camisas pra outras pessoas, o processo era diferente?

S8: Não, o processo era o mesmo, ta, eu cheguei a expor muito tempo no mundo mix, vendia... aí o Mundo Mix começou a mudar de público e eu tive que mudar a linguagem das minhas camisas, aí eu peguei acabei saindo... porque eu não queria fazer o que queriam comprar eu queria fazer...

PESQUISADORA: E o que queriam comprar?

S8: Não... começou a ter uma linguagem muito jovem, muito streetwear e eu, enfim... fazia porque precisava vender, pagar aluguel, pagar a pessoa que tava lá, fazer o dinheiro e tudo mais... mas eu percebia que eu tava mudando totalmente a linguagem do que eu tinha como referência, que eu tinha como vontade de criação, aí eu peguei... saí do mundo mix... eu não participei mais, né?! Mas... mas eu ia falar uma outra coisa que você perguntou, você comentou...

PESQUISADORA: Sobre a camisa das outras pessoas, o processo...

S8: Ah, das outras pessoas, exatamente! “Ai João, faz uma camisa?” Eu tinha até lista de... uma fila de espera... eu falei “faço, eu faço o que eu tiver vontade, o máximo que eu dou direito pra você escolher...” falava pra pessoa né “é a cor”... “ai eu faço o que eu quiser, você não é obrigado a comprar, se você não gostou não tem problema algum né, mas eu vou fazer...” “ai faz isso, faz aquilo...” “não, eu faço o que eu tiver vontade” né. Trabalho especialmente com algodão, quase na totalidade com algodão a não ser que tenha um tecido diferente, Às vezes um tecido de tapeçaria como eu já fiz muitas eee... mas eu tenho uma linguagem clássica... no corte... uma camisa tradicional, manga longa, manga curta, gola, colarinho...

PESQUISADORA: E você mesmo que costura?

S8: Não, não não não. Eu só desenho e a costureira...

PESQUISADORA: E você sabe costurar?

S8: Não, não sei costurar. Então a costureira faz a matemática, faz desenho... perdão faz a roupa, a costura... ai eu ou outra pessoa faz intervenção ou o próprio processo de desenhar já é um processo “quero isso aqui, quero isso ali” já já tem essas interferências todas... que muitas vezes eu já bolo o que há de ser... eeee... enfim, e especialmente masculinas, cheguei a fazer femininas mas... o que acontece? Na feminina, as mulheres compram até mais sob o ponto de vista comercial, Mas acontece que as mulheres... “ai, eu quero assim, eu quero uma roupa mais justa” mulher gosta de ter um corpo mais delineado. E no momento que eu faço uma pense na frente, me rouba o espaço para eu interferir.

PESQUISADORA: Sim...

S8: A masculina que normalmente é mais uma superfície mas lisa, digamos assim, eu tenho um espaço maior pra poder interferir no que eu tenho vontade, no que eu quero, no que eu gosto, né?

PESQUISADORA: Perfeito.

S8: Então tem essa realidade relacionada à uma moda é... que eu privilegio a moda masculina, né? E eu gosto de fazer pra mim, atualmente eu só faço pra mim...

PESQUISADORA: Eu ia perguntar se você faz até hoje...

S8: As pessoas me pedem, mas não tem como... escrever livro, agora a revista, e dar aula, fazer viagem... não tenho tempo né, eu de vez em quando preciso dormir...

PESQUISADORA: Claro! Risos!

S8: Preciso comer também, né?

PESQUISADORA: Sempre bom! Risos!

S8: Ai complica, né?

PESQUISADORA: Mas as suas... você ainda continua dedicando um momento pras suas camisas?

S8: Tem, normalmente quando eu vou na minha cidade, raramente, quase que não faço mesmo, naaada aqui... quando eu vou na minha cidade, no interior do estado do Rio, que é Paraíba do Sul e... lá às vezes final de semana eu passo desenhado, interferindo e outras coisas, né. Éeee desde jovem eu pintava tênis, eu não tinha dinheiro para comprar... All Star. Então o que era baratinho era o bamba que era todo branco, aí eu pintava com tinta acrílex...

PESQUISADORA: Aposto que era um sucesso!

S8: Fazia vários, né. Umas coisas... aí você faz o que quer com a tinta acrílex e nesse processo agora eu compro tênis até por satisfação, interfiro, porque eu gosto, pra mim é terapêutico isso.

PESQUISADORA: Que legal!

Não é roupa, mas é indumentária, tênis né...

PESQUISADORA: Claro, sem dúvidas...

S8: E é interessante inclusive a minha primeira postagem com mais de mil curtidas foi um tênis que eu postei, ele Branquinho como eu comprei na Renner inclusive, na liquidação R\$ 109 e aí eu falei “vou pintar” e aí foi um “eu quero, eu quero, não sei que... que legal”...

PESQUISADORA: É único, né? Só seu.

S8: É. Dá trabalho também, eu sou perfeccionista, sabe, se não sair a risquinha certinha, a curva certinha eu me incomodo...

PESQUISADORA: Qual é seu signo?

S8: Eu sou taurino...

PESQUISADORA: Isso não faz parte da entrevista, risos!

S8:Tá!

PESQUISADORA: E curioso essa questão você fazer essas camisas e essa primeira lembrança com roupa sua ser de uma camisa né... na sua infância... aos 3 anos.

S8: Essa lembrança era... não era uma camisa, era mais uma o que ós chamaremos hoje de tshirt. Porque é assim o estado do Rio o que em SP se chama de regata, no estado do rio fala-se camiseta.

PESQUISADORA: Uhmhhh agora eu entendi.

S8: E o que em SP fala-se... éeee... t shirt, camiseta, né, ou no estado do Rio é camisa de malha... Então no estado do rio é camisa de malha e SP é camiseta e camiseta pra gente é regata de sp, que não tem a manga...

PESQUISADORA: São as diferenças de linguagem...

S8: É, era camisa de malha... riscadinha, né.... eu lembro disso perfeitamente, meu tio chamava Osmar, eu não quero, quero brinquedo! Mal sabia eu que o meu destino seria todo voltado pra questão de roupas... risos!

PESQUISADORA: E brincar com as roupas, né... Porque não?

S8: Além de, além de... por aí. Uma leitura também por aí.

PESQUISADORA: E se você tivesse que selecionar uma peça do guarda-roupa pra te representar, pode ser uma peça que exista no seu guarda-roupa ou... seria a camisa mesmo?

S8: Seria a camisa, seria a camisa sem dúvida. Agora qual das camisas aí que fica difícil né... Eu tive um amigo, nós fizemos faculdade juntos e ele foi trabalhar com moda, depois ele que... me indicou pra eu vir fazer uma entrevista numa empresa, numa companhia de tecido aqui que eu fui aprovado... resumindo né... ele trabalhava numa fábrica de jeans em Minas, na cidade de Obá, uma fábrica que chama Duene, que nem existe mais... né... ele se chama Miró. E... e eu falava assim “faz umas calças para mim” me dava as vezes e ele lá com o pessoal fazendo os protótipos... então eu tenho umas 12 ou 15 calças extravagantes...

PESQUISADORA: Ai, que legal!

S8: De pelúcia, nos anos 90, aí eu comprei em Londres uma pelúcia de vaca e uma pelúcia de onça...

PESQUISADORA: AMO!

S8: E eu fiz uma calça... gente ninguém entendia nada, quando eu saía na rua, né... Curioso que teve um... hoje em dia a gente tem que mediar as palavras... seria um homeless, né. Enfim né. Ele vira pra mim e fala “olha o boi, olha o boi” e ficava atrás de mim assim “móooo, móooo”... risos!

PESQUISADORA: Risos!

S8: E eu com a calça lá de boi...

PESQUISADORA: E como era causar esse frisson todo com essas roupas...

S8: O que?

PESQUISADORA: Você causava um frisson com as roupas?

S8: Ah sim, sempre sempre sempre... ah sim. Inclusive pessoas ainda hoje, né, “mas e suas camisas, continua fazendo?” “Nossa você é o João Braga, né?” É... aí minha camisa é bordada, a etiqueta é bordada à mão, presa à mão, eu dato internamente também na mão... a data, mês, o ano...

PESQUISADORA: Você tem essa coisa com a data, né, também. Nas suas postagens no Insta você segue esse padrão com as datas....

S8: Professor de história é isso. Tem que datar tudo, né. Senão a gente não sabe quando foi...

PESQUISADORA: Sim, simplesmente por isso! Pela praticidade...

S8: Não, não é praticidade. Talvez seja até um TOC pela realidade da pesquisa histórica, tem que ter data, que dia é hoje? Ou ano...

PESQUISADORA: A importância da memória...

S8: Total! Agora dessas camisas todas o que diz respeito à memória afetiva houve uma vez aqui mesmo na FAAP uma exposição da China... eram obras de arte, veio um grupo de teatro, dança enfim foi muito bonito. E vieram umas roupas, ficaram expostas pelo prédio... E eu vi uma roupa chinesa absolutamente linda... Em tom de azul claro, marrom e rosa claro e cru... linda!

PESQUISADORA: As combinações de cores deles são lindas...

S8: Aí aquilo ficou gravado na minha cabeça... aí eu falei “eu vou fazer uma camisa para mim com essa combinação de cores...” aí eu fiz um patchwork, que era mais ou menos um patchwork essa roupa, um vestido longo com as tradições da indumentária chinesa, aí eu fiz e ficou linda aquela camisa... aí o que que aconteceu, né? Eu pedi à minha mãe para bordar... pagava inclusive, ela não gostava de receber não, mas eu eventualmente pagava... pago, né. Minha tia pago, pagava... hoje ela já nem borda tanto... aí a minha mãe... bordava roupinha de neném, bordava lencinhos e ela gostava muito de bordar raminhos de Violeta...

PESQUISADORA: Que graça!

S8: Aí o que que aconteceu... Naquele patchwork, na manga, gola, frente e verso, eu fiz vários ramos de violeta... tem violeta rosa, violeta violeta, violeta branca, enfim... e ela foi... falei “quero assim” eu dava até uma liberdade pra ela... botei onde eu queria o ramo de violeta e ela bordava na cor que ela quisesse. Isso, alguns ramos prontos outros na metade, minha mãe morreu... aí eu falei “e agora o que que eu faço com essa camisa?” Aí ela ficou mais de um ano sem mexer, parada... aí eu falei “não, vou continuar”. aí a minha... irmã dela, minha tia, que borda muito bem... mas o bordado da minha mãe era um pouquinho mais delicado, mais primoroso, não por ser minha mãe, mas era. E pedi à minha tia para bordar os raminhos que faltavam e todos pela metade em Preto em questão de luto...

PESQUISADORA: Que lindo...

S8: Então, alguns ramos são inteiros pretos, você não vê a diferença de folha pra flor em preto, dos que ficaram pela metade ela continuou em preto e aí eu... no lançamento do meu livro Reflexões sobre Moda volume 4 eu fiz uma exposição que eu quis lançar no dia da chegada da primavera... primavera é 22 de Setembro, né?

PESQUISADORA: É, por aí...

S8: Eu fiz no dia 21 em função... enfim na chegada da primavera eu foi no hotel Cadoro que eu chamei a exposição de Flores Negras que foi a partir dessa camisa eu fiz mais 12 camisas coloridíssimas e todas as flores pretas, as camisas roubaram a cor das flores, né? Pra chegada da primavera, né... E eu tenho isso guardado... museus já me pediram pra acervo, até a própria FAAP já me pediu pra acervo... Um museu em Minas chegou a me pedir onde eu estudei... que fizeram uma performance lá com essas camisas... mas tá comigo. Talvez até doe pro acervo da FAAP mesmo que eles me pedem essa coleção de camisas, e são 13. Então é uma memória afetiva de...

PESQUISADORA: E essa camisa você usa?

S8: Não, não uso mais, né, porque senão...

PESQUISADORA: Mas você chegou a usá-la?

S8: Cheguei, cheguei... No lançamento do meu primeiro livro eu fiz questão de usar... que foi História da Moda, uma narrativa que foi 2004... que... não, perdão perdão... 2004? Eu lancei o meu primeiro livro em Março 2004, minha mãe morreu em agosto... enfim quando eu lancei o meu primeiro “reflexão sobre moda” que aí já tinha sid, acho que 2005, já tinha passado tal ano, eu usei essa camisa em homenagem à minha mãe, né... enfim então tem essa...

PESQUISADORA: E como era vestir essa peça?

S8: Então, hoje... eu talvez se eu contasse essa história um tempo atrás já estaria chorando, mas...

PESQUISADORA: Eu to me segurando aqui...

S8: Hoje em dia ta tudo sob controle, né...

PESQUISADORA: Mas como era vestir?

S8: Não, na época era muito significativo pra mim, era muito forte, muito intenso, hoje ta mais tranquilo, só que eu não visto mais... nem sei se ela me serve... porque o tempo passa e o corpo muda, né? Éeee, mas ela ta lá, guardadinha... as 13 camisas...

PESQUISADORA: Você comentou que sua mãe tinha suas roupinhas guardadas, você parece que tinha esse hábito de guardar as peças...

S8: Tem, tem, até o caso de ser... lidar com história, ser professor de história... senão até um acumulador... porque tem coisa que não cabe... eu tive que comprar um apartamento só pros meus livros, né.

PESQUISADORA: E com relação às roupas, porque eu sei que os livros são difíceis de desapegar, mas tem alguma peça que você...

S8: Não, as que eu faço não. Não consigo! Seja pela razão que for, podem me adjetivar do que quiserem, ta? Que eu sou egoísta...

PESQUISADORA: Tem roupa que você não se desfaz?

S8: Não consigo, não consigo. Eu acho que tem essa visão do Historiador de precisar de um documento, de ter guardado alguma coisa... enfim tem coisas muito curiosas, né? Éeeee... no primeiro Rock in Rio eu foi em 85, X de 85, eu vim pra São Paulo em fevereiro de 85, né? Eu queria ver Queen, Nina Hagen e Blitz aí eu fui duas vezes ao Rio, na minha cidade, né? E eu tinha feito uma calça de tecido quadriculado, era bem época do New Wave, né? Uma calça quadriculada de amarelo, azul, lilás... né? Eu pinteí um cinto de lona ia do Amarelo ao verde limão com tinta Acrilex fui com uma camisa cor-de-rosa, pinteí um tênis, acho que era Amarelo... Peguei uns óculos da minha vó que eu tinha descoberto lá que ela me deu, eu quadriculei, coloquei... fiz tipo um tabuleiro de dama nuns óculos escuros... que nem era muito moda usar

óculos escuros na época... já existia tudo, né? Mas eu nem tinha dinheiro pra comprar uns óculos escuros, né... eu coloquei... quadradinho branco de papel, eu coleí... não via nada, né? Mas cheguei dando carão... cheguei a aparecer na Revista Manchete, né? Fotografia minha num rock'n'rio...

PESQUISADORA: Ahhh, você tem isso ainda?

S8:Tenho em algum lugar... tá lá. Tem a foto lá, eu só com os óculos, e do lado, não que eu estivesse junto... não foi a mesma foto, mas do lado tinha uma foto de Monique Evans, risos!

PESQUISADORA: Adoro! Uma página nobre, digamos assim... risos!

S8:Engaçado, né? Enfim tudo relacionado a essa questão de moda, de roupa, de calçado... de... de uma maneira geral indumentária, né? Então isso faz parte da minha formação, das minhas lembranças...

PESQUISADORA: Então ainda há esse gosto, esse amor por se vestir...

S8:Ah sim! Hoje, a idade avança e alguns valores mudam, com certeza, tá, ainda tem uma vontade, mas em função de diversas circunstâncias, até de valores contemporâneos, eu dei uma reduzida, quanto... eu sempre fui consumidor, mas desde o momento que eu assisti aquele filme do True Cost, que assisti duas vezes, eu fiquei muito impactado, eu reduzi muito, eu reduzi muito o meu consumo de roupa...

PESQUISADORA: e você conseguiu... você reduziu o consumo, mas você conseguiu desapegar?

S8: Não, não. Desapegar, não. Reduzi o consumi, reduzi é... mas eu continuo fazendo as minhas camisas, até em menor quantidade...mas ainda faço uma outra... mas aí minha tia já tá com a vista já tá... com a idade mais avançada, não tem mais muita paciência e nem tem uma vista tanta... pra brdar... enfim eu reduzi bem... Minha costureira que tinha sido minha aluna de desenho geométrico lá na minha cidade e ela entendia os recortes todos e eu cobrava, “você tem que emendar certinho, tem que encontrar...”

PESQUISADORA: Sim, encontrar as estampas...

S8:É, e os desenhos, exatamente, né. E aí ela... já tem um tempinho, ela se casou, mudou, ela mora na Baixada Fluminense, aí ficou um pouco difícil, aí coincidentemente quando eu vou, ela vai também, que a família dela de lá, né, aí eu deixo alguma coisa, minha irmã vai e pega, manda pelo correio... alguma coisa do tipo, né?

PESQUISADORA: Você tá falando sobre a redução de consumo, mas existe algo que você ainda não teve e que você quer ter? Aquele sonho de consumi, não precisa ser... realizável ou não...

S8:Eu não sei, eu não sei exatamente, talvez tenha... já tive sonho que queria morar em Paris... hoje não mais... que era poder ir quantas vezes me dá vontade... e... enfim talvez... eu quero paz! Risos!

PESQUISADORA: É um sonho justo, mas difícil, risos!

S8:É, mas o que diz respeito à cultura material, aquisição, né uma vez eu fui convidado para dar uma palestra no Shopping JK Iguatemi para duas marcas de luxo... a GG x que são... uma marca suíça de relógios e as bolsas é... ai meu deus qual o nome daquela marca de bolsas mesmo?

PESQUISADORA: São tantas...

S8: São tantas... gente me fugiu... aquela que tem o desenhosinho que é tipo um ipisolon que um entrelaça no outro... Goyard! Aí eu fiz uma palestra até curioso montei um abc fashion... que era uma das intenções falar do relógio reverso da GG xxx. Esse eu tive vontade de ter... caríssimo, caríssimo porque é uma joia, tá?

PESQUISADORA: Imagino!

S8: Muito interessante esse conceito do relógio reverso...

PESQUISADORA: Esse eu não conheço.

S8:Eles tem um mecanismo de 50 e tantas coisas pra fazer o relógio funcionar... e Qual foi a razão do relógio reverso? Os jogadores de... polo na Inglaterra... com o taco... então às vezes um esbarrava no outro, quebrava o vidro do relógio... aí era uma complicação... aí qual foi a sacada dessa casa suíça? O relógio se desloca pra frente, eles tem um mecanismo que o relógio desloca, vira ao contrário e aparece uma plaquinha de metal que se batesse não quebrava...

PESQUISADORA: Que lindo!

S8: Aí depois você desvira, né? E eles gravam o nome, uma imagem, um monograma, o que você quiser...

PESQUISADORA: E o que você gravaria?

S8: Talvez um JB. Risos! Isso talvez eu tivesse vontade, não vou dizer que seja meu sonho de consumo, mas eu acharia muito interessante, acharia interessante isso, né. Essa questão de ter uma coisa assinada, uma peça... são caros, mas caaaaros... eu não teria condições de comprar, pelo menos agora, não teria mesmo... teria outras prioridades, né? Mas o que diz respeito ao cobrir o corpo ou colocar alguma coisa sobre o corpo o relógio reverso me encantaria...

PESQUISADORA: E o que nunca cobriria o seu corpo? O que não entraria no guarda-roupa JB?

S8: Ah, acho que entra de tudo um pouco...

PESQUISADORA: tem algo que você diga: “ não isso nunca usei, nem nunca usaria, isso para mim é”

Não sei, não sei dizer nunca... a gente às vezes se empolga e fala nunca e amanhã você ta bebendo dessa água...

PESQUISADORA: Sim!

S8: Eu privilegio muito o algodão, eu não gosto de tecido sintético, de certa forma hoje o meu corpo rejeita, então não entra porque eu fico todo me picando, me coçando... então hoje não

entraria isso porque por essa razão... não que eu não acho bonito, não que eu não gosto, não... coisas lindas, mas isso para mim seria um problema, enfim né? Eeee e outra coisa curiosa, né, éee... chapéu... chapéu não me cai bem, impressionante! Raro um chapéu... eu tenho um pouco de macrocefalia, ou se não for macrocefalia... eu precisei nascer com fórceps então eu tenho uma cabeça meio esticada pra trás então aí eu não sei se não ficou redondinha, sei lá né? E eu não consigo usar chapéu, não me cai bem...

PESQUISADORA: Mas será que não é mais uma questão mais íntima mesmo?

S8: Mas eu acho que de questionamento de ordem estética, chapéu pode ser usado como adorno, pode ser usado sob qualquer outro ponto de vista, mas eu nunca tive o hábito... outra coisa nunca tive vontade de me tatuar e nunca tive vontade de usar brinco... foi muito moda no meu tempo ter orelha furada com brilhantinho, né?

PESQUISADORA: Sim...

S8: Nunca tive vontade de furar, nunca tive... nada contra, achava o máximo, legal, mas nunca tive entusiasmo...

PESQUISADORA: Pra você não...

S8: Assim como tatuagem nunca tive vontade de fazer uma tatuagem...

PESQUISADORA: Seus adornos ficaram para as roupas...

S8: Pras roupas, pras roupas... aí bem intensos, multicoloridos, bordados... e como dizia um aluno... “nossa, mas suas camisas tem informação, não?”

PESQUISADORA: Tudo em você tem informação, risos! Que ótimo! Por isso que te admiramos tanto...

S8: Tem alguma roupa que você tem saudade, que já se foi, acabou, ou que você desfez e arrependeu? Ou que foi de outra época mesmo...

Nãaa... sabe o que eu qu... ó eu no guardar, né? Uma coisa eu fiquei meio chateado na época... depois passou... o meu antigo segundo grau foi laboratorista de análises clínicas... fazia exame de fezes, exame de urina...

PESQUISADORA: Meu Deus!

S8: É, risos! Era o que... ou você fazia contador ou fazia o normal né? ou isso que te preparava mais até pra um vestibular... e o uniforme era um jaleco, então eu tinha meu jaleco, o brasão da escola, os bolsos, aquela... atrás, chama XXX se não me engano... enfim e eu guardei sempre esse jaleco. Um dia fui procurar o meu jaleco e... é... eu tinha um primo que ele precisou de um jaleco, ele foi não sei o que de educação física e lembraram que eu tinha e ele foi em casa pedir e minha mãe... e essa roupa nunca mais voltou... nunca mais voltou...

PESQUISADORA: Ahhh, e você tentou recuperar?

S8: Na época eu tentei, mas num... enfim...

PESQUISADORA: Se foi.

S8: Se foi. Na época isso me incomodou. Falei “mas poxa vida, a roupa que eu estudei, o tempo todo que eu queria guardar...” Na época eu fiquei meio chateado, mas também isso passou... enfim... Um puro egoísmo, né? Serviu uma outra pessoa que de fato serviu, mas não voltou essa roupa... risos!

PESQUISADORA: Senão estaria né guardado até hoje....

S8: Ah, estaria guardado, estaria guardado...

PESQUISADORA: De repente em algum momento você pode ressignificar, fazer uma coleção de jalecos... risos!

S8: Sei lá, éee... risos! O jaleco perdido.

PESQUISADORA: O jaleco perdido! Eu acho que é isso... tem mais alguma coisa curiosa, relacionada a roupa, algum Case que você gostaria de me contar...

S8: Não, eu não sei exatamente...

Acho que essas coisas que mais me vem a mente, partindo aí desse princípio...

PESQUISADORA: E na questão da formação da sua identidade e da identidade do ser humano em geral, o que vocêalaria um pouquinho sobre a questão da indumentária, da roupa só para a gente completar... então.

S8: Ai meu deus do céu, é muito complexo , isso dá uma enciclopédia, né?

PESQUISADORA: É, eu sei! Risos!

S8: Éeee... enfim, depende do ponto de vista... se é moda, se não é moda, se é indumentária, se é sob o ponto de vista teológico, se é sob o ponto de vista científico... éeee...enfim né... eu sempre parto daquele princípio né: do ponto de vista teológico o ser humano cobriu o corpo pelo pudor. Então tá lá no livro do gênese: abriram os olhos e viram que estavam nus e sentiram vergonha e teceram para si aventais com folha de figueira. Capítulo 3, né? Sob o ponto de vista científico descarta a possibilidade de pudor, sob o ponto de vista ou do Adorno ou da proteção... então eu sempre parto desse Princípio, né?

Então, o significado, a linguagem que as roupas, assim como joias, como calçados são uma forma não verbal de comunicação de transmitir inúmeras informações através daquilo que você usa, como usa... seja estampa que usa, seja a cor, seja o pingente que você usa numa joia... então você passa informações de uma maneira não verbal, você se comunica dessa forma, e dessa maneira eu sempre penso nesse aspecto... o que que a pessoa tá querendo dizer com aquilo, tá? Ou o que que eu quero dizer para os outros, né. Eu acho que eu fico mais especulado o que os outros tão querendo dizer, que às vezes nem sabe o que estão querendo dizer, usam o que usam... e às vezes eu uso querendo dizer alguma mensagem e as pessoas não entendem...

PESQUISADORA: Não chega a mensagem?

S8: Não chega, não chega a mensagem...

PESQUISADORA: Mas existe uma elaboração sua então com relação a isso?

S8: Existe, existe... existe... questões relacionadas a isso existe sim. Seja no uso de uma cor, no uso de uma gravata, se eu quero dizer alguma coisa... ah, um fato curioso... Uma vez eu tava em Paris, na época da vaca louca, eu viajei de Paris para Londres e eu comprei uma gravata de Vaca...

PESQUISADORA: Polêmico!

S8: Enfim, eu tava indo... “vaca louca, vaca louca” enfim... eu tava indo para Londres onde a coisa tava mais intensa, né? Aí quando eu entro no avião... eu acho que era pela Air France, né. Porque o comissário olha para mim fala assim: vous X la provocation, monsieur.

PESQUISADORA: Risos!

S8: Eu olhei pra ele e fiquei assim... risos!

PESQUISADORA: Ele pegou a mensagem!

S8: Ele pegou, ele pegou... Falando eu eu gostava de provocar, né. Não sei, acho que era muito mais uma atitude fashion do que provocação.

PESQUISADORA: Uhm, será? Naquele momento específico?

S8: Eu acho que sim, eu nunca fui... eu nunca me liguei muito nessa questão de... questões estéticas sim, mas questão de ordem política, social...

PESQUISADORA: Protesto?

S8: Não, eu já saí, na época de Collor eu saí de preto, talvez mais uma postura jovem na época do impeachment. Talvez na onda, na onda do... de todo mundo... hoje eu evito, até talvez por ter ficado um pouquinho mais público, prefiro evitar qualquer... de qualquer outra ordem...

PESQUISADORA: Perfeito.

S8: Mas eu acho... isso eu falo em sala de aula, eu falo, já falei e continuo falando... pra mim é... uma das melhores maneiras de entender, estudar moda é o universo da sociologia... é... às vezes um livro de sociologia se você lê com uma vontade de compreensão, de um entendimento, você consegue mais referências, mais mensagens do que se você ler um livro de Moda.

PESQUISADORA: Eu concordo!

S8: Pra mim um dos livros mais importantes que eu li, quando eu tava começando... logo que ele saiu... talvez não tivesse tão começando... é que muito... entre outros tá? James Laver, história da moda, moda uma história concisa, mas um dos livros que mais me marcou foi um chamado a linguagem das roupas de Alison Lurie. Nossa, eu peguei aquele livro e foi tão marcante... e eu procuro sempre uma referência, né, seja... tanto que por eu gostar de História, no meu próprio Instagram sempre tem as curiosidades que eu vou decifrando um código ou outro, enfim... o

significado, eu acho isso muito interessante, né? E as pessoas... “professor, como você sabe?” Eu costumo ler, né?

PESQUISADORA: São deduções quase detetivescas, né? Um trabalho...

S8: Não que seja dedução, eu me baseio num autor...

PESQUISADORA: Claro...

S8: Muitas vezes, alguns... alguns artigos... eu gosto muito de ler citações em latim... eu cheguei a fazer latim particular, mais por curiosidade, né... professora Serafina... e... às vezes X, já saíram artigos com frases em latim...

PESQUISADORA: Ah, que legal!

S8: São livros que eu gosto de ver, ler frases em latim adoro! Adoro dicionário, descobrir o significado de uma palavra... adoro etimologia, dicionário etimológico pra mim então é o máximo... e... livro de símbolos, dicionário de símbolos.... são geniais, geniais, geniais! então muitas vezes vou lendo, vou interpretando e quero colocar algo, alguma mensagem... muitas das coisas do meu momento “você sabia” são desses livros... na cama eu tenho uma quantidade de dicionários, assim do lado sabe? Enfim... dicionário cultural, eu gosto de ficar descobrindo essas questões todas, né?

PESQUISADORA: Que lindo, é um historiador nato...

S8: Sei lá e eu sou nato, cada louco com sua mania... mas isso me satisfaz, isso me agrada muito...

ENTREVISTA – 09

Data de realização: 09/12/19

Profissão: Consultora de Estilo e digital influencer

Local: online

PESQUISADORA: Então, aqui, já estou gravando. Se você quiser me falar alguma coisa também a respeito, antes de a gente começar.

S9: Aaaah, acho que a princípio não. Mas eu acho bem legal pesquisa, sempre eu posso eu participo, porque eu acho muito legal. Depois eu quero ver o resultado, ta? Me envia que eu quero ler!

PESQUISADORA: Claro, claro (risos)! Então, a primeira pergunta que eu tenho pra você é uma questão assim, bem intuitiva, a pesquisa não tem certo e errado é muito mais sobre as suas lembranças do que sobre algo técnico. Quando eu te falo a palavra roupa, quais são as primeiras coisas que te vêm à memória?

S9: A primeira coisa quando fala a palavra roupa é... me proteger. Eu acho que a primeira coisa é vestir, me proteger, me aquecer assim... que é a principal, né?... motivo da gente vestir a roupa, né?

PESQUISADORA: Perfeito...

S9: Eu acho que a palavra roupa é isso mesmo que ela me lembra, algo prático, vestir e me sentir protegida, sabe? Eu acho que é isso...

PESQUISADORA: Perfeito. E aí, falando então das questões de roupa na sua vida, como é que começou essa história da moda pra você? Você teve alguma influência em família ou você imaginou que... É que assim, eu já assisti seus Stories e eu sei, mas eu preciso pra pesquisa. Como que foi surgindo isso pra você?

S9: É... então, eu não imaginava, na verdade, que eu ia trabalhar com moda. Minha mãe sempre falou pra mim que eu ia trabalhar com moda, mas eu falava “ai, mãe, nada a ver esse negócio de moda”. Então eu neguei por muito tempo, mas agora vai fazendo sentido... porque quando eu era criança, o que eu mais gostava de brincar era de Barbie e da roupinha da Barbie, então não era só a Barbie e tal, ela fazendo os rolês dela... Era a ROUPA, sabe?

PESQUISADORA: É, era a melhor parte da Barbie, gente!

S9: Promovia desfiles das minhas Barbies!

PESQUISADORA: Eu tambéém (risos)!

S9: (Risos) Então eu adorava, tem uma foto minha que está todas as minhas primas assim, e daí eu tinha organizado o desfile das Barbies, aí cada uma fez o seu look, da sua Barbie, sabe?

PESQUISADORA: Ai, que demais!

S9: Então tem esse rolê, né? E quando eu estava... tipo, na adolescência, ali, eu lembro que eu adorava assistir os desfiles de moda na TV... quando passava, eu tinha TV a cabo na época, aí tinha um canal que passava SPFW 24 horas por dia, tipo, todos os desfiles e eu queria só assistir aquilo. Meu irmão queria me matar, né, porque ele queria assistir Power Rangers e eu queria ficar assistindo aos desfiles. E muito engraçado porque naquela época eu pensava assim “meu, todo mundo quer assistir os desfiles...”

PESQUISADORA: Aham, quem não vai querer (risos)?!

S9: Agora que eu percebo que “nããão, Guid, não era todo mundo que queria ver desfile, não”...

PESQUISADOR: Até porque tem que ter todo um feeling mesmo, eu acho, de interpretar, de entender e as pessoas têm muita dificuldade, né?

S9: E eu era novinha de tudo, pensa, devia ter uns 13, 14 anos, assim... E eu queria ficar assistindo aquele rolê todo ali, mas ao mesmo tempo eu não me imaginava trabalhando, parecia algo tão assim, meu, inalcançável. “Que legal isso daí”, mas assim, nunca terei... Então eu sempre tive isso, sempre fui da área criativa, então decidi fazer Publicidade e Propaganda, trabalhei com design e o design de interface, que era o que eu fazia antes. Era um design focado na experiência do usuário na internet, então, era muito mais do que fazer um layout bonito, era você interagir, fazer a pessoa interagir com seu layout. Então sempre lidei com design e pessoas, né? Hoje eu vejo a moda, do jeito que eu trabalho, é a mesma coisa. Então eu já fazia isso... e eu amava muito mais o comportamento das pessoas do que o design em si, sabe? Se o layout precisasse ficar feio, um pouco, mas a pessoa clicasse no botão, era o que mais importava pra mim. E eu vi que pros outros designers, não, tipo, “meu deus do céu, se o botão não for fluorescente eu vou morrer...” e eu ficava “mas ninguém vai clicar nesse botão!”

PESQUISADORA: São entendimentos totalmente diferentes mesmo.

S9: Totalmente, era minha percepção. Mas aí eu trabalhava em empresa e sempre acabei usando roupas diferentes assim, no trabalho normal, né? Tipo, quando eu trabalhava em agência de publicidade, então, é claro que eu tinha uma criatividade, aí, um dia, eu já tinha saído da casa da minha mãe pra ir morar com uma amiga e daí eu tava indo pro trabalho e daí eu, tipo, demorei pra ir porque eu não tinha conseguido montar o look.

PESQUISADORA: Eu sei como é (risos)!

S9: Eu ia no ônibus e, assim, eu pensei “gente... como? Eu tenho muita roupa, muita roupa, e por que que eu não estou usando?”. Ah, adendo importante: um pouco antes desse momento que tive esse insight que eu tinha muita roupa e não tava conseguindo me vestir, eu participei de um concurso no Shopping daqui em Curitiba e eu ganhei 1500 reais em compras...

PESQUISADORA: Uau!

S9: E daí eu comprei tudo em roupa! E na época dava pra comprar um iPhone, é um valor de um iPhone mais ou menos assim que eu comprei em roupa...

PESQUISADORA: Faria o mesmo (risos)!

S9: Comprei coisas que eu nunca compraria normalmente, sabe? Lembro que foi uma Consultora de Estilo comigo, nem sei quem que é essa consultora, hoje em dia eu queria lembrar...

PESQUISADORA: Meu deus!

S9: Pra ver se ela não é, tipo, minha colega de profissão agora, sabe?

PESQUISADORA: Sim, provavelmente! É que umas coisas que a gente passa na vida tão “despreparada” que a gente nem imagina, vai sendo atropelado pelo ritmo da vida né que a gente fala “como que eu posso não lembrar?”.

S9: Sim, depois faz sentido, né? Então eu ganhei esse concurso comprei tudo em roupa e daí que eu tive um acúmulo maior de roupas no meu armário eu acho que eu tinha aí uns 24 anos (25, 26), bem naquela época que nosso armário meio que dá a primeira montada dele que daí já teve nosso primeiro emprego, estágio, já comprou as “brusinha” com nosso próprio dinheiro...

PESQUISADORA: Já também tá mais definindo o estilo, porque passou aquela fase primeira de experimentação, né?

S9: Exatamente! E daí, comprei, tive esse boom no meu armário, já tava com aquelas roupas novas no meu armário e não conseguia me vestir. Aí indo pro trabalho eu pensei “nossa, acho que vou ficar 30 dias sem repetir nenhuma peça de roupa, pra eu usar tudo o que tenho no armário e ver o que vai sobrar”, tipo, me entender. Na época tava começando os blogs de Moda assim, tinha uns bombadinhos já na verdade, eu amava seguir o Hoje Eu Vou Assim que era da Cris Guerra e todo dia chegava na agência e atualizava que eu queria ver o que ela tava usando...

PESQUISADORA: Eu vou falar com ela hoje também para a pesquisa.

S9: Ahhhhh, conta pra ela!

PESQUISADORA: Contarei!

S9: Eu acho que ela me segue, ela curtiu minhas coisas uma vez e eu fiquei, tipo, “meu deus!”

PESQUISADORA: Ela é o máximo e ela foi super pioneira mesmo.

S9: Super! Eu chegava na agência e via, e atualizava porque ela colocava o look do dia, né, e ela também trabalhava em agência, né? Então tipo era o universo. Aí eu cheguei no trabalho nesse dia, atrasada mas aí eu falei pras minhas amigas “vamos ficar 30 dias sem repetir nenhuma peça de roupa?” “ai, Guid, impossível, impossível, não tenho tanta roupa assim...” Eu falei “TEM! Tenho certeza, eu vejo vocês vindo todo dia aqui!” Aí convenci duas meninas que participaram junto comigo. Daí a gente fotografava os looks e postava num Tumblr, não era nem um blog, era um Tumblr só pra não esquecer. Nossa intenção não era nem ser blogueira nem nada, era não esquecer os looks, deixar tudo registrado. Sei que elas foram, uma delas desistiu no meio do caminho, aí a outra foi comigo até o final dos 30 dias e realmente o que sobrou eu fiz um bazar, dei uma boa limpada no meu armário, vi o quanto era importante conhecer todas as minhas peças de roupa e mudou minha vida, tipo, esse exercício mudou a minha vida completamente em relação a moda assim... eu me senti mais leve, melhor... dá pra ver na última foto do look, do último dia, está até lá no ar ainda...

PESQUISADORA: É, eu ia perguntar isso, cadê esse link que eu quero ver!

S9: É naorepete.tumblr.com

PESQUISADORA: Tá!

S9: Aí é bem legal de ver que na ultima foto eu já to bem mais poderosa, assim mais sabe? e também me fotografar todos os dias, né? Então depois que eu fiz esse desafio, eu acho que ele foi em 2013... então tem... 7 anos?

PESQUISADORA: Aquelas de humanas... eu também sou péssima de contas, mas tudo bem!

S9: Então foi lá, mas fiz isso e daí voltei na minha rotina normal... aí foi legal que vira e mexe eu criava uns outros desafios pra mim mesmo “aí vou passar uma semana usando jeans” ... daí postava, daí morria, nunca mais postava... Daí fazia de novo os 30 dias. Acho que, um ano depois, eu fiz de novo os 30 dias, fiz mais duas vezes os 30 dias. Fazia temas diferentes, você sabe que eu sou super criativa, fazia um tema diferente e ia aumentando a dificuldade cada vez que eu fazia o desafio. Daí eu resolvi ter um blog de verdade, falei “bom, parece que eu tenho um conteúdo aqui, né, vamos fazer um blog já que eu trabalho com isso...” aí fiz o blog de verdade e assumi que eu tinha essa coisa do blog, mas também sempre falava “ah, isso aqui é sóóóó...”

PESQUISADORA: É só porque eu sou da comunicação, não é Moda... (risos)

S9: Nada, nada... Porque eu falava que Moda não dava dinheiro então não tinha como eu trabalhar com isso. Eu não tinha conhecimento, na verdade, nenhum sobre a moda, né? E daí, como que foi? ... Eu estava no meu último trabalho, continuei fazendo os posts do blog, fui aumentando um pouco a frequência né? Avançando mais e fui fazer o curso da Consultoria de Estilo só pra ter mais conteúdo pra escrever no blog. Minha intenção nem era trocar de profissão, não era nada disso. Fui fazer o curso pra ver e acabei terminando o curso, aí eu tipo “aí, eu não consigo mais voltar a trabalhar no que eu fazia antes...”. Vamos empreender, né, eu sempre quis empreender, é um outro viés meu então daí eu entrei com tudo no ramo da moda e falei então vamo vê” Mas o legal dessa história é que nessa transição eu também não sabia nada, continuava sem saber nada do mundo da Moda. Eu tinha feito o curso de consultoria de estilo mas eu era da comunicação, né, eu, tipo, era do design, conhecia a galera do design... não conhecia nada de moda, não conhecia as pessoas de Moda, não sabia nada, nada... só que eu sempre fui, tipo, empenhada assim, né?

PESQUISADORA: Sim.

S9: Então logo que eu troquei de profissão, eu fui conhecer as marcas curitibanas que eu tinha visto que tinha algumas marcas autorais aqui e daí eu marcava reunião com a galera “oi, tudo bem, eu queria me apresentar, eu sou a Guid...” daí eles ficavam assim “meu, quem que é essa menina?” eu nem tinha seguidores, não tinha nada... só tinha boa vontade, só que...

PESQUISADORA: É o melhor (risos)!

S9: Eu pensei: se eu quero trabalhar nesse ramo as pessoas vão ter que me conhecer, eu vou ter que conhecer as pessoas...

PESQUISADORA: Sim.

S9: E daí eu comecei a me aproximar, entender o que que era o mundo da Moda, o quanto ele é gigante, o quanto ele é cheio de perninhas diferentes, o quanto eu poderia fazer mil coisas diferentes dentro desse mundo e entendi também que o meu trabalho de consultoria não era sobre roupas, era sobre pessoas, né? Como que eu conectaria as pessoas às roupas.

PESQUISADORA: Perfeito!

S9: Mas... eu demorei pra entender isso daí. Não foi assim “nossa saí, 1 mês depois... não”...

PESQUISADORA: É uma jornada, eu sei...

S9: Eu falava “meu Deus, esse mundo da moda é muito doido, todo mundo se ferrando, ninguém entendendo o que que estava fazendo direito”... nem eu entendendo... foi bem difícil... Daí eu fiz uma pós graduação em Produção de Moda porque eu não tinha, né? Eu falei, ah, preciso estudar alguma coisa a mais. Eu sou bem nerd também por isso que se você me mandar seu trabalho eu vou ler de verdade porque eu adoro! E quando eu fiz a pós o que eu mais amei foi História da Moda que aí eu começou a me colocar nesse comportamento das pessoas com a roupa, eu comecei “meu deus do céu tem muito a ver...” daí estudar um monte, comprei uns livros de moda... história né... fui entendendo como que a roupa estava conectada com a sociedade... Eu não sei nada muito profundo, eu só leio, estudo... Foi assim que eu cheguei no mundo da moda que estou hoje, então hoje o meu principal foco é comunicar que é o que eu faço de melhor, assim eu já tinha esse background da comunicação então eu... O que eu mais gosto é fazer os vídeos do canal, é conseguir falar pra mais pessoas, mas quando atendo um cliente é legal porque eu to ali frente a frente vendo as dúvidas que elas tem, entrando no armário delas e eu acho isso muito mágico...

PESQUISADORA: É muito mágico, e é um aprendizado, né? Parece que cada consultoria a gente aprende muito mais...

S9: E vai encontrando os padrões, sabe.... o quanto todo mundo ta sofrendo com a mesma coisa e a pessoa não percebe. É muito engraçado quando elas vem falar uma coisa pra mim tipo “ai eu não consigo fazer isso” daí eu olho pra ela e falo: “você não é a única, todas as minhas clientes tem essa mesma dor” Elas falam “sério?” o quanto elas acham que só elas não sabem se vestir, que só elas... não não saber, né? Que eu nem acredito nesse negócio de não saber...

PESQUISADORA: Mas de não conseguir, né, de não ter a facilidade de no próprio guarda-roupa montar uma roupa que se sinta confortável, feliz, segura... isso é super difícil, muito doido...

S9: Aí eu entendi que pra mim os fatores que foram importantes, foi primeiro esse investimento financeiro que eu comprei roupas que eu queria naquela época e foi até antes de fazer qualquer planejamento, eu fui ao mesmo tempo... então no mesmo dia eu gastei 1500 reais em compras, isso fez com que as roupas tivesse uma conexão daquela Guid daquele momento. Depois conhecer meu armário, foi assim... foi por isso que eu criei os desafios da Guid agora...

PESQUISADORA: Eu amoooo.

S9: E foi muito dentro disso, algo que tinha me impactado muito. Foi muito engraçado no dia que eu desafiei as pessoas pela primeira vez, né, porque eu estava assim, “ai que que podia virar, um formato novo e tal” daí eu “pera, aquele negócio de desafio que eu fazia era tão legal pra mim, será que as pessoas não iam gostar de fazer?”

PESQUISADORA: Nossa, e é um sucesso!

S9: Claro que ajuda na minha divulgação, mas não é sobre isso, é muito mais importante que você se veja... quando elas mandam mensagens pra mim depois que elas... 1 semana né que o desafio agora é 1 semana, elas já se sentem melhor com elas mesmas, eu quase choro de emoção... Pode ser que você nunca mais faça aqueles looks porque não tinha a ver com você, mas você se sente mais livre das decisões que vai tomar... Pra mim os desafios também são impactantes, que às vezes as pessoas acham que... isso é difícil pra eu passar, falar do quanto pra mim é importante. Assim que vim parar no mundo da Moda onde estou agora.

PESQUISADORA: E aí falando sobre essas roupas dos 1500 que mudaram sua vida, risos, você acha que hoje olhando com todo o conhecimento que você adquiriu você compraria as mesmas, você acha que você errou na compra...

S9: Não compraria nenhuma igual! Risos! Inclusive eu tenho uma ainda que eu guardo, talvez ela eu compraria de novo... que eu até guardo ela e ... mas as outras peças eu não compraria mas também assim, não é assim “não compraria nunca, deus me livre não usaria”, elas só não estão tão conectadas com quem eu sou hoje, porque eu mudei muito desses anos pra cá, mas na época eu acho que eu fiz compras muito certas porque eu usei todas!

PESQUISADORA: Ai, que ótimo!

S9: E eu me sentia muuuito bonita quando eu tava usando aquelas roupas...

PESQUISADORA: Perfeito.

S9: Eu lembro de algumas, não lembro de todas... estou tentando lembrar agora, mas eu lembro de um vestido de gatinhos assim ... se você for lá olhar o Tumblr você vai ver o vestido de gatinhos, eu amava aquele vestido, tipo eu me sentia maravilhosa, mas hoje eu não usaria até porque ele é muito fofo e eu não sou mais uma pessoa muito fofa.

PESQUISADORA: Ah, mas que legal. Você se desfez dele depois de um tempo?

S9: Aham. Eu não sou muito apegada pra roupa, tirando uma que é essa camiseta que ta até hoje aqui, que é desse período, que é a camiseta que usei no 1º dia do desafio, então essa camiseta eu tenho ainda...

PESQUISADORA: Ela é marcante.

S9: Éeee, mas assim, acho que é a única coisa que eu tenho guardada, eu sou bem desapegada.

PESQUISADORA: E você usa, usou de novo?

S9: Por enquanto está só guardada, mas eu usaria.

PESQUISADORA: Falando sobre isso que era uma das questões mesmo da pesquisa, você tem outras roupas guardadas, como é que é esta questão de guardar e desapegar?

S9: Sim, eu não tenho muito essa coisa de... eu vejo que tem muita gente apegada às roupas e eu não sou...muito... eu tenho um pouco, é claro que não é fácil, né? Não é, mas eu procuro ser bem

desapegada com as minhas roupas então que eu lembre de ter uma peça guardada com significado é só essa que é a primeira camiseta que eu usei... só a camiseta também porque resto do look já vendi... vou me livrando das roupas...

PESQUISADORA: Sim.

S9: Mas eu não tenho muito não e eu tento praticar bastante o desapego. Hoje por exemplo meu armário tá cheio porque graças a Deus fiz vários jobs, meu trabalho é com Moda, as pessoas querem me ver vestindo as marcas delas...

PESQUISADORA: Sim.

S9: Então isso é bem legal também... então eu tenho muita dó de me desfazer de marcas locais que me deram... tipo me deu, com o maior carinho do mundo só que ao mesmo tempo eu tenho mais dó de roupa parada no meu armário do que vender ou dar e ver ela tendo vida em outra pessoa. Então se você quer me ver emocionada é você ver alguém usando roupa minha, sabe tipo, comprou de mim? Eu amo! Tem gente que fica “ai meu Deus a pessoa tá usando minha roupa...” eu amo eu penso que aquela roupa está vivendo outras histórias, fazendo outra pessoa feliz... então eu foco muito nisso, vai fazer outra pessoa feliz, não sou eu...

...

E estraga! Agora eu tava nessa coisa da mudança, né? Minha casa tinha muita coisa que ficou guardada nesses seis meses antes de eu tirar da caixa... “meu Deus tinha coisa estragando aqui!”

PESQUISADORA: É muito louco como roupa estraga rápido...

S9: E ela estraga mais parada, no armário do que a gente usando. Eu sempre falo isso pras clientes, eu vejo o armário delas e é muito louco que em 90% dos guarda-roupas que eu fui a roupa favorita da pessoa é a que ela menos usava. Tipo eu perguntava “qual a sua blusa favorita? Que você se sente mais bonita?” Daí eu vai lá no fundo e fala “ai, é essa aqui, mas eu só uso uma vez por ano”... “Querida, é todo dia pra se sentir linda!”

PESQUISADORA: Exato!

S9: Ou “como é que a gente pode ter mais dessas, pra que você não precise ter medo de usar ela”.

PESQUISADORA: Exatamente, isso é muito interessante!

S9: Eu montei esse armário, hoje em dia ele é 90% de roupas que eu me sinto bonita.

PESQUISADORA: Perfeito. Falando sobre a roupa favorita então, já que você pergunta isso pra suas clientes... hoje você tem uma, é o que você falou... em tantos jobs às vezes a gente acaba tendo tanta roupa linda, você tem uma especial?

S9: Meninaaaaa, olha que agora me pegou! No meu próprio desafio tem o dia lá que você veste a roupa favorita... é difícil. Deixe eu pensar...

PESQUISADORA: Não parou pra pensar nisso?

S9: É que tem várias, né, não é bem que não tenha uma... deixa eu pensar... acho que tem um macacão verde, que tem um decotão assim que esses dias eu usei... hoje ele é minha peça favorita... mas ela vai mudar, semana que vem já é outra...

PESQUISADORA: Sim, eu sei como é, eu sei super. Risos! Mas se você tivesse que escolher uma roupa pra te representar, vou fazer um museu da Moda e eu preciso de uma roupa lá pra ser a Guid, qual seria?

S9: É o look que eu montei pro escritório daqui de casa, pra inspiração do escritório.

PESQUISADORA: É o do coletão?

S9: Sim, que tem um kimonão assim e daí eu to com uma calça roxa mais estruturada que muda a silhueta, uma blusa alongada por cima, um salto mais fino, uns acessórios, eu to de óculos...

PESQUISADORA: Aham, está linda mesmo!

S9: Eu acho que essa é a roupa pra colocar no museu da Guid hoje! Risos!

PESQUISADORA: Essa é a que conta sua história. E tem algum por quê? Só por que se sentiu bem?

S9: Com certeza eu me sinto muito bem com aquela roupa... e porquê? Porque eu gosto muito da desconstrução da silhueta que é algo que eu demorei pra entender... eu olhava os looks do Pinterest e pensava “que lindo, mas eu não consigo isso...” e eu não entendia porque eu não conseguia. Era porque eu ia e comprava uma calça skinny na CEA e queria que ficasse com o caimento da calça da calça bag da menina que tava no Pinterest. Eu não entendia o conceito de modelagem.... Por isso eu gosto tanto de explicar pras pessoas... porque depois que eu entendi... aí quando eu coloquei pela primeira vez uma calça larga eu me senti horrível, falei “nossa, isso ta errado” depois eu entendi que não, que era aquela silhueta que eu estava gostando e só descobri isso fotografando. Me vendo na foto, não só no espelho.

PESQUISADORA: Sim.

S9: Acho que esse look representa muito isso pra mim, que é esse aprendizado da silhueta tipo “meu deus eu consegui montar aquele look”, ta entendendo? Eu não conseguia antes!

PESQUISADORA: Aham.

S9: ...e eu consegui!

PESQUISADORA: E é muito interessante como o conhecimento vai empoderando mesmo, né, demais! Voltando um pouco nas roupas guardadas e no desapego só pra finalizar, tem alguma roupa que você desapegou que você se arrependeu ou que você tem saudade?

S9: Com certeza tem alguma... Mas é engraçado que nessa pergunta que você fez tem uma de quando eu era... não era nem adolescente, eu era criança... e não era uma roupa, era uma bolsa, eu lembro perfeitamente, era vermelha com um monte de florzinha branca e na época eu não sabia bem se eu gostava ou se não gostava porque era muito diferente do que as pessoas usavam na época... e agora eu entendo, né, na época eu gostava só que tinha medo de usar... e eu lembrei

dessa bolsa e falei “meu Deus se eu tivesse essa bolsa hoje eu ia super usar! Era tipo uma pochete assim sabe?”

PESQUISADORA: Que graça!

S9: Me deu isso assim, uma roupa de criança que eu nem lembro mais como é que foi...

PESQUISADORA: Mas super vale, porque essas da infância são super marcantes, importantes também pra contar quem a gente é hoje, né?

S9: Sim.

PESQUISADORA: Você gostava de se vestir criança? Você tinha um pensar sobre os looks quando era menor?

S9: Não, eu não lembro de eu pensando sabe? mas agora faz sentido... tipo na época não era “ai eu amo roupa, amo ganhar roupa...” mas por exemplo, momentos marcantes, essa bolsa que eu lembro perfeitamente eu tentando usar a bolsa mas eu tinha vergonha de usar... sabe... tinha essa coisa com a roupa. E dos dias mais felizes da escola, foi o dia que eu pude ir com a melhor roupa que eu tinha daí aquele dia eu lembro daquele dia, eu lembro da roupa que eu tava usando, eu lembro da sensação de vestir aquela roupa... então eu não sei se as outras pessoas também têm isso, né? Mas várias coisas da minha história estão marcadas com roupas...

PESQUISADORA: Sim, eu acho que isso já diz muito sobre o nosso fazer. Eu acho que todas as pessoas tem sim essa questão, porque a roupa inevitavelmente até pra quem odeia Moda, faz parte na nossa sociedade, mas eu acho que marca de uma maneira mais forte a gente que tem esse fazer... eu tenho essa sensação. Quando eu falo roupa, não precisa ser especificamente a roupa, pode ser uma bolsa, um sapato, um item de vestuário, né? Porque eu acho que todos eles têm essa mesma missão e essa mesma capacidade de linguagem. Aí, falando um pouco sobre como isso ajudou a construir quem você é hoje... A mudança no seu cabelo é um negócio surreal! Mudou tudo!

S9: Tudo, tudo. Então, eu tenho cabelo cacheado, sempre assumi meus cachos, nunca tive problemas com os cachos em si... até quando eu tava na faculdade, uma vez eu alisei meu cabelo e daí eu me senti muito mal, eu tinha vergonha de sair na rua com o cabelo alisado. Aí minha mãe falava “filha, ninguém sabe que seu cabelo é enrolado, não tem problema sair com o cabelo liso”. Risos! Quando alguém que sempre alisa cacheia eu falo “eu sei o que você ta sentindo” porque eu lembro muito bem do sentimento quando eu alisei o cabelo. Eu tinha o cabelo enorme porque eu morria de medo que ele armasse. Pensa, eu tinha o cabelo na bunda, era enorme, cacheadão assim, mas usava ele só preso porque eu não sabia muito bem lidar com o cabelo, mas também não alisava, né? ... é ... então o cabelo foi muito importante nessa construção da minha personalidade da roupa também, então quando eu cortei pela primeira vez que eu saí da bunda e cortei aqui no ombro, foi porque uma amiga minha fotógrafa assim, ela me chamou pra fazer as fotos de uma revista de antes e depois do cabelo... eu preciso achar essa revista! Daí eu lembro que a foto do antes eles pentearam meu cabelo e ficou deeeesse tamanho, enorme e daí o depois o que eles fizeram? alisaram...

PESQUISADORA: Entendi, entendi.

S9: Então dessa primeira vez eles alisaram, mas não alisaram muito, não fizeram formol, nada porque eu não deixei. Eles queriam alisar real, eu falei que não, fizeram só pra foto. Fiquei maravilhosa, diva, foi a primeira vez que eu me vi maquiada, bonita... eu falei “Deus do céu” foi onde eu descobri blush... quando eu descobri blush falei “Nossa, blush é tudo pra mim gente!” eu não usava maquiagem... então foi nesse rolê que eu caí no mundo da beleza, mudaram meu cabelo e aí eu descobri blush e falei “Meu Deus, preciso de blush na minha vida”. Daí eu comecei a usar blush e daí essa mesma fotógrafa me chamou mais umas duas vezes pra fazer esse rolê de foto de revista e era foto de revista pra cabeleireiros, sabe, então sempre tinha o antes e o depois. E daí assim que eu fui cortando, eu cortei mais aqui e tipo nossa eu amava, e fui me soltando. Acho que daí o cabelo foi fazendo eu me soltar... mas engraçado que eu não lembro muito assim da roupa, a roupa era sempre assim o que é pra todo mundo, com quem você vai conversar que não é da Moda... né, que eu não sabia me vestir, eu me sentia feia, me sentia magra demais, nunca acertava na roupa... eu era uma pessoa comum pra roupa, mas aí o cabelo foi me soltando...

PESQUISADORA: É incrível, quando a gente muda o cabelo, muda o guarda-roupa, né? Eu lembro quando eu pintava, tive o cabelo de todas as cores, aí quando eu pintava a primeira coisa eu corria pra casa, abria meu guarda-roupa e começava tipo “ai vamos ver pink com amarelo, pink com verde...” porque muda muito o guarda-roupa todinho que você já tem, é muito legal!

S9: Sim, então eu tive todo esse rolê com cabelo, aí eu tive um assimétrico que também me libertou muito mais, “então eu posso vestir o que eu quiser”, ali eu já tinha passado pelo desafio, já estava muito mais confiante com as minhas roupas assim, mas eu não senti que estava acertando, eu só senti que comecei a acertar nos looks depois que eu cortei o cabelo curto, porque depois que eu cortei o cabelo curto eu apliquei a Consultoria de Estilo em mim mesma, e tem esses vídeos no canal também, desse processo, e daí quando eu fiz a consultoria de estilo em mim mesma eu construí o meu armário em cima do meu cabelo e da personalidade que eu queria naquele momento, que é o armário que eu tenho hoje...

PESQUISADORA: Maravilhoso!

S9: Nem lembro qual era a pergunta que eu to respondendo...

PESQUISADORA: Risos! A gente tava falando da construção da Guid de hoje através de toda essas coisas e como os itens de moda te ajudaram nessa construção.

S9: Então foi muito isso mesmo tipo quando eu decidi cortar o cabelo curto, eu apliquei a Consultoria de Estilo em mim mesma, então eu já tinha ficado um ano, que eu tinha mudado de profissão e me empenhado e aprendido sobre moda, me aproximado das marcas de moda... tem bem essa transição no meu Insta que é quando eu me vestia de vários jeitos diferentes, eu sinto que eu estava testando a coisa e daí quando eu decidi cortar o cabelo eu fiz a consultoria então eu planejei esse estilo que eu tenho hoje e agora ele é mais natural pra mim, assim, e já estou querendo mudar de novo.

PESQUISADORA: Cabelo é uma coisa que a gente fica querendo mudar e aí quer mudar o estilo, quer mudar tudo, né?

S9: Eu acho que, assim, a gente de alguma forma passou por várias coisas.

PESQUISADORA: Eu queria que você contasse aí um pouco sobre o seu trabalho, na questão de... Dessa percepção da roupa como algo afetivo pras pessoas, se as pessoas têm essa noção, se

as pessoas têm essa relação, quando você vai fazer o guarda-roupa delas, se elas tem a dificuldade de desapegar, se tem alguma história interessante pra contar de alguma cliente ou sua mesmo?

S9: Não sei se uma história interessante, mas assim, um fato é que todo mundo sente a mesma coisa sobre as roupas sempre que eu chego, assim sério, 95% é igual, tem as roupas que mais usa e não é a que mais gosta, a que mais gosta não usa tem muito medo, muita insegurança e não sabe nem explicar o medo, sabe? Eu pergunto “Mas você está com medo de quê?” “Não sei!” “O que que vai acontecer se você sair com essa roupa?” “Não sei!” Aí a pessoa sai com a roupa e nada acontece, tipo... daí eu lembro de uma história minha que num desses desafios que eu criei naquela época lá trás, eu tinha um que foi uma semana as minhas amigas decidiam os meus looks aí eu mandava mensagem do whatsapp pra elas de manhã “oi, migas o que vocês querem que eu vista hoje?” E daí as amigas mais próximas pediam pra eu vestir coisas que elas sabiam que eu tinha medo de usar. E eu tinha medo de usar cropped. E daí a Ivana, que é uma das minhas melhores amigas, mandou “Eu quero ver você de cropped” e eu “filha da puta como é que eu vou sair de cropped?”. Isso que é legal, eu vivi esses medos sabe, eu tinha medo e daí eu tenho a foto do dia do desafio do dia que eu saí de cropped e nada aconteceu. E desse desafio foi muito legal porque, teve esse dia, que foi tipo acho na quinta-feira o desafio, aí na sexta era o dia de uma outra amiga minha, super amiga a Suria, que ta até hoje na minha vida, e daí eu falei “Miga, o que você quer que eu vista hoje?”, daí ela mandou: “Aquele macacão que a gente comprou juntas e você nunca usou”. Aí eu falei “como é que eu vou usar aquele macacão pra trabalhar, miga, ele é muito lindo!” Era um macacão que eu me sentia linda, daí eu falei “como é que eu vou usar?” daí ela “Vai usar!”.

PESQUISADORA: Vai se sentir linda na sexta, sim! Risos!

S9: Menina, foi bem isso! E daí eu vi que nada acontecia e por isso que eu falo pras pessoas hoje, eu vejo muito a Guid que eu era é igualzinha a formação que as pessoas tiveram hoje da Moda que é realmente “nada pode”, só que depois você vê que não acontece nada...

PESQUISADORA: Eu acho que esse é o seu diferencial, porque você viveu esses sentimentos e essas angústias, então por isso que você compreende tão bem as pessoas...

S9: Sim. Então das histórias que eu vejo o que eu posso compartilhar é muito esse padrão mesmo, sabe... do medo e do medo não de se sentir feia muitas vezes, mas mais ainda de se sentir bonita demais...

PESQUISADORA: Que coisa, né? Por que você acha que rola isso?

S9: Porque a gente foi ensinada que a gente não pode “se achar” né “como é que você vai se achar?” eu sinto muito que é isso, a sociedade vai colocando assim “fica aí no teu lugarzinho, só veste essa roupinha padrão, vai trabalhar... não chama atenção. Não chama atenção... não conquista teu espaço. Isso é proibido: conquistar seu espaço. Não... fica aqui no teu quadrado.” Porque? Porque quando você... eu sou a prova disso... Quando eu comecei a sair do meu quadrado, até no meu último trabalho antes de eu pedir demissão... éee... quando eu tinha cortado o cabelo, eu cheguei lá no meu trabalho e daí uns dos donos falou assim “eu não gostei desse corte de cabelo” daí eu “ah, porque?” “Porque agora você está parecendo uma mulher e uma mulher a gente não consegue manipular”.

PESQUISADORA: O quê?! O cara falou isso assim?

S9: Esse trabalho também é toda uma história que eu não quero entrar em detalhes mas foi mais ou menos nessas palavras que ele falou “você ta parecendo uma mulher, você ta poderosa e a gente não vai mais conseguir te controlar”. E realmente foi o que aconteceu, deu o maior B.O. lá depois...

PESQUISADORA: E daí você saiu desse emprego?

S9: Exatamente. Então eu tenho essa história, é isso, as pessoas não querem que você chame a atenção. Elas querem que você fique ali no quadradinho e tal... e eu sei que a roupa é o elemento (a roupa, o cabelo, enfim...) é o elemento que te dá o poder que nada mais vai te parar depois que você tem coragem de usar a roupa que você quer, ela mexe em outros fatores, sabe?

PESQUISADORA: Perfeito. Eu queria muito entrar nessa questão, de julgamento, de o quanto uma roupa influencia na leitura das pessoas, julgamento das pessoas. Então conta pra mim um pouco essa coisa do poder da roupa que você estava me falando, que isso é importante, e essas questões de julgamento.

S9: Eu... não sei... teve um momento da minha vida que eu parei de julgar... é difícil você não julgar, é óbvio que eu julgo minimamente, mas eu tento não julgar, mesmo mesmo. Tipo assim, tanto que um dia eu tava dando uma aula, que nem era sobre Moda, mas aí eu falei isso, né, era posicionamento de comunicação digital, que meu posicionamento é “encorajar você a vestir o que quiser”. Então se você quer vestir eu vou te encorajar, você vai vestir e ponto... mesmo que eu ache horrível. Aí uma menina falou “mas e se a pessoa ta horrível?” e a menina estava com um look que na minha visão é horrível... “você vai deixar ela sair assim?”. Eu falei “vou desde que eu entenda porque ela ta achando aquilo bonito” eu não tenho as referências que ela tem da vida dela, às vezes no bairro dela ta todo mundo vestido daquele jeito. Como é que eu, aqui, da minha vida vou dizer que o look dela é horrível? Porque moda é esse espelho do comportamento das pessoas. Eu não acho que tem certo e errado, isso é até um problema sendo Consultora de Estilo, eu tenho um problema disso porque as pessoas querem o padrão, né? E eu não consigo, eu não consigo. Eu teria que virar psicóloga, entrar na cabeça da pessoa, risos! Então tem isso... eu não julgo as pessoas porque eu não sei que histórico de referências elas tem... e eu percebo muito isso quando eu saio com um laço no cabelo ou um lenço no pescoço, aí a única referência que a pessoa tem de um lenço no pescoço é aeromoça! Então ela olha pra mim e fala “ai, aeromoça, ta trabalhando no avião!” Daí tem gente que já fica “ai meu deus, o que que a pessoa ta pensando de mim?” Qual que é o problema ser aeromoça?

PESQUISADORA: Nenhum!

S9: Segundo, quando você pára e entende que a única referência da pessoa é essa, você ta apresentando pra ela outra referência... olha só! Não é só aeromoça que pode usar... aconteceu isso também quando eu tava com laço no cabelo e eu fiz com lenço um laço e daí alguém falou “ta parecendo um presente!”. Daí eu falei “que bom, né! Minha presença é um presente, risos!” E daí que a única referência que a pessoa tem é que só presentes tem laços... mas eu também posso querer usar um laço.

PESQUISADORA: Perfeito! No fim você acaba usando seu estilo como uma comunicação pra ensinar as pessoas na prática, né?

S9: Aí nesse meu andar da moda aonde eu me coloco né? Como alguém... que geralmente a pessoa vem e fala assim: “ela ta numa transição de estilo” daí eu pego muito mulheres que estão

querendo crescer na carreira ou acabaram de ser mães e estão voltando a ser elas mesmas... então eu ajudo a pegar elementos da moda pra traduzir essa nova mulher que ela quer ser. O que eu posso usar então pra eu ser essa mulher que eu to me sentindo mas não sei traduzir na roupa, então é mais ou menos nesse momento de vida que eu atendo as clientes. Eu não pego pessoas que... sei lá... vão revolucionar totalmente o estilo, que vai mudar... sabe aquelas coisas de programa de TV que as pessoas sempre imaginam que a consultoria de estilo é? Tem algumas que até fazem isso, mas o meu papel não é esse...

PESQUISADORA: Não, até porque tem alguns que são super invasivos, né? E eu acho que você tá na contramão de entender o contexto da pessoa...

S9: Exatamente!

PESQUISADORA: Não é pegar uma mulher e falar vou te colocar no brilho, maquiagem, salto alto e você vai se sentir poderosa. Tipo a pessoa é artista, mãe, tem que estar de tênis a semana inteira... não faz sentido, não comunica! Essa era minha revolta com esses programas...

S9: Nossa, total. E tem alguns que ainda é bem assim. E até nessa série de vídeos que eu tô fazendo no Youtube de profissões, teve um que eu vesti uma advogada e o estilo dela era totalmente feminino, leve, colorido, florido... totalmente oposto do meu hoje, eu não uso mais essas coisas... e não tinha nenhum código de advogada, sério, blazer... ela não tinha nenhum código desses e eu não vesti ela assim. Ela não deixou de ficar elegante, só que ela não entregou os códigos padrões de advogada, né? E não precisa! Eu descobri entrevistando ela “tem problema se você for com uma calça mais molinha e uma camisa, né” “não!” meu já pode ir assim, você não precisar usar todos os códigos...

PESQUISADORA: Essa coisa de uniformizar as pessoas, acho que isso vem de uma falta de entendimento das possibilidades...

S9: Aí as pessoas comentam nesse vídeo do Youtube “faltou só você colocar um blazer nela”. Faltou? Não, porque... é a primeira coisa que vem na cabeça porque o título é “vesti uma advogada” aí você já imagina... “coloquei blazer nela” e eu não coloquei nenhum blazer nela!

PESQUISADORA: Arrasou!

S9: As pessoas querem ver uma advogada de blazer... e assim, eu entrevistei ela, ela é uma advogada real, uma pessoa que realmente trabalha com isso e ela está usando aqueles looks.

PESQUISADORA: E ela te deu um feedback de como foi usar esses looks?

S9: Ela sempre me manda as fotos delas usando os looks e o quanto ela está se sentindo bem... eu até quero... vão ser 4 episódios desse... agora vou gravar o último e eu quero ver se eu entrevisto elas depois de novo, mas o episódio que foi pro ar ontem, nesse eu vesti uma menina no início da carreira... assim nela da pra ver ela se sentindo... poderosa... aquela coisa de início da carreira, aquela coisa que você acha que tudo você pode, tudo você é capaz e daí a roupa tá ajudando ela? É muito mágico! Eu acho que dá pra ver no rosto dela...

PESQUISADORA: E me conta tem alguma coisa que a Guid ainda quer ter no guarda-roupa, no estilo e ainda não teve? Pode ser um sonho louco, mas o que você pensa: isso ainda não tenho, mas eu gostaria?

S9: Nossa menina!

(Silêncio)

PESQUISADORA: Se hoje você fosse ganhar uma bolada de dinheiro como ganhou naquele momento e você pudesse comprar uma coisa que você quer muito, o que seria?

S9: Eu acho que eu não tenho a pira, tipo numa bolsa de marca... até teria, não é nem que eu não teria, mas assim não tenho uma pira, mas se fosse assim pra ser o armário perfeito o meu seria inteiro feito por marcas de pessoas que eu conhecesse, esse seria meu sonho de armário. Tipo: “eu conheço a pessoa que fez essa roupa, essa roupa, essa roupa... ‘ Seria só de marcas locais, autorais, pelo Brasil ou pelo mundo... mas não seria de grandes indústrias esse é meu sonho desde o começo na verdade. E eu ainda não entendi, esse é meu sonho, mas não entendi como viabilizar isso no formato de business, porque hoje as marcas que tem dinheiro pra pagar uma publi pra mim, pra eu ensinar as pessoas a se vestirem, se libertarem, é uma marca da indústria então eu não consegui ainda sair disso. Mas eu tenho muita coisa de marca local e quando eu visto uma roupa dessa eu sinto que eu estou levando a história da pessoa, eu adoro!

PESQUISADORA: É, eu acho que assim, nesse momento a única saída que teria é meio a coisa do Fashion Revolution, que é maravilhoso, mas é difícil. Que seria, tipo, a transparência das marcas, de permitirem a gente conhecer um pouco da equipe, essas coisas... conhecer talvez quem são as costureiras que estão ali na produção, por trás, pra dar mais sentido, né?

S9: É, que eu conheci foi na Posthaus, né, que é essa patrocinadora, inclusive, desse projeto das profissões. Então, esse projeto é grande, só uma marca com dinheiro ia conseguir me patrocinar. E sem dinheiro eu não ia conseguir fazer! E sem fazer, ninguém ia poder assistir, sabe?! Eu tenho uns conflitos assim...

PESQUISADORA: Não, mas eu acho que faz parte dos momentos e tudo vai ser importante, talvez esse guarda-roupa exista ainda um dia na vida da Guid, mas vai ter um momento que vai propiciar isso de existir, né?

S9: Sim, e ele já tem, né, já é uma mescla, não é só... mas na Posthaus foi muito legal porque eles me convidaram pra ir lá conhecer, né, eles são na verdade uma revenda de várias marcas, então, eu não conheci como cada roupa era feita porque são várias marcas diferentes, mas conheci o centro de distribuição, vi a cara das pessoas e isso pra mim é muito importante, até mostrei nos Stories quem era a pessoa do marketing, quem tinha me contratado, quantas pessoas trabalhavam lá e como eles tinham carinho mesmo, sabe? Tipo, são uma marca muito legal mesmo.

PESQUISADORA: Criar uma humanidade, né, eu acho que humanizar as relações com roupa, que por um tempo foi totalmente desconexo, né...

S9: E ainda é muito, muito, muito... porque quando eu tenho contato, quando você vai conhecendo o meio da moda, e você vê que a pessoa que faz estilo, pra uma grande indústria, tá? A pessoa que faz estilo até a lojinha que vai vender lá no interior, é um caminho tão longo que a pessoa do interior que recebe a peça, ela não entende o que que a pessoa do estilo conceitualizou sabe, é um erro de comunicação gigante. E daí que eu entendi o meu papel, eu sou a pessoa que vai traduzir praquela pessoa que tá comprando na loja o que que o estilo quis dizer, sabe? Porque que ele colocou aquele glitter que a pessoa nunca viu se não tem na novela ela nunca viu glitter.

PESQUISADORA: Exato...

S9: Agora ela pode assistir um vídeo meu e tipo “nossa, então ta, então glitter está na moda, por isso que estava na blusinha...”

PESQUISADORA: Sim... é muito louco que às vezes as pessoas do próprio processo produtivo da roupa não... a informação é desencontrada, né?

S9: Total!

PESQUISADORA: Mas quem sabe a gente não consegue mudar isso pro futuro, né? Não sei se a gente é muito sonhadora... mas eu acho que há um pouco desse movimento pelo menos, de tomada de consciência e tudo.

S9: Nesses quase 3 anos que eu to nessa profissão eu já sinto que está mudando, sabe? Porque quando eu comecei, foi o que eu te falei, logo de cara eu me aproximei das marcas autorais e minha vontade era só trabalhar com elas, mas não tinha como, mas agora eu já sei como eu faço pra incluir elas no meio do meu conteúdo e eu até faço isso.

PESQUISADORA: Perfeito. Você tem mais alguma coisa que você queira complementar sobre a roupa, sobre estilo ou sobre o seu trabalho?

S9: Acho que não... Falei bastante... eu adorei participar, as perguntas foram bem inteligentes, tem algumas que eu nunca tinha nem respondido... foi legal pra tentar organizar essas ideias na minha cabeça porque tem coisa que nem eu lembro...

PESQUISADORA: Ai, que ótimo!

ENTREVISTA – 10

Data de realização: 09/12/19

Profissão: publicitária, blogueira

Local: *Call* online da casa dela

Conversa...

PESQUISADORA: Quando eu te falo a palavra ROUPA, quais são as primeiras coisas que vem na sua mente?

S10: A palavra roupa sempre me lembra um pouco casa, refúgio... Mas quando você fala primeira eu sempre lembro da minha infância que quando eu era criança eu detestava ganhar roupa de presente...

PESQUISADORA: Ah, é?

S10: É... é muito engraçado isso, né? porque não eram as minhas escolhas... eram as escolhas dos outros né... e normalmente elas não eram acertadas assim... hoje quando eu vejo as fotos de minhas de quando eu era pequena... meus pais já são falecidos há bastante tempo... eu vejo roupas lindas assim... tem um vestidinho com uma girafa que se eu pudesse eu faria ele hoje pra mim adulta, sabe? Risos!

Mas quando fala assim A PRIMEIRA, acho que o meu primeiro contato com a palavra ROUPA não era um contato amigável, era um conflito...

PESQUISADORA: Conta pra mim um pouquinho sobre o processo de inspiração com Moda, quando veio? Teve alguém, costureira...

S10: Bom, na verdade eu não lembro da costureira quando eu era criança, de ir na costureira... eu lembro de uma boutique que minha mãe comprava as roupas que chamava CLEUSA BOUTIQUE. E assim, eu lembro de momentos alegres meus comprando roupas lá, com minha mãe deixando eu escolher e eu... eu experimentando... mas também não era... eu acho que no começo eu tive no começo uma relação com as grifes que eu não podia ter, sabe no começo? Eu queria ter roupa de marca e não podia... Então eu acho que eu tinha aquele desejo por aquilo que tava inalcançável que eram as grifes né?

Mas eu não lembro de costureira, eu lembro de ir numa costureira quando eu tinha 21 anos pra fazer minha roupa de formatura, só isso... com a minha mãe.

PESQUISADORA: E assim, você gostava de se vestir quando era pequena, sua mãe era vaidosa, você tinha algumas referências ou não?

S10: A minha mãe tinha roupas legais, eu acho que a minha mãe tinha uma relação legal com as roupas... mas eu não lembro de mim... eu não lembro dessa minha relação com as roupas quando pequena, não é uma coisa... Na verdade eu me lembro de quando minha mãe... éee... quando eu

tinha uma Susie que era... naquele tempo não tinha Barbie naquela época tinha Susie. A Barbie era importada, então eu tinha a Susie, eu tinha várias Susies. E aqui em Belo Horizonte tinha... a feira hippie, que é muito famosa, e lá nessa feira todo domingo a gente podia ir comprar roupas pra Susie. Então a minha Susie tinha váarias roupas, feitas pelas artesãs da praça, entendeu?

PESQUISADORA: Tem essa coisa lúdica, essa coisa de vestir outra pessoa que não seja a gente, essa coisa do brincar que tem a ver com a moda, né?

S10: Eu acho que vestir é uma espécie de brincar de boneca, quando eu me visto eu brinco de boneca comigo, assim... eu gosto dessa possibilidade de me mudar, eu vou morrer gostando de mudar de roupa, entendeu? Risos!

PESQUISADORA: E nessa relação de quem trabalha com moda, me conta um pouquinho se você guarda algumas roupas especiais...

S10: Olha, é... eu tenho sim algumas roupas pelas quais eu tenho um apreço maior, mas... como eu tenho muita roupa é... e eu não consigo guardá-las todas, eu desenvolvi uma forma de me desapegar.... então por exemplo a minha mãe já faleceu há 25 anos... e eu tenho uma rou.... e a minha mãe fazia tricô a mão e a máquina, fazia muitas roupas, eu guardei um casaco que minha mãe fez à mão... e pra mim é suficiente assim... é esse casaco me faz lembrar. Eu não gosto de guardar as coisas só por guardar. Eu acho que só faz sentido guardar se eu uso, né? E o pai do meu filho, que é falecido, ele me deu um vestido e é uma história muito especial porque ele me deu esse vestido assim do nada... ele me deu um vestido da Maria Bonita Extra na época... que era uma marca que eu tinha até medo de entrar na loja... achava muito cara e ele.... eu lembro que na época ele chegou... eu era um vestido que tinha custava 800 reais, e é uma coisa que me marcou muito, eu não tenho coragem de... de largar esse vestido, eu tenho uma relação com ele... É... eu tenho um lenço que era da minha mãe que a minha vó transformou numa blusa, mas fora isso eu tenho algumas peças isoladas assim... eu tenho uma luva que foi da minha mãe na juventude, essa luva eu já usei... pra esquentar minha mão na Europa, mas não é... eu não fico cultivando coisas que eu não uso muito. E eu tenho... as minhas roupas prediletas que... o critério pra continuar com elas é sentir que ainda tenho a possibilidade de usá-las. Então assim guardar só por guardar eu evito. Eu guardei o uniforme que eu carreguei a tocha olímpica em 2, então eu guardei o uniforme... eu por sinal foi muito feio assim... mas foi uma lembrança especial... talvez seja o único caso eu eu vou guardar algo que eu não use...

PESQUISADORA: O vestido da Maria Bonita você usa eventualmente?

S10: Eu uso pouco, mas ele fica no meio das minhas roupas, não fica guardado... como algo imaculado, não...

PESQUISADORA: Você falou que perdeu seus pais, pra você foi tranquilo fazer o desapego das roupas? Como foi pra você essa questão do luto e as peças?

S10: Olha, na época do meu pai eu lembro que eu guardei um suéter dele, mas não fui eu que mexi com essas roupas... porque meu pai já tinha casado de novo... então eu não fui eu que tive esse contato direto. Tem 18 anos que meu pai morreu, HOJE faz 18 anos, interessante que é a mesma data de aniversário... e...

PESQUISADORA: Nossa, sinto muito!

S10: É... e a minha mãe tem 25 anos! A minha mãe eu lembro que a gente pegou as roupas dela, é... eu e as minhas irmãs. Ela tinha uma relação muito... ela gostava muito das roupas dela... aí nós distribuimos entre nós algumas coisas que hoje não tem nada comigo, já não estou comigo... e o pai do Francisco, eu tava grávida quando o pai do meu filho faleceu, e fomos eu e os pais dele no apartamento dele... pegar as roupas e foi uma coisa muito difícil assim... durante muito tempo eu guardei essas peças comigo, algumas peças, guardei inclusive pro Francisco meu filho e depois eu não vi mais sentido assim e fui desapegando aos poucos...

Você já leu aquele livro o casaco de Marx?

PESQUISADORA: Já, ele foi um dos princípios de pensar o projeto porque ele fala exatamente dessas questões...

S10: É, eu li ele agora, tem pouquíssimo tempo...

PESQUISADORA: E aí as roupas do seu ex-marido já se foram todas? Você conseguiu ir se desapegando?

S10: Sim, não guardei nada, nada...

PESQUISADORA: Quando fez 1 ano eu meu pai tinha morrido eu abri as caixas das roupas e já estavam estragando...

S10: É que as roupas tem uma coisa interessante elas precisam ser usadas pra serem conservadas, se você guardar elas apodrecem... os sapatos também são assim... As roupas... você pode gastá-las de tanto usar, mas elas apodrecem se você não usar... é interessante esse paradoxo, né?

PESQUISADORA: Você me contou da roupa da girafa... Tem alguma roupa que já não está mais com você que te marcou que você gostaria de ter hoje? Digo roupa, mas pode ser qualquer item de estilo...

S10: Eu acho que... eu fui muito colecionadora da Maria Bonita Extra, quando a marca existia. E com o tempo eu fazia bazar porque eu girava muito as minhas roupas, eu precisava girar porque não cabia tudo e hoje eu me arrependo porque a marca acabou e poderia ter feito um acervo muito legal! Eu me arrependo um pouco...

Eu tenho uma história também que eu lembro de um desfile na escola, quando eu era pequenininha, eu tinha uns 10, 12 anos... não! Eu tinha 9 anos, 8, 9 anos... E aí teve um desfile na escola que a gente tinha que pegar uma roupa da mãe e eu desfilei com uma bata da minha mãe que pra mim naquela época virou um vestido... e eu não tenho foto disso mas eu lembro das imagens na época... se eu pudesse eu teria essa bata comigo, porque seria uma bata que eu usaria assim... que tem um significado muito legal... e aí eu me lembro disso assim... essa coisa do exemplo da mãe talvez exista ali um início mesmo do meu relacionamento com as roupas, era um desfile, muito engraçado!

PESQUISADORA: Um desfile na escola, coisa inusitada! E como é com o Francisco, as roupinhas dele, você tem alguma coisa guardada?

S10: Eu tinha... guardei uma primeira camisa dele... as duas roupinhas que eu comprei pra ele antes dele nascer... um macacãozinho do pequeno príncipe que tinha... um carneiro desenhado...

que no Pequeno Príncipe tem uma hora que ele fala desenha-me um carneiro... então foi um macacãozinho que foi o primeiro que ele usou e... mas eu não cheguei a guardar esse. E comprei uma t shirt, como se fosse uma tshirt mesmo que tinha uma foto, a imagem do Pequeno Príncipe, mas é uma t shirt bebê e aí essa eu guardei e fiz um quadro com ela, mas o quadro ta guardado assim 'porque eu preciso deixar ele mais moderno assim... a moldura dele ta datada assim... mas hoje não faz muito sentido mais, sabe? É interessante... não é uma coisa que eu olho... eu acho que as vezes que quero guardar e... eu vou mudando muito eu acho que eu sou muito camaleoa, sabe? Eu aprendi que as verdadeiras lembranças ficam guardadas na memória, no coração que a gente não precisa ter esse apego físico.

Mas eu tenho uma peça que eu uso até hoje, que é uma roupa que eu fiz pra minha formatura em comunicação e essa roupa era uma base de seda, um top de seda, com uma bermuda de seda plissada, uma coisa muito estranha assim, hoje eu não usaria... mas por cima do top tinha... desse body de seda tinha uma... um coletinho de renda, e eu guardei... eu formei com 21 anos e hoje eu tenho 49 e ele ta no meu armário e hoje eu uso por cima de outras roupas, então uma coisa muito legal! Eu acho que é a única peça que restou de muito tempo...

PESQUISADORA: Quando você usa esse colete você fica pensando nas histórias?

S10: Ah, não fico pensando muito não... eu tenho um olhar... eu sou pouco nostálgica, pelo fato de perdido meu pai e minha mãe e depois eu perdi o pai do Francisco, eu aprendi a conviver com isso de uma maneira mais natural, menos dramática assim, eu sinto que as vezes eu sou prática demais, sabe? Eu tenho uma relação de muita praticidade com as coisas, acho que sei lá... talvez eu tenha aprendido a ser assim...

PESQUISADORA: Eu senti isso também, na pele...

Se eu quisesse fazer um museu, e pedisse uma roupa que te representasse, pra ter seu nome?

S10: Nossa, pera, que eu preciso pensar... risos! Eu tenho essa relação tão mutante com as roupas que eu não consigo parar num look só assim... eu acho que eu teria um look de hoje... ah, no de hoje seria uma calça de linho meio pantalona, preta da Osklen que eu comprei com um colete, na verdade não é um colete, é um vestido que eu uso junto e eu acho chiquérrimo...mas isso é uma coisa de hoje, eu posso ter um vestido de festa que eu amo, que eu acho chiquérrimo que é um vestido longo, plissado, é uma das minhas roupas preferidas... talvez fosse isso assim...

Não, eu falei desse, mas tem um outro... que é um vestido estruturado, risos! Mas um vestido maravilhoso, eu tenho ele como uma obra de arte. Eu até posso te mandar uma foto...

PESQUISADORA: Eu gostaria sim! Qual o diferencial dessa peça pra você?

S10: É a modelagem, ela tem uma construção super arquitetural, é um vestido caro, um vestido fino, de uma marca mineira que eu amo... uma marca chique e que tem... ao mesmo tempo ele é simples, ele é o luxo da simplicidade, ele não tem brilho, ele tem uma coisa um bom gosto, acho que ele representa muito a minha relação com a moda mais minimalista...

PESQUISADORA: E você usa ele ou pouco? Em ocasiões especiais?

S10: Ele é um vestido de festa, mas eu uso com uma frequência razoável, é um vestido que eu uso sempre... eu não tenho muito problema com repetir roupa é uma coisa que eu acho elegante.

PESQUISADORA: Até a Princesa...

S10: A Kate Middleton é especialista em repetir roupa e acho que ela tem isso como um exemplo muito legal, né?

PESQUISADORA: Antes a gente tinha vergonha, né, nos anos 80/90...

S10: Era uma gafe, né? Risos!

PESQUISADORA: Fora que repetir criando novos looks, essa é a graça da coisa...

S10: Gosto quando você usa uma mesma roupa de maneiras diferentes...

PESQUISADORA: Qual foi seu momento de virada da sua carreira com a Moda? Foi com o blog Hoje vou Assim?

S10: Foi com o blog Hoje vou assim, sim... é... bom... eu acho que o HVA que eu fiz em Agosto de 2007, ele veio depois do meu outro blog que eu escrevia cartas pro meu filho, né? Mas realmente ele foi muito marcante porque ele mexeu muito com as mulheres...

PESQUISADORA: Você foi a pioneira quando você fez essa coisa do look do dia, não se falava disso...

S10: Não, é... na verdade é uma espécie de zeitgeist, já existia isso no mundo, mas eu não tava ligada... eu tava muito mergulhada nos meus sentimentos particulares né... assim... a morte do meu marido e a vinda do Francisco né, eu tava lidando com esses sentimentos, então realmente não tinha, não tinha... não tinha...

PESQUISADORA: Não era uma ambição profissional, né? Era muito mais pra você...

S10: Sim, sim...

PESQUISADORA: Como foi ver isso tomando outras proporções?

S10: Bom, eu comecei o blog final de agosto de 2007 e quando foi no final do ano, ele começou a ficar muito conhecido... e aí foram duas matérias em revistas que fizeram eles ficarem mais conhecidos, os dois blogs... e aí o negócio começou a crescer de um jeito que até no mundo da moda, né, a Moda começou a conhecer também... e outros blogs de look do dia começaram a surgir... Então eu acho que as mulheres ficaram muito viciadas no blog, elas iam e tipo tinha 5 mil acessos por dia na época, aquilo era muita coisa na época de blog, as pessoas viam muito, pediam... e eu comecei a ficar muito conhecida. E juntou com a outra história, eu acho que o fato de eu ser uma mulher real, que tinha perdido o marido, então quando as pessoas conheciam a minha história elas ficam meio impressionadas assim... e eu fiquei uns 2 anos e meio brincando disso enquanto eu era publicitária, eu trabalhava em agência, eu era redatora publicitária e tal, mas a coisa foi crescendo e... eu percebi acho que em 2008... começou a pintar a oportunidade de fazer merchandising porque eu ganhava muitas roupas, comecei a ganhar muita roupa, todo dia na agência chegava uma roupa diferente pra mim... então comecei a perceber que ali tinha um potencial, né? Até que no meio de 2010 eu resolvi sair da agência em 2010, eu lembro que eu falei pra minha chefe que eu ia sair, né... aí ela falou “demorou” “até que enfim” risos! Muito

doido, porque a gente demora pra entender que aquilo tem um potencial, uma coisa louca. Mas aí eu fui aprender a viver disso... não era uma coisa assim... eu fui aprender...

PESQUISADORA: Entre todas essas roupas que você já teve, as mudanças de estilo... existe algo que você gostaria de ter e ainda não teve? Lá atrás você falou que era o desejo pela roupa de marca...

S10: Sinceramente? Acho que não tem muito isso não... eu acho que... não tem uma roupa... é claro que tem umas roupas caras que você fala “pô, queria ter essa roupa mas ela é cara demais”, mas eu acho que eu tenho a possibilidade de ter muitas coisas sabe... na verdade hoje o que eu percebo é que a roupa, ela tem muito mais a ver com o significado que ela tem, com o que eu vivi com ela, do que “ah eu sou louca pra ter uma bolsa, um sapato...” eu realmente não tenho isso, eu acho que eu tenho uma condição financeira que me permitiu ter muitas coisas e não ficou um desejo assim...

PESQUISADORA: Teve algo que foi uma grande realização quando você pode comprar?

S10: É, teve uma coisa legal que foi... eu tenho uma loucura muito grande, tem uma peça de roupa que eu gosto muito que é o trench coat e... que foi inventado pela Burberry, que é uma marca inglesa, ele foi feito na verdade... ele é o casaco de trincheira, ele foi feito pra guerra, pra 2ª guerra eu acho... e aí a Burberry é uma marca, que criou o trench coat, então eu tenho uma relação meio de fetiche com esse trench coat da Burberry...

PESQUISADORA: Eu acho que esse casaco está no seu livro, não tá?

S10: Tá!

PESQUISADORA: Eu lembro!

Se você quiser completar com alguma coisa, me contar algo mais interessante...

S10: Na verdade, Bruna, eu tenho que te contar uma coisa interessante... porque na verdade eu to escrevendo um texto pra Vida Simples... porque eu sou colunista da Vida Simples... eu to escrevendo nesse momento assim... eu tava tentando acabar esse texto que é exatamente sobre esse assunto que é o vestir afetivo...

PESQUISADORA: Meu Deus que sincronicidade!

S10: É, muito louco porque assim... eu acabei de dar uma matéria na pós graduação da Universidade... da faculdade UNIBH que eles fizeram uma pós graduação em Moda, com a curadoria do Ronaldo Fraga e ele chamou várias pessoas que não são originalmente da Moda pra dar aula... então eu tenho uma disciplina, a 1ª turma eu dei agora, e a minha disciplina chama-se Moda Intuitiva e é um desafio pra mim porque na verdade a minha relação com a moda não é nada teórica, ela é totalmente empírica, ela é uma experiência... e o meu livro Moda Intuitiva ele é muito autobiográfico... então eu acabei de dar essa disciplina e foi pra essa disciplina que eu li O Casaco de Marx porque eu queria levar alguma coisa... e eu dei um trabalho pros meus alunos que parece que foi legal assim... eu pedi pra que cada um olhasse pra seu armário e fizesse como se fosse uma coleção... fizesse umas fotos, mostrasse pra mim, escolhesse 10 peças ou 10 looks e pusesse um nome, fizesse um release... como se fosse uma coleção... porque tem uma coisa que eu falo no livro que eu acho que “nós somos estilistas de nós mesmos”, a gente faz uma

coleção ao longo do tempo e a minha última aula foi na sexta-feira e eles apresentaram os trabalhos assim...

PESQUISADORA: Que lindo!

S10: Foi interessante assim... porque tinha alunos que assim... a pessoa tinha pouquíssimas roupas, é uma menina que é costureira, que sempre foi costureira, super simples... e ela só tinha 10 peças de roupa, só 10 peças de roupa, esse é o armário de roupa dela, sabe? Teve uma outra menina que chorou muito porque ela percebeu que ela tava acima do peso, ela engordou recentemente e não tava satisfeita e falou isso pra mim... e eu achei tão legal porque foi um encontro dela com ela mesma... e esse meu texto da vida simples eu to querendo muito chegar nesse raciocínio do quanto as roupas falam sobre nós, né? O quanto o nosso acervo conta a nossa história... e aí eu lembrei de uma história que eu começo o texto... quando eu acabar eu mando pra você...

PESQUISADORA: Ah, eu quero!

S10: É, só não pode divulgar, tem que esperar sair na próxima edição da revista. Na verdade eu to atrasada com o texto, tenho que terminar ele hoje...

PESQUISADORA: Quem sabe essa entrevista te inspira? Espero que sim...

S10: Já ta sendo, sem dúvidas porque eu tava empacada com o texto aí eu falei deixa eu dar essa entrevista que com certeza durante eu vou ter outros insights... Mas tem uma história linda que é do meu amigo que ele é o nono filho de um total de 11 filhos e... ele conta que na casa dele morava ele, os 10 irmãos, os pais, e aí tinha os primos que vieram do interior, tinha gente... o pai ficava construindo puxadinho pra morar várias pessoas e aí nessa casa tinha um quarto que era o quartinho de passar roupa e nesse quarto tinha todas as roupas de todo mundo, porque na verdade as roupas não eram das pessoas, as roupas eram da casa. Então assim tinha um vestido rodado da tia, um tanto de terno... e ele conta que ele fez o estilo dele baseado nessa coisa porque assim... tinha um saco de meias... aí você ia lá e calçava uma meia, as vezes você vestia uma azul e a outra verde porque você não conseguia fazer o par... e essa história mexeu tanto comigo...

PESQUISADORA: Até eu, to arrepiada!

S10: E eu começo o texto contando essa história... eu acho tão interessante... e ele conta que quando ele foi pra faculdade ele até hoje... ele não tinha as próprias roupas... olha o significado disso... a pessoa não tinha as suas próprias roupas! Aí ele foi pra faculdade e pensou “eu preciso ter umas roupas, eu preciso ter um estilo” e ele pegou as calças de tergal do pai, as camisas floridas do tio, um tênis sei lá de quem, de outro antepassado... então era um estilo brechó, só que naquela época ele nem sabia que chamava brechó... ele tinha um brechó dentro de casa... olha que loucura!

PESQUISADORA: E as nossas roupas talvez serão de outras pessoas... ninguém é dono

Na verdade as roupas acabam sendo mais donas da gente... eu lembro quando meu pai morreu que minha vó falou uma coisa muito interessante... ela falou “que absurdo as roupas durarem mais que as pessoas”... e é isso, as roupas vão sobreviver a nós...

PESQUISADORA: E elas vão acabar contando a nossa história pra outros...

A minha vó, mãe do meu pai, essa que eu te falei, ela também foi uma inspiração de moda pra mim, ela tinha um amor pelas roupas, ela se vestia muito bem, ela guardava as roupas por muito tempo eu falava “vó, que blusa bonita!” ela falava “essa blusa tem 35 anos”, sabe muito legal!

PESQUISADORA: Essa coisa da data, as pessoas tinham perdido isso um pouco com as roupas descartáveis de fast fashion, mas antigamente tinha isso... as roupas eram feitas pra durar... o tempo, a conservação...